This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

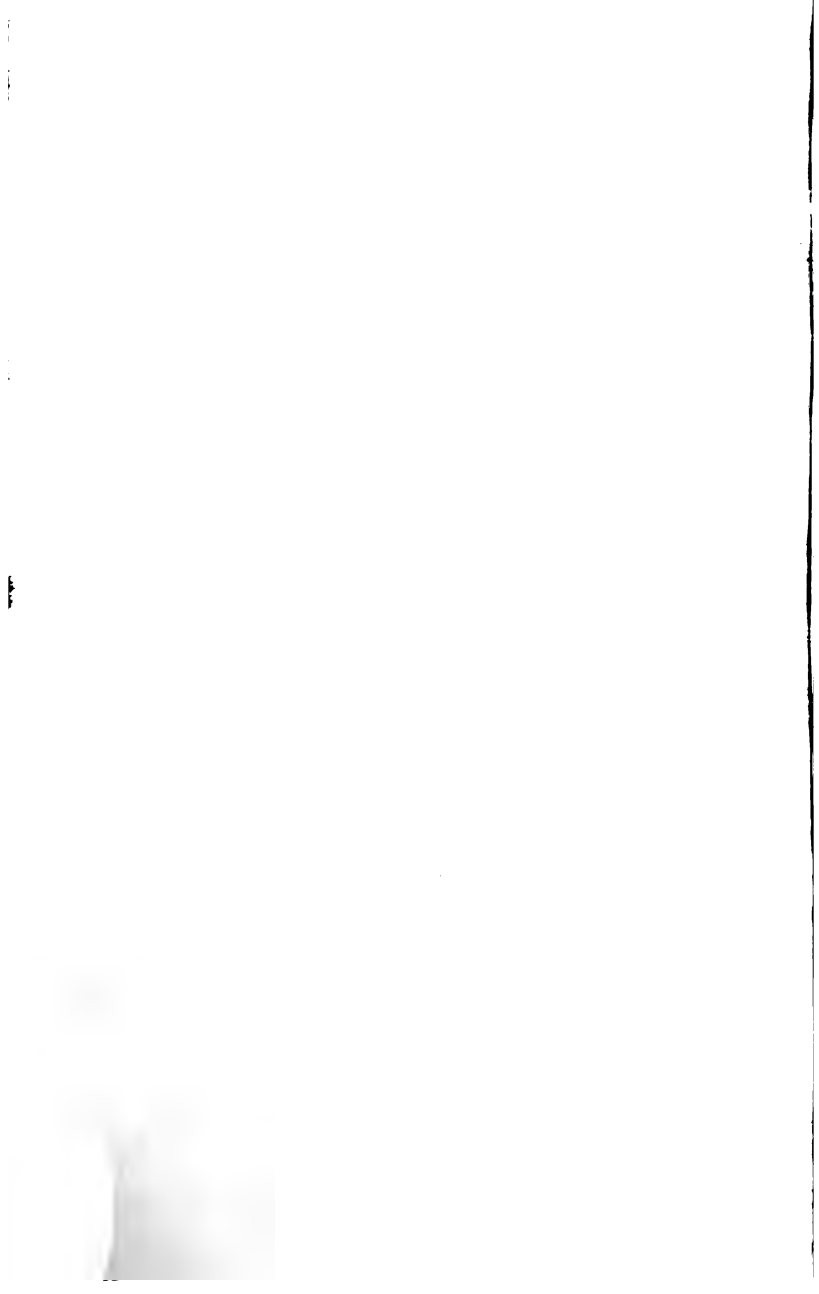
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

A 1,001,012

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES SCIENTIAE
1817



BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

PROPRIETARIO E FUNDADOR

MELLO D'AZEVEDO

Ruy de Pina b. Guarda (of family orig. p Aragon.) his father being Condel mor of district. Sec. of Ambass^r t Castille & then of special mission to Vat^n receives by alvara of 16 Feb 1491. 9560 r. for 7 ii. tença for his work as Cron^l mor. Also Guarda mor of T. do T. & Escrivão das Confirmações.
m. Catherina Vaz de Gouvea, being succ^d as Cron. mor by his son Fernão de Pina. rec^d large gifts of money from Kg Manoel. his son succ^d in 1523. no notice of R. de P. after 1519. Barb. infers his death bet^n 19 & 23 (but does not follow) & argues Goes wrong to say lived many years after d. of Kg Manoel.

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. AFFONSO V

POR

Ruy de Pina

VOL. I

ESCRIPTORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

1901

DP
596
.P64
1901
v.1-3

GL
GL
V. Beethoven
11-5-70
853684-190
add mel.

Duas palavras de introducção

El-Rei D. Manuel *encomendou com grande efficacia* a Ruy de Pina a chronica de D. Affonso V. E elle escreveu baseado em informações e nos documentos que poude alcançar, com uma sinceridade notavel em chronista de palacio occupando cargos de confiança regia.

Parcial todavia, pouco inclinado a cousas de Hespanha e da nobreza, conta-nos a historia d'esse periodo de fórma que parece preparar o espirito do leitor para as grandes luctas do reinado seguinte.

A historia da época de D. Affonso V importa ao estudo da nacionalidade portugueza em qualquer ponto de vista. Affirma-se a auctoridade real, apezar das prodigalidades do rei, a independencia da nação em combates rijos, a expansão ultramarina define-se com o arrojo dos navegantes e dos homens de guerra, a cultura dos espiritos sóbe, os costumes policiam-se, attende-se a melhoramentos materiaes nas povoações.

A propria figura do rei desperta vivamente a attenção; os seus primeiros annos passaram num meio agitado, difficil, triste talvez, pelas luctas palacianas, mas util para a formação de espirito culto pela frequencia, provavel, de homens superiores como os infantes D. Pedro e D. Henrique. Pelo que nos conta Ruy de Pina foi lastima que Affonso V fosse rei, porque era bom de mais, com sua parte de phantasia mansa.

Era um sereno, de *piadosa condição*, *familiar*, grande amador de musica e de livros, e tambem de emprezas arriscadas.

Quando a Excellente Senhora professou, grassava em algumas cidades do paiz o contagio com grande intensidade, elle desconsolado quiz deixar a governança, queria ser leigo no seu mosteiro do Varatojo.

Como era generoso e pouco calculista, sem sentir, pouco a pouco, foi accumulando de mercês certos fidalgos insaciaveis, o que originou depois a grande lucta dos primeiros annos de João II.

N'esses quadros agitados destacam-se figuras principaes como o infante D. Pedro, o das sete partidas, e D. Henrique o navegador, sempre com a sua idéa fixa de descobrir terras, os condes de Viana, e de Avranches, grandes senhores, e aquelle singular bispo D. Garcia de Menezes tão brilhante orador e guerreiro que tristemente encerrou a sua vida.

Outros vultos de raro perfil movimentam ainda a época, D. Pedro o rei intruso de Aragão, filho do infante D. Pedro, erudito, collecionador de livros e medalhas, o duque de Borgonha, a Excellente Senhora. No meio das luctas e intrigas estrondea o casamento de D. Leonor. Depois das gloriosas jornadas de Alcacer, Tanger, Anafé e Arzilla, a ida para França.

O chronista não esquece os movimentos populares,

as luctas na cidade de Lisboa, as uniões e alvoroços; nem a lucta contra o Turco que em 1480 quasi se assenhoreou do Mediterraneo.

Hoje conhecemos outros documentos, os antecedentes da Alfarrobeira estão mais esclarecidos, papeis de aleivosia como o testemunho do escudeiro João Rodrigues correm impressos.

Ha documentos tambem para o modo de viver da época que em geral não mereceram attenção aos chronistas, os que dizem respeito a costumes, a questões economicas, ao direito. A publicação das Ordenações, começadas em tempo de João I.° é facto capital. Em chronicas francezas encontram-se noticias de valor, ainda não approveitadas. Finalmente será preciso estudar noutra parte, e hoje ha muitos elementos publicados, o admiravel esforço do infante de Sagres, e da sua gente, n'este periodo, nos gloriosos descobrimentos dos novos caminhos maritimos, dos archipelagos do Atlantico revelados successivamente,

G. Pereira.

PROLOGO

DA

Chronica do Mui Alto e Mui Poderoso Principe

EL-REI D. AFFONSO

D'ESTE NOME O QUINTO

E dos Reis de Portugal o duodecimo, dirigido ao muito alto e muito excellente Principe, El-Rei D. Manuel, seu sobrinho, nosso Senhor, por cujo mandado Ruy de Pina, Cavalleiro de sua casa e seu Chronista Mór e Gnarda Mór da Torre do Tombo, nova e primeiramente a compoz

Omais singular e mais proveitoso conselho, Serenissimo Rei, que Demetrio Phalereo, philosofo mui sabedor, deu ao grande Tholomeu, Rei do Egypto, para sobre todolos Reis de seu tempo poder ser mais excellente, foi que procurasse de vêr, e ter por mui familiares os livros, principalmente aquelles, em que os virtuosos costumes e claros feitos dos illustres Reis e Principes passados fossem verdadeiramente escriptos: amoestando-o que com vivo cuidado os lesse e ouvisse: nem era sem causa; por-

que, como mui prudente, sabia que os livros, posto que sejam conselheiros mortos, sempre porém ensinam e dão verdadeiros e sãos conselhos, mui livres e isentos das paixões dos conselheiros vivos, dos quaes muitas vezes por não saberem, e outras por não quererem, e muitas mais por não ousarem, se nega e esconde a clara verdade, que a seus maiores e Senhores pospõem ás proprias inclinações e paixões d'affeição, odio, lisonjaria, interesse ou temor, que são causa da mais certa queda, e principal destruição de reinos e senhorios. E por tanto, muito poderoso senhor, no conhecimento dos bons exemplos e das cousas passadas, de que a Historia é um vivo espelho, e os livros são fieis thesoureiros, se recebe, para não errar, conselho sem paixão, e doutrina sem receio, de que á Humanidade e ao Estado Real principalmente se segue um mui seguro proveito, e por isso a Deus grande e mui assignado serviço.

E posto que das Chronicas e lembranças escriptas das perfeitas bondades e memorandas façanhas dos claros barões não naturaes e estrangeiros, quando as lemos e ouvimos, logo nos movem para aborrecer os vicios, e com uma virtuosa inveja de seus gloriosos exemplos, nos espertam e guiam para o caminho de suas louvadas virtudes e fama; porém, outra differença de vergonha, outra viveza de gloria, outro acendimento d'esforço sentimos logo em nossos corações, quando lendo topamos, e com tento esguardamos nas excellentes virtudes e prosperas empresas de nossos proprios naturaes, e maiormente d'aquelles de que descendemos; porque tanto mais nos acendem e obrigam para os semelharmos e seguirmos, quanto a certa verdade de suas virtuosas obras e grandes feitos é de maior contententamento e mais chegada a nosso fresco conhecimento, com que a não duvidamos.

E por esta tão urgente causa e bem tão universal, e principalmente por honra e gloria de vossos reinos de Portugal, Vossa Mui Real Senhoria, como virtuoso Rei mui piedoso e verdadeiro successor d'elles que é, sabendo que a memoria das reaes virtudes e feitos imperiaes do mui glorioso Rei D. Affonso o quinto, vosso tio e predecessor, cujo irmão legitimo era o mui illustre Infante D. Fernando vosso padre, por negligencia sua ou mingoa d'escriptores não eram já do escuro esquecimento menos gastadas, que sua carne e seu corpo que a terra comia: por mais illustrardes vossa legitima descendencia, e vossa corôa real não ficar sem uma guarnição de pedraria tão preciosa, como é sua clara e louvada memoria: e assi por Vossa Alteza mostrar um santo ensino e maravilhoso exemplo de Rei, encommendou com grande efficacia a mim Ruy de Pina, Cavaleiro de vossa casa, Chronista Mór de vossos reinos e Guarda Mór da Torre do Tombo d'elles, que, quanto á minha deligencia e entendimento fosse possivel, trabalhasse de haver as cousas notaveis de seu tempo, e para sua Chronica mais necessarias, e a compozesse. E como quer, muito poderoso Rei, que a carrega e peso d'esta Obra, por ser tão digna e tão necessaria, e com desejo e cuidado tão virtuoso, como é este vosso, já foi outras vezes posta e encommendada sobre os hombros e forças d'outros chronistas d'estes reinos, que ante mim foram pessoas de singular doutrina e mui sufficientes: e por suas grandes e desesperadas difficuldades e peso incomportavel, elles nem sómente a moveram; porém eu que para vencer e passar com ella caminhos já tão cerrados e de tanta aspereza e escuridão, convertidas já em uma manifesta impossibilidade, por vir ao fim de vosso desejo e esperança, tomei por guia e salvo conduto de tantos temores vosso mandado e o vivo

desejo que sobre todos em mim sinto de sempre bem e lealmente servir Vossa Real Senhoria, e inteiramente lhe obedecer: confiando que ao menos, pelo merecimento de minha obediencia, algum tanto serei relevado do erro da ignorancia e temeraria ousadia com que emprendi e acabei esta real e mui verdadeira chronica, cuja sequencia é n'esta maneira.

CHRONICA

DO

SENHOR REI D. AFFONSO V

CAPITULO I

Narração

O muito alto e muito excellente Rei D. Duarte, d'este nome o primeiro, e onzeno dos Reis de Portugal, acabou sua desejada e necessaria vida com claros signaes de grande contrição, e com certo testemunho de salvação de sua alma, em a Villa de Thomar, quinta feira IX dias de Setembro, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e quatrocentos e XXXVIII: no qual dia por espaço de duas horas o sol em grande cantidade foi cris, assi como tambem o foi na hora do fallecimento d'El-Rei D. João seu padre, e da Rainha D. Pilippa sua madre. E as cousas que de sua antecipada morte se conjeiturам, e aos autos de prantos e tristezas que se n'ella não podiam escusar, e como foi levado ao mosteiro da Batalha, onde jaz sepultado, em sua Chronica, onde propriamente pertence, com maior declaração estão apontadas.

E por seu fallecimento ficaram legitimos dois filhos e quatro filhas: I o Principe D. Affonso filho seu maior, primogenito herdeiro, que logo foi alevantado por Rei, que de sua edade havia seis annos e entrava em sete: e o Infante D. Fernando, padre d'El-Rei D. Manuel nosso Senhor: e a Infante D. Filippa, que no anno que o dito Rei falleceu se finou em Lisboa de onze annos: e a Infante D. Lyanor, que foi imperatriz d'Allemanha: e a Infante D. Catherina que sem casar falleceu e jaz em Santo Eloy de Lisboa: e a Infante D. Joanna, de que a Rainha D. Lyanor ficou prenhe, e foi Rainha de Castella, casada com El-Rei D. Anrique, o quarto d'este nome.

E ficaram outrosi vivos estes irmãos d'El-Rei D. Duarte, filhos d'El-Rei D. João I; o Infante D. Pedro, que era duque de Coimbra: e o Infante D. Anrique, que era duque de Vizeu e tinha o Mestrado de Christus: e o Infante D. João, que era Condestabre do Reino e tinha o Mestrado de Santiago: e o Infante D. Fernando, que então era captivo em Fez e tinha o Mestrado d'Aviz: e a Infante D. Izabel, legitima duqueza de Borgonha, casada com o duque Filippe: e D. Affonso conde de Barcelos, que depois foi duque de Bragança, que era filho natural d'El-Rei D. João.

Ao tempo que o dito Rei falleceu não eram em Thomar outras pessoas principaes, depois do Principe D. Affonso e seu irmão, salvo a Rainha D. Lyanor sua mulher, filha d'El-Rei D. Fernando d'Aragão, e o Infante D. Pedro, irmão primeiro legitimo d'El-Rei: o qual, por dar ordem ao alevantamento d'El-Rei D. Affonso seu sobrinho, e ás outras cousas que pertenciam para bem do reino, ficou na dita villa e não foi com o corpo de seu irmão, a que não falleceu outra muita e honrada companhia.

CAPITULO II

Alevantamento d'El-Rei

Era quinta feira logo seguinte, dez dias do dito mez: o Infante D. Pedro, como Principe a que das cerimonias reaes e das outras cousas em que cabia descrição e virtude nada s'escondeu, fez fazer antre o convento e os paços do castello da dita villa um assentamento assi real e ricamente guarnecido, como para o auto cumpria. E á bespora do dito dia, o Infante com todolos fidalgos e nobre gente da côrte foram aos paços d'El-Rei, que eram dentro no convento, vestidos por então os corpos dos panos mais ricos, mas as almas e caras de clara tristeza, que em todos não era fingida, mas verdadeira e justa, assi pela privação d'El-Rei, que era muito virtuoso e para todos de grande humanidade e boa condição, como por lhes os corações revelarem as grandes divisões e muitos trabalhos, em que pela soccessão de tão novo Rei se haviam de vêr, como viram.

O Principe D. Affonso posto em vestiduras reaes, e bem acompanhado de todos, sahiu fóra ao assentamento, onde pelo Infante D. Pedro com grande reverença, e muito acatamento foi posto na cadeira real. E emquanto um Mestre Guedelha, singular fysico e astrologo, por mandado do Infante regulava, segundo as influencias e cursos dos planetas, a melhor hora e ponto em que se poderia dar aquella obediencia: o Infante volveu a contenença ao povo, e com grão segurança e palavras mansas disse:

«Como quer que, o dia d'hoje com muitos dos que virão, teriamos justa causa dar lugar a nossos olhos,

que com muitas lagrimas testemunhassem a dôr e perda que recebemos na morte de um Principe tão catholico e tão virtuoso, e tão necessario a nós todos como foi El-Rei meu Senhor e irmão, cuja alma Deus haja: devemos, porém, consirar como catholicos e de razão, que, pois em escusar sua morte não ha remedio, que duas cousas sómente nos ficam, para que a Deus e ao mundo certefiquemos o amor e boa vontade que lhe tinhamos. A primeira, em nossas orações, jejuns e obras meritorias havermos sua alma em memoria para a encommendarmos a Deus. A segunda, este ramo em todolos signaes de virtudes tão florecido, que de seu real Tronco naceo, que é o mui excellente Princepe D. Affonso seu filho nosso Senhor, que temos presente, havermo-lo de reconhecer, servir e amar por nosso só natural e verdadeiro Rei e Senhor, como o requere nossa mui antiga e costumada lealdade, e o Direito nos obriga. E, porém, vo-lo apresento aqui para o assi em todo o reconhecerdes, e vos encommendo da sua parte, que para o assi fazerdes não hajaes respeito á sua nova idade, mas ás velhas obrigações em que para isso lhe soes e sua Real Senhoria nos dá já uma mui certa esperança d'acharmos n'elle honra, mercê, favor e justiça, como cada um o merecer e lh'o requerer.»

E em dizendo Mestre Guedelha, que era boa hora para fazer sua obediencia, o Infante com os giolhos em terra tomou as mãos ao Principe, e em lh'as beijando disse:

«Muito alto e muito excellente Senhor, assi como vos eu hoje ponho n'esta seda, em que vós por graça de Dens legitimente recebeis o real Septro e senhorio d'estes vossos reinos, assi espero com sua ajuda e minha grande lealdade de vo-los ajudar a manter e deffender com todas as minhas forças e poder, e sa-

ber, quando me vossa Mercê mandar, ou eu sentir que cumpre a vosso estado e serviço.»

E com estas palavras acabando se alevantou.

E logo D. Duarte de Meneses, alferes mór, filho do conde D. Pedro de Meneses, primeiro capitão de Ceuta, com a bandeira real levantada, e os reis d'armas e arautos com elle começaram alli sua grita, e depois com ella foram pela villa, repetindo-a tres vezes, segundo custume, com toda aquella cerimonia e solemnidade que a tal auto real pertencia; porque o Infante D. Pedro, por cuja ordenança e mandado se fazia, era Príncipe n'aquellas cousas mui ensinado, e quiz n'aquelle auto que não ficasse cousa dina por fazer: assi porque assi o requeria sua grande bondade e a muita lealdade em que nascêra: como por mostrar a muitos de damnadas maginações, e á Rainha D. Lyanor principalmente, que aquella fôra sempre, e era sua leal e verdadeira tenção d'obedecer, e não a outra falsa de querer por força reinar, como lhe faziam crêr que elle desejava. Porque a Rainha, como quer que sempre foi muito honesta, virtuosa, prudente, derota e muito amiga da vida e honra d'El-Rei seu mavido: porém sempre em sua vida mostrou ao Infante D. Pedro que não lhe tinha boa vontade: e as causas porque assim fosse eram occultas para culpar o Infante, salvo se procedessem de induzimentos alheios, que em sua feminil fraqueza de ligeiro fariam impressão, ou por ventura procederia das imisades que foram entre El-Rei D. Fernando d'Aragão, pae da rainha, e o conde d'Urgel, pae da Infante D. Izabel, mulher do dito Infante D. Pedro, que pertendeu por direito na successão d'Aragão, e foi d'El-Rei n'ella vencido.

CAPITULO III

De como começaram de entender nas cousas do reino, e se viu o testamento d'El-Rei

Tanto que a Rainha viu seu filho alevantado por Rei, logo fez chamar á sua casa o Infante D. Pedro, e o Arcebispo de Lisboa, D. Pedro de Noronha, primo com irmão de seu pae d'ella, e as outras principaes pessoas que hi eram. Perante as quaes, em presença de notairos publicos, fez abrir e lêr o testamento d'El-Rei seu marido, em que foi achado ella, sem ajuda d'outra pessoa, ficar in solido testamenteira de sua alma, e titor e curador de seus filhos, e regedor do reino, e herdeira de todo o movel. E encommendou n'elle muito que, por dinheiro, ou captivos, ou por outra qualquer maneira tirassem de poder dos mouros o Infante D. Fernando seu irmão; e quando por semelhantes meios não fosse possivel, que então Ceuta sem escusa se desse por elle; da qual publicação a Rainha por sua guarda mandou tomar estromentos, e começou logo a usar do regimento inteiramente sem alguma publica contradicção: como quer que alguns seus servidores avisados e virtuosos, e que de verdade amavam sua vida, honra e descanso, logo sã e secretamente lhe disseram em conselho n'esta maneira:

Conselho que se deu á Rainha

«Senhora, o peso d'este cargo de reger, que assi soltamente tomaes, é mui grande e tal, que muitos barões abastados de fortaleza de coração e de prudencia o receáram. E por serdes mulher e ainda es-

trangeira, como quer que para isso haja em vós sã consciencia e conhecidas virtudes com mui santo desejo, em caso que não houvesseis n'elle alguma contradicção, certo duvidamos que o possaes soffrer; porque Vossa Senhoria ha-de consirar que são n'este reino tres Infantes, grandes Principes, e de muita autoridade, e naturaes da terra, que hão d'estimar por quebra e abatimento de seus estados serem regidos por mulher, especialmente não natural nem herdeira, como vós sois, e que o por suas bondades e assessego de todos quizessem consentir, não falleceriam outros amigos de novidades, que lh'o fariam sentir e obrar por outra maneira: de que se não podem escusar odios, escandalos e outros muitos males, em especial claros impedimentos para vós, nem elles estes reinos poderdes reger, como a serviço de Deus e d'El-Rei, e bem d'elles cumpre: de que vos muito deve pesar. E não vos fieis nos offerecimentos e muita parte que vos muitos de si agora prometem, para crerdes que o esforço d'estes enfraquentára o dos outros; porque em fim todos, ou a mór parte hão de seguir a vontade dos Infantes, qualquer que fôr, quanto mais que já agora pelas praças se solta, que El-Rei nosso Senhor, vosso marido, que santa gloria haja, vos não podia leixar este cargo de reger: cá este poder demleger regedor do reino era sómente ao reino e aos tres estados d'elle reservado; e d'onde isto agora sae de presumir é que mais jaz. Pelo qual nosso conselho seria, que agora com prazer e assessego vosso, e do reino, consirados todos estes inconvenientes, leixasseis assi de vossa vontade este regimento, antes que depois o leixardes forçada, ou impedida de vossa natural fraqueza, ou de outras forças maiores: o que deve ser com pouca honra e contentamento vosso. E a vós, Senhora, bem abastara terdes cuidado

da criação de vossos filhos, e do descargo d'alma d'El-Rei vosso marido, que são cousas assás grandes, honradas e honestas.

A Rainha, como era senhora de bom entender e de tenção sã, e conforme em todo ao serviço de Deus, pareceu-lhe bem este conselho, e quizera-o seguir; mas não falleceram logo outros, que com outras razões córadas ao revés d'estas, a mudaram d'este proposito, e fizeram tomar determinação de todavia reger só: dando lhe estes, por principal causa, a segurança da vida e estado de seus filhos, que em poder do Infante D. Pedro lhe faziam crêr que não seriam muito seguros, por ser principe poderoso, amado do povo, e tinha filhos, e podia n'elle entrar o desejo de reinar, que vence todolos outros; e assi venceria n'elle a divida lealdade para o executar.

CAPITULO IV

Da vinda do Infante D. Anrique á côrte, e das cousas que se logo acordáram

O Infante D. Anrique, depois da vinda do cerco de Tangere, que veiu fallar a El-Rei seu irmão a Portel, como anojado do captiveiro do Infante D. Fernando, seu irmão: e por o feito se não seguir, como desejava, se tornou logo ao reino do Algarve, sem mais tornar a este; e como lá foi avisado da doença d'El-Rei, pelo grande amor e muita lealdade que lhe tinha, partiu logo: e assi trigou suas jornadas, que em mui poucos dias chegou a Thomar, onde já achou El-Rei fallecido. Mas a Rainha, e o Infante D. Pedro, e toda a côrte, vendo-o com sua triste

livré, renovaram com sua vista outros prantos maiores, nem era sem razão; porque n'elle pareciam signaes de tanta tristeza, e dizia palavras de tanto sentimento, que aos dormentes na dôr espertava para chorar, e ser tristes.

A Rainha depois d'esto enviou chamar o Infante D. Pedro, e lhe disse:

«Senhor Irmão, porque sinto que é necessario dar-se ordem e remedio ás cousas do reino, que estão ora suspensas, eu vos rogo muito que tomeis cuidado de ter em vossa casa conselho: e Vós, e o Infante vosso irmão, com os principaes que aqui são, apontae o que em taes tempos e casos convem que se faça: e trazei-m'o para o vêr, e me acordar comvosco e se fazer o que fôr serviço de Deus, e d'El-Rei meu filho, Senhor, e bem de seus reinos».

A qual cousa se poz logo em execução, e se teve conselho, em que foi acordado que aos embaixadores de Castella, que hi eram por despachar, fosse por então respondido, que esperassem a vinda dos grandes do reino, com que El-Rei ordenava de fazer côrtes e ter conselho: e que logo haveriam resposta.

E estes embaixadores vinham a El-Rei D. Duarte, e chegaram ao tempo de seu fallecimento; e as pessoas que eram, e o que requeriam, e com que fundadamento, ao diante se dirá.

Acordaram outrosi, por quanto em Castella começava d'haver movimentos, que pareciam principios de guerra, que os alcaides das fortalezas dos estremos fossem avisados sobre bôa guarda e defensão d'ellas: e assi que se fizesse o geral acostumado chamamento, para o saimento que se havia de fazer na Batalha, e côrtes em Torres Novas. E as cartas, que sobre isto haviam de ir, acordou o Infante D. Anrique com os do conselho, que fossem assignadas pelo

Infante D. Pedro; mas elle com mostrança de muita honestidade se escusou: e a Rainha assignou aquellas, e todalas outras até ás côrtes; porque n'ellas se acordou outra ordem de Regimento, como se dirá.

E assi tomou cuidado a Rainha de cumprir aquellas cousas do testamento d'El-Rei, que logo cumpriam de se acabar. E de todo o movel que lhe foi leixado tomou para si a capella e reposte, e repartiu as cousas de guarda-roupa e estrebaria por essas pessoas a que lhe parecia razão, e a que mais afeiçoada era: não se esquecendo prover com vestimentas, das roupas e pannos de seda que ficáram, a algumas egrejas e mosteiros, em que sentiu que podia d'isso haver necessidade.

CAPITULO V

Como o Infante D. Fernando foi jurado por Princepe, se El-Rei não houvesse filho legitimo

Estando assi estes Senhores em Thomar, esperando o tempo do saimento e côrtes, foram alli juntas quasi todolas pessoas principaes do reino, com esperança e certidão de futuras mudanças, salvo o Infante D. João, que era doente em Alcacere do Sal, a que por grande resguardo da Infante sua mulher, a morte d'El Rei seu irmão não foi descoberta se não depois que foi retornado em sua saude, a que não fossem contrairas novas para elle tão tristes. E sendo presentes em conselho os Infantes e o conde de Barcellos seu irmão, e o Infante D. Pedro propoz logo primeiro dizendo:

«Senhor irmão, e honrados senhores fidalgos que aqui estaes, bem vêdes que a nova idade d'El Rei nosso Senhor assi n'elle, como nos outros meninos, é sojeita a muitos casos e desastres, de que Deus nosso

Senhor o guarde e defenda. E porque d'aqui até que sua Mercê tenha idade e desposição para casar e haver filhos, se passará bom espaço de tempo: meu voto é, por sermos fóra d'algumas duvidas que por sua morte em tal tempo podiam sobrevir, que o Senhor Infante D. Fernando seu irmão, seja logo aqui intitulado e jurado por Principe e seu herdeiro, até que a Deus praza de dar a El-Rei nosso Senhor filho que de tal nome se possa intitular, e o sobceda: e n'isto não sómente faremos o que é necessario, mas ainda pagaremos o que devemos a nossa lealdade, e ao grande amor que tinhamos a El-Rei meu Senhor e irmão, e ao que somos certos que nos elle tinha. E este tempo é tal, em que estas obrigações se devem a seus filhos pagar, em todo o que redunda em suas honras, estado e serviço».

Acabou o Infante sua proposição, em que não foram necessarias mais razões para suas sinas, para se louvar, e haver por justa e bôa sua tenção. Pelo qual os Infantes e o Conde de Barcellos, e os outros senhores que eram presentes, por si e por todolos do reino logo fizeram d'isto um auto solemnisado por juramento, perante notairos publicos, em cumprimento do qual o Infante D. Fernando se chamou e intitulou por Principe, até que El-Rei houve filho.

CAPITULO VI

Primeiro consentimento da Rainha para El-Rei seu filho casar com a filha do Infante D. Pedro

A Rainha por este accordo e determinação de que foi certificada, recebeu em sua tristeza muita consolação, e em seus cuidados descanço, e em seus receios grande segurança: especialmente por

ser d'ella inventor e principal movedor o Infante D. Pedro, em quem, pelas causas que já toquei, lhe faziam sem causa ter suspeitas, a seus filhos perigosas, e a ella desleaes; como quer que por elle nunca foram cuidadas, nem por alguma obra, nem congeitura fossem sentidas. Pelo qual, como Senhora virtuosa e agardecida a boa vontade e obras que o Infante D. Pedro começára de mostrar, mandou logo a elle o doutor Ruy Fernandes com esta mesagem:

«Senhor, diz a Rainha nossa Senhora, que por saber bem o grande amor que vos El-Rei seu Senhor tinha, e o desejo que sempre teve para vossa honra e acrecentamento: e como, em cumprimento de sua tenção leixou dito a Frei Gil de Tavulla, seu confessor, que sua derradeira vontade era, que o Principe seu filho casasse com D. Isabel vossa filha; que assi por cumprir principalmente a vontade d'El-Rei seu Senhor, como por vos mostrar com obras de vossa honra e contentamento, o contrairo do que por ventura vos fazem d'ella crêr: e des-hi, porque vê que é este um dos melhores casamentos do mundo que a El-Rei seu filho, Senhor, agora melhor pode vir, lhe apraz que este casamento logo entre ambos se faça; e que para isso vos envia por mim seu consentimento, que por ventura atégora haverieis por duvidoso, e não tão certo.»

CAPITULO VII

Resposta do Infante D. Pedro á Rainha

O Infante, como ouviu este recado, em que viu o cabo de sua bemaventurança, com o coração cheio de alegria, e os olhos por isso não vasios de lagrimas, disse:

«Doutor amigo, dizei á Rainha, minha Senhora, que lhe beijo as mãos por tamanhas duas mercês, como em sua embaixada me mandou offerecer: cá uma, de sua Senhoria haver por bem que este casamento se faça, é a maior que para mim pode ser. E a outra não na estimo em menos; pois se lembrou de m'a fazer sem meu requerimento. E que álem da paga principal que n'isso recebe de suas muitas virtudes, prazerá a Deus que eu a servirei por maneira que se não arrependa d'este seu proposito: mas que por agora me não parece tempo conveniente para isso, assi por a pouca idade d'El-Rei meu Senhor, em que se não perde tempo, como pela tristeza geral, em que com tanta razão todos seus vassallos estamos; e que sua Senhoria haja por bem que isto se alargue mais alguns dias, nos quaes se procurará a dispensação que se requer, e o povo perderá parte d'este sentimento, e se poderá fazer então melhor e com mais honestidade, e com aquellas cerimonias e festas que se a taes pessoas deve.»

CAPITULO VIII

Contradicção que houve em algumas pessoas no consentimento do casamento d'El-Rei com a filha do Infante D. Pedro

O consentimento e prazer da Rainha ácerca d'este casamento, não foi egualmente recebido nos corações de todos os que alli eram: cá uns o aprovavam com prazer e sem paixão, e outros com tristeza, odio, inveja e cobiça, o não podiam padecer. E entre alguns d'estes que hi havia, o principal, diziam, que era o conde de Barcellos, a quem parecia

que da conclusão e outorga d'este casamento pesava muito. E, como quer que em publico o não contradissesse, procurava porém secretamente, por meio do Arcebispo D. Pedro, de Lisboa, a quem a Rainha dava muita fé, e não tinha boa vontade ao Infante D. Pedro, como do que ácerca d'este casamento lhe tinha prometido, ella se desdissesse, com fundamento de trabalhar com toda sua possibillidade que El-Rei casasse com sua neta, D. Isabel, filha maior do Infante D. João; porque o conde de Barcellos, como já disse, foi filho natural d'El-Rei D. João, e teve tres filhos legitimos da filha do Condestabre D. Nuno Alvares Pereira, com quem primeiro casou: saber D. Affonso, conde d'Ourem: e D. Fernando, conde d'Arrayolos: e a Infante D. Isabel, mulher do Infante D. João; e por falecimento da filha do Condestabre casou com D. Costança de Noronha, filha do conde de Gyam e irmã d'este Arcebispo, que elle com razão amava muito; porque n'ella havia assaz de virtudes e fremosura e outras bondades, porque o bem merecia: e d'ella não houve filho nem filha, e por seu respeito o conde de Barcelos amava muito todas suas cousas d'ella, e em especial seus irmãos, entre os quaes o principal era o Arcebispo, asi por sua idade maior, como por sua denidade; e por isso o conde fiava d'elle, e lhe encarregava a estorva d'este casamento d'El Rei com a filha do Infante D. Pedro: e não falleciam outros que o n'isso assaz ajudavam. Da qual cousa o Infante por seus meios foi logo avisado: e como era prudente e discreto, não lhe esqueceu o que geralmente se crê e afirma da inconstancia e pouca firmeza que muitas mulheres por sua natural condição tem, quão ligeiramente se movem. Pelo qual, por segurar o passado, foi logo fallar á rainha, pedindo-lhe com palavras em que havia muita razão e hones-

tidade, que da mercê e consentimento que lhe tinha prometido ácerca do casamento d'El-Rei com sua filha, lhe desse uma certidão e segurança assignada por ella; do que a Rainha muito aprouve, e encommendou ao Infante que a fizesse, como fez, em um Alvará, na fórma que cumpria: e Ella o assignou e lh'o deu, que o tivesse.

CAPITULO IX

De como se fez o saimento d'El-Rei no mosteiro da Batalha

El-Rei e o Principe seu irmão, e a Rainha e Infantes, e outros muitos prelados e condes, e senhores do reino, partiram de Thomar para o mosteiro da Batalha no fim do mez d'Outubro, que era o termo, a que as gentes, para o saimento d'El-Rei, se haviam n'elle de ajuntar, e des-hi para as côrtes em Torres Novas, e por estas ceremonias de saimentos, que aos Reis e Princepes, depois de suas mortes, em suas reaes sepulturas se fazem, serem tão geraes e tão costumadas em Espanha e assim n'estes reinos de Portugal, que pela mór parte todos hão d'ellas noticias e informação: por fugir o vicio e avorrecimento da proloxidade, a mim pareceu escusado descreve-lo aqui particularmente, e sómente abaste brevemente saber que na pompa e cerimonias de suas exequias se guardou e cumpriu todo o que ao estado de um tão alto Principe em tal auto cumpria; e nos bureis e lutos dos corpos de todos, e nas lagrimas geraes de todolos olhos, e na commum tristeza de todolos rostos, em todo o reino claramente parecia

quanto em sua vida era de todos amado, e a grande perda e desamparo que, por sua morte e pelo perder, todos recebiam.

CAPITULO X

Como ante de se fazerem as primeiras côrtes em Torres Novas, se fez uma conjuração contra o Infante D. Pedro

Acabado o saimento, assi como alli eram juntos, assim se foram todos a Torres Novas, onde por dar logar que alguns alcaides e outras pessoas acabassem de vir, para fazer as menagens e dar a obediencia a El-Rei, sem se começarem as côrtes se passaram alguns poucos dias: nos quaes por meio principalmente de Vasco Fernandes Coutinho, marechal, que depois foi primeiro conde de Marialva, foram liados por juramento contra o Infante D. Pedro casi todolos fidalgos do reino, em que entravam, por mais principaes, o Arcebispo D. Pedro, e D. Sancho seu irmão, e o priol do Crato D. Frei Nuno de Goes; os quaes juntos secretamente em uma egreja, o marechal, como quer que outros hi estivessem de mór valor e auctoridade, elle para os mais commover a seu proposito, porque tinha para isso audacia, lhe fez uma falla com largas razões, cuja sustancia foi:

«Que o regimento do reino e criação d'El-Rei e seus irmãos por disposição do testamento d'El-Rei ficára, como sabiam, que não saisse do poder da Rainha; o que elles deviam requerer e procurar que se cumprisse; assi por ser razão, como por a Rainha ser mulher estrangeira, da qual por se mostrarem em

favor de seu serviço e tenção sempre receberiam honra, favor, mercê e acrecentamento; e por isso deviam trabalhar que não viesse em maneira alguma ao Infante D. Pedro, de cujos rigores e mostranças suas falsas, que fazia ao povo, de justo e sã conciencia, não podiam receber se não o contrairo; e que isto lhes seria facil de fazer; porque por parte do Infante D. Pedro, quando muito podesse ser, seria povo e gente meuda, que sem cabeceiras não teriam forças nem dariam ajuda, e que por a sua d'elles eram os que estavam presentes com outros muitos que logo seriam com elles; e mais cria do Infante D. Anrique, e sabia do conde de Barcellos, que seriam em sua ajuda, pedindo-lhe em conclusão, que o houvessem todos assi por bem, e o affirmassem, e segurassem com juramento.»

Do que a todos aprouve, e o poseram em escripto, que logo juraram.

Mas, como quer que n'isto entrassem grandes homens, e de muita auctoridade, porém seus signaes e juramentos tiveram d'hi a pouco pouca firmeza; todos os mais se desdisseram e acostaram á banda do Infante D. Pedro e dos outros Infantes que foram com elle; porque n'aquelle tempo todo o reino finalmente estava á vontade e disposição dos filhos e netos d'El Rei D. João.

E d'este ajuntamento assi jurado, que á rainha logo foi notificado, porque confiou n'elle muito mais do que devera, se lhe seguiu todo seu damno, perda, desassocego, e emfim a morte, não como a seu estado cumpria; porque crendo, que n'estes para seus feitos haveria a firmeza que juraram e lhe prometteram, não se contentou no principio d'estes movimentos d'alguns meios bons e honestos, que lhe foram apontados; do que a ella pelos não acceitar se seguiu

muito mal, e ao reino, e a muitos d'elles pouco bem, como se dirá.

CAPITULO XI

Como se deu a obediencia e fizeram as menagens a El-Rei e se praticou sobre quem regeria

Assignado o dia da proposição das côrtes, El-Rei teve seu estrado e Real Estado em uma pequena praça, que se faz ante a egreja de Santiago d'aquella villa, onde todolos senhores e officiaes e procuradores dos povos postos em sua costumada e antiga ordenança, começou e fez arenga, que para tal auto se requere e costuma, o doutor Vasco Fernandes de Lucena, mui elegante e cheia de mui dôces palavras e graves sentenças para aquelle caso da obediencia; e com necessarias e vivas razões exortou todolos que eram presentes para a fazerem; como a arenga foi acabada os Infantes primeiro, e des-hi os condes e os outros senhores deram logo suas menagens e obediencias a El-Rei, segundo sua boa e devida lealdade; e começaram logo de mover sobre quem teria o regimento do reino, que das côrtes era o ponto mais sustancial, no que houve entre todos grandes desvairos; porque os mais se mostravam segundo opinião das parcialidades que tinham, justificando cada uns suas tenções, e aos menos, que haviam respeito ao bem commum e assessego do reino, não eram recebidos nem ouvidos seus meios.

GAPITULO XII

Concordia feita entre a Rainha e o Infante D. Pedro acerca do regimento

E porque a competencia e deferença do regimento não era principalmente salvo entre a Rainha e o Infante D. Pedro, a Rainha, como senhora, que de sua virtuosa condição desejava todo o bem e assessego, sentindo os malles e damnos que d'estas diversões se podiam seguir, pelos atalhar com alguma justa concordia, enviou rogar ao Infante D. Pedro por meio do Infante D. Anrique, que lhe fosse falar: do que o Infante foi muito alegre; e, escolhendo para isso tempo conveniente, satisfez logo a seu requerimento: e, sendo ambos sós apartados, a Rainha lhe disse muitas rasõ-s sobre o desvairo do regimento, em que bem pareceu que havia n'ella muita virtude, sã conciencia e grande discrição e justo juizo, concluindo que lhe rogava que ambos sem outro meio se quizessem sobre isso concordar.

O Infante D. Pedro, como era Principe justo, bom, e temente a Deus, foi de suas palavras assaz contente; e com outras de grande reverencia e acatamento lh'as teve muito em mercê; e depois d'alguns meios, sobre que entre si debateram, finalmente foram acordados d'esto:

«Que com a Rainha ficasse o cargo da criação de seus filhos, e com a governança e ministração de toda a fazenda; e ao Infante ficasse o regimento da justiça e o titulo de defensor dos reinos por El-Rei.»

O qual meio, por muitas rasões, que entre si praticaram, houveram por justo e razoado; e mostraram ambos ser d'elle muito contentes.

CAPITULO XIII

Da contradição e mudança que houve n'este acordo

Fez-se este acordo entre estes senhores pela manhã, no qual dia os que eram ajuramentados, em especial o Arcebispo de Lisboa, por meio de seus meios, que dentro trazia, souberam logo da falla que a Rainha e o Infante houveram; e, como ficaram ambos d'acordo, do que lhes muito pesou, e em especial se disse, que desprouvera muito ao conde de Barcellos, que desejava e procurava entre elles haver desacordo, por se não aceitar o casamento de El-Rei com a filha do Infante, esperando com a vinda do Infante D. João á côrte, que El-Rei casasse com sua filha, como atraz se tocou.

E ao outro dia, sendo ante a Rainha juntos alguns d'estes Principaes seus servidores, lhe perguntáram em que maneira se concordára com o Infante. E a rainha lhes disse que era bem concordada; e que por assi ser dava graças a Deus, dizendo-lhe logo a concordia em que ficaram, e as causas e razões porque ella devia ser, e era d'isso contente. A qual cousa lhe logo todos desdisseram; e que fôra n'isso muito enganada, e seu estado muito abatido; e que ainda errára fazer nada em cousa semelhante sem primeiro lh'o fazer saber, ao menos para a aconselharem, afeando tal concerto com razões e inconvenientes assi córados, e tão aparentes, que a Rainha, vencida d'elles, creu que em fazer tal acordo não podera fazer cousa em todo mais errada. Pelo qual logo alli lhe fizeram tomar outra determinação contraira á em que ficára com o Infante; e que todavia se afirmasse ella só reger sem outra ajuda; e, quando não podesse com al-

guma parte do regimento, que de sua mão a désse e encarregasse a quem sentisse que havia de servir e fazer sua vontade. O que não ficou logo por saber ao Infante D. Pedro.

CAPITULO XIV

Apontamentos que publicamente se fizeram contra o testamento d'El-Rei para a Rainha não dever reger

Com esta volta que a Rainha fez do proposito e acordo em que ficára com o Infante, começaram outra vez as differenças e debates entre os grandes e povo sobre o regimento.

A Rainha com os de sua parte requeriam para ella toda a governança em solido, assi como no testamento d'El-Rei ficára determinado: os povos geralmente com outros da parte do Infante D. Pedro requeriam o regimento para elle só sem outra ajuda nem companhia, allegando que a Rainha por muitas razões não devia reger; e d'este voto foram Pedro de Serpa, e Vicente Egas, cidadãos e procuradores de Lisboa, homens honrados, bem entendidos, e de grande autoridade. Os quaes altercando sobre estes debates perante El Rei, como quer que era menino, quando um e quando o outro lhe disseram:

«Muito alto e poderoso Principe, Rei nosso Senhor, porque nos parece que acerca de se regerem estes reinos por vós, sois requerido que cumprindo o testamento d'El-Rei vosso padre, que Deus haja, deis inteiramente o regimento á Rainha nossa Senhora, vossa madre, nós, como procuradores da vossa cidade

de Lisboa, e assi em nome dos outros procuradores que aqui são, nossos irmãos, dizemos que sob reverencia de vossa real pessoa, El-Rei vosso padre não podia fazer tal testamento; nem em tal caso leixar Regedor do reino á sua disposição; porque a nós vosso povo pertence por direito enleger quem por defeito de vossa madura edade nos haja por Vós de defender com as armas e reger por leis com justiça.

E isto não aggrava vossa legitima sobcessão; nem mingúa em vossas lealdades; cá por serdes seu filho maior legitimo, e barão, nós alegremente vos reconhecemos e recebemos por nosso verdadeiro Rei e Senhor; e com ajuda de Deus vos guardaremos aquella lealdade, fé, e amor, que bons, leaes vassalos devem a Senhor; mas quanto a enleger Regedor, até que Vós sejaes em edade para nos por vós regerdes, nós buscaremos e enlegeremos quem em vosso nome nos haja de reger e governar; porque asi como a nós sómente pertence enleger Rei, se a real e legitima sobcessão dos Reis d'estes reinos por algum caso, o que Deus não queira, se destinguisse, e se não guardaria em tal caso o testamento, nem disposição do Rei postumeiro; assi pertence a nós enleger agora Regedor por Vós; e para serdes servido abasta que nós o enlejamos tal, que seja natural, e do vosso real sangue, e não estrangeiro, e em que haja virtudes, saber, e conciencia, e sobre tudo lealdade, a que se não deva poer suspeita. E vossa mui Real Senhoria guarde-nos nossa justiça e liberdade, como esperamos, no que recebereis muito serviço: e nós vossos vassalos com vossos reinos receberemos mercê, proveito e assessego, que deveis desejar: e assi o pedimos a vós, mui illustres Infantes e magnificos condes; e requeremos a vós, honrados senhores, e leal povo de Portugal, que aqui sois

juntos para celebrar estas reaes côrtes, que assi juntamente o peçaes e requeraes que se faça.

No cabo d'esta falla, assi como os corações dos que a ouviram eram desvairados, assi não houve rostos nem consentimentos eguaes; e por isso não cessáram os primeiros debates do Regimento, os quaes, como sómente eram entre a Rainha e o Infante, como disse, alguns por assessego apontavam que ambos fossem exclusos de reger, e enlegessem outros; outros diziam, mas que ambos regessem juntamente n'aquella parte que a cada um bem coubesse; outros tinham que a Rainha sómente tivesse o Regimento; e outros o davam inteiramente ao Infante: e a esta parte se inclinavam mais os povos; e a cada uns para execução de seus votos não falleciam autorizadas razões.

CAPITULO XV

Do meio que o Infante D. Anrique tomou entre a Rainha e o Infante D. Pedro ácerca do Regimento

O Infante D. Anrique era a estas differenças presente, e como virtuoso meio trabalhou de as poer em alguma temperança: e posto que alguns tiveram que elle fôra sempre mais inclinado á parte da Rainha que á do Infante; porém, passados quinze dias d'apontamentos e conselhos, foi feita por acordo do Infante D. Anrique, e dos outros do conselho e procuradores do povo uma determinação por maneira de Regimento, que se denunciou em publico ajuntamento por Nuno Martins da Silveira, escrivão da puridade, cuja sustancia foi:

«Que a Rainha ficasse por tetor e curador d'El-Rei

seu filho com a ministração das rendas e officios; e o Infante D. Pedro tivesse cargo da defensão do reino com titulo de defensor, e o conde d'Arrayollos, filho do conde de Barcellos tivesse cargo da justiça; e que na côrte, onde El-Rei estivesse, andassem sempre seis do conselho repartidos a tempos, e mais um prelado e um fidalgo, e um cidadão; e na côrte outros alguns sem especial necessidade não podessem andar: e que com estes seis do conselho e tres dos estados se determinassem todas as cousas que sobreviessem com autoridade da Rainha e acordo do Infante D. Pedro, estando sempre pelas mais vozes. E sendo caso que seus votos fossem em desvairo por egual, que o notificassem então aos Infantes e condes; e qne segundo as mais vozes fosse o negocio da duvida determinado».

E as repartições d'estas cousas, em que estes senhores haviam de ter cargo, eram assi limitadas, que muito poucas, e de pequena sustancia podia cada um em seu cargo, por só determinar.

Foi mais ordenado «que em cada um anno se fizessem côrtes, ás quaes não viessem mais que dois prelados e cinco fidalgos, e oito cidadãos, e n'ellas se determinassem as duvidas que os do conselho por si não podessem concludir, ou algumas outras em sustancia assi especiaes, que para aquelle tempo devessem ou podessem ser reservadas, assi como mortes de grandes homens e privação d'officios grandes, e perdimentos de terras, e corregimento ou fazimento de leis e ordenações; e que nas côrtes vindoiras sempre se podesse correger e emmendar qualquer defeito ou erro que houvesse nas passadas.». Com outras particularidades, cuja mais expressão não é necessaria.

E n'este accordo cuidou o Infante D. Anrique que,

se o Infante D. Pedro o assignasse e consentisse, que levemente acabaria com a Rainha que tambem assi o fizesse; mas ella, a que o dito acordo foi primeiro mostrado, por induzimentos de não verdadeiros e sãos conselheiros o denegou fazer, querendo que o Regimento lhe fosse dado inteiramente, e que ella de sua mão daria d'elle a parte que quizesse a quem lhe bem parecesse.

E o Infante D. Pedro, como quer que mostrasse do dito acordo sentimento, por lhe ser n'elle mui limitada e adelgaçada a parte do reino que havia de reger, porém por assessego disse: «que faria o que o Infante seu irmão quizesse».

Mas o Infante D. Anrique, vendo tão forte o proposito da Rainha, houve o feito por descordado de todo. De que o povo foi logo sabedor, e posto em grande alvoroço contra a tenção da Rainha, e de seguirem a do Infante D. Pedro, qualquer que fosse. Ao qual os povos por Lopo Antonio, que depois foi escrivão da puridade, fizeram saber «que estavam para seguir o qne elle ordenasse, affirmando que elle só sem outrem havia de reger.»

A Rainha por os de sua parcialidade, que d'este alvoroço foram logo sabedores, foi conselhada que para o atalhar, como cumpria a seu serviço e honra, e bem do reino, convinha que logo assignasse o accordo, e não parecesse que por sua parte ficava; á Rainha prouve fazel-o, e mandou logo chamar o Infante D. Anrique, em cujo poder era o Regimento, e o assignou, e ordenou que os Infantes e os outros prelados e condes, e procuradores, o assignassem e jurassem juntamente, o que todos fizeram em um altar, perante notairos publicos, salvo o arcebispo D. Pedro, que não quiz por não ficar o Regimento *in solido* á Rainha. Mas cada um que assignou e jurou,

fez assi seu juramento, e só escreveu seu signal com taes cautellas e palavras, que bem parecia querer leixar a sua disposição fazer sempre depois o que quizesse, sem parecer que o quebrantava.

CAPITULO XVI

Como a Rainha por meio do conde de Barcellos enviou pedir ao Infante D. Pedro o alvará que lhe tinha dado sobre o casamento d'El-Rei

O conde de Barcellos, como quer que assignou este Regimento, não foi porém d'elle satisfeito, por lhe não ficar n'elle alguma parte; e como homem que para acrecentar por qualquer maneira seu nome e proveito, teve sempre grande cuidado, desejando que todavia o casamento d'El-Rei com sua neta se fizesse, vendo que o alvará que a Rainha tinha dado ao Infante D. Pedro lhe era para isso grande embargo, ordenou por si e por outros de sua tenção que a Rainha com razões obrigatorias com que a moveram, mandasse pedir o alvará ao Infante D. Pedro. A qual como quer que, como virtuosa o refusasse, por não quebrar sua verdade, e mais a determinação d'El-Rei D. Duarte seu marido; porém como importunada e induzida lh'o fizeram consentir.

E, porque algum dos outros que eram n'este acordo, não ousou de ir em nome da Rainha ao Infante pedir-lhe o alvará, o conde de Barcellos acceitou o cargo, e foi ao Infante, e lhe disse:

«Senhor, a Senhora Rainha vos manda dizer que sabeis, que vos tem dado um alvará sobre o casa-

mento d'El-Rei nosso Senhor, seu filho com vossa filha; e por quanto este caso é de tamanho peso e importancia, que o não devera passar sem accordo e conselho dos principaes do reino, a que tambem toca; e agora por estes movimentos não é, nem póde n'isso entender, vos roga que lhe mandeis o alvará, e que sobre isso terá a maneira que vir que cumpre, fallando primeiro com nós outros, de quem sabeis que não ha de sahir, salvo cousa que seja vossa honra e acrecentamento.»

O Infante lastimado da embaixada e avisado de sua destruição, d'onde nacia, a que fim vinha, disse:

«O alvará que dizeis, é em meu poder; e eu, se quizesse, justa e honestamente podia denegar á Senhora Rainha a entrega d'elle; porque não sei como o que por El-Rei meu Senhor e irmão me foi outorgado, e por ella depois a mim lembrado, requerido e outorgado, se me póde revogar sem causa; bem creio que em suas virtudes haveria firmeza de cumprir o que promette, e mais em cousa tão justa e tão honesta, se a não movessem d'ella conselheiros pouco fieis, no que lhe fazem pouco serviço; porém, porque não pareça que eu por força quero, nem tomo, o que com razão me devia ser requerido e dado, dae a sua Senhoria seu alvará, e irá roto, e não são a seu poder, em testemunho da quebra de sua verdade, que me quebrou.»

E logo o tirou de um cofre, e o rompeu, e roto o entregou ao conde.

CAPITULO XVII

Como El-Rei se foi a Lisboa, onde o Infante D. João veiu a primeira vez

Um mez e alguns dias mais duraram as côrtes em Torres Novas, em fim das quaes, por ser o anno de mantimentos mui esteril, e aquella comarca mui cara, acordou a Rainha e os Infantes de se irem, como foram, com El-Rei para Lisboa, onde, por via do mar com industria e aviamento de bons regedores, se buscou razoado provimento, que deu causa serem hi os mantimentos em menos careza, que em alguma outra parte do reino.

O Infante D. João, depois de convalescido da doença de que já se disse, soube do fallecimento d'El-Rei seu irmão, de que sobre todos seus irmãos mostrou ser mais anojado e não era sem razão; porque por fallecimento da Rainha D. Filippa, sua madre, o Infante D. João e Infante D. Fernando ficaram pequenos; e El-Rei D. João recolheu para si o Infante D. Fernando, que era mais moço; e deu o Infante D. João a El-Rei Duarte que o criou e amou sempre, como proprio filho: e por esta criação, que com elle teve, álem da geral e natural divida d'El-Rei e irmão lhe devia o Infante D. João, sentiu sobre todos sua morte; porque vindo ante a presença d'El-Rei e da Rainha, depois da obediencia e reverença devida, suas continuas lagrimas e dorosas palavras davam claro testetemunho do sentimento de seu coração pela morte d'El-Rei. E ali em publico fez logo uma falla á Rainha de grandes offerecimentos, de a servir e amar mais que nunca, com palavras de muita discrição e

amor, e acatamento, em que tambem com razões evidentes lhe tocou, que lhe parecia que se não devia antremeter no regimento do reino; e que assi como esta havia de ser sua tenção, assi seria tambem que em todo o mais sua honra, estado, acatamento e serviço se guardasse por todos o mais inteiramente, do que se nunca guardára a outra Rainha; do que ella não foi contente, e muito menos os da sua tenção, que eram presentes: e porque isto foi dito de praça, logo o rumor d'isso sahiu pela cidade, com que os povos e a gente d'ella principalmente começaram de se alvoroçar e praticar entre si secretamente, como tirariam o Regimento á Rainha.

CAPITULO XVIII

Do despacho que se deu aos embaixadores de Castella

Os embaixadores de Castella, que eram na côrte, como se atrás disse, pelos desvairos que sobre o Regimento houve em Torres Novas não foram ouvidos, nem despachados até Lisboa, onde juntos á Rainha e Infantes com os deputados do conselho deram sua embaixada, a qual, por ser desgosto d'este reino, se crê que tardou tanto em se ouvir; porque já a sustancia d'ella seria revelada.

Requereram em nome d'El-Rei D. João o segundo, que então reinava em Castella, que as egrejas que pela Cisma então foram tiradas aos bispados de Tuy e Badalhouce, e eram regidas por administradores, se tornassem a seus proprios prelados. Outrosi que os mestrados d'Aviz, e Santiago d'estes reinos tornassem um

á Ordem e obediencia de Calatrava, e o outro á de Santiago de Castella, cujos membros foram, e que os titulos ficassem, como eram, e as enlições se fizessem cá; mas as confirmações d'elles se houvessem pelos superiores de Castella. Requereram outrosi que alguns bispados d'estes reinos reconhecessem superioridade ao arcebispo de Sevilha, como Metropolitana sua, que sempre fôra. E assim apontaram sobre tomadias de navios, que se fizeram, requerendo restituição, apontando e allegando sobre cada uma d'estas cousas muitas razões e fundamentos de direito: porque entre elles era um grande doutor de direitos.

Ouvida esta embaixada, em que tambem os embaixadores tocaram aggravos de sua tardança, houve sobre o despacho d'elles grandes divisões, segundo os votos de cada um; porque a uns parecia bem responder-lhe manso, poendo a defesa d'esto em razões de direito; e a outros parecia que no esforço e confiança d'armas e valentes corações; è finalmente foi havido então por melhor acordo envia-los, como enviaram, sem alguma certa resposta, escurando-se com os movimentos, torvações e pouco assessego que pela morte d'El-Rei ainda no reino havia; e que El-Rei, depois d'haver em todo seu conselho, enviaria logo a El-Rei de Castella a resposta com sua embaixada.

E o que d'estes requerimentos se pôde logo saber, foi que não nasceram da propria vontade d'El-Rei, em cujo nome vinham; mas dos Infantes d'Aragão, seus cunhados, que então picavam com elle, e governavam o reino, com fundamenio de meter este reino em necessidade, e elles por seus meios e com sua privança o remedearem, e esperando que por isso carregariam maior obrigação a El-Rei de Portugal e a seus reinos e vassalos, para as necessidades suas, em que esperavam de se vêr, como viram: por quanto fi-

zeram então lançar fóra d'El-Rei de Castella e de sua côrte o condestabre D. Alvaro de Luna, grande poderoso, e muito seu imigo.

CAPITULO XIX

Como a Rainha começou de reger e ser em seu regimento prasmada

A Rainha regia o reino, e tinha El-Rei em seu poder, e por seu aio Nuno Martins da Silveira: e como ella era de boa e virtuosa tenção tomava o encarrego do Regimento com mais trabalho e continuação do que tivera em costume, nem requeria sua fraca desposição; e des-hi os requerimentos assi pela boa ordem que se logo deu ao ouvir d'elles, como por haver já dias que se não despachavam, cresciam cada vez mais; o que cada dia, além de ser prenhe, lhe causava dôres e enfermidades, que contrariavam seu bom e verdadeiro proposito; e, sendo com razão aconselhada que temperasse seu grande trabalho, e entrepozesse nos negocios alguns dias para seu repouso e descanso, ella constrangida já de suas proprias necessidades o começou de fazer, não sem reprensões do povo, com que indevidamente logo começaram a acusar sua innocente fraqueza, e queriam asolver seus muitos e desordenados requerimentos, e incomportaveis importunações. Pelo qual alguns se atreviam já havendo por serviço de Deus e d'El-Rei e bem do reino de cometer ao Infante secretamente que tomasse o Regimento de todo; mas elle, ou por sua dissimulação, ou por ser assi sua vontade, a todos tirava de tal esperança; antes em taes cousas assi se fazerem,

posto que melhor se podessem e devessem fazer, sempre escusava as fraquezas e innocencia da Rainha com quanto podia.

CAPITULO XX

Fallecimento da Infante D. Filippa

N'este anno de mil e quatrocentos e trinta e nove, no mez de Março, porque começaram de morrer em Lisboa, e se finou de pestenença a Infante D. Filippa, de onze annos, filha d'El-Rei D. Duarte e da Rainha sua mulher, El-Rei e o Principe se foram a Almada; e a Rainha se foi a uma quinta junto com Santo Antão, que se chama Monte Olivete.

CAPITULO XXI

Nascimento da Infante D. Joana

E alli pariu a Infante D. Joana, que depois foi Rainha de Castela, e lhe vieram novas como o Infante D. Pedro, seu irmão mais moço, fôra morto em Italia de uma bombardada, estando com El-Rei D. Affonso seu irmão, em cerco sobre a cidade de Napoles. E assi veiu á Rainha n'este anno uma carta consolatoria do Papa Eugenio, confortando-a sobre a morte d'El-Rei seu marido, e amoestando-a que por alguma maneira se não desse a cidade de Ceuta por a soltura do Infante D. Fernando, allegando-lhe para tudo razões santas e catholicas quanto a Deus, e de muita honra e louvor para este reino.

CAPITULO XXI

Praticas que o Infante D. Pedro teve sobre descontentamentos que tinha da Rainha ácerca do Regimento

No mez d'Agosto d'este anno de mil e quatrocentos e trinta e nove, a Rainha se foi da quinta de Santo Antão para Sacavem: e o Infante D. Pedro ficou com El-Rei em Lisboa, onde fallando com D. Alvaro Vaz d'Almada, capitão mór do mar, e com outros de que se fiava, disse:

«Que por quanto n'esta parte do Regimento que aceitára, segundo era pequena, e a Rainha se havia soltamente em todo, e defamava a elle e todas suas cousas, elle recebia grande abatimento: sua vontade era, por muitas razões que apontou, leixar aquelle pequeno cargo que lhe fôra dado, e ir-se para suas terras: e que porém queria saber que lhes parecia».

No que por seus conselheiros houve votos desvairados, cá uns tinham que emprendesse e tomasse o Regimento de todo: e outros que se contentasse com a parte que tinha, e se são fosse: outros que leixasse tudo e se fosse: e a cada um não falleciam razões assaz aparentes para justificar seu parecer. E finalmente foi acordado que d'estas seguisse a parte que ao Infante D. João melhor parecesse; porque era de crêr que á sua seria o Infante D. Anrique e o conde de Barcellos, e assi seus filhos os condes d'Ourem e d'Arrayollos.

CAPITULO XXII

Como o Infante D. Pedro e o Infante D. João ambos se viram e fallaram sobre o Regimento

Pelo qual o Infante D. Pedro enviou pedir ao Infante D. João, que era em Alcohete, que se vissem, como viram logo ambos, no Oratorio de Santa Maria do Paraiso, em que se depois fundou e mudou o mosteiro de Santos da Ordem de Santiago.

E porém ante da ida do Infante D. João, elle primeiro foi avisado do capitão Alvaro Vaz, como de si mesmo, da tenção porque o Infante D. Pedro se queria com elle vêr.

Alli os Infantes se apartáram sós, onde o Infante D. Pedro com largo recontamento propoz a tenção em que era de leixar a parte do Regimento que tinha: como era aconselhado pelo contrairo, apontando as causas e razões em que uns e outros se fundavam: e que porém lhe pedia que n'isso o aconselhasse; por que na confiança que tinha de seu saber e certidão de amor, que entre elles havia, sua vontade era seguir o que a elle melhor parecesse.

O Infante D. João lhe respondeu:

«Senhor irmão, ante d'isto eu tinha já n'este caso assás consirado; e, porque mui em breve vos responda, sabei que se chamais erro acceitardes o Regimento, como sois aconselhado, não sei cousa que possaes acertar, cá se vós nascereis primeiro e vos não fizera Deus tão bom e tão prudente como soes, e assi ao Infante D. Anrique nosso irmão, crêde que eu reque-

rêra o Regimento para mim; e se m'o não quizerem dar, eu o tomára ou morrêra sobre isso; porque com quanto a Rainha é mui virtuosa e mui discreta e amiga de Deus, nunca vi mór vergonha e abatimento nosso, que sermos regidos por ella; pois é mulher, e mais estrangeira».

O Infante D. Pedro lhe respondeu:

«Senhor irmão, bem vejo o que dizeis ter fundamento de muita razão, se por todos se quizesse assi consirar com juizos livres de paixão; mas como n'este caso haja propositos e tenções desvairadas, tenho receio nascer d'ellas alguma divisão, que a qualquer reino grande faria perder, quanto mais a este de Portugal tão pequeno, que sem sua destruição não padece algum desacordo; e por elle ser a herdade em que nascemos e que nos criou, e porque nosso padre tanto sangue espargeu, e tanto trabalhou pela conservar e manter, eu sentiria em egual de morte para mim ser eu causa de sua perdição: verdade é que, se com prazer de todos e sem alguma divisão se podesse fazer, logo por serviço de Deus e d'El-Rei meu Senhor, e bem de seus reinos e minha honra, folgaria aceitar este cargo.»

O Infante D. João lhe disse:

«A divisão e desacordo do reino que temeis, não querendo vós usar do Regimento, não se escusa se a Rainha com estes que agora esforçam sua tenção o reger; porque elles n'esta contrariedade que seguem não hão respeito a algum amor que tenham á Rainha, nem menos ao reino em que vivem, mas sómente por segurarem e escaparem os castigos de seus erros passados, e d'outros, se os fizerem; e para com achaque de necessidades fingidas tomarem causas de pedirem e encurtarem o patrimonio real e acrecentarem o seu; e por esta conta, que é verdadeira, a justiça e a fa-

zenda do reino, em que consiste toda sua sustancia, cairiam com elle de necessidade na perdição que temeis: e além de o cuidado e trabalho de reger ser incomportavel ás forças da Rainha, hei ainda mais por principal ioconveniente o Regimento d'este reino ficar só á sua disposição esta vinda dos Infantes de Aragão, seus irmãos, a Castella; porque, como são homens amigos de novidades, e tem no mesmo reino grandes competencias, certo é que se hão de favorecer com este, e poer muitas vezes as gentes d'elle em perigo; e as rendas em despesa por sua ajuda e favor: assi que por estas razões e inconvenientes, que em vós regendo todos cessam, meu conselho é que vós todavia rejaes: e quando o vós não quizerdes ou não poderdes fazer, que o faça o Infante D. Anrique nosso irmão; e des-hi eu, se o caso a isso chegar, e da divisão que tocaes, não tenhaes receio; porque o Infante D. Anrique e o conde de Barcellos, e seus filhos, os condes d'Ourem e d'Arrayllos, que são as pessoas principaes do reino, seguiriam em tudo nossa tenção, quanto mais esta, em que ha tanta necessidade, justiça e honestidade: e se d'alguma parte devem de esperar honra e interesse, em vós a terão mais certa: e por tanto eu me affirmo que todavia deveis reger; e que logo o declareis; e nas côrtes que se ora hão de fazer ácerca d'isso, eu darei e susterei a voz por vós: e não sinto alguem tão ousado, que m'a ouse contrariar.»

O Infante D. Pedro finalmente disse:

«Que seu parecer era, que por então não devia ácerca d'isto fazer altercação nem mudança alguma; porquanto até ás côrtes havia ainda bom espaço de tempo, no qual poderia ser que a Rainha mesma cansaria n'este cargo, e não se sentiria desposta para elle, e seria contente d'algum tal meio, porque cessassem

odios e escandalos entre elles, e o reino seria regido em outro bom assessego, como desejava.»

E n'este acordo ficaram; e o Infante D. João se tornou a Alcochete; e o Infante D. Pedro se foi a Camarate, junto com Sacavem.

CAPITULO XXIII

Como a Rainha lançou fóra de sua casa certas donzellas, por suspeitas a ella, e affeiçoadas ao Infante D. Pedro

A Rainha estava em Sacavem com El-Rei e seus filhos, onde seu coração não tinha repouso com novas de mudanças e alvoroços, que se em Lisboa cada dia moviam, de que logo era avisada por pessoas que por isso esperavam haver com ella mais graça, e pelas cousas que lhe faziam crêr, ella começou d'haver e declarar por suspeitas e contrairas a si mesma todas cousas do Infante D. Pedro; pelo qual com palavras irosas, e que não cabiam em sua prudencia, mansidão e virtudes, lançou fóra de sua casa duas donzellas, filhas de Izabel Gomes da Silva, mulher de Pero Gonçalves, vedor da fazeuda, e filha de João Gomes da Silva, e irmã d'Aires Gomes da Silva; e assi não consentiu em sua casa outra donzella, filha de João Vaz d'Almada, sobrinha do capitão, por serem pessoas do Infante D. Pedro: o que a Rainha fez por induzimentos alheios sem aquelle resguardo e bom conselho, que a seu estado e serviço cumpria; porque o lançar d'estas donzellas fez contra ella grande escandalo na cidade de Lisboa, por serem dos naturaes e principaes d'ella, e assi por se decla-

rar imiga do Infante D. Pedro, que do povo era mui amado; porque até li sua desavença d'ambos podia jazer em suas vontades; mas sua rotura não se dizia nem mostrava tão depressa como se por isto mostrou.

CAPITULO XXIV

Do alvoroço que se seguiu contra a Rainha pela execução dos varejos de Lisboa

Accrecentou mais este escandalo contra a Rainha, e para a maior parte do povo soltamente contrariar seu Regimento, passar uma carta em nome d'El-Rei, porque fazia mercê a Nuno Martins da Silveira, seu aio, dos varejos a que os mercadores de Lisboa eram obrigados de sete annos, cuja publicação e esperança de execução aos ditos mercadores causou tanta tristeza e sentimento, que certificados de suas perdições, se se executassem, se soccorreram á camara da cidade, e com palavras em que moviam todos a piedade para si mesmos, e com muitas razões que pareciam de serviço d'El-Rei e bem do reino, lhe pediram que com a Rainha e com o conselho, ou por outra qualquer maneira a tal mercê impedissem.

A cidade fez sobre isso seu ajuntamento, em que por força entraram mais dos ordenados; e a elle vieram um Bertolameu Gomes, contador, e outro Alvaro Affonso, escrivão da sisa dos pannos, criado de Nuno Martins, em cujo poder era a carta, por serem os solicitadores d'ella; e, sendo lida em publico, foi tanta a defensão e alvoroço em todo o povo, por ser passada por só auctoridade da Rainha sem accordo do Infante D. Pedro, que Alvaro Affonso, com funda-

mento de lhe fazerem padecer morte mais crua, o fizeram saltar por uma janella, mas, por cair primeiro em um telhado, não morreu; e a Bertolameu Gomes alguns cidadãos seus amigos com grande difficuldade defenderam a vida: cá n'estes, por serem mui ensinados no que pertencia ás rendas d'El-Rei, havia suspeita, que deram azo e conselho, como esta mercê se pedisse.

Os que fizeram este insulto e alvoroço em desacatamento da Rainha, eram quasi todolos do povo com alguns principaes da cidade; e com temor que tinham de a Rainha com rigor de justiça os mandar castigar como porventura mereciam, procuravam e ordenavam assi em secreto, como já em publico, que o Regimento lhe fosse de todo tirado, sobre o qual tinham suas praticas, que enviavam logo ao Infante D. Podro, dando-lhe muitas razões e esforço para só tomar o carrego de reger. O qual, como quer que até li sempre mostrasse estranhar com palavras de honestidade aos que lhe em tal caso fallavam, porém a este tempo por ter sabido e visto como a Rainha se declarava ter-lhe desamor e má vontade, d'hi em diante, aos que n'isso o comettiam, já recebia e ouvia mais com rostro de lhe agradecer que o fizessem para vir a effeito, que de lhe pesar.

E porque na cidade havia n'este caso propositos e vontades contrairas, assi naciam d'ellas bandos e rumores que mostravam signaes de rompimentos perigosos, aos quaes nem por provimentos e penas dos officiaes de justiça, nem por pregações que se de industria de bons religiosos para ello fizeram, nunca se pôde atalhar, antes crecia cada vez mais.

CAPITULO XXV

Ida do conde d'Arrayollos a Lisboa sobre assessego d'ella, e como não aproveitou

Era a este tempo na cidade Pedro Anes Lobato, homem de grande auctoridade e bom cavalleiro, ao qual, como quer que de grande condição de sangue não fosse, El-Rei D. João por conhecer d'elle ser bom e discreto, e em armas homem esforçado, deu a governança da justiça da casa do civel, e a tinha; e por vêr a união e desacordo na cidade tamanho, a que com sua vara e forças não podia resistir, avisou de todo a Rainha, e por muitas causas lhe enviou pedir trigoso remedio. A qual com esses que com ella eram presentes, teve sobr'isso conselho, onde foi acordado que o conde d'Arrayollos, que estava em uma quinta junto com Loures, por ter cargo da justiça do reino e ser pessoa de valor e autoridade, fosse poer assessego nas cousas da cidade, para o qual foi logo chamado, e fallou com a Rainha o que n'aquelle caso cumpria: e d'ella por ser de boa tenção e sã conciencia, e tambem de si mesmo por ser virtuoso e justo, foi avisado segundo o feito estava, de o tratar e assessegar mui mansa e temperadamente.

Partiu-se logo o conde para Lisboa com a trigança que se requeria, onde chegou á tarde, e para haver melhor informação das cousas, e ter conselho sobre o remedio d'ellas, quizera repousar algum pequeno espaço de tempo sem n'ellas intender; mas ao outro dia por sua ida foi tanto o alvoroço e desacordo na cidade, e com tanta soltura de palavras deshonestas

e mostranças de desobediencia, que o conde não sabia que caminho de remedio tomasse; porque os da parte da Rainha favoreceram-se com sua ida, affirmando em seu favor que era para fazer justiça dos alevantadores da união sobre o caso dos varejos, e que contrariavam o Regimento da rainha: e os da parte do Infante D. Pedro e Infante D. João com muitos da cidade, que eram d'outro acordo, tomaram receio de ser por ventura verdade; especialmente porque um Luiz Gonçalves, official na relação, criado de Pedro Anes Lobato, e que ás cousas da Rainha havia grande affeição, affirmou de praça que por a ida do conde á cidade cedo veriam por justiça as gigas da ribeira cheias de pés e mãos de muitos, como de pescado, o que logo se soltou publicamente: e por ser homem d'algum credito e ter officio na casa da justiça, fizeram para isso suas palavras alguma impressão e crença; e pareceu que as não diria sem ter alguma cousa d'isso sentido. Pelo qual alguns principaes cidadãos com verdadeiro temor e occupações fingidas de proverem suas fazendas, se ausentaram da cidade, temendo que em tanto alvoroço não houvesse justo juizo, e que por ventura poderiam receber pena sem culpa.

Mas os do povo posposto todo o medo assi continuavam, e acrecentavam a cada vez mais sua união, e com tanto rumor d'algum fim perigoso, que o conde desesperado de com suas forças, nem da justiça poder assessegar o feito como desejava, havido primeiro sobre isso conselho, tentou de o remedear com prégações, palavras brandas, e de conciencia, que por algum bom e entendido religioso em ajuntamentos publicos se dissessem.

E havido este por melhor e derradeiro remedio, o conde fez chamar um Frei Vasco da Allagoa, da Or-

dem de S. Domingos, ao qual por ser padre d'auctoridade e de letras, e ter boa audacia para dizer, encommendou que sobre o caso das uniões e desaccordos da cidade, o domingo seguinte prégasse no seu mosteiro, avisando-o primeiro que todo seu fundamento fosse commover o povo a paz e assessego.

E sendo n'aquelle dia por aviamento e rogo do conde juntos no mosteiro quasi todolos da cidade, Frei Vasco começou seu sermão, e por ser servidor da Rainha e ás cousas de seu serviço mais inclinado, esquecido do aviso que lhe fôra dado d'amansar o povo com esperança de bem, tocou o caso e revoltas da cidade com tanta reprensão dos cidadãos e povo d'ella, que com altas exclamações os chamava ingratos e desleaes, trazendo-lhes ás memorias entre outros exemplos, a pena que os cidadãos de Bruges mereceram e houveram pela desobediencia e traição que cometteram contra o duque Filippe.

E estando já todo o povo mui descontente e escandalisado das palavras de Frei Vasco, um barbeiro em meia voz, e com rostro iroso disse contra os que junto com elle estavam:

«E como egual é o nosso caso dos framengos, que quizeram matar seu principe e Senhor? — Nós não somos tredores mas mui leaes, e não havemos de matar nosso Rei e Senhor; mas porque o amamos havemos todos de morrer por elle, quando lhe cumprir: mas certo este frade alguma cousa tem sentida: porque nos põe esta raiva.»

E estas palavras com algum rumor começaram ir de puridade em puridade pelas orelhas de muitos do povo, os quaes assi como as ouviam assi volviam logo os olhos de sanha contra o frade, e com mostranças de tanta indinação, que elle sentindo seu alvoroço

por se não vêr em perigo, desamparou sem conclusão o pulpito, e se acolheu ao mosteiro.

O conde d'Arrayollos foi mui descontente do prégador, por errar em todo a sustancia de seu proposito, e do que era para o tempo necessario. E vendo que para amansar o povo já lhe não ficava remedio para o fazer, e que sua estada d'hi em deante lhe faria abatimento, se partiu da cidade, e foi á Rainha dar-lhe de tudo conta.

E o povo depois de comer não esquecido do escandalo do sermão foram ao mosteiro e disseram ao priol que logo lançasse Frei Vasco fóra d'elle, se não que o derribariam e queimariam. E o priol aconselhado da necessidade do tempo assi o fez; e o prégador se salvou secretamente.

CAPITULO XXVI

Como o Infante D. Pedro foi á Lisboa reprender e assêssegar as uniões da cidade

O Infante D. Pedro estava em Camarate como já disse, e sabendo que a ida do conde seu sobrinho á cidade nas revoltas d'elia não aproveitara, desejando poelas em assessego se foi lá; e no mosteiro do Carmo onde pousou fez logo ajuntar os principaes da cidade com os officiaes da Camara, e com a cara grave e palavras de grande autoridade sustancialmente os reprendeu de suas uniões e alevantamentos, com que faziam doésta á Rainha e a elle e a todolos que tinham cargo de reger por El-Rei o reino; e que por isso tinham merecido aspero castigo, e o mereciam maior se o não atalhassem; e que, se

sobre aggravos que tivessem recebidos queriam requerer suas liberdades e direito, que o fizessem por outra maneira como subditos, e que seriam bem ouvidos; e não com presumpção de superiores, de poer e despoer Regedor á sua vontade, como diziam, tocando-lhe sobr'isto muitas e notaveis razões conformes a este proposito, as quaes alguns tomaram que não sahiram verdadeiramente de sua vontade; porque tinham concebido que lhe não pesava de semelhantes movimentos por serem contra o Regimento da Rainha e com fundamento de elle o ter; mas a determinação d'este juizo fique sómente a Deus que o soube.

Os cidadãos, depois de ouvido o Infante, lhe responderam mui mansamente, tendo-lhe em mercê aconselha-los bem; e d'es-hi asolvendo-se como melhor podéram dos alevantamentos passados, especialmente no caso dos varejos, em que houveram respeito a não serem os mercadores da cidade pela execução d'elles destruidos, e assi em quererem áquelle escrivão, que persumiram ser inventor, dar tal castigo, que outros por seu exemplo semelhantes cousas não inventassem, pedindo ao Infante que em seus trabalhos e aggravos os quizesse ajudar e favorecer, obrigando-o para isso com razões assaz honestas e boas. Onde logo por um dos procuradores dos mestres foi apontado que as divisões e escandalos não nasciam no reino, salvo por o Regimento d'elle ser repartido por muitos, e que para bem ser, ou havia de ficar sómente á Rainha ou a elle, allegando do contrairo muitos inconvenientes não sem fundamentos de razão, como cousa em que já muitas vezes tinham praticado.

E o Infante depois de sobretudo haver largas repricas e praticas, lhe encommendou muito o assessego da cidade, e que para as côrtes que se chegavam, podiam livremente requerer e apontar o que

lhes bem parecesse, e que elle no que fosse direito e justiça os ajudaria: e com isto se despediu d'elles, e se tornou a Camarate.

CAPITULO XXVII

Como a Rainha mandou secretamente preceber os de sua valia que viessem ás côrtes armados

A Rainha sendo d'estas cousas informada, sentindo que os alvoroços da cidade não cessavam, antes creciam com fundamento de o Regimento lhe ser tirado, o notificou logo pelo reino a todolos fidalgos, e pessoas d'estima, que entendeu serem por ella, encommendando-lhes que para as côrtes logo vindoiras viessem d'armas e gentes assi percebidos, que com sua segurança podessem resistir a qualquer contrariedade que os povos em seu dessserviço quizessem ordenar e fazer: e para ser mais em segredo, não o escreveu a todos particularmente, mas ordenou regimentos para ceda comarca, e escudeiros de que fiava; e com suas cartas de crença os andassem secretamente mostrando áquellas pessoas que ella queria.

A qual cousa com quanto pareceu ser incoberta, foi logo ao Infante D. Pedro revelada, e ainda mostrado por mór certeza um dos proprios regimentos: e maravilhado d'isso o descobriu e mostrou logo ao conde d'Arrayollos, que com grande trigança veiu sobr'isso fallar á Rainha, espantando-se muito de tal movimento, e reprendendo quem lh'o conselhára, pedindo-lhe afincadamente com respeitos de serviço de Deus e d'El-Rei, e d'ella, e bem do reino, que o ata-

lhasse, e escrevesse áquelles que cessassem do que lhes tinha escripto.

E como quer que ella por sua virtuoza tenção lhe pareceu assi bem e prometesse ao conde de o assi fazer, não se achou porém quem depois o fizesse; antes se soube que logo veiu a ella Pedro Annes Lobato certificar-lhe que os percebimentos e alvoroços d'alguns creciam cada vez mais por seu respeito, e que a fama era que ella os ordenava assi para morte d'alguns principaes por sua vingança, o que como quer que elle sabia o contrairo e o desdissesse, que o não criam como suspeito a suas cousas; e assi tambem lhe pediu que com assessego o remedeasse.

E a Rainha crendo que aproveitaria sua desculpa, escreveu logo sobre aquelle caso mui graciosamente á cidade, certificando-lhe o contrairo do que tinham concebido; e encommendando-lhes sua paz e assessego com grande instancia, e com sua crença a Pedro Annes, o qual com quanto em camara dissesse além da carta da Rainha muitas razões e causas para desfazerem suas maginações e cessarem de seus alevantamentos, não aproveitou nada: e com tudo responderam á Rainha «que a causa dos receios e alvoroços que tinham, os seus principalmente os faziam, affirmando e divulgando cousas para assi ser; que os mandasse castigar, e tudo cessaria».

E como quer que a Rainha para satisfação d'elles mandasse sobr'isso fazer exame e deligencias para ser asperamente punido quem taes movimentos fizesse: finalmente não se achou certo autor, nem cousa a que em especial fosse razão dar-se fé nem autoridade, e com tudo a furia do povo não amansava.

CAPITULO XXVIII

Como o Infante D. Pedro e o Infante D. João sobre estas cousas se tornáram a vêr, e o que acordáram

O Infante D. João a este tempo era doente em Alcochete; e enviou ao Infante D. Pedro que fosse, como foi, ve-lo, e sendo ambos juntos, o Infante D. João lhe disse:

«Senhor irmão, por não estar em disposição de poder ir onde estaveis, vos enviei pedir que chegasseis aqui; assi porque folgo muito de vos vêr, como principalmente por saber parte de vós, e de vossos feitos com a Senhora Rainha, os quaes não devem estar bem nem como á vossa honra cumpre, segundo a soltura e atrevimento que todolos fidalgos tem de fallar contra vós, tirando os de minha casa, e para se isto remedear convem que façaes o que não fizestes, que é nomearde-vos logo por Regedor do reino in solido. E para sosterdes vossa empresa tendes em vossa ajuda mui certos a mim e ao conde d'Ourem que aqui está comigo; e assi a cidade de Lisboa que vo-lo requere; e comvosco serão outros muitos que nos ajudarão n'esta contenda; e então venham os do juramento armados contra vós; e os Infantes d'Aragão entrem a favorecer o partido de sua irmã».

O Infante D. Pedro lhe disse:

«Leixando o mais que me dizeis, a esta derradeira condição por mais sustancial vos responderei primeiro; e digo que já vos disse outras vezes, quão pouco contente sou da Rainha e de seus máos conselheiros, e da dureza de sua condição, com que nunca quiz perder esta seita contra mim; e Deus sabe que cá lhe

não fui nunca nem sou em culpa para assi ser; antes lhe tive sempre merecimento, por desejar de a servir como era razão: e o galardão que d'ella houve foi sempre odio e má vontade para mim e minhas cousas; e mais agora, onde na esperança de suas honras e mercês já os fidalgos como dizeis me não olham senão por desprezo, crendo que o que mais fizer contra mim maior parte haverá d'ellas. E por isto e principalmente por minha segurança, certo prazer-me-ha muito ter corregimento; mas porque a esta sazão e tempo, segundo as divisões estão, eu o não poderia fazer sem esperança de muito damno e grande perda d'este reino, o que eu não queria, a mim parece como vos já disse, leixarmos vir o tempo das côrtes; e se n'ellas se acordar que tenha o Regimento, então serei contente de o tomar; e d'outra maneira não».

O Infante D. João disse:

«Certo bem me parece vossa conclusão; mas tenho receio a estes de Lisboa com esta vossa dilação perderem por ventura este fervor que tem para vossa ajuda, e serem depois máos de tomar a nosso proposito».

«Não cureis (respondeu o Infante D. Pedro) cá se Deus vir que é seu serviço, Elle por sua bondade ordenará como se faça; e por isso sede certo, que por nenhuma cousa não emprenderei encargo que seja sem côrtes; mas que sei que a Rainha escreve aos fidalgos que são de sua parte, que venham a ellas poderosos, eu como defensor o quero fazer saber ás cidades e villas do reino; e que sejam prestes para qualquer movimento e novidade que se seguir.»

E com esta tenção que seu irmão aprovou, se despediu d'elle.

CAPITULO XXIX

Como o Infante D. Pedro avisou e percebeu o reino sobre os alvoroços que se ordenavam

E Tanto que o Infante D. Pedro foi em Camarate, que era no começo de Setembro do anno de mil e quatrocentos e xxxix, logo escreveu a todolos logares do reino notificando-lhe os movimentos que se esperavam, de que era certificado, e as causas de quem procediam, encommendando-lhe que logo se fizessem e estivessem prestes para quando vissem seu recado; por quanto de semelhantes uniões não se podia seguir, salvo desserviço de Deus e d'El-Rei e grande mal e damno de seus reinos e naturaes, e assi foram avisados do Infante os messageiros que levaram as cartas, que todas em todo o reino a um dia certo e logo assignado por elle, fossem dadas. E tanto que assi escreveu, se partiu para Coimbra e suas terras.

A carta para Lisboa foi dada na Camara da Feitura a xv dias, sendo já o Infante partido, e depois de vista foi posta nas portas principaes da Sé, onde esteve alguns dias sem haver logar de se poder acabar de lêr, e de noite com candeias a vinham trelladar; e sobre as cousas d'ella as praticas e alvoroços eram tamanhos, que em publico e em secreto não se fallava em outra cousa.

Os da cidade depois de haverem seu conselho acordaram responder ao Infante, em que remercearam sua notificação, e se offereceram para todalas cousas que fossem de sua honra e serviço, e elle dispozesse e mandasse. As outras cidades e villas do reino responde-

ram todas conforme a isto em sustancia; sómente a cidade do Porto emadeo mais, que queria que o Infante D. Pedro só, sem outra ajuda nem companhia fosse Regedor: e com estas cartas houve no reino grande alvoroço, com alguma indinação contra a Rainha, por n'ellas se tocar entrada de gentes extrangeiras n'este reino em seu favor e ajuda.

Mas se o Infante isto escreveu por ter d'isso a esse tempo alguma certidão, ou o fez de industria por alvoroçar as gentes contra a Rainha e contra os que seguiam sua tenção, isto fique a Deus e em sua conciencia, sómente é de crêr que o Infante o não faria sem causa; especialmente porque a esse tempo os Infantes d'Aragão irmãos das Rainhas de Portugal e de Castela prosperavam n'aquelle reino; e era de presumir que nos aggravos de que se ella queixava, se socorreria a elles, que a deviam e podiam bem ajudar, e elles lh'o não denegariam por seu sangue e grandeza.

CAPITULO XXX

Como se o Infante D. Pedro despediu da Rainha, e da falla que como descontente lhe fez

Ante que o Infante D. Pedro partisse de Camarate para suas terras, foi a Sacavem fallar a El-Rei; e depois de se despedir d'elle e lhe beijar a mão entrou onde a Rainha estava, e com a presença carregada lhe disse em pé e de praça algumas palavras, cuja sustancia foi recontar-lhe serviços que lhe tinha feitos com desejo de fazer outros maiores, de que finalmente até então não houvera d'ella outro galardão, salvo odio e má vontade com

que sempre procurára em todo sua deshonra e abatimento; e assi lhe tocou nas differenças em que andavam, e nos percebimentos que mandára fazer, e em outras cousas d'esta calidade, com razões assaz graves e honestas, e em fim declarou «que até li a Rainha o tivera como ella queria, e que d'hi em deante o tomaria como o achasse». E n'esta conclusão que pareceu de rompimento, se despediu d'ella sem lhe beijar a mão, nem cometer de o fazer. O que a Rainha ouviu com grande segurança e assessego, e não lhe respondeu cousa alguma; porque o Infante com sua trigosa partida não deu a isso lugar, e porém sentiu muito partir-se assi d'ella o Infante com mostrança de tamanho desacatamento; o que por assi passar de praça foi logo divulgado, que a uma parte e a outra acrecentou mais materia d'alvoroços e uniões.

CAPITULO XXXI

Como a Rainha com El-Rei e seus filhos se foi a Alanquer, e do que se seguiu em Lisboa

A Rainha se partiu com El-Rei e seus filhos e sua casa para Alanquer, muito revosa dos movimentos e alvoroços de Lisboa, e pouco segura em Sacavem onde estava, por ser aldêa fraca e tão perto da cidade, como quer que d'alguns seus fosse aconselhada que o não fizesse, antes que se fosse dentro á cidade; porque era de crêr que sua presença daria ao povo menos ousadia para contra ella seguirem e acabarem o que tinham começado; e que sua ausencia com mostrança de temor causaria o contrairo

Os officiaes de Lisboa vendo esta mudança da Rai-

nha fizeram logo seu ajuntamento, onde Vicente Egas, homem cidadão velho, entendido e de grave representação fez uma falla com largo recontamento, cuja sustancia foi avisar a cidade dos males e perigos que por as mudanças presentes se lhe aparelhavam; e como para terem por cabeça alguma pessoa que por ella os resistisse, lhe era necessario enlegerem e tomarem alferes, apontando logo o capitão Alvaro Vaz d'Almada, que da cidade fôra o derradeiro alferes, como por outros muitos e mui dinos merecimentos e louvores que d'elle com verdade recontou; no que todos consentiram, e por dois cidadãos o enviaram logo chamar, por quanto era fóra da cidade; e em chegando á ribeira, sendo já sabido a determinação sobre que vinha, se ajuntou com elle a mór parte da cidade, e assi acompanhado com grande honra foi levado á Camara, onde por os vereadores com certas cerimonias e largas palavras de grande seu louvor e muita confiança, lhe foi entregue a bandeira da cidade com suas condições; e elle a recebeu com palavras cortezes e discretas, e de grande esforço; porque era cavalleiro que n'este reino e fóra d'elle por esperiencias mostrou que isto e muito mais de louvar havia n'elle, cá em França por sua ardideza e bondades foi feito conde d'Abranxes, e em Inglaterra por sua valentia foi recebido por companheiro da Ordem da Garrotea, de que principes christãos e pessoas de grande merecimento são confrades; e em Portugal por todas estas, e mais por sua linguagem e fidalguia mereceu ser como foi capitão mór do mar.

CAPITULO XXXII

Accordo que o povo de Lisboa fez ácerca do Regimento

Estando o Regimento do reino n'este balanço, mais com mostranças de guerra que de paz, e com signaes mais de perigo que de segurança, os officiaes macanicos de Lisboa com outra gente popular se ajuntaram em S. Domingos da Cidade, onde fizeram escrever e assignaram um acordo, em que por algumas razões que apontaram, e em especial por o perigo e não bom Regimento do reino, declaravam e se affirmavam, «que o Infante D. Pedro fosse seu Regedor e defensor sómente; e que assi promettiam de o requerer nas côrtes; e que o contrairo não consentiriam ou morreriam sobr'isso, se o caso assi requeresse.»

A qual cousa sendo logo sabida, como quer que a alguns parecesse determinação de pouco peso e auctoridade, o contrairo pareceu a Pedro Annes Lobato, que por ser muito servidor da Rainha, se foi logo a Alanquer onde estava, e lhe notificou com tristeza aquelle acordo, havendo-o por principio mui contrairo a seu serviço, affirmando que não podia ser sem favor e consentimento dos principaes, e com aquelle acatamento que devia a reprendeu muito da segurança que n'estes feitos sempre tivera, e o pouco cuidado de os remediar nos começos ante d'alguma execução, especialmente estando tão ácerca e tão avisada cada dia dos movimentos que se faziam.

E perguntado pela Rainha e pelos do conselho que hi eram, que se faria ou que remedio se daria

para o povo cessar de seu alvoroço, Pedro Annes respondeu «que já não sabia, salvo pedi-lo a Deus.»

E finalmente depois de sobre isso praticarem, acordaram que a Rainha escrevesse, como logo escreveu á cidade, e além das razões santas e virtuosas na sua carta logo declaradas, por que deveram ser bem seguros dos receios com que se alteravam, Pedro Annes que era o messegeiro, lhes disse outras muitas mais, a ellas conformes, em que não fallecia siso e prudencia; mas d'isto em fim se fez pouca estima, e responderam a tudo como já endurecidos em sua maginação e porfia.

CAPITULO XXXIII

Como a cidade de Lisboa entendeu contra o Arcebispo D. Pedro pelos cubelos da alcaçova que tomou

Não é de duvidar que a Rainha para toda paz, bem, e assessego do reino tivesse sempre mui virtuoso desejo; mas muitas vezes por ventura, por estar assi determinado na providencia divina, os seus sem vontade d'ella damnavam e faziam duvidoso seu proposito; porque estando a cidade de Lisboa em alguma consiração de repouso por o que a Rainha lhe tinha escripto e enviado dizer, o Arcebispo D. Pedro seu primo, que em todo seguiu sua tenção, pousava nos seus paços d'Alcaçova pegados com Sancta Cruz, e porque entre elles e o castello vae um lanço de muro em que está a porta, que se chama de Martim Moniz com alguns cubellos altos, mandou cobrir e abrir para elles uma porta porque se corriam por cima do muro, ficando a porta da ci-

dade que sahia para fóra sujeita a sua disposição, e da outra parte dos paços contra o bairro dos escolares, tinha dias havia feita uma torre mui alta, forte e fremosa em que se acolhia; e sendo as cousas da Rainha havidas na opinião do povo por tão suspeitas, o Arcebispo além da obra e refazimento que nos cubellos mandara fazer, dizia soltamente palavras que pareciam ameaças com esforço alheio. E deu aos seus armas além das custumadas, e dizia-lhes de praça taes razões, que os mettia em alvoroço; e elles fallando ousadamente pela cidade, mettiam a outros muitos em outro maior: e com isto não apagavam, mas acendiam mais a suspeita e receios que o povo tinha: a qual cousa sentida pelos officiaes, fizeram sobre isso vereação e acordo; e por dois deputados para isso mandaram requerer em sustancia ao Arcebispo que logo despachasse e leixasse o muro e cubellos, que eram proprios da cidade, de que a tinha forçada. O qual anojando-se de tal recado, como era de aspera condição, e não muito sobjecto a deliberado conselho, respondeu aos messegeiros de maneira que foram d'elle mui descontentes; sobre o qual se tornaram outra vez a juntar em camara, e se alguns com difficuldade o não temperaram, o primeiro acordo era de mór rigor e damno; mas em fim acordaram que os cubellos fossem logo despachados, e fechada a porta que o Arcebispo mandára abrir; do que elle mui anojado, sendo constrangido para o cumprir, se sahiu logo da cidade, e depois para Castella, como ao diante se dirá.

CAPITULO XXXIV

Vinda do Infante D. João á cidade

A cidade de Lisboa, pela confusão e receios em que estava, ocordou de enviar o capitão Alvaro Vaz ao Infante D. João, notificar-lhe os feitos como estavam e pedir-lhe por mercê, que para ser sua cabeceira quizesse estar na cidade, porque sua presença lhes era mui necessaria, até que nos feitos se tomasse alguma boa conclusão.

Ao Infante prouve muito de o fazer; e se veiu logo a ella e pousou nas casas da Moeda, onde entendida a sustancia do caso, conhecendo que a maior parte da inclinação e vontade do povo e cidadãos, era o Infante D. Pedro reger, louvou muito seu proposito, e os esforçou n'elle.

CAPITULO XXXV

Como a Rainha escreveu a Lisboa e todo o reino sobre o assessego d'elle

A Rainha como foi em Alanquer, logo escreveu a Lisboa, e alli geralmente a todas as cidades, villas e povos do reino, notificando-lhe alguns beneficios e boas obras que já lhes procurara para os obrigar; e assim as causas dos aggravos e sem razões que ácerca do Regimento recebia, para os mover a piedade, descarregando-os com razõas boas, honestas e de razão, dos temores que d'ella tinham ácerca do

meter das gentes estrangeiras n'estes reinos, e segurando-os da vingança que lhes faziam crêr que ella d'alguns cruamenta queria tomar; encommendando-lhes e requerendo finalmente, que para as côrtes que se chegavam, cessassem de requerer novidades acerca do Regimento, e quizessem approvar o que El-Rei D. Duarte seu marido leixara, ou ao menos o que nas côrtes de Torres Novas fôra acordado, com alguns protestos fundados em sua boa e virtuosa tenção, mandando que por seu descargo se d'ello se seguissem alguns males e inconvenientes, que suas cartas se registassem nos livros das camaras, e puzessem nos cartorios das religiões: o que se não fez assim; porque na maior parte do reino era o alvoroço tamanho contra a Rainha, que álem de não quererem vêr suas cartas, ainda tratavam os messegeiros d'ellas asperamente, e não como deviam. E porque Gomes Borges que era escrivão da chancellaria d'El-Rei, poz nas portas da Sé a carta que a Rainha enviou a Lisboa, foram os povos sobre elle, e tão indinados, que com difficuldade escapou da morte.

CAPITULO XXXVI

Declaração que Lisboa fez de o Infante D. Pedro só reger o Reino

Estando assi as cousas n'esta confusão, o doutor Diogo Affonso Mangancha em que havia letras e ardideza com pouco repouso, e um Lopo Fernandes, tanoeiro de Lisboa, homem velho afazendado, e de que o povo fazia grande cabeceira, estes ou por serem afeiçoados á parte do Infante D. Pedro, ou por

lhes parecer razão elle só reger e não a Rainha, ordenaram e praticaram entre si que o doutor fizesse na camara uma publica falla sobre isso, affirmando que todavia era bom, antes das côrtes se fosse possivel, assi se declarar e requerer; e que ao menos no cabo da falla conheceriam nos rostos dos mais suas vontades para seu aviso: e era opinião que d'esto não desprazia ao Infante D. João, pelo favor que dava e gasalhado que fazia a este tanoeiro.

E junta a mór parte da cidade na camara, sem geralmente se saber a que fim, o doutor Diogo Affonso propoz sua falla, em que logo com muitas e vivas rasões tocou os erros que havia em o Regimento do reino ser repartido, como fôra em Torres Novas; e assi com determinações do Direito Canonico e Civil, e com auctoridades do Testamento Novo e Velho, e com exemplos d'historias antigas reprovou Regimento publico ser dado a mulher, porque excludio a Rainha; e com outras de não menos rasão e auctoridade provou que devia ser dado a homem barão, em que houvesse as virtudes e calidades que todas achou com verdade no Infante D. Pedro, para o qual concludio que devia ser requerido e forçado para isso, quando por sua vontade o não quizesse acceitar.

Acabando o doutor sua falla, foi-lhe por um vereador dadas graças por ella em nome de todos, os quaes encommendaram logo ao capitão que desse sobre o caso sua voz, que a deu com cautellas e fundamentos de homem prudente e mui avisado, em que concludiu mais além, que era grande perigo e aleijão, El-Rei ser mais criado em poder de mulheres; e não menos erro reger a Rainha, não sem muitos merecimentos e grandes louvores d'ella, que tambem apontou para ser sempre servida e acatada; e que o Infante D. Pedro devia reger.

Era alli Martim Alho, cidadão honrado, e por ser muito servidor da Rainha quizera dilatar esta conclusão para outro ajuntamento e mais pessoas, parecendo-lhe que se apertava muito em seu d'esserviço; mas Ruy Gomes da Grã, outro si cidadão, e de boa e antiga linhagem, que era presente, com palavras de grande auctoridade e rasão contradisse muito a dilação n'este caso, e louvou a breve conclusão; e depois de muitas praticas e largos apontamentos, elle com os mais approvaram e pozeram em escripto este accordo que se segue.

CAPITULO XXXVII

Fórma do acordo sobre o Regimento

Em nome de Deus nosso Remidor e Salvador Jesus Christo, e de sua Santissima Madre a Virgem Maria nossa Senhora. Acordâmos em uma voz e acordo, todolos fidalgos, cidadãos, e homens bons da cidade de Lisboa, consirando o trabalho e grande destruição que em todo o reino ha por causa de ter diversos Regedores, entre os quaes sempre era divisão, em grande damno e perda de todo o reino, querendo a cidade remediar a serviço de Deus e d'El-Rei nosso Senhor, como aquella que sobre todas as cousas d'este mundo mui leal e verdadeiramente o ama, todos em uma voz acordamos, e determinamos que n'estas côrtes que ora prazendo a Deus serão feitas, conhecendo nós a grande lealdade e muita prudencia do muito alto e muito excellente Principe e Senhor o Infante D. Pedro, e como é filho legitimo do muito poderoso e virtuoso Rei D. João nosso Se-

nhor, cuja alma Deus haja, e o mais ancião sangue chegado á mui alta e real corôa do muito excellente e poderoso Principe El-Rei D. Affonso nosso Senhor, que elle dito Senhor Infante D. Pedro seja Regedor livremente e in solido n'estes reinos, e até que prazendo a Deus, El-Rei nosso Senhor, que sobre todos mais lealmente amamos, seja em edade para os por si poder reger e deffensar, ao qual tempo o dito Senhor Infante D. Pedro seu leal sangue e vassalo leixará livremente a possessão de seus reinos e senhorio; e lhe entregará a ministração e Regimento d'elles pacificamente, para El-Rei nosso Senhor os governar e reger, como fizeram os mui virtuosos Reis d'onde elle descende; e vindo tal caso, que o Senhor Infante D. Pedro não possa ter o Regimento e governança dos ditos reinos, que por esta fórma e maneira seja dada e a haja o mui leal Principe e Senhor Infante D. Anrique seu irmão; e fallecendo elle, seja por o semelhante dada ao Senhor Infante D. João; e por esta guisa ao Senhor Infante D. Fernando, que Deus de terras de mouros traga com bem e liberdade a estes reinos; e fallecendo todos ante que El-Rei D. Affonso nosso Senhsr seja em edade para reger, que então por esta fórma venha o dito Regimento ao conde de Barcellos, e aos condes d'Ourem e d'Arrayollos seus filhos, com todas as clausulas e condições suso escriptas.

E assi acordamos e determinamos que a muito alta e muito excellente e muito prezada a Rainha D. Lianor nossa Senhora seja sempre em sua vida honrada e manteuda, acatada e servida em seu alto e real estado; e por esta mui nobre e leal cidade de Lisboa e povo d'ella lhe seja sempre feito tanto serviço, prazer, e mandado, assi como somos teudos e obrigados por bons e leaes vassallos, e por ser madre d'El-Rei nosso

Senhor, assi e pela guisa que lh'o sempre fizemos em vida d'El-Rei D. Duarte, seu marido nosso Senhor, cuja alma Deus haja; e muito mais podendo-se fazer.

Alguns houve alli e poucos, a que d'este acordo não prouve; em especial a Martim Alho, que sobre algumas palavras que acerca d'esso disse, não lhe conveiu mais esperar; e se foi com sua vida e honra, a que o rumor do povo começava já de ser contrairo.

CAPITULO XXXVIII

Notificação d'este accordo ao Infante D. João, que o approvou

Feito e assignado este accordo, enviaram logo chamar Vasco Gil, confessor do Infante D. João, ao qual deram o accordo e lhe encommendaram que o mostrasse ao Infante, a cuja prudencia, correição e prazer o sometiam.

E mui em breve tornou Vasco Gil com a resposta em que o Infante approvava e louvava seu accordo, não como cousa feita por homens, mas como inspirada n'elles por Deus. E que porém ao outro dia quinta feira fossem ouvir missa com elle a Sancto Spiritu, e que alli lhes responderia.

Ao qual dia juntos todos e ouvida a missa, que se disse muito solemne com seus capellães e cantores, o Infante apartou os da cidade sómente e alli resumiu o accordo que fizeram e lhe enviaram mostrar. Onde com palavras de grande equidade lhes aguardeceu a notificação d'elle. E com razões de muita auctoridade o approvou, offerecendo-se a elles.

E pois aquella era a verdade, que pospostos os es-

pantos, ameaças e receios que se logo apontaram, promettia de lh'a ajudar a manter e cumprir: pelo qual a cidade assi favorecida em seu proposito fez no outro dia ajuntar no refeitorio de S. Domingos todo o povo, aquelle que pôde caber, onde em pulpito Pedro Anes Sarrabodes notificou em alta voz o accordo passado e a maneira que se n'isso tivera, requerendo a todos que dissessem o que d'elle lhes parecia. Onde logo sem bem se acabar a pregunta um Diogo Pirez, alfayate, bradando respondeu: «que accordo nem parecer ha de ser o nosso, salvo assignarmos todos esse, e fazermos logo vir o Infante D. Pedro, e comece de reger!»

Com aquella voz seguiram tantas vozes, que alguma se não ouvia; e com os assignados dos que tinham assignado foram logo outros tantos postos, que não cabiam em um grande quaderno; porque assi trabalhava cada macanico official de poer alli seu nome como se na postura d'elle acrecentasse sua honra e fazenda, e remedeasse de todo a necessidade do reino.

CAPITULO XXXIX

Notificação do dito accordo á Rainha, que o contrariou, e assi aos Infantes e ao reino

Concordado e assignado este accordo, a cidade o notificou logo á Rainha com fundamentos e causas justas e honestas, e com palavras do mór acatamento seu, que no caso cabiam. A qual lhes respondeu com uma notavel justificação, desfazendo e anichilando particularmente todalas cousas do acordo, denegando-lhe em todo a auctoridade para tal

poderem fazer, sem ajuntamento e concordia dos tres Estados do Reino, encomendando-lhes a revogação do accordo com algumas protestações e cautellas dos damnos, se sobr'isso viessem.

Não sómente a cidade de Lisboa notificou este accordo á Rainha, mas logo aos Infantes D. Pedro e D. Anrique, e condes; e assi ás cidades e villas do reino. E o Infante D. Pedro lhes respondeu agardecendo-lhes com palavras mui graciosas seu proposito, e oferecendo-se com outras de muito peso e discrição, aceitar o Regimento e seguir jurar e manter as condições do acordo. No qual isso mesmo as cidades e villas do reino sustancialmente consentiram. E principalmente a cidade do Porto por ter aquello mesmo dias havia determinado.

Mas o Infante D. Anrique na resposta que sobr'isso enviou, não mostrou ser do accordo contente, não por erro da sustancia d'elle, mas no modo que tiveram, por tomarem em tal caso a autoridade e poder que aos tres Estados do Reino em côrtes era sómente reservado, conforme ao que a Rainha apontára, concludindo em remeter seu acordo e tenção para as côrtes que se logo esperavam, onde tudo bem visto e consirado se faria o que fosse mais serviço de Deus e d'El-Rei, e bem de seus reinos, amoestando-os finalmente para paz e assessego, poendo-lhes os inconvenientes da divisão. E mais de si mesmo jnstificando tudo com palavras e razões de tanta autoridade, que bem pareciam dinas de tal Principe. E que sobretudo iria a Coimbra fallar ao Intante D. Pedro, e ao conde de Barcellos seus irmãos, e a conclusão que tomassem lhes faria logo saber.

D'esta resposta do Infante D. Anrique não foram os da cidade contentes; e muito menos o Infante D. João que n'ella era presente, o qual tomou cargo de

responder, como respondeu por ella a seu irmão, em que lhe afirmou o acordo se fazer e divulgar com sua autoridade, justificando com vivas razões todolos passos d'elle, tocando mui verdadeiramente para assi ser as necessidades em que o reino estava e danos que recebia por a multidão e divisão dos Regedores; e quanto um era mais necessario e proveitoso, o qual não podia nem devia ser, salvo o Infante D. Pedro seu irmão, por as calidades que n'elle para isso havia, que logo apontou dinas d'outro Regimento maior. Pedindo emfim, que com elle quizesse dizer: — *Confirmat hoc Deus, quod operatus est in nobis.* —

D'este acordo de Lisboa pesou muito ao conde de Barcellos; e comquanto era assaz discreto e avisado, em recebendo a acta da cidade, não pôde dessimullar o desprazer e sentimento que por isso recebia. E não era por singular affeição que tivesse á Rainha, nem por sentir que em ser o Infante D. Pedro Regedor era perda ou damno do reino; mas sómente segundo juizo commum e especiaes, que se depois seguiram, era com respeitos de seu interesse particular; de que porventura lhe dava mais esperança a brandura da Rainha governando, que o rigor e justiça do Infante regendo.

CAPITULO XL

Partida do Arcebispo D. Pedro fóra do reino

D. Pedro, Arcebispo de Lisboa, era na Alhandra anojado pela privação dos cubellos da cidade, como já disse; onde fallando com um Affonso Martins, ourives, que da cidade sobre cousas de suas rendas fôra com elle negociar, tocou

os accordos e movimentos da cidade com palavras de doesto dos cidadãos e povos d'ella; ameaçando-os com cerco poderoso de gentes estrangeiras, e com outros muitos males e deshonras, de que os em pessoa d'aquello logo certificava, e que não tardariam muito, congeiturando de sua confiança e favorecendo sua ameaça em alguns do reino e em outros muitos de fóra d'elle, que eram os infantes d'Aragão e sua valía. A qual cousa o ourives respondeu bem e avisadamente, esforçando-se em lhe não parecer direito de sua verdadeira vontade; porque d'elle não era de crêr cousa que tanto contrariava a seu sangue e habito, e na bemfeitoria e mercê que d'El-Rei D. João e de seus reinos tinha recebido.

Com o sentimento e juizo que o ourives tomou da tenção do Arcebispo, se tornou á cidade, onde o logo fez saber na camara d'ella. E por isso, e por se provar em uma inquirição que se contra o Arcebispo tirou, que brasfemara do Senhor que o fizera, a cidade com sua cleresia appellaram d'elle e o suspenderam de suas rendas e dinidade; e se enviaram queixar d'elle á Sé Apostolica por um João Lourenço Farinha, cidadão e pessoa de saber e auctoridade, com supplicatorias em nome d'El-Rei e dos Infantes. Pelo qual o Arcebispo se quizera colher a Obidos, e os da villa com sua suspeita o não quizeram n'ella receber.

E elle vendo que os feitos se inclinavam já contrairos de seu proposito e desejo, se partiu para Castella, d'onde depois foi retornado como se dirá.

A Rainha sendo já certificada da determinação em que o povo estava de lhe tirar o Regimento e da-lo ao Infante, sendo assi aconselhada por aquelles que a serviam, escreveu aos fidalgos que sostinham sua parte que não viessem ás côrtes, e se escusassem como melhor vissem; e enviassem a ella procurações abastantes

com suas protestações de não outorgarem nem obedecerem em cousa que se n'ellas accordasse. E elles assi o fizeram, os quaes eram o Arcebispo de Braga, o Priol do Crato, o marechal D. Duarte, senhor de Bragança, D. Duarte de Menezes, Fernão Coutinho, Gonçallo Pereira de Riba-Vizella, Alvaro Pirez de Tavora, Diogo Soarez d'Albergaria, Fernão Soarez, Ruy Vaz Pereira, Luiz Alvares de Sousa, Pero Gomes d'Abreu, Lyonel de Lima, Gomes Freire, Lopo Vaz de Castel-Branco, Martim Affonso de Mello, Diogo Lopes Lobo, Fernão de Sá, João de Gouvêa, D. Sancho de Noronha, e alguns filhos d'estes, e outras algumas pessoas d'outra condição.

Mas como quer que estes não viessem ás côrtes, posto que fossem tão grandes pessoas, ellas não se leixaram de fazer, nem elles recusaram obedecer inteiramente ás determinações d'ellas. Que por aquelle tempo, ainda que os fidalgos muito valessem, não era seu valor para contrariar a vontade dos filhos e netos d'El-Rei D. João, com que o reino e todalas cousas d'elle, por amor e razão logo pendiam.

CAPITULO XLI

Como o castello de Lisboa foi pela cidade tomado e dado ao Infante D. João, e o que se n'isso seguiu

D. Affonso, senhor de Cascaes, e D. Fernando seu filho sostinham a parte da Rainha; e porque D. Affonso era alcaide mór de Lisboa, tanto que sentiram as voltas da cidade contrairaz a sua tenção se meteram no castello, e com elles alguns fidalgos seus amigos e outra gente de sua cria-

ção: e começaram logo de poer n'elle grandes avisos de guardas de dia, e vellas e roldas publicas de noite. E os da cidade vendo tal novidade, e sendo certificados de muitas ameaças e palavras deshonestas que as vellas contra elles diziam, como sentidos d'isso acordaram de ir combater o castello. Mas o Infante D. João por evitar escandalos e damnos que se podiam d'isso seguir, por então os impediu; e tomou o cargo de assessegar se podesse esta alteração, por meio de D. Maria de Vasconcellos, mulher de D. Affonso, a qual por consentimento, e com seguridade do povo lhe veiu fallar ás casas da Moeda. Onde o Infante com palavras mui honestas e virtuosas lhe apontou, que por assessego de tantos alvoroços e uniões, quantos na cidade via contra seu marido e filho, fizesse com elles que lhe entregassem o castello, ou consentissem por sua segurança, que o Infante pousasse dentro, e elles tivessem suas forças e menagem.

D. Maria com este recado se veiu ao castello, e depois de sobre tudo haverem suas praticas e conselhos, ella tornou ao Infante com resposta e determinação de seu regimento. A qual brevemente foi elles não entregarem o castello, nem receberem outrem n'elle, nem se sahirem d'elle.

Verdade é que o pae logo consentira em alguns dos meios apontados; mas o filho por ser mancebo, em que o sangue e pontos de honra ferviam, o houve por abatimento e o estorvou, especialmente porque havia o partido da Rainha que seguiam, por mais esforçado que o do Infante D. Pedro que contrariavam; e juntamente com isto D. Maria disse ao Infante D. João:

«Senhor, se vossa mercê tanto desejo tem d'haver este castello, não sei porque o não tem d'haver tambem quantos outros ha no reino; pois está em vossa

mão, e o podeis fazer, e para certidão d'isto a Rainha minha Senhora vos envia por mim dizer, que ella é tão magoada das sem razões que o Infante D. Pedro contra ella tem feitas, e cada dia ordena, que antes se despoeria a todolos trabalhos e perigos do mundo, que consentir ser elle Regedor d'estes reinos. E que para verdes que o não faz por ella desejar para si o regimento, é mui contente que o hajaes vós. E para isso renunciará o direito que n'elle tem; pois sabeis que é todo o que de razão e justiça se requere. E mais lhe praz que El-Rei nosso Senhor seu filho case com D. Isabel vossa filha: e que d'aqui em diante vos terá em lugar de padre, para por este respeito e assi por ser já mulher d'El-Rei vosso irmão, que vos tanto amou, olhardes por ella e por suas cousas».

O Infante sorrindo-se das derradeiras palavras de D. Maria lhe disse:

«D. Maria, porque vos responda segundo logo começastes, a mim pesa de vosso marido e filho não consentirem em alguma das cousas que lhe por vós enviei apontar; Deus sabe que eu o fazia por seu bem; se lhes d'isso sobrevier algum mal pesar-me-ha; mas eu sem cargo. E quanto das outras cousas que da parte da Senhora Rainha me dissestes, dizei a sua Senhoria que nunca Deus queira nem quererá que entre os filhos d'El-Rei D. João, que nas mocidades em tanto amor e concordia se criaram, seja agora semeada tal cizania, porque se desamem e desconcertem; eu haveria temor de Deus e vergonha do mundo, não digo acceitar, mas sómente lembrar-me d'acceitar o Regimento do reino, em que tivesse dois irmãos mais velhos, e taes para isso, como são o Infante D. Pedro, e o Infante D. Anrrique. E quanto ao casamento d'El-Rei meu Senhor com minha filha não sendo o caso como é, certo seria a maior honra e o mór

acrecentamento que eu poderia desejar. De uma cousa sede bem certa, que com melhor vontade e menos sentimento meu soffreria ve-la no mundo em uma publica dissolução, que Deus não queira, que casa-la por tal maneira, contra a honra e vontade do Infante meu iamão, que me tem e eu lhe tenho mui verdadeiro amor. Cá não sómente erraria a elle, por ter já n'isso entendido e ser cousa mui razoada, mas ainda desobedeceria á alma e mandado d'El-Rei meu Senhor e irmão que Deus haja. Cuja vontade, assi na vida como na morte, sabeis que foi este casamento d'El-Rei nosso Senhor seu filho, com a filha do Infante meu irmão se fazer em toda maneira. E por isso esta é a razão que se faça, e não se deve contrariar. Mas vós dizei á Senhora Rainha, que sem isto que me por vós manda cometer, me tem sua mercê por fiel e certo seu servidor, e lhe peço por mercê que queira viver como é razão, e não curar de cousas que a ella nem ao reino não cumprem. E vós por seu bem e assessego, e com vossa discrição assi lh'o deveis d'aconselhar».

E com isto a despediu.

Os da cidade vendo a contumacia e ousadia de D. Affonso, receosos de poder ser com algum fundamento que a elles podesse ao diante trazer damno e perigo, por accordo geral que sobr'isso houveram, foram cercar o castello e o vallaram d'arredor, e lhe pozeram estancias e guardas para que de noite nem de dia não entrasse nem sahisse d'elle alguma pessoa, nem os de dentro podesscm receber soccorro, aviso, nem mantimentos.

E porque D. Affonso e seu filho com sua gente entráram no castello de subito, sem percebimento de mantimentos, vendo-se apertados da necessidade e perigo, e frouxos de esperança de remedio, leixou o cas-

tello ao Infante D. João com algumas seguranças que requereu, e se foi para a Rainha.

CAPITULO XLII

Mandou a Rainha velar e ofortalezar Alanquer, onde tinha El-Rei

A Rainha estava em Alanquer, onde tinha El-Rei e seus filhos, como já disse. E por lhe ser dito que depois do accordo de Lisboa, o Infante D. Pedro se percebia em Coimbra de gentes e armas, e que a fama e rumor era, ainda que falso fosse, para a vir cercar e a levar d'alli e El-Rei ás côrtes de Lisboa; tendo sobr'isso conselho, e não tomando o que mais devia, mandou velar, afortalezar e repairar a villa de muros, gentes, armas e mantimentos, e se poz em som de defeza, se tal caso sobreviesse. Com que ácerca do povo não aproveitou, mas damnou muito suas cousas; porque acrecentou e confirmou a muitos a suspeita que se d'ella havia, em esperar para seu socorro e ajuda gentes de fóra do reino.

CAPITULO XLIII

Dissensão que a Rainha procurou d'haver entre o Infante D. Pedro e o Infante D. Anrique

Sentindo a Rainha que o Infante D. Anrique, com quanto se mostrára sempre a seu serviço, seguia acerca do Regimento a parte do Infante D. Pedro. Por causar entre elles suspeita e differença em sua conformidade. Ou por ventura e mais

certo, por lh'o fazerem assi crêr. Escreveu secretamente de sua mão ao Infante D. Anrique que se não fiasse do Infante D. Pedro. Porque elle para haver com menos impedimento o Regimento que procurava, e mais soltamente usar d'elle, como era sua vontade, sabendo que não havia no reino de quem esperasse contradição, salvo d'elle, soubesse certo que o queria prender, de que sua vida não estaria muito segura. E ante que a carta d'este aviso fosse dada ao Infante D. Anrique, que estava em Soure, o Infante D. Pedro, que era em Montemór-o-Velho, por meios secretos que trazia, foi d'ella primeiro sabedor. E para preservar a vontade do irmão, que com tamanha falsidade contra elle em alguma maneira se não damnasse, partiu a gram pressa e mui aforrado, e lhe foi fallar, não lhe revelando cousa alguma da carta que lhe havia de vir; mas acceitando geralmente seu coração, com a firmeza de seu amor e amizade, para os movimentos e desaccordos que se lhe aparelhavam. Pedindo-lhe, que se contra elle viessem a suas orelhas algumas cousas, que a isto contrariassem, que as não recebesse em seu juizo, e d'elle cresse que o amava como a si mesmo.

O Infante D. Anrique não se saltou muito com aquella vinda; porque lhe parecia que os tempos e as mudanças d'elles o causavam e requeriam. E porém com palavras que em siso e prudencia, e confiança não desacordaram das do Infante seu irmão, lhe respondeu e o despediu.

A dois dias que o Infante D. Pedro se partiu, chegou Martim de Tavora ao Infante D. Anrique com a carta da Rainha que disse. E como a viu, maravilhado da sustancia d'ella, se foi logo a Coimbra só, onde já era o Infante D. Pedro. Ao qual mostrando-lhe a carta disse:

«Vêde senhor irmão o que me escreve a Rainha;

mas porque vejaes bem o temor que tenho de vós, venho assi percebido e seguro a vossa casa.»

E o Infante D. Pedro rindo-se, e com mostrança de grande amor, o abraçou e lhe disse:

«Senhor irmão, não me espanto taes tempos e taes vontades criarem fruita tão nova. E porque sabia já que vos haviam de convidar com ella, sem vo-lo dizer vos fui falar. Cá não eram a outro fim as cautellas da segurança que vos de mim fui dar; porque ainda que sobre tanta razão e firmeza pareciam então escusadas. Sabei que o receio d'este damnamento as não escusou. E porém a prisão que vós aqui recebereis será a honra e amor que de mi sempre recebestes, e me vós mui bem mereceis.

CAPITULO XLIV

Embaixada dos Infantes á Rainha

Alli estiveram os Infantes alguns dias, e com elles o conde de Barcellos seu irmão. E para com mais repouso e menos torvação proverem as cousas do reino, se foram ao logar da Pereira, onde accordaram que o conde de Barcellos fosse á Rainha requerer-lhe com razões assás justas e necessarias, que fosse ás côrtes de Lisbôa que haviam de ser o derradeiro dia de Novembro. E que se para sua ida e dos seus quizesse alguma segurança, ainda que não fosse necessaria, lh'a dariam na fórma que apontasse.

Partiu o conde de Barcellos para Alanquer, e por seu aviso, no dia que chegou foi ahi com elle seu filho o conde d'Arrayollos, que estando comendo se

ajuntaram em sua casa por modo de visitação as pessoas principaes que hi eram. O conde lhes estranhou logo com palavras honestas e razões mui efficazes, os alvoroços que na villa faziam de vellas e roldas, e tomamento d'armas aos vassallos, que pareciam começos de guerra, e como cousa feita por errado conselho a fez amansar, e tornar todo a estado pacifico. Foi logo o conde fallar á Rainha, e lhe disse:

«Senhora, os Senhores Infantes meus irmãos e eu, acordamos de eu vir a vós para sustancialmente saberdes que para concordia e bom assento dos grandes movimentos e negocios, que ora são n'estes reinos, assi do Regimento d'elles, como da cisma dos Papas e livramento do Infante D. Fernando, é mui necessario fazer-se côrtes geraes ante do saimento, ás quaes é bem que El-Rei nosso Senhor e vós vades. E elles e eu assi vo-lo pedimos que o queiraes fazer.

«A mim prazera, respondeu a Rainha ir ás côrtes como requereis, se ante d'ellas as cidades e villas do reino revogarem a enleição do Regimento que tem feita ao Infante D. Pedro, e elle a renunciar. E mais por quanto alguns fidalgos e outras pessoas por juramento são obrigados, assi a mim como a elle, de sosterem a parte que seguirmos, é bem que tudo isto se revogue, para uns e outros poderem livremente dizer e conselhar o que lhes parecer serviço de Deus e d'El-Rei meu filho Senhor, e bem de seus reinos. E se isto primeiro assi se não faz, eu por alguma maneira não irei ás côrtes.»

Com esta resposta assignada pela Rainha se partiu o conde para Coimbra, onde achou sómente o Infante D. Pedro. O qual depois de a vêr, disse:

«A inclinação que os povos sem mim e meu requerimento acordaram, elles pois tem o poder se o assi

houverem por bem a revoguem. E para isso é mais razão e mór necessidade que a Rainha vá ás côrtes, onde por ella e por aquelles que seguem sua vontade se poderá acerca d'isso requerer o que lhes parecer direito e justiça, e eu o não contradirei. Cá em caso que quizesse, hi haverá taes pessoas para sostimento de tamanha justiça e honestidade, que minha resistencia aproveitaria pouco. E quanto ao juramento de que aponta que releve os que seguem minha parte, seja certa que com verdade nunca se achará um só, que para tal obrigação me seja obrigado, e se alguns o são, não é por semelhante força, nem contra suas vontades, mas sómente por criação ou bemfeitoria que de mim tem recebido.»

O conde de Barcellos se foi logo a Guimarães, onde fez ajuntar D. Sancho, e o Arcebispo de Braga, e Vasco Fernandes, e Martim Vaz da Cunha, e Pero Gomez d'Abreu, e Lionel de Lima, e Alvaro Pirez de Tavora, e Luiz Alvarez de Souza, que segundo geral opinião seguiam todos a parte da Rainha, e com elles concertou que escusassem sua ida ás côrtes, posto que elle fosse, e que em qualquer forma que a qualquer parte ficasse o Regimento, sempre seria com segurança de suas honras, e esperança de mais seu acrecentamento

CAPITULO XLV

Recado da Rainha ao Infante D. Pedro quando de Coimbra vinha para Lisboa ás côrtes

O Infante D. Pedro partiu de Coimbra para Lisboa, e com elle álem dos de sua casa, João Gomez da Silva, e D. Fernando de Menezes,

e Alvaro Gonçalves de Tayde, e D. Fadrique de Cas-.ro, e Fernão Coutinho, irmão do marechal, e Gonçalo Vaz Coutinho, meirinho mór, e Pero de Lemos, e João de Tayde, senhor de Pena Cova, e a gente do Bispo de Coimbra, que faziam numero de mil e oitocentos homens de cavallo, e dois mil e seiscentos de pé, da qual cousa a Rainha foi avisada, e sendo certificada que o Infante havia de Torres Vedras ir a Alanquer para comsigo segundo diziam levar logo El-Rei ás côrtes, e receosa de assi ser, pelo desviar de tal proposito enviou a elle Anrique Pereira, que o topou em Alfazeirão, pedindo-lhe «que na maneira em que ia escusasse sua ida onde El-Rei e ella e seus filhos estavam, assi porque pareceria desacatamento, estando elles tão sós, como por a villa não ser capaz de seu aposentamento, e menos bastante para os manter. E que se sua ida assi era necessaria, que se não podia escusar, que quizesse ir muito aforrado.»

Como o Infante isto ouviu disse:

«Anrique Pereira, vossa vinda sobre tal caso fôra bem escusada, e verdadeiramente assi me salteam estes accidentes, que não sei que vos responda, sómente dizei á Senhora Rainha, que me doem muito estas sospeitas, e porém saiba que dos que se mais mostram a seu serviço, se deve mais guardar, pois tão erradamente a aconselham, e mais contra mim que desejo mais de a servir que a nojar. E que não fallo no que cumpre ao estado e serviço d'El-Rei meu Senhor; porque em desejar de o lealmente servir e amar, não darei avantagem a nenhum do mundo.

E com este recado se tornou Anrique Pereira á Rainha.

Seguiu o Infante sua viagem até o Lumiar, onde a petitorio dos da cidade de Lisboa, que ante de sua entrada quizeram fallar primeiro com elle, sobre-es-

teve alguns dias. Aos quaes com palavras de grande aguardecimento e mercês, tendo respondido, despediu a gente que com elle viera, leixando sómente os seus continos e alguns que para as côrtes vinham ordenados.

Lisboa porque seus accordos eram mui difficeis, e para os particulares não havia perfeita auctoridade, deputou doze cidadãos, a que por consentimento de todos o conselho e deliberação de todalas cousas de peso, que então occorrim foi comettido. Os quaes juntos sustancialmente accordaram que o Infante fosse logo declarado por Regedor in solido, sem outra ajuda nem companhia, até El-Rei ser em idade de per si o poder reger. E este accordo foi publicado a todo o povo no refeitorio de S. Domingos, onde logo com vozes e signaes de todos foi sem contradição approvado e consentido.

E os cidadãos enviaram logo ao Infante Pero de Serpa, e Martim Çapata, e Ruy Gomez da Grã, e João Carreiro a notificar-lhe o accordo passado, e pedir-lhe que ao outro dia quizesse entrar e ser seu hospede, com fundamento, que primeiro havia de prometter e jurar que logo só sem outra companhia nem ajuda começasse uzar do Regimento inteiramente. O Infante depois de lhes aguardecer sua ida e tenção, lhes disse:

«Amigos, sabei que n'este caso acordastes mais o que quizestes, que o que devieis; porque eu n'elle para o que a mim cumpre tambem não posso fazer se não o que devo, que é d'este cargo não me antremeter assi absolutamente, sem meus irmãos e sobrinhos, e sem os procuradores dos tres Estados que para isso são chamados. Porque do contrairo, a uns será desacatamento, e a outros causaria escandalo. Pelo qual me parece que a trigança para isso não é agora

necessaria; mas que deveis sobre-ser até as côrtes que serão logo. E o que n'ellas se accordar e determinar, isso será o que se então deve fazer e cumprir».

«Senhor, disseram elles, essas justificações de que vossa honestidade se acautella, bem era que cessem assi; mas ellas para este caso já são feitas; porque das cidades e villas, que n'elle hão de dar voz, aqui temos por suas cartas seus consentimentos. E para o cumprimento de vossos irmãos, aqui tendes vosso irmão o Infante D. João que o requere assi e ha por bem. E com os outros já fallastes, que o não contradizem. E por tanto Senhor, vos pedimos que não alongueis o que vos tão justa e devidamente offerecemos. Nem deis causa que de vossa escusa se sigam alvoroços e desconcertos de povo, que serão depois impossiveis, ou mui trabalhosos de concertar.

CAPITULO XLVI

Entrada do Infante D. Pedro em Lisboa, e como ante as côrtes acceitou o Regimento

E como quer que da vontade do Infante fosse todavia leixar tudo para determinação das côrtes. Porém vendo-se constrangido dos cidadãos, teve conselho com esses principaes que trazia, dos quaes todos foi aconselhado, que ao outro dia entrasse na cidade e fizesse o que ella lhes requeria, pois o contrairo pelas cousas que eram já n'isso passadas, não contradizia a honestidade nem razão. Pelo qual o Infante consentiu no entrar ao outro dia. E defendeu a solemne procissão e outros grandes estrondos e cerimonias com que ordenavam de o rece-

ber. Mas que seu recebimento fosse sómente ao costumado que lhe sohiam fazer sem outra ennovação.

Ao outro dia entrou o Infante, sendo no caminho recebido do Infante D. João e de todolos fidalgos e pessoas de conta da cidade com gram prazer e alegria. E assi foi levado ás casas do Mestre d'Aviz, que estão junto com a Sé, onde pousou.

E ao outro dia, dia de Todolos Santos, foi ouvir missa á Sé, onde lhe foi requerido que o juramento que a cidade tinha acordado, elle o fizesse, como logo fez, nas mãos de D. Alvaro d'Abreu, Bispo d'Evora, onde publicamente jurou e prometeu com as mãos postas sobre os Evangelhos e Cruz, de bem e lealmente reger e defender estes reinos em nome d'El-Rei D. Affonso seu Senhor, até ser em disposição de os per si poder reger e defender, e que então lh'os entregaria livremente e sem contradição nem cautella, e o serviria sempre com amor e lealdade, como bom e leal vassallo.

Tardou o ajuntamento das côrtes até os dez dias de Dezembro, onde os Infantes com todolos procuradores sendo juntos nos Paços d'Alcaçova, o Infante D. João se levantou em pé e disse que algumas cousas que a todos ali queria propoer por serviço de Deus e d'El-Rei, e bem do reino, por não estar por então em disposição de per si as poder dizer, encomendou ao doutor Diogo Affonso Mangancha que por elle as dissesse, pedindo-lhes que logo o ouvissem.

O doutor que era presente, cessando todo o rumor, propoz uma arenga grande e bem dita, cuja sustancia foi aprovar em nome do Infante D. João, que fôra bem feito enleger o Infante D. Pedro por só Regedor, contradizendo o accordo e determinação das côrtes de Torres Novas, em que o Infante não fôra, e de si mostrou com claras razões, aprovadas por Direito Di-

vino e Humano, e autorizadas por claros exemplos, que mulher não devia ter Regimento. Nem que dois em companhia não deviam reger; mas um só, e para ser um só devia ser o Infante D. Pedro, e que a Rainha servissem e acatassem todos como era razão e o requeria ser mulher e madre de taes dois reis, sangue e virtudes que tinha.

Foi por todos geralmente consentido na proposição do doutor, e aprovaram sem contradição o Infante D. Pedro haver só de reger, de que se fez um accordo que testemunharam quatro notairos que a todo eram presentes, Lopo Affonso e Ruy Galvão, e Martim Gil, e Gonçallo Botelho, officiaes da camara e fazenda de El-Rei. O qual accordo foi logo por todos alli assignado, salvo pelo conde d'Arrayollos, que se escusou de o assignar, nem chamou depois ao Infante Regente, mas seu nome; como quer que obedecesse a seus mandados inteiramente, e melhor que alguns que o enlegeram e assignaram.

Foi isso mesmo acordado que o Infante fizesse como fez, juramento na fórma do passado, de reger bem o reino e o entregar livremente a El-Rei, como fosse em edade e disposição de o por si reger e deffender. E certo o Infante D. Pedro o fez assi sempre bem, e como devia, que para ser louvado sobre todolos Principes de seu tempo, não lhe falleceu se não ser Rei; porque em Regedor não dava assi as cousas á inteira execução que se requeria. E tudo por temperança e assessego do reino, e por evitar escandalos, odios, invejas a que não pôde fugir, cá em fim o encalçaram com a morte, e com quebra de seu estado, como adiante se dirá.

CAPITULO XLVII

Notificação do acordo passado á Rainha, que o não consentiu

O Infante D. Pedro por si só, e des-hi os outros infantes, condes e fidalgos e procuradores das cidades e villas que foram presentes, por suas cartas notificaram logo á Rainha que estava em Alanquer, todo o passado, com razões e fundamentos de serviço de Deus e d'El-Rei, e grande descanço d'ella. Pedindo-lhe todos com muito acatamento que o houvesse assi por bem e quizesse trazer El-Rei á cidade para lhe ser feita a reverença que lhe todos deviam e desejavam fazer. E para em sua presença se tratarem algumas cousas, que a seu estado e serviço, e bem de seus reinos convinham.

Com este recado o Infante enviou á Rainha Alvaro Gonçalvez de Tayde, governador de sua casa, homem prudente e bem razoado, e de que muito fiava.

A Rainha recebeu a messagem com signaes de grande tristeza, e por conselho dos que com ella eram, sustancialmente respondeu *que se os Senhores Infantes, condes e povo, revogassem a enleição do Regimento, que era feito ao Infante, e o dessem a ella como eram obrigados, seria contente levar El-Rei á cidade. E d'outra maneira que o não faria.* E ao dar da resposta tomou d'isto estromentos por seu resguardo.

Tornou-se Alvaro Gonçalez aos Infantes com esta resposta, e vendo-a contraira a sua determinação, acordaram de enviar a ella com a mesma sustancia Affonso Nogueira, que depois foi Arcebispo de Lisboa, e o ministro de S. Francisco, confessor d'El-Rei, como pes-

soas espirituaes, e de boas conciencias, os quaes como quer que para a commoverem a consentir no passado lhe dissessem causas e razões para Deus e para o mundo assaz evidentes, ella forçada por ventura de sua fraca humanidade, ou dos errados conselheiros, que em contrairo tinha ouvido, acusou com palavars mui honestas a si mesma, e a dureza de sua conciencia por o não poder fazer. E em fim nem consentiu em o Regimento lhe ser tirado, nem de levar El-Rei, nem dar lugar que fosse por outrem levado a Lisboa, com quanto lhe fossem feitas grandes seguranças de logo El-Rei lhe ser tornado, como na cidade estivesse alguns dias.

CAPITULO XLVIII

Ida do Infante D. Anrique á Rainha para leixar vir El-Rei ás côrtes, e lh'o tornarem

Com este recado foram os Infantes mui descontentes, e o povo mui alvoraçado, e leixadas muitas praticas e tenções que se moveram, finalmente foi acordado que o Infante D. Anrique por derradeiro e principal cumprimento fosse sobre o mesmo caso a ella, como foi.

E apartados ambos, o Infante lhe fez uma falla, em que obrou tanto sua virtuosa tenção e bom proposito com que ia, que demoveu a Rainha ao que desejava. D'onde foi de crêr, segundo era virtuosa e amiga de Deus, que se conselheiros apassionados a não torvaram, ella e sua vida e estado conseguiram outro fim de mais sua honra e descanso.

Ao outro dia partiu d'Alanquer o Infante D. Anrique com El-Rei e com a Rainha e Principe, para

Santo Antonio, camara do Arcebispado de Lisboa, e o Infante D. Pedro, sabendo que a Rainha não resistiria ao Infante D. Anrique, e viria ao que elle quizesse e levava ordenado lhe requerer, se foi de Lisboa a Alverca, d'onde sahiu ao caminho, e com grande acatamento beijou as mãos a El-Rəi e á Rainha, como quer que ella se quizera d'isso muito escusar, e assi chegáram a Santo Antonio bespora de Natal, onde foi acordado que El-Rei e a Rainha tivessem a festa. A qual passada, os Infantes todos tres foram por El-Rei e por o Principe seu irmão. Dando primeiro á Rainha segurança por seus assignados, de logo lhe tornarem El-Rei a seu poder, criação e governaça.

CAPITULO XLIX

Entrada d'El-Rei em Lisboa para as côrtes

Veiu El-Rei por agua até Lisboa e foi recebido á Porta d'Oura, e d'alli levado á Sé e aos Paços d'Alcaçova. Indo El-Rei e seu irmão e os Infantes sómente a cavallo, e os condes e outros senhores foram todos ante elles, e esse recebimento foi com tantas cerimonias d'acatamento, obediencia e alegrias assi celebrado, que em qualquer parte do mundo onde mui altamente recebimentos se costumassem fazer, este fôra mui muito louvado, e o Infante D. Pedro foi só o que poz El-Rei a cavallo e o deceu. O que não sómente fez aquelle dia, com assignado acatamento e leal obediencia e grande reverencia, mas sempre depois o continuou e acrecentou, em dez annos que por elle regeu seus Reinos. Cá por si o serviu e fez aos outros servir com tamanho cumprimento de seu

estado e serviço que se não póde dizer que outro algum Principe fosse melhor criado no mundo, nem ensinado.

Mandou logo o Infaute D. Pedro a Ruy Gonçalves de Castel-Branco, védor que fôra d'El-Rei D. Duarte, que fizesse nos paços correger em grande perfeição a salla em que El-Rei havia d'estar nas côrtes. E concordado o dia, que foi aos dez dias de Dezembro de quatro centos e XXXIX, e assentado El-Rei em sua cadeira, e acompanhado de senhores e officiaes, como para auto tão real convinha e se acostumava, o doutor Diogo Affonso Mangancha propoz a arenga em nome d'El-Rei ao povo, cuja principal sustancia foi: «aprovar e confirmar a enleição por elles feita de o Infante D. Pedro para por elle reger, e agardecer-lhes e prometer-lhes mercês, honras e liberdades pela assi fazerem, e assi encommendar ao Infante que o fizesse assi bem e direitamente, como d'elle confiava, e mandar a todos que lh'obedecessem, como á sua propria pessôa».

E em acabando o doutor, o Infante D. Pedro com os giolhos em terra beijou a mão a El-Rei, e sua Senhoria lhe entregou logo um páo em que estava atado o sello secreto, em signal e nome de poderio. E como se deu fim a estas cousas, foi logo El-Rei tornado á Rainha sua madre, segando pelos Infantes lhe fôra prometido.

O Infante D. Pedro na casa das côrtes fez logo ajuntar os do povo e alguns do conselho, e sendo entre elles em pé, lhes disse com muita gravidade: — «que pelo grande cargo do Regimento que lhe fôra encommendado, era necessario elle fazer de si outro homem». — Pelo qual lhe fez alguns avisados amoestamentos, em signal de sua grande bondade e muita prudencia, para os que bem e direitamente vivessem

esperassem d'elle em nome d'El-Rei seu Senhor, bem e mercê, e assi pena e castigo aos que o contrairo fizessem, encommendando-lhes outrosi que o amassem e lhe obedecessem, e quizessem ajuda-lo e deffende-lo com seus corpos e fazendas, assi como elle faria a elles mesmos quando lhes cumprisse. E principalmente que confiassem d'elle que todo o que fizesse seria afim de bem e justiça, em caso que lhes parecesse o contrairo. A's quaes cousas lhe foi por um deputado respondido, conforme a sua tenção e petitorio, e o Infante descobrindo sua cabeça lh'o agardeceu.

O conde de Barcellos mostrava d'este feito não ser contente, e desejoso de haver para si alguma parte do Regimento, e por enfraquecer ao Infante seu poder fez e ordenou certos capitulos em fórma de Regimento, que o Infante havia de ter em sua governança. Pelos quaes todolos feitos principaes tirava de seu juizo e os remetia ás côrtes, que cada anno apontava que se fizessem. O qual Regimento mostrado aos procuradores dos povos, houveram por escusado ennovar-se mais do que tinham acordado, e El-Rei aprovado. De que o conde mostrou ser assáz descontente, e começou logo de requerer a restituição da posse do Arcebispado ao Arcebispo D. Pedro seu cunhado; e porque não podia ser sem prazer e consentimento dos cidadãos, que d'elle tinham apellado para Roma, o Infante D. Pedro por contentar e assessegar vontades contrairas, e tirar inconvenientes e torvações a seu regimento, e assi tambem o Infante D. João, entenderam e trabalharam n'isto muito com diligencias, que pareciam verdadeiras e não fingidas. E em fim a cidade por Pero de Serpa seu cidadão, se escusou de o consentir com muitas razões, em que pareceu que não fallecia serviço de Deus, honestidade e muita justiça. Afirmando,

que todavia haviam de seguir sua appellação, durando a qual seria o Arcebispo suspenso, e trabalhariam porque fosse privado, e por esta dureza que os Infantes acharam nos cidadãos, pela mais não agravar, houveram por bem leixar por então este requerimento, esperando que depois se faria melhor, como fez. De que o conde de Barcellos não sómente contra os cidadãos, mas contra o Infante principalmente, mostrou grande sentimento, parecendo-lhe que por sua conjuntura e prazer a cidade tinha aquelle esforço de resistir.

A estas côrtes entre as outras graças e liberdades que o Infante D. Pedro em nome d'El Rei outorgou ao povo, foi que não houvesse aposentadoria em Lisboa, fazendo estados e casas, em que se El-Rei e sua côrte podessem alojar, e depois se deu assi a Evora e Santarem.

CAPITULO L

De como se apontou e aprovou não ser bem El-Rei se criar em poder da Rainha

Estando já as côrtes e despachos d'ellas em conclusão para os procuradores se poderem ir, um João Gonçalvez, procurador da cidade do Porto, com outro seu parceiro se foram á camara de Lisboa, sendo os officiaes d'ella em vereação. E cuidando os da cidade que iam despedir-se d'elles, como era de cortesia e custume, João Gonçalves disse:

«Senhores, a mim e a meu parceiro parece, que vós e todolos outros nossos irmãos e parceiros, que em nome do reino a estas côrtes viemos, as daes já por acabadas. E certo muitas cousas, mercês a Deus, se

concludiram n'ellas; porque El-Rei nosso Senhor é mui servido, e nós contentes. Porém a principal ficou por requerer e fazer. Sem a qual, todo o que se fez a nosso parecer é nada ou aproveita muito pouco».

Os cidadãos enleados de sua proposição, sabendo que era homem d'autoridade, cessaram de suas praticas em que estavam, e seguraram os rostos e as vontades para o ouvir. O qual proseguindo disse:

«Porque concludindo brevemente meu proposito, digo-vos que por se escusarem muitos danos e grandes inconvenientes que se não escusam, El-Rei não deve ficar em poder da Rainha como está, e alguns apontarei e os outros mais vós por vossa discrição e saber os entendei. Primeiramente a criação d'El-Rei por ser em poder de mulher, é a elle mui danosa, e sempre por isso ficará fraco e feminado. Que para qualquer homem privado é aleijão sobre todos, quanto mais para Rei. E se as comparações não fossem odiosas, e isto não fosse tão claro, por exemplos bem vo-lo poderia provar. Outrosi de sua creação, por tal maneira está mui evidente o perigo do Infante D. Pedro Regenta, e tambem nosso; porque segundo a Senhora Rainha, isto que acordamos sente por sua deshonra e grande quebra de seu estado, como em suas cartas e protestações parece claro, não é duvidar que criaria El-Rei em odio contra o Regente e contra nós, de que ao diante poderia por isso commeter uma grande crueldade, em que não haveria remedio. Porque como naturalmente aquellas cousas que os moços recebem na tenra edade se lhe emprantam no coração e em sua memoria para sempre, esta principalmente se lhe emprantaria muito mais, por lhe ser dita tão a meude, e com tantas lagrimas. Outro dano é a que se deve atalhar o crecimento de despezas desordenadas, a que as rendas do reino não bastáram. Cá umas são neces-

sarias ao Regente para manter seu estado e do reino, e outras cumprem de necessidade a El-Rei e a seu irmão, e outras á Rainha e suas filhas. Com outros inconvenientes que agora são escusados apontarem-se».

Aos cidadãos pareceu bem o motivo de João Gonçalves, e fizeram logo avisar os outros procuradores, que logo á tarde foram hi juntos, onde depois de havidas algumas praticas e altercações sobre o caso, accordaram que El-Rei e seu irmão deviam todavia ficar em poder do Infante D. Pedro. Ao qual d'este accordo logo avisaram, pedindo-lhe que o quizesse assi consultar com os Infantes seus irmãos, com os quaes ordenasse que se cumprisse.

O Regente depois de ouvir dois cidadãos que a elle sobr'isso foram, lhes respondeu:

«Dizei aos cidadãos e procuradores, que lhes rogo muito que cessem d'este movimento, e não me daria persumir-se que eu n'elle cabia por principal, se fôsse devido e necessario; mas eu o digo assi, porque na verdade ei por muito melhor ficar El-Rei meu Senhor e seu irmão em poder de sua madre, que no meu. Assi por satisfazer a sua consolação e contentamento como é razão e está concordado, como tambem por mais minha segurança e descargo, e sua Senhoria moço é, e sujeito como todos a enfermidades e casos mortaes, de que fallecendo, o que nosso Senhor não queira e o defenda, é certo que seria com grande minha tristeza e muita pena, e a mim poderiam dar a culpa de sua morte, e d'hi ávante eu com este cargo tenho tantas cousas em que entender, que a essa não poderia satisfazer como a ella requere e é razão; e que podesse, sabei que queria fugir aos odios dos aios, que eu com tal cargo não posso escusar, especialmente refreando El-Rei e seu irmão em cousas a

que sua mocidade os inclinará, em que por ventura mereceram mais emmenda e reprensão que louvor.»

Os cidadãos lhe replicaram:

«Senhor, quem vos bem conhece e vosso justo juizo e grande saber, sem errar vos póde dizer que d'outra maneira o entendeis, do que o fallaes. E por tanto isto que vos propozemos é assi em nós todos tão determinado para se cumprir, como o mais que fizemos. Cá se o passado foi proveitoso, n'isto ha proveito e necessidade; porque não é razão, nem queira Deus que um tão alto Principe como é El-Rei nosso Senhor, e que em tão pequenos dias nos dá de si tantas esperanças de bem entendido e virtuoso, seja assi creado em tanto aleijão, como é a criação em poder de mulheres. Antes pois em vós para isso ha tantas razões, é razão que o crieis e façaes ensinar em letras e reaes costumes, e o leveis ao monte e á caça, e lhe mostreis por vós o exercicio das armas, e por exemplos e doutrina, e merecimentos da cavallaria. E assi as outras cerimonias, manhas, e cousas que ao estado de um tal Principe convém, assi para os tempos publicos, como secretos, e com isto elle é de tão são e perfeito entender, que conhecerá que o servis bem e lealmente. E por isso vos amará e fará aquelle acrecentamento e mercê, que lhe prazendo a Deus merecereis.»

O Regente acalçado n'este caso da necessidade e razão de que se não sabia escusar, disse: «que se fallasse aos Infantes seus irmãos, e o que elles accordassem por melhor, elle o seguiria.» Aos quaes por os procuradores foi logo fallado, e assi aos condes e ás outras pessoas d'estima que eram na côrte. E por todos finalmente foi accordado: «que pospostas todalas cousas e assento passado, El-Rei ficasse em poder

do Regente». O que em pessoa lhe foi logo assi notificado. O qual disse:

«Certo não por resistir a vosso conselho e determinação, a que folgarei sempre de obedecer. Mas a mim parece que n'este caso o melhor será que a Senhora Rainha e eu andemos pelo reino juntamente, de que se seguirá que sua Senhoria criará El-Rei meu Senhor seu filho, e eu vê-lo-hei e servirei nas cousas que apontaes, quando fôr necessario. E prazendo a Deus, eu o farei por maneira, e com tanto prazer e contentamento d'ella, que sua Senhoria terá razão de conhecer de mim a verdade de que sempre duvidou, e perderá com isso alguns queixumes e escandalos que sem causa lhe fizeram ter contra mim.»

E louvando todos aquelle parecer, se foram com elle á Rainha, que ainda era em Santo Antonio, á qual pelo Infante D. Pedro e por os outros Infantes foram mui verdadeiramente ditas todalas cousas e razões que no caso havia para o haver de seguir. Mas ella finalmente não quiz, salvo que lhe ficasse a governança da fazenda juntamente com a criação de seus filhos, referindo-se ao accordo das primeiras côrtes. E que se das rendas para serviço d'El-Rei se houvesse alguma cousa despender, que fosse por sua autoridade e mandado. E como quer que pelos Infantes lhe fossem apontados muitos pejos e inconvenientes para assi não poder ser, e lhe pedissem que quizesse haver por bem o que accordáram, a ella não prouve. E os Infantes vendo sua determinação, se despediram d'ella para ainda consultarem se se acharia algum bom meio com que ella ficasse contente.

CAPITULO LI

Como a Rainha teve pratica com os seus principaes sobre a ida dos Infantes a ella e como se foi a Cintra e leixou El-Rei e seu irmão

Partidos os Infantes, a Rainha a esses principaes que com ella eram notificou logo os apontamentos de sua vinda. E assi a conclusão com que ficara, e quiz d'elles saber o que lhes parecia, dizendo:

«Não pode ser mór angustia da que meu coração tem n'este caso. Cá de uma parte o sentimento e nojo que tenho do Infante D. Pedro me faz desejar não haver cousa no mundo para o poder vêr, e d'outra segundo o que sinto, isto é já quasi privarem-me de meus filhos. Cuja natural piedade e grande amor que lhes tenho, me constrange não os leixar. Especialmente me obriga muito parecer-me que segurarei com a graça de Deus suas pessoas, de que teria mór esperança, e com menos receios, que de andarem sem mim em poder do Infante D. Pedro. O qual segundo já descobre sua grande cubiça para reinar, quem duvidaria que para o fazer mais livremente, não lhes encurtara mais cedo as vidas. E n'elle ha muitas dessimulações e hipocresias com que tudo saberá mui bem encobrir. Assi que n'estes dois tamanhos extremos não sei qual meio tome, ou ter meus filhos e andar com elles por sua segurança, e ir com o Infante á melhor parte sem outro encarrego, ou leixa-los de todo á disposição de Deus que os guarde, e da fortuna boa ou má que lhes pode vir. O primeiro d'este bem sinto que é um bom desejo da alma, a que

ventura consirando tudo sem paixão eu devia ser mais conforme. O segundo é apetito do corpo e da honra, em que sinto tamanhas forças, que me inclinam a elle de todo, e n'esta tamanha diferença e torvação a que meu juizo não abasta, quero saber de vós o que vos parece.».

Os quaes responderam, dizendo:

«Senhora, esta derradeira é a melhor determinação que podeis ter, e o vosso coração para quão real é, não deve soffrer andar sobjeita em poder de um homem vosso imigo, e que segundo o desamor que vos tem, vos fará cada dia mil nojos e abatimentos, e a nós outros que vos servimos, como desesperados d'elle em todo bem e mercê, será razão que nós vamos ás judarias ou fóra do reino, pois havemos ser d'elle pior tratados que judeus. O que não deveis haver por pequena dôr e vituperio vosso, e com isto bem sabeis que ha n'elle praticas e cautellas, para com todo mostrar ao povo que o faz muito pelo contrairo; porque elle não ha mais mester que favor de villãos que o tem por idolo. Pelo qual nosso conselho é, o com que despedistes os Infantes, não aceitardes a criação de vossos filhos sem governardes toda a fazenda, e que pois haveis de ser agravada, que o sejaes de todo, principalmente pois sabeis que a emmenda d'isto se apressa, e não pode já tardar muito. E pelo que ora vossos irmãos vos escrevem de Castella, e assi de Portugal o Priol do Crato e o Marechal, e os outros fidalgos que defendem vossa querella, o podeis mais claramente vêr e afirmar, e para segurança de vossos filhos, sob reverença de vosso juizo, é muito pelo contrairo. Cá para o Infante D. Pedro cumprir seu máo proposito, se o tem de acabar vossos filhos, sabei que vossa presença é mais azo, e a melhor encuberta que para isso pode ter. E por ventura o fará

mais levemente, e com menos temor em vosso poder que no seu. E nas enculcas e espias que já agora traz comvosco, de que sabe aqui não sómente o que fallaes, mas o que cuidaes, podereis conjecturar se para tal caso achará ministros. Assi que leixai-lhe todo o Regimento, e os filhos juntamente até que Deus queira».

N'este conselho contrariou com razões mui vivas Pero Lourenço d'Almeida, Almotacé Mór do reino, que era presente, desfazendo á Rainha e aos outros conselheiros com fundamentos mui claros as esperanças que tinham de seus irmãos em Castella, e assim dos fidalgos de Portugal. Pedindo-lhe que quizesse acceitar o meio que os Infantes lhe tinham apontado, que segundo a disposição do tempo houve por bom. Mas como a vontade da Rainha, e assi a dos outros estavam para o contrairo determinadas, não aprovaram o conselho de Pero Lourenço, reputando-lhe não a siso mas a fraqueza por se não sahir de sua casa e boa fazenda que tinha em Lisboa. Pelo qual a Rainha determinou partir-se e leixar seus filhos, e levar sómente as filhas comsigo.

Isto se passou em Santo Antonio a um sabbado, e logo ao domingo a Rainha mandou chamar secretamente alguns seus de Lisboa, que vieram hi dormir. E passada a meia noite ouviu missa, e fez alevantar os filhos da cama, e tomou El-Rei nos braços, e com muitas lagrimas lhe disse:

«Filho e Senhor, praza a Deus por sua piedade que vos guarde e vos dê vida, e a mim não leixe viva e desamparada de vós, como o sou d'El-Rei meu Senhor vosso padre.»

E com isto se despediu com tamanho pranto seu e de todos, como se os leixaram soterrados para os nunca mais vêr.

El-Rei salteou-se com tamanha novidade, e posto que para isso não teve edade de que se esperasse tamanho accordo, não lhe falleceu natural prudencia e discrição com que n'aquella hora, com grande repouso e segurança, e por palavras doces e avisadas, soube confortar a Rainha sua madre, que se partiu para Cintra, de que o aviso foi logo a Lisboa, e o Infante D. Anrique como o soube se partiu a gram pressa pela alcançar no caminho, e já não pôde senão no logar d'onde a não pôde mover de seu proposito, e o Infante D. Pedro e o Infante D. João foram logo a Santo Antonio e trouxeram El-Rei e o Principe seu irmão a Lisboa, onde a cada um deram casa com seus officiaes apartados, porque até alli se serviam ambos juntamente, e n'estes movimentos foi tanta a prudencia e resguardo d'El-Rei, que sendo de tão pequena edade, e tendo tanto amor e affeição á Rainha sua madre, como era razão, nunca por se vêr d'ella apartado foi ninguem que n'elle contra o Infante podesse conhecer algum signal de má vontade. Nem que reprendesse ou louvasse os feitos de um nem do outro, nem com seu escandalo.

CAPITULO LII

Como Lisboa commetteu de querer fazer uma estatua ao Infante D. Pedro pelo beneficio do relevamento das aposentadorias, e do que lhe respondeu

Os procuradores do reino com isto acabado se foram, e os cidadãos de Lisboa por memoria da mercê e liberdade que lhes o Infante em nome d'El-Rei fizera, quando lhes tirou as aposenta-

dorias, como já disse, lhe quizeram com seu consentimento ordenar uma estatua de pedra sobre a porta dos Estáos, que o Infante novamente mandou fazer, e perguntando-lhe em que fórma a haveria por melhor que estivesse, o Infante com o rostro carregado de tristeza e pensamento, o desviou e defendeu, dizendo-lhes, como por verdadeira prophecia de sua fim:

«Se a minha imagem alli estivesse esculpida, ainda virão dias que em galardão d'essa mercê que vos fiz e d'outras muitas que com a graça de Deus espero de vos fazer, vossos filhos a derribariam, e com as pedras lhe quebrariam os olhos. E por tanto Deus por isso me dê bom galardão, cá de vós em fim não espero outro se não este que digo, e por ventura outro pior.»

Das quaes palavras foram então os cidadãos tão maravilhados, como foram depois certificados que dizia verdade, quando assi o viram cumprir. E seguiu-se mais depois, para se presumir que o Infante alguma revelação tinha de sua morte, que em Coimbra indo elle quando regia, e o Infante D. Anrique para a porta de S. Bento, que sae á ponte onde estão as armas da cidade, que são uma mulher posta sobre um calez, com uma corôa na cabeça, e a uma teta um leão, e a outra uma serpe, o Infante D. Anrique olhando-as, disse pelo contentar:

«Bem se póde Senhor Irmão comparar a vós esta figura, pois tambem de uma parte daes mantimento ao leão, que é Castella, e da outra a Portugal, que é a serpe do nosso timbre.»

«Verdade é, disse o Infante D. Pedro; mas vêde-a melhor, e consirae que está sobre calez, que significa sangue, em que mais claro parece, que de meus trabalhos, serviços e beneficios, esse ha de ser meu galardão.»

E certo, com quanto este Principe era mui catholico, devoto e justo, e em que havia muitas outras virtudes, assi se seguiu como ao diante se dirá.

CAPITULO LIII

Como a Rainha sobre suas cousas se querellou aos Infantes d'Aragão seus irmãos, e da embaixada que enviaram

A Rainha como dos effeitos da esperança que tinha, e lhe davam para reger, começou de se vêr no reino enganada, dobrou-se n'ella o desejo de seu proposito. E por um modo já de victoria e vingança, assi no reino como fóra d'elle, para cobrar o Regimento dobrou suas forças e deligencias, para o qual enviou notificar e se queixar aos Infantes d'Aragão e á Rainha de Castella seus irmãos, como por força lhe tiravam o Regimento, e a titoria de seus filhos. E assi o aggravo e abatimento que n'isso recebia, fazendo-os participantes na injuria do caso pelos mais obrigar e acender para o que desejava, crendo ella que por serem já retornados em Castella, logo teriam o poder onde tivessem a vontade, e que com seu receio em Portugal se não faria a cousa em que elles recebessem descontentamento.

Mas os Infantes seus irmãos sabendo a pouca firmeza e segurança que tinham em Castella, e que lhe não cumpria fazer por então novas alterações contra si, tomaram a parte mais branda, e enviaram aos Infantes d'estes reinos com sua embaixada um D. Affonso Anrique, bisneto d'El-Rei D. Anrique, que da sua parte com palavras honestas lhes rogou em sustancia «que

sobre a determinação das primeiras côrtes não fizessem com a Rainha sua irmã alguma outra enovação.» Ao qual os Infantes responderam «que á Rainha não era feita injuria nem desserviço, nem lhe tiravam senão cuidados e trabalhos, a que suas forças por ser mulher não abastavam, e cargos de conciencia, o que ella devia querer; porque o Regimento do reino a ella de razão e direito não pertencia. E a quem direitamente convinha e o saberia e poderia fazer o tinham dado.»

Com esta resposta se houve D. Affonso por despachado, e se foi a Cintra por vêr a Rainha. E posto que fosse homem de grande linhagem, não havia porém n'elle aquelle tento, discrição e prudencia, que a pessoa de tal cargo pertencia. Porque em lugar de poer a vontade da Rainha em bom assessego e temperar sua spaixões, acendeu-lh'as muito mais com esperanças vãs, que lhe deu de ser por força, e com ajuda de seus irmãos restetuida e vingada. Offerecendo-se para o caso com gentes de cavallo e de pé, como principal capitão do reino, e para logo a vir servir não tomou largo prazo. E com estes enganos em que a Rainha levava gloria, tirou d'ella prata dinheiro, e tornou-se para Castella onde deu resposta aos Infantes. Os quaes, porque suas cousas não estavam em desejada segurança para fazer movimentos, ao menos por não parecer que desamparavam de todo os feitos da Rainha sua irmã, tornaram a enviar ao Infante D. Pedro e aos Infantes seus irmãos um Daião de Segovia, pedindo-lhe com palavras mansas e honestas que guardasem á Rainha o acatamento e reverencia que ella merecia, e lhe tivessem aquelle amor que deviam. De que os Infantes foram mui contentes depois em todo ao cumprir, para o qual encommendaram ao Daião que fosse fallar com ella para que qui-

zesse repousar a vontade, e não dar causa a boliços, de que tanto mal se podia seguir; porque com isso ella seria servida e acatada, como se El-Rei seu marido fosse vivo.

O Daião lhe foi fallar e a aconselhou, dizendo-lhe «que por quanto os feitos de seus irmãos não estavam em Castella n'aquelle assessego que convinha para n'elles de certo remedio ter firme esperança, que em tanto temperasse e dessimulasse cá a seus negocios o melhor que podesse; porque concertados os dos Infantes em Castella, em Portugal se faria dos seus o que ella desejava.

CAPITULO LIV

De como se entendeu na redempção do Infante D. Fernando, e do que se seguiu

E porque não pareça que a redempção e soltura do Infante D. Fernando, depois da morte d'El-Rei seu irmão se esqueceu, é de saber, que com todalas mudanças e divisões passadas entre a Rainha e o Infante D. Pedro, sempre d'elles foi muito lembrada e negociada, cuja deliberação foi muitas vezes aos mouros cometida por grande somma de dinheiro ou de captivos, e por outras maneiras. Nas quaes elles não quizeram nunca entender, e se mostravam que entendiam, logo se mudavam em outras sentenças, afirmando-se finalmente que lhes dessem Ceuta segundo fórma do contrato que o Infante D. Anrique e os outros capitães do palanque de Tangere com elles fizeram. Pelo qual a Rainha e o Infante D. Pedro ante de seus desvairos, por se satisfazer ao Infante D.

Fernando e cumprir a vontade d'ElRei D. Duarte, que em seu testamento o leixara muito encommendado, determinaram com os do conselho, e houveram por bem, que pospostas amoestações do Papa e conselhos de muitos Principes christãos que o contrariavam, que Ceuta todavia se desse por elle, e sobre isso passaram em nome d'El-Rei as cartas e procurações necessarias, assignadas por ambos, com as quaes foram por embaixadores Martim de Tavora, reposteiro mór d'E-lRei, e o licenceado Gomes Eanes, desembargador na casa do civel.

E em chegando a Arzilla acertou-se que morreu Çalabençala, que fôra senhor de Ceuta ao tempo que se tomou, e a este tempo era alcaide de Tangere e Arzilla, com o qual os ditos embaixadores haviam de tratar. Depois de sua morte ficou seu irmão Muley Buquer portector do filho maior do dito Çalabençala, o qual seu filho tambem por dependencia do mesmo caso do cerco de Tangere era captivo, e fôra dado por arrefens em Portugal.

E querendo os embaixadores entender com elle no negocio, certificando-o da abastança do poder d'El-Rei que para o caso levavam, elle se escusou dizendo:

«Christãos, sabei que Ceuta é tamanha cousa, que em quanto D. Fernando conde de Villa Real, capitão d'ella fôr terceiro para a entregar, nunca crerei que vós trazeis desejo d'alguma certo conclusão, cá por elle não perder tal senhorio com tanta honra como agora em Ceuta tem, bem sei que mostrando que não desobedece a vosso Rei e seus governadores, sempre buscará corados achaques e cautellas para a nunca entregar».

E depois de os embaixadores lhe desfazerem com razões sua opinião e haverem entre si sobre o caso

muitas altercações, finalmente se concordaram «que Muley Buquer notificasse a vinda dos embaixadores a Muley Buzaceri, Rei de Fez, em cujo poder o Infante estava, e que se n'este feito desejava boa conclusão, que tornasse o Infante a Arzilla, e como alli fosse, se o conde D. Fernando logo por elle não entregasse Ceuta como era concordado, que então se teriam outros meios com que sem escusa se fizesse». D'esta conclusão foi o mouro contente; sómente disse «que emquanto elle n'isto entendia, elles se viessem a este reino e com El-Rei procurassem que da sua tornada em Africa viesse logo com elles outra pessoa, e com taes provisões a que Ceuta logo se entregasse e tirasse do poder o conde».

Com este apontamento se tornaram os embaixadores, e por acharem a Rainha e o Infante D. Pedro no meio dos móres desvairos sobre o Regimento, sobreesteve o negocio até sem contenda se dar inteiramente ao Infante como já disse, o qual ouviu logo os ditos embaixadores em conselho, onde foi determinado por algumas causas em que se fundaram, mais de piedade do dito Infante que de honra do reino, que Ceuta sem mais debate se desse por elle.

E por quanto a duvida de Muley Buquer, quando lhe pareceu que o conde D. Fernando, por não perder tal governança retardaria a entrega de Ceuta se houve por razoada, acordaram que a D. Fernando de Castro, Governador da casa do Infante D. Anrique, e a D. Alvaro seu filho, a ambos e a cada um fosse entregue a cidade, e n'ella estivessem para a darem, e receberem por ella o dito Infante, e que a este reino se viesse o conde D. Fernando, a quem se daria por a capitania e governança d'ella sua dina satisfação, e que Martim de Tavora e o licenceado estivessem por negoceadores em Arzilla.

D. Fernando de Castro era homem de nobre sangue, prudente, e de grande conselho, e tinha boa fazenda; e porque houve este encargo por de muita honra para si e sua linhagem, ordenou sua ida para o mar e para a terra, o mais perfeita e honradamente que pôde. Especialmente o moveu a isso com maior cuidado e diligencia levar esperança que o Infante D. Fernando havia de casar com uma de suas filhas, de que estando em Fez lhe enviara sua certidão, consirando que seu conselho e auctoridade lhe podia por isso em sua deliberação muito aproveitar, e D. Fernando para o mais obrigar havendo sua soltura por certa, lhe levava feitos á sua custa todolos corregimentos que para a pessôa, cama e mesa de um tal Principe eram pertencentes. E assi levava navios sobresalentes para o Infante e o conde, e os moradores de Ceuta n'elles se virem, além d'outros em que para sua segurança levava mil e duzentos homens, entre os quaes iam muitos fidalgos e gentis homens da casa d'El-Rei e dos Infantes, e com tudo prestes, partiu D. Fernando de Lisboa no mez d'Abril de mil e quatrocentos e quarenta e um, com vento de boa viagem. E indo os navios de sua companhia espalhados pelo mar: além do Cabo de São Vicente, acertou-se que uma carraca de Genoa, que andava d'armada, veiu demandar e afferrar o navio em que o dito D. Fernando ia, o qual como quer que logo por razões d'amizade e depois com armas e grande esforço quanto foi possivel se defendesse, finalmente o navio com a mais força da carraca foi entrado e roubado, e D. Fernando acabou n'elle sua vida de uma bombarda, e os genoeses achando-se com tal rica presa, receiosos da emmenda, porque a outra frota já vinha sobr'elles, meteram suas velas e tomaram o mar por sua salvação. E quando os outros navios da conserva acudiram sobre o navio do

capitão e o acharam morto, vendo que a vingança de sua morte já não estava em seu poder, tornaram-se a Tavila, onde em São Francisco enterraram seu corpo, com assaz honra e lagrimas.

D. Alvaro seu filho a que a capitania e negocio do Infante ficava encommendada, sem alguma mais detença se foi d'hi a Ceuta, d'onde escreveu ao Regente o triste caso passado, pedindo-lhe ordenança e provisão para o futuro. E posto que então fosse mancebo, por haver n'elle muita discrição, foi-lhe respondido com abastante commissão para o acabar como D. Fernando seu pae: mas Lazaraque-Martin governador d'El-Rei de Fez, não sómente não deu logar que o Infante fosse tirado de Fez para Arzilla, ou para algum outro poder, como por Muley Buquer lhe fôra já requerido, mas ainda quando depois soube que a vontade d'El-Rei e do Regente era que todavia Ceuta se desse, e que o conde D. Fernando se fosse, para que D. Alvaro de Castro com poderes abastantes era vindo, disse «que era contente se lh'a entregassem primeiro, e que para segurança dos christãos, elle por Mafamede e por sua Lei faria juramento, em que como d'ella fosse apoderado, logo entregaria o Infante D. Fernando, e que esta era segurança assi abastante e segura para os christãos, que com ella não deviam ter d'elle receio nem sospeita alguma»!

Mas porque sua fiança por suas maldades, pouca verdade e tirania, se houve por duvidosa, não foi razão acceitar-se seu meio. E como quer que outros muitos seguros meios e mui razoados lhe fossem apontados, nunca em algum d'elles quiz condescender. E o que de sua contrariedade e contumacia se pôde n'este caso verdadeiramente entender, foi que claramente lhe pesava entregar-se Ceuta aos mouros, e nos modos que sempre teve para se não acabar pareceu mui claro

que a causa d'isto era, porque com a necessidade da guerra de Ceuta ocupava assi os sentidos do povo infiel, que lhe não dava lugar acabarem de poder entender e remediar os grandes males de sua tirania. Da qual cousa sendo o Regente certificado, havendo a negociação por escusada, mandou a D. Alvaro e aos embaixadores que se viessem ao reino, como vieram, com fundamento de se consultar algum outro remedio para a deliberação do Infante. A qual como quer que o Infante D. Pedro, segundo suas mostranças e continuas diligencias, pareceu que sobre todalas cousas desejava, nunca porém sobre ella se apontou e requereu meio por evidente que fosse, que podesse vir a effeito.

CAPITULO LV

Como a Rainha D. Lianor se partiu de Cintra para Almeirim contra vontade d'El-Rei e dos Infantes, e como se El-Rei foi a Santarem, e do quese seguiu

A Rainha D. Lianor era em Cintra, e por lhe parecer que o Infante D. Pedro tinha alli taes guardas e avisos em sua casa, que para seus negocios era quasi privada de sua liberdade, sendo para isto induzida dos que seguiam sua vontade, e principalmente do Priol do Crato D. Frei Nuno de Goes; determinou para com mais licença e mór segurança enviar e receber recados, assi de Portugal como de Castella, de se ir como foi para Ameirim, junto com Santarem. Do que aos Infantes muito desaprouve; porque sentiam que taes mudanças não eram por serviço d'El-Rei nem bem e assessego do reino, e para haver alguma mais causa e razão de as tempe-

rar, accordaram que El-Rei se fosse como foi logo a Santarem; porque estando tão acerca da côrte haveria menos disposição e mais receio de tratarem com ella e a moverem a mais alvoroços.

E d'alli enviou logo o Infante D. Pedro á Rainha o doutor Vasco Fernandes, pedindo-lhe por mercê que assessegasse o corpo e o coração no reino, em que seria servida e acatada como era razão, e não ouvisse máos conselheiros que a moviam para cousas que eram muito dano de sua alma, e grande quebra de seu estado, e assi o Infante em nome d'El-Rei mandou publicamente deffender a alguns fidalgos e outras pessoas que se logo juntaram com a Rainha, que sob graves penas a não conselhassem nem induzissem para o contrairo do que cumpria ao bem, paz e assessego de seus reinos, de que os mais por serem confiados em suas esperanças vãs, faziam pouca estima.

O Infante D. Pedro com quanto sabia que no reino havia pessoas principaes a elle contrairas, e que sostinham e favoreciam a parte da Rainha; porém todo seu receio causavam os Infantes irmãos da Rainha, que a este tempo eram retornados em Castella, e a governavam juntamente com a pessoa d'El-Rei, especialmente porque depois de a Rainha ser em Almeirim, foram suas cartas tomadas em Punhete e trazidas ao Infante, em que pareceu que apertava muito com seus irmãos que fizessem a estes reinos mostrança de guerra, e não geralmente a todos; mas sómente ao Infante, e a aquelles que contradiziam seu Regimento; porque com o temor d'isso, o povo por ventura revogaria o Regimento ao Infante, e o dariam a ella; mas o Infante crendo que assi fosse, e para lhes em alguma maneira melhor resistir e impedir seu poder, trabalhou de se liar com o Condestabre D. Alvaro de Luna, e com o Mestre d'Alcantara D. Goter-

re, que eram ambos liados contrairos aos Infantes, e tinham o favor d'El-Rei e muito poder em Castella.

CAPITULO LVI

Liança do Infante D. Pedro com o Condestabre e Mestre d'Alcantara de Castella, contra os Infantes d'Aragão, e das ajudas que lhe deu

E para melhor entendimento d'este passo é de saber, que no tempo que El-Rei D. João o segundo reinava em Castella, era Condestabre este D. Alvaro de Luna, homem abastado de saber e malicia, com pouco temor de Deus. O qual se soube assi haver, que em todalas cousas ora redundassem em seu acrecentamento, ora em destruição e dano d'outros, El-Rei tatisfazia sempre a sua vontade. E porque os Infantes filhos d'El-Rei D. Fernando d'Aragão, que então prosperavam em Castella por sua autoridade e valor, contrariavam as execuções de seu desordenado e máo desejo, por elle ter mais soltura para obrar o que queria, assi trabalhou com El-Rei que os desamou grandemente e lançou fóra do reino. E porque o Condestabre depois fez fazer individamente algumas cruezas e desterros contra muitos grandes do reino, e parecia que El-Rei vivia em sua sobjeição, era de todos mui desamado, pelo qual alguns grandes ordenaram e trataram que os Infantes retornassem outra vez como tornaram em Castella, e que o estado e pessoa d'El-Rei se governasse por elles, e o Condestabre fosse como foi fóra da côrte. Outrosi porque o Mestre d'Alcantara D. Goterre por engano tomara a villa d'Alcantara, e por força o Mestrado a D. João Souto Maior seu tio, que era

Mestre e feitura dos Infantes, e prendeu n'ella o Infante D. Pedro, irmão dos Infantes. Era pôr isto em grande odio a elles, que com suas forças procuravam em todo sua destruição, os quaes Condestabre e Mestre d'Alcantara, por ambos serem tocados de uma necessidade e temor, ambos entre si e suas terras e gentes tomaram uma liança e remedio para o resistir como o fazíam, e sentindo assi isto o Infante D. Pedro, por enfraquentar o poder dos Infantes, enviou por seus messegeiros secretos offerecer contra elles o favor e ajudas d'estes reinos ao Condestabre e Mestre. O que elles mui alegremente receberam; porque conheceram que o Infante não tanto por aproveitar a elles, como por a mesma sua necessidade se movia a isso. Pelo qual muitas vezes lhe requereram depois ajudas e soccorros contra os Infantes, e elle por accordo e conselho dos principaes d'estes reinos lh'o deu algumas vezes assaz poderosamente, havendo primeiro consentimento e autoridade d'El-Rei de Castella, para sem quebrantamento das pazes que tinham o poder direitamente fazer. Porque com quanto El-Rei era em poder e governança dos Infantes d'Aragão, o Condestabre por suas astucias e maneiras, sempre trazia em sua côrte e camara taes pessoas, que secretamente requeriam a El-Rei todo o que compria por seu favor e amparo. Ao que El-Rei pela grande affeição que lhe tinha, folgava muito de satisfazer, e enviou para isso ao Infante D. Pedro mui autenticas aquellas provisões que sentiu ser necessarias, por cuja virtude o Infante em favor do Mestre d'Alcantara, e contra a tenção do Infante D. Anrique Mestre de Santiago, enviou a Castella por vezes e tempos, muita gente abastecer Magazella e Bemquerença, fortalezas do Mestrado d'Alcantara, e assi tomar a villa de Salanqua, que estava pelo Infante D. Anrique, e por

outra vez enviou outrosi muita gente d'estes reinos a Andaluzia, em ajuda e soccorro do Condestabre, e em desfavor e dano do mesmo Infante D. Anrique, e lhe tomaram Carmona com seu grande destroço.

E outra vez a requerimento d'El-Rei D. João, quando cercou os Infantes em Olmedo, lhe enviou o Infante D. Pedro em sua ajuda muita e mui nobre gente d'estes reinos, e por capitão principal seu filho primogenito o Senhor D. Pedro, que depois foi e morreu intitulado Rei d'Aragão.

E segundo a universal opinião dos que n'este caso sâmente entenderam, se creu que segundo os Infantes eram amados em Castella, se não tomaram assi claramente o Infante D. Pedro por contrairo, e não se pozeram em mostranças de o guerrear e destruir, como mostraram, e o Infante não impedira seu poder, que seu valor e prosperidade d'elles não descahira em Castella como descahiu, nem a Rainha D. Lianor sua irmã, enganada de suas promessas e esperanças impossiveis, não acabara sua vida em desterro com tanta necessidade e tristeza, e tão individa a suas bondades e estado, como ao diante se dirá.

CAPITULO LVII

Conselhos que o Infante D. Pedro teve sobre o assessego e segurança d'esta cousas, e como a Rainha fingidamente se concordou com elle

Mas o Infante D. Pedro sentindo com estas mudanças o reino diviso, teve sobr'isso conselho, no qual se accordou para atalhar ás praticas que a Rainha e os outros fidalgos poderiam ter com o conde de Barcellos, que da divisão era cabeça

principal, e para qualquer outra segurança, que o Infante D. Anrique se fosse, como foi á cidade de Vizeu; porque com seu receio os recados não passassem, e que para o dano que a estes reinos poderia vir de Castella por meio dos Infantes, enviassem como enviaram uma pessoa secreta a El-Rei, que o não consentisse, o que muito aproveitou.

E o cargo da guarda e assessego da Rainha ficou ao Infante D. Pedro, que pelas estreitezas que n'isso poz, os que eram com ella em Almeirim, que com novo alvoroço a vieram servir, se acharam para suas honras e fazendas de todo atalhados, e mui enganados nas esperanças de supetos acrecentamentos, que cada um logo para si maginava. Pelo qual com necessidade e razões assaz evidentes pediam á Rainha que emquanto as cousas não se despunham como para seu recurso cumpria, tratasse com o Infante D. Pedro alguma amizade e fosse fingida, com que em tanto ella e elles se remedeassem e provessem a suas vidas e fazendas, e a podessem melhor ao diante servir.

A Rainha aprovou este conselho, e para o cumprir mandou por o ministro da Ordem de S. Francisco, e por Ruy Galvão, secretario, tratar amizade com o Infante, mostrando fingidamente que seu desejo era já poer em assessego sua alma, e esquecer-se de todo o passado.

O Infante d'este recado crendo ser verdadeiro, foi mui alegre, e o acceitou com palavras de grande cortesia e contentamento, e deu por isso muitas graças a Deus. E da concordia que entre si por então tomaram passáram seus assignados, que o Infante logo mandou divulgar pelo reino, que pelo haverem por bem e geral assessego, faziam por isso geralmente a Deus muitos signaes de devoção, e ao mundo de grande ale-

gria, e assi o notificou a Castella. E confiando n'esta concordia, que havia por certa e não fingida, mandou tirar as guardas dos portos para que livremente podessem á Rainha ir e vir messegeiros e servidores d'onde quizessem sem pena nem receio.

CAPITULO LVIII

Como o conde de Barcellos desdisse muito á Rainha esta concordia com o Infante, em caso que não fosse verdadeira

Foi o conde de Barcellos d'esta concordia por via geral certificado, mas não se alvoroçou nada; porque da secreta dessimulação com que se fizera, foi logo pela Rainha avisado: porém elle temendo-se da prudencia e saber do Infante D. Pedro, e não segurando n'isso da constancia da Rainha, accordou com os fidalgos da sua parte de lhe notificarem o erro e desfavor que para seus feitos em tal concordia fizera, em caso que fosse fingida, de que se seguira os que desejavam seu serviço, vendo-a em poder do Regente, não ousarem de a servir, e que para isso, porque mais em breve se executasse o que desejava, ella mui secretamente se devia vir ao Crato, onde tinha mui certo o Priol com suas fortalezas a seu serviço. E que d'alli poderia seguramente passar o Tejo e entrar na Beira, onde o Marechal por ser comarcão, com outros fidalgos e gentes se iriam para ella, e que o conde com todolos outros fidalgos outrosi lhe acudiriam e a recolheriam em suas terras, que logo começaria de reger, e que da execução e obra d'esta empresa os Infantes seus irmãos, e assi todolos outros seus servidores tomariam mais esforço e desejo de a proseguir.

Este recado foi assi secretamente trazido á Rainha, que o Regente não houve d'elle algum sentimento, e ella com os de seu conselho a quem o mostrou e louvou, e houve por bom, o fez logo saber ao Priol do Crato. O qual como era homem de muitos dias e grande experiencia e siso, houve o feito por sem fundamento e muito duvidoso. E assi lhe respondeu em muitas e boas palavras, e em fim que se de todo em todo sua vontade quizesse forçar as armadas de tão vivas razões, como lhe mandou para o ella não cometer, que elle estava prestes de a receber onde ella quizesse, e para isso lhe offerecia a perdição de sua vida, honra, e fazenda, que elle não podia escusar.

CAPITULO LIX

Como o Priol do Crato consentiu em receber a Rainha em suas fortalezas

Esta resposta do Priol a que a Rainha com razão dava grande credito, suspendeu e amansou muito seu alvoroço; e porém de todo avisou logo ao conde de Barcellos, o qual por meio d'Aires Gonçalves seu secretario, acabou com o Priol que pospostos seus pejos todavia recebesse a Rainha. Desfazendo-lhe os inconvenientes que apontara, com promessas e esperanças, e seguranças falsas com que lhe cegaram o verdadeiro juizo, para o que ajudaram muito dois filhos do Priol, homens mancebos, que sostinham a parte e tenção do conde, que lhes mostrava abrirem-se caminhos de suas honras, e grandes acrecentamentos. O Priol do Crato assi como determinou de receber a Rainha em suas terras, assi orde-

nou logo d'abastecer, o mais encobertamente que pôde suas fortalezas, e a Rainha mandou a todoslos seus, e assi a outros d'El-Rei em que tinha confiança, que se percebessem de cavallos e d'outras cousas necessarias para caminho, e a verdade d'este fundamento era para esta sua partida; como quer que ella fingidamente dava a entender que os percebia para a acompanharem até o mosteiro da Batalha, onde queria fazer o saimento a El-Rei seu marido, para que dessimuladamente mandou lá fazer algum percebimento.

D'estas mudanças foi o Regente algum tanto sabedor; mas confiando na concordia que entre elles era feita, e por não mostrar que com achaques a rompia, não quiz sobre uma cousa nem outra fazer novas alterações; e porém elle não era em certo sabedor que a Rainha se queria partir para o Crato.

CAPITULO LX

Como o conde de Barcellos fez liança com os Infantes d'Aragão, e como foi por isso muito prasmado

E o conde de Barcellos sentindo como as cousas se chegavam a rompimento, sendo duvidoso da fim que haveria, acordou de se liar como liou com El-Rei de Navarra e Infante D. Anrique, irmãos da Rainha, concordando entre si suas capitulações de serem amigos d'amigos, e imigos de imigos, e com ajuda certa de gentes d'armas, que cada uns dariam aos outros, quando a suas necessidades e afrontas cumprisse.

D'estas lianças foi logo o reino todo sabedor e mui

espantado, especialmente mostraram d'isso grande sentimento o Infante D. João seu genro, e o Infante D. Anrique ambos seus irmãos. E o Infante D. João lh'o enviou muito estranhar por Vasco Gil seu confessor, que depois foi Bispo d'Evora, e o Infante D. Anrique por Fernão Lopez d'Azevedo, Commendador Mór de Christo. Aos quaes o conde respondeu, que não desistiria do que tinha feito, e que sabia bem o que lhe cumpria. E assi o disse ao conde d'Arrayollos seu filho, que a elle sobr'isso foi em pessoa. Mas o conde d'Ourem tambem seu filho, que a este tempo era mui á banda do Infante D. Pedro, não quiz n'este caso entender, não leixando de o haver por feio, e mostrando que se os feitos viessem a rompimento, que elle seria por serviço do Regente contra seu padre; mas o que das maneiras d'ambos, pae e filho poderam os prudentes conjeiturar e entender, sempre pareceu que no cemeço dos movimentos, entre elles se concordara o pae ficar á parte da Rainha, e o filho á do Infante D. Pedro; porque a qualquer d'estas parcealidades a que a fortuna boa se inclinasse, cada um ter n'ella um principal que remedeasse o outro, e que em tanto cada um tirasse da banda que servisse todo o que para sua honra e proveito podesse; porque em fim, toda havia de ficar em uma só herança. Nem se creu que o conde de Barcellos inventara estas lianças e pendores, salvo por meter o reino em necessidade de sua pessoa e casa, e lh'a haverem de compoer com villas e terras como fizeram; porque da Rainha não havia tão urgentes razões que o a isso obrigassem, e dos Infantes d'Aragão muito menos. A Rainha ante que de sua pessoa fizesse alguma mudança, mandou a Castella secretamente, por Mossem Gabriel de Lourenço, seu capellão mór, todalas joias d'ouro, prata e pedraria que tinha, que eram assaz muitas e boas;

porque álem das que trouxe d'Aragão, houve com o movel d'El-Rei seu marido todas as que ficaram por seu fallecimeuto, e foram postas no Castello d'Albuquerque, que era Villa do Infante D. Anrique de Castella. D'onde lhe vieram muitas a Almeirim, que ella secretamente mandou pedir para sua partida.

CAPITULO LXI

Como o Infante D. Anrique se viu com o conde de Barcellos seu irmão para o concordar com o Infante D. Pedro

O Infante D. Anrique de Portugal para atalhar os azos de mais desaccordos e uniões, se foi a Vizeu como disse; e porque sentiu que no assessego do conde de Barcellos, segurava o assessego do reino e da Rainha, viu-se com elle e com os de sua valia no mosteiro de S. João de Tarouca, junto com Lamego, onde sobre muitas praticas e altercações que todos entre si houveram, nunca o Infante pôde acabar que o conde se decesse de sua opinião, nem pôde nunca por elle saber algum evidente fundamento d'agravo, ou contentamento descuberto que para isso tivesse; porque todalas que dava eram razões tão fracas, que por si mesmas se desfaziam, e em fim o Infante se despediu d'elle com algum temporizamento, até se vêr com os Infantes seus irmãos. Mas por mais enfraquentar seu partido, tirou logo de sua liança o marechal, e Martin Vaz da Cunha, e João de Gouvêa, que eram fidalgos da Beira, e os levou comsigo.

CAPITULO LXII

De como veiu a El-Rei embaixada de Castella, e como foi recebida

No mez d'Outubro d'este anno de mil e quatro centos e quarenta, estando ainda El-Rei em Santarem e a Rainha em Almeirim, lhe veiu d'El-Rei de Castella uma grande embaixada, em que vieram por pessoas principaes D. Affonso, filho bastardo d'El-Rei de Navarra, que depois morreu duque de Villa Formosa, e um Bispo de Coria, pessoa de muita autoridade, e outros letrados, e por esta embaixada ser a primeira que veiu a El-Rei, foi da côrte muito bem recebida, e d'El-Rei e dos Infantes com muitas grandezas cerimoniada, e a sustancia do que a El-Rei e ao Regente, e assi aos Infantes e conselho propozeram, se fundou em duas cousas. Uma em se queixarem de danos e tomadias que os portuguezes fizeram por mar e por terra aos naturaes de Castella, e a outra mais principal acerca das cousas da Rainha e restituição do Regimento em que sobre todo mais insistiram, e tambem pediam a El-Rei em nome da Rainha D. Lianor, com que já tinha fallado, que a leixasse ir para Castella, mostrando que não queria estar no reino para que tantos males se aparelhavam; porque ao tempo que esta embaixada sahiu da côrte de Castella, os Infantes d'Aragão ainda regiam e governavam a pessoa d'El-Rei; e por isso se fez lá, e propoz cá com as gravezas, protestações e cautellas, que elles em nome d'El-Rei ordenaram. Affigurando que por ventura o povo de Portugal, com receio de futuras guerras que elles tocavam, desistiria da parte

do Infante ácêrca do Regimento, e seguiria a da Rainha.

E para os embaixadores fazerem mais geral esta impressão, pediram ao Regente logar e licença para esta mesma embaixada irem dar pelas cidades e villas, e assi aos principaes do reino; mas o Regente por ser cousa nova e então desacostumada o não outorgou nem censentiu, e se escusou com a semrazão d'elles, e com outras razões assaz justas e honestas; e emfim o Regente para lhe responder, tomou alguns dias d'espaço, dentro dos quaes a todalas pessoas principaes do reino que não eram presentes, enviou pedir conselho por escripto, com o trellado da embaixada. E esta ordenança guardou sempre o Infante emquanto regeu, de nunca em cousas sustanciaes tomar conclusão sem conselho escripto dos presentes e ausentes, e depois que houve a resposta de todos, e se conformou com o que melhor pareceu, respondeu aos embaixadores:

«Quanto ás tomadias, que para justificação d'ellas se pozessem juizes de uma parte e da outra nos estremos danificados. E quanto ás cousas que tocavam á Rainha, que El-Rei enviaria seus embaixadores a El-Rei de Castella com tal resposta com que devesse ser satisfeito.»

E sobr'isso foi enviado Lopo Affonso Secretario, com fundamento de dilatar e temporisar o negocio; porque o Regente soube secretamente por o Bispo de Coria, embaixador, que esta embaixada em que elle vinha era de cumprimento para a Rainha e para os Infantes d'Aragão, mas não da vontade d'El-Rei de Castella, a quem parecia bem a maneira que no Regimento do reino se tivera, e assi não leixarem á disposição da Rainha a criação d'El-Rei, pois era mulher; porque elle mesmo Rei sentia em si quanto mal

recebera por em semelhante caso ser criado em poder da Rainha D. Caterina sua madre, e que o contrairo não se esperava de taes Principes como eram os filhos d'El-Rei D. João.

E á Rainha enviou o Regente em nome d'El-Rei pedir com palavras de muito acatamento, e com razões que faziam assaz por sua honra, honestidade e proveito, que houvesse por bem não consentir que de seus reinos se fosse para os estranhos. Mas isto não lhe assessegou a vontade que tinha para se ir; porque assi pela determinação passada da partida, como pelo novo alvoroço que d'alguns dos embaixadores para isso recebeu, determinou muito mais em si de o fazer.

Os embaixadores não se houveram d'esta resposta do Regente por satisfeitos nem despedidos, antes disseram que traziam em mandado de seu Rei que sem determinada resposta de todalas cousas, sem outro seu especial mandado não se partissem, e a carta em que isto se continha d'hi a dois dias a mandaram mostrar ao Regente, o qual como prudente consirou que taes cartas e instrucções, tão sem razão e vindas tão brevemente se compilavam em Almeirim, cá poderiam trazer de Castella signaes d'El-Rei em branco e sêllos de fóra, sobre que poeriam o que quizessem, como fizeram. E para d'isto ser certificado, avisou d'isso a gram pressa o Condestabre D. Alvaro de Luna, o qual era fóra da côrte; e porém por seus meios secretos, que com El-Rei trazia, soube logo d'elle que nunca tal mandára, de que logo certificou o Regente por carta da propria mão d'El-Rei: pelo qual o Regente n'esta confiança determinou com alguma mais graveza despedir como despediu os embaixadores, e lhes mandou «que pois eram respondidos, que se fossem embora dos reinos e côrte d'El-Rei seu Senhor.» Mas

elles não se despacharam assi brevemente, que ainda não estivessem em Santarem, ao tempo que a Rainha se partiu para o Crato, como ao diante se dirá.

CAPITULO LXIII

Como o Infante D. Anrique procurou de trazer o Priol do Crato a serviço e prazer do Infante D. Pedro, e do que n'isso passou

O Infante D. Anrique de Portugal, sentindo que um dos principaes esforços que a Rainha tomava para seu movimento, era o Priol do Crato, por atalhar a isso virtuosamente como em todo era seu costume, por seu messegeiro o enviou muito reprender d'isso, e da opinião que tomara contra o Infante D. Pedro, e lhe mandou que logo em pessoa se viesse desculpar ao Regente, e d'hi em diante o servisse lealmente como a elle mesmo.

O Priol foi d'este recado mui triste por duas causas a elle mui contrairas, uma por viver com o Infante D. Anrique, a quem havia por grande caso e perigo não obedecer inteiramente. E a outra fallecer á Rainha e ao conde de Barcellos, a quem se offerecera já com suas fortalezas; e finalmente deliberou de não ir ao Infante D. Pedro por si, escusando-se por velhice e doença, e de se mandar desculpar fingidamente por seu filho Fernão de Goes, e todavia de cumprir com a Rainha o que lhe tinha promettido.

Veiu Fernão de Goes a Santarem, e offereceu a embaixada falsa de seu pae por sua crença ao Regente, mostrando quere-lo desculpar do passado, offerecendo-se em todo o que estava por vir ao que elle man-

dasse, e pediu logo ao Regente licença para ir fallar á Rainha; porque lhe queria dizer o em que ficava com elle, e assi lhe pedir que d'hi em diante nas cousas que fossem contra vontade e serviço do Infante, ella não se quizesse servir do Priol seu pae, nem d'elles seus filhos, salvo nas cousas em que os Infantes a servissem. Mas isto em seu coração e proposito era muito em contrairo; porque como foi ante a Rainha, concertou com ella sem differença o dia e hora de sua partida, que havia de ser logo em bespora de todolos Santos á noite. E que elle e seu irmão Pedro de Goes viriam por ella, com maior resguardo e com a mais gente que podessem.

E com isto se partiu, e o notificou ao Priol, que com muita diligencia e maior dissimulação fez logo prestes a mais gente que pôde. Dando publicamente a entender por não fazer na terra suspeita nem alvoroço, que já eram concertados com o Regente, e que para o mais obrigarem o queriam ir honradamente servir, de que toda a terra mostrou ser mui alegre.

CAPITULO LXIV

De como se a Rainha aconselhou sobre a ida para o Crato, e como emfim posposto o conselho se partiu

E com quanto a Rainha no cuidado d'estes cuidados temporaes, tinha para este mundo assás que entender; porém porque era Senhora muito devota e de mui religiosa vida, não se partiam de sua alma para o outro outros espirituaes, que a fizeram mandar ao mosteiro de Bemfica da Ordem de S. Domingos, por um Frei João de Moura, seu con

fessor, padre de grandes dias e doutrina, e assi de mui santa vida, para com elle em confissão consultar esta secreta mudança. E depois d'ella lhe dizer com largas palavras sua determinação, elle lh'a contrariou com outras mais de tanta verdade e prudencia, que pareceu dizer-lh'as como por espirito divino.

E certo assi foi, porque ella em seu desterro, desamparo e desaventuras, que pelo não crêr depois padeceu, sentiu bem que o padre a aconselhava mais que homem, e como de mandado de Deus, e d'isso ella ao diante se acusava muitas vezes.

E como quer que Frei João não pôde em sua presença afrouxar a tenção da Rainha, porém porque ella era de bom siso e mui são proposito, fizeram depois suas palavras no coração d'ella tamanha casa, que assentava já em sua vontade não se partir, pesando-lhe muito da palavra que dera aos filhos do Priol. Os quaes a noite de bespora de todolos Santos que tinham posto, foram com suas gentes acerca de Almeirim, e por não serem sentidos leixaram toda a gente ao Paul da Atella, e elles ambos, cada um com seu escudeiro e seu page, chegaram aos paços já de noite, com cuja chegada e vista a Rainha recebeu muita e descuberta tristeza, e lh'a confessou logo. Do que elles ficaram mui torvados, porque a conheceram já mudada de todo, e sobre isso houveram entre si muitos debates, em que a Rainha finalmente foi dos agravos d'elles vencida, e quiz contra sua vontade satisfazer ao que tinha prometido.

E d'este segredo era em sua casa sómente sabedor Diogo Gonçalves Lobo, seu vedor, que com muita trigança deu aviamento a todo o que cumpria para sua partida.

A Rainha depois de concertar com elles o feito como seria, ás nove horas da noite se tornou com gran-

de assessego e dessimulação a seu estrado, e hi deu boas noites sem algum alvoroço, e ás dez horas se sahiu por uma porta secreta contra a coutada, e com ella a Infante D. Joanna, de mama, e sua ama que a criava, e Diogo Gonçalves, e João Vaz Marreca, seu escrivão da puridade, e Maria Dias sua covilheira, e Briatyz Corelho, donzela Aragoesa. E estas pessoas a acompanharam até o Paul, onde ficara a gente, com que logo seguiram seu caminho, e não muito depressa por lhes não aturarem as bestas em que iam, e ao outro dia ás dez horas chegaram sem decer á Ponte do Sor. E hi comeram e repousaram um pouco. E em anoitecendo foram no Crato, onde o Priol já a estava esperando, e a recebeu com grande alegria, dando-lhe as chaves de todas suas fortalezas, com razões de grande humildade e muita obediencia. E ella o agasalhou com palavras e mostranças de grande aguardecimento, e bem conformes a sua necessidade.

CAPITULO LXV

Do que fizeram os da Rainha depois que souberam de sua partida

A gente da Rainha que ficou em Almeirim, como passou meia noite sentiram grande rumor pelo lugar, e ainda com claras vozes dobradas sem certo autor, que diziam.

«Fugir, fugir do Infante D. Pedro, que vos vem prender».

De que cada um não guardando a certa ordem em suas vestiduras, com grande pressa se soccorriam á Rainha como a casa da vida. E como o pranto de suas

criadas e creados lhes davam certidão de sua partida e ausencia, assi cada um desamparado de siso e d'accordo, se iam chorando e mal dizendo a suas vidas por essas charnecas.

E como foi de dia, os que foram certos do caminho que a Rainha levava e poderam, a seguiram. E entre os mais principaes foram D. Affonso, senhor de Cascaes, já velho, e sua mulher D. Maria de Vasconcellos, e D. Fernando seu filho. Como quer que D. Affonso forçado da mulher e do filho se partiu; porque abraçando-se com a terra, e com muitas lagrimas dizia:

«Leixai-me comer a esta terra que me criou, e a que não fui nem sou tredor. Não me desterreis este corpo sem culpa, nem lhe deis sepultura em terras alheias».

Mas em fim o levaram.

CAPITULO LXVI

De como o Regente foi avisado da secreta partida da Rainha, e do que logo sobr'isso se fez

E o Regente pouco mais de meia noite foi avisado da partida da Rainha sumariamente, por Gil Pirez de Resende, contador de Santarem, sem lhe saber dizer o caminho que fizera, nem se levara consigo as Infantes, e a poucas horas tornou o Infante a ser certificado do caminho da Rainha, e como levava consigo a Infante D. Joana, e leixava doente a Infante D. Lianor, que depois foi Imperatriz, e d'esta mudança mostrou o Regente grande tristeza e sentimento, ainda que alguns diziam que era fingida; e

porém mandou logo a Martim Affonso de Miranda com notairos, a escrever e segurar todo o que se achasse em Almeirim. E o que se conhecesse por da Rainha, que era já sómente roupa de camas e pannos, mandou entregar aos officiaes d'El-Rei, e as outras cousas dos seus se entregaram por recadação a um Martim d'Almeida, cavalleiro de Santarem. E foi logo a Almeirim pela Infante D. Lianor, que entregou a D. Guiomar de Castro, que foi sua aia até o tempo que d'estes reinos partiu para Allemanha.

E assi mandou logo o Regente em nome d'El-Rei caminho do Crato Diogo Fernandes d'Almeida, que era védor da fazenda, pedindo á Rainha sua madre com mui brandas razões e mui fortes seguranças que se tornasse, e que elle e os Infantes iriam por ella, e se o não quizesse fazer que ao menos entregasse a Infante D. Joana. E que se isto tudo denegasse, que presentes notairos que consigo levava lhe fizesse em nome d'El-Rei protestações a não ser obrigado elle, nem o reino dar-lhe dote nem arras, nem outra cousa alguma.

Diogo Fernandes aceitou a embaixada; mas segundo o que d'elle se suspeitou, elle a não cumpriu como devera; porque chegou sómente a Alter do Chão, uma legua do Crato, e d'alli se tornou para Santarem, sem obrar nada do que lhe mandáram; dando por razão que alli fôra por maneira informado da tenção da Rainha para não fazer nada do que lhe ia requerer, que houvera por escusado ir mais adiante; mas a geral opinião foi que por ser casado com uma filha do Priol do Crato, elle era sabedor de todolos movimento passados, e que folgou de não fazer por si cousa em que a Rainha recebesse nojo nem desserviço contra seu sogro.

O Regente avisou logo d'este caso os Infantes seus

irmãos, e assi os grandes, e cidades e villas principaes do reino, requerendo-os e percebendo-os com seus corpos e armas, para serviço d'El-Rei e defensão do reino, crendo que a Rainha não faria de si tal movimento sem muito esforço e atrevimento de Portugal e de Castella.

E no provimento d'estas cartas e avisos, poz o Regente tanta diligencia, que em dia de todolos Santos ante das missas foram todas feitas e enviadas, e assi uma sua e de sua mão á Rainha, que não aproveitou, em que lhe pediu muito por mercê que se tornasse, prometendo-lhe que com sua tornada elle faria quanto ella mandasse.

Os embaixadores de Castella eram ainda a este tempo em Santarem como disse; de que o Regente por seu descargo e limpeza houve prazer; porque sabia que a elles era mui claro quanto elle procurava por seu assessego d'ella, e os mandou logo chamar, e em saindo para a missa lhes fez com muita autoridade uma falla de sua desculpa acerca da partida da Rainha, rogando-lhes que pois se fôra tão sem conselho e tanto contra o que cumpria a seu estado, e sem licença d'El-Rei seu filho, fizessem com ella que ante de sair do reino se tornasse á côrte, com grandes prometimentos de elle em seus feitos fazer tudo o em que ella recebesse contentamento, prazer e serviço: e d'isto para seu resguardo pediu estromentos.

N'este dia e nos outros logo seguintes, trouxeram ao Regente presos muitos dos que d'Almeirim se iam para a Rainha, e os que achava serem seus moradores, logo os mandava todos soltar com liberdade e licença segura de a irem servir se quizessem, salvo um João Paez Cantor, e Diogo de Pedrosa, que eram casados com criadas da Rainha, aos quaes por haver n'elles alguma sospeita, que estando o Regente nos

paços de Santarem tratavam de o matarem á bésta, foi dado tormento d'açoutes nos pés, e por não confessarem culpa que os obrigasse a outra maior pena, os mandou soltar.

O Regente por segurar as comarcas do reino em que tinha alguma suspeita, encomendou a da Beira ao Infante D. Anrique, e a d'entre Tejo e Odiana ao Infante D. João. E mandou á cidade do Porto Ayres Gomez da Silva, para com a cidade fazer defensa e resistencia a quaesquer rebates que n'aquella comarca sobreviessem. E assim mandou que aos do Crato não fosse em todo o reino dado mantimento, mais do que cumprisse á Rainha, e a vinte pessoas que a servissem, de que se ella muito aggravou.

GAPITULO LXVII

Do que a Rainha fez depois de ser no Crato

A Rainha como foi no Crato, logo d'hi enviou por todo o reino cartas, que já d'Almeirim levava feitas, em que sustancialmente se escusava de sua mudança, e acusava por ella o Regente e suas asperezas, encomendando e requerendo a todos com sombras d'ameaças de guerras e males do reino, que lhe tornassem o Regimento e o tirassem ao Infante, contra quem apontava cousas em que parecia não reger como devia. E porque o reino todo, especialmente o povo, eram inclinados á parte do Infante, foram os que receberam suas cartas tão indinados contra a Rainha, e tratavam tão mal os primeiros messegeiros d'ellas, que os segundos temendo taes escarmentos, haviam por melhor escondel-as e não apresental-as.

E o Infante D. Pedro d'estas cartas da Rainha que viu, houve muito nojo, e mostrou grande sentimento; porque infamavam em alguns passos sua conciencia e autoridade, e por modo de desculpa e limpeza sua, escreveu a Lisboa como a cabeça do reino, as forças de suas culpas que se n'ellas continham. Escusando-se de cada uma particularmente, com a verdade de sua innocencia.

CAPITULO LXVIII

Como falleciam os mantimentos á Rainha e ao Priol do Crato

E o Priol do Crato não se proveu de tantos mantimentos como lhe eram para tal caso necessarios, enganado nas esperanças do conde de Barcellos, e dos outros fidalgos da Beira, que prometeram tanto que a Rainha fosse em suas terras, que elles em pessoa com gentes e provimentos em abastança, seriam logo com ella, ao que nenhum d'elles quiz nem pôde satisfazer, como quer que para isso fossem da Rainha e do Priol mui afincadamente requeridos, e por este caso os mantimentos recolhidos lhes começaram de fallecer, especialmente carnes e pescados, e para os haver, pela estreita guarda e defesa que para isso havia não tinha já esperança nem remedio. Pelo qual conveiu á Rainha com palavras assaz piedozas pedir ao Infante D. João, que estava em Extremoz, que alevantasse a defesa e lhe leixasse ir mantimentos dos logares de redor. Mas o Infante escusando-se de o fazer lhe respondeu acusando com muita graveza e temperança seu movimento. Em especial de poer sua honra, seu estado, e sua honestidade em poder do Priol e d'

seus filhos, que não tinham no reino fama de muito honestos, pedindo-lhe em fim que para escusar semelhantes necessidades e outras maiores, se quizesse tornar, do que ella não curou.

CAPITULO LXIX

De uma embaixada d'El-Rei d'Aragão e de Napoles que veiu ao Infante D. Pedro sobre os feitos da Rainha

Estando a Rainha no Crato, chegou a Santarem ao Infante D. Pedro com embaixada d'El-Rei D. Affonso, Rei d'Aragão e de Napoles, sobre cousas da Rainha sua irmã, um Bispo de Segorve, pessoa em que havia muita doutrina e grande auctoridade. E apontou alguns meios de concordia entre ambos, o que o Regente por conselho que sobre isso teve, respondeu:

«Que para se tomar n'elles conclusão boa e honesta, como esperava em Deus que tomaria, era necessario a Rainha ser presente, ou ao menos em algum logar de suas terras, com tal repouso e assessego que não parecesse fugida. E para isso que elle antes de tudo se fosse á Rainha, e como com ella em cada uma d'estas maneiras acabasse sua tornada, se tornasse a elle. E que sobre isso se ajuntariam com elle os Infantes seus irmãos, e os do conselho d'El-Rei nosso Senhor. E praticariam ácêrca dos meios apontados, e se concordariam por seu meio no que mais honesto e de razão parecesse. E que se a Rainha não quizesse tornar, que elle d'hi seguisse embora sua viagem e escusasse sua vinda mais a elle.

Ao Bispo pareceu bem o motivo do Regente, e com isso se foi á Rainha; a qual porque não approvou nenhuma das cousas que lhe aconselhava, se despediu d'ella e se partiu para seu Rei sem conclusão certa do porque viera.

CAPITULO LXX

De como o Regente determinou pôr cêrco ao Crato e ás outras fortalezas do Priol, e a que pessoas os cêrcos foram encommendados

O Infante D. Pedro por recados e cartas da Rainha e do Priol que foram tomados e trazidos a elle dos portos que se guardavam, foi certificado como procuravam metter gentes d'armas de Castella em Portugal, e bastecer as fortalezas que sustinham sua voz com armas e mantimentos de fóra, e assi se fazerem alguns alevantamentos no reino contrairos a seu Regimento, para que soube certo que em uma parte e na outra se faziam trigosos percebimentos, e consirando camanho dano se seguiria a dar-se logar a isso, e não se atalhar, determinou com accôrdo dos Infantes, com quanto era entrada de inverno, de logo se poer cêrco ao Crato e ás outras fortalezas do Priol, e cobra-las por força ou partido, como mais fôsse possivel. Para que logo mandou perceber o reino, que a isso não foi negligente.

E encommendou-se o cerco e tomada do castelo de Beluer a Lopo d'Almeida, que depois foi por El-Rei feito primeiro conde d'Abrantes, e assi que tomasse e segurasse os celleiros das terras chãs do Priol. E assi se encommendou o cerco da Amieira ao capi-

tão Alvaro Vaz d'Almada, conde d'Abranches, ordenando a cada um as gentes e apparelhos que cumpriam. E foi accordado que o Regente e o Infante D. João, e condes d'Ourem e d'Arrayollos fossem sobre o Crato. Mandou o Regente outrosi em nome d'El-Rei fazer e pôr editos publicos, com pena de morte e perdimento de bens, a todos aquelles que estivessem no Crato e nas fortalezas do Priol, se dentro de dez dias não se sahissem, salvo as vinte pessoas á Rainha ordenadas, e assi com promessa de perdão de todos os casos aos que a El-Rei logo se viessem. Exceptuando alguns poucos a que expressamente o tal perdão não se estendia, em que entrava o Priol e seus filhos.

Tomou Lopo d'Almeida com tal cuidado o cerco e tomada de Beluer, que por seus engenhos, forças e combates poz o castello e gente d'elle em tanta necessidade e affronta, que conveiu ao alcaide, que se chamava João Lopez de Nobrega, bom homem e esforçado cavalleiro, depois de fazer muita resistencia, com grande dano dos cercadores, concertar-se e entregar o castello com segurança sua e dos cercados, tomando primeiro certos dias de tregoa, em que como bom servidor pediu socorro ao Priol, e por lh'o não poder dar, entregou por seu mandado o castello a XVII dias de Dezembro de mil quatro centos e quarenta.

O capitão Alvaro Vaz a que o cerco da Amieira, como disse, era encarregado, partiu de Lisboa por terra com sua gente d'armas e de pé, que era muita e mui bem concertada, e assim com as artilherias e provisões que para o cerco convinham, e todo posto em mui segura e singular ordenança, fazendo-o assi como homem que o vira e passara em outros reinos já muitas vezes. E tambem folgou de o ordenar, assi por dar a entender n'este pequeno cerco o que faria em outros maiores se lh'os encomendassem.

CAPITULO LXXI

Como El-Rei quiz vêr e viu o capitão na ordenança de guerra em que vinha

VIERA-SE El-Rei a Alemquer, porque Santarem onde estava, começou de poerse mal de pestenensa; e posto que fosse de tão pequena edade, porém bem inclinado de sua propria natureza, que o provera de mui nobre e mui grande coração, desejou muito de vêr o capitão e sua gente na ordenança de guerra em que vinham, e sentindo-lhe Alvaro Gonçalvez d'Arayde, seu aio, este vivo argulho e desejo, louvou-lh'o muito. E disse que era bem que cumprisse; mas por não errar em seu serviço e estado, indo de proposito vêr uma sua cousa tão pequena, seria bem que como d'acerto fosse á caça, ao campo d'entre a Castanheira e Villa-Nova, e que alli como de recontro veria o capitão e a gente que então havia de passar.

E a outro dia andando alli El-Rei com seus galgos e gaviães, assomou o capitão, e sabendo já que El-Rei o queria vêr, apurou ainda muito mais sua ordenança, e de sua pessoa com seus pages armados se concertou em grande perfeição. Porque n'aquelle auto d'armas, por seu braço e por esperimentadas ardidezas passadas, a elle n'este reino se dava muito louvor; e tanto que foi atravez d'onde o El-Rei olhava, se apartou só da gente, armado sobre uma facanea, e com grande alegria e desenvoltura se lançou fóra d'ella, e a pé foi beijar as mãos a El-Rei, e lhe disse:

«Senhor, assi como eu sou o primeiro que vossa Senhoria vê n'estes habitos, assi prazendo a Deus não

serei eu n'elles o segundo, em todo o que cumprir por vosso serviço e por defensão de vossos reinos.»

El-Rei folgou muito de o vêr, e com palavras e contenenças lhe fez mais honra e mór acolhimento do que de sua pouca edade se esperava, e assi se despediu o capitão e seguiu sua viagem até á Amieira, que logo cercou e combateu até que a tomou.

E n'este cerco não aconteceram cousas assignadas para escrever; porém houve algumas cousas d'agoiro, que por sua novidade tocarei brevemente. Porque na hora que ali aconteceram, porque pareciam mui duvidosas, se tomaram d'ellas testemunhos publicos e mui autorizados. Uma foi que em se acabando d'assentar o cerco, desceu á vista de todos tres vezes uma aguia do céo sobre um ninho de cegonha, que sobre as casas do Priol estava, e das duas vezes levou dois cegonhos novos, e da terceira não ficou o pae, que para a perdição do Priol e dos filhos foi triste prognostico. A outra foi que a pedra do primeiro tiro de polvora que com um quartão se fez, deu por um escudo das armas do Priol que estava sobre a porta da villa, e só sem outra quebradura o desapegou das mãos de dois anjos que o tinham e o levou ao chão em pedaços. A outra foi que o segundo tiro que se fez matou um homem, sobre cujo corpo estando já na egreja para se soterrar, deu outra vez o terceiro tiro, e em um escano em que jazia o tornou a espedaçar.

CAPITULO LXXII

Como a Rainha meteu de Castella gente d'armas n'estes reinos para se bastecer, e do que fizeram

Sendo a Rainha e o Priol atalhados para dos logares vizinhos nem do reino já não haverem mantimentos, e assi sentindo já o engano que de seus alliados em seu movimento receberam, não ficou aberta outra porta d'esperança, de soccorro e provisão senão a de Castella. Pelo qual a peso de suas joias e baixellas, mandaram para soldo vir ao Crato um D. Affonso Anriquez, que estava em Castella na villa d'Alconchel, com até sessenta de cavallo e cento homens de pé, com os quaes, e com os do Crato antes de receberem mais impedimentos e affrontas, trabalharam de por força se bastecer de trigo, cevada, e gados pelos logares d'arredor, entre os quaes foi Cabeça da Vide, que D. Affonso foi barrejar e roubar com cento e LXXX de cavallo e duzentos de pé, e recolheu o despojo ao Crato, sem haver no logar nem no caminho outra resistencia, salvo a que os d'Alter do Chão lhe quizeram fazer, que por não serem cautelosos no auto da guerra foram tambem de D. Affonso desbaratados, e alguns de uma parte e da outra mortos e muitos feridos, com que todo o reino e principalmente os d'aquella comarca foram para os do Crato mui indinados, e da Rainha mui descontentes.

O Infante D. Pedro constrangido e nojado d'estas entradas e correduras que pelo reino assi soltamente se faziam, apressou por isso mais sua partida. E acompanhado de muita gente que o veiu servir, partiu de

Santarem caminho d'Aviz, onde com o Infante D. João e condes d'Ourem e d'Arrayollos tinha concertado seu ajuntamento, para hi terem conselho sobre o que fariam; porque o Infante D. Anrique era na Beira para a defender, como se disse.

CAPITULO LXXIII

Da resposta que o Regente houve d'algumas cousas que com sua embaixada enviou a Roma requerer

Em se o Regente alongando em uns casaes, que se dizem o Couto, entre Santarem e Aviz, chegaram a elle Ruy da Cunha, Priol de Santa Maria de Guimarães, e o Provincial do Carmo D. João, Bispo que depois foi de Ceuta e da Guarda, que vinham de Roma, onde foram enviados por embaixadores ao Papa Eugenio; os quaes entre as outras cousas que requereram e trouxeram concedidas, foi *vivæ vocis oraculo* a despensação para El-Rei poder casar com D. Isabel, filha maior do Infante D. Pedro. E não veiu em escripto; porque a Rainha D. Lianor sentindo que não podia fazer maior nojo, que em lhe estorvar este casamento, trabalhou com El-Rei e Rainha de Castella, e com El-Rei d'Aragão e de Napoles, e com El-Rei de Navarra, todos seus irmãos, que por algumas razões que sem muito fundamento allegaram, fizessem com o Papa que por alguma maneira não outorgasse a despensação para o dito casamento necessaria. O que elles todos fizeram por seus embaixadores com muita instancia, e por tanto o Papa por não desprezar a tantos e taes Reis, houve então por bom expediente não outorgar a despensação em

escripto por não ser publica, e a concedeu aos embaixadores em secreto, *vivæ vocis oraculo*, como disse, para o casamento se poder logo fazer, e depois lh'a mandar por Bula patente, como mandou por Fernão Lopez d'Azevedo, Commendador Mór de Christo, que lá tornou por embaixador.

E assi trouxeram mais por Bulla expedida, em como o Papa isentou para sempre as administrações de Tuy e d'Olivença dos Bispados de Tuy e de Badalhouce, a que eram em Castella d'antigamente sobgeitas, e assi houve o Mestrado d'Aviz d'estes reinos por isento do Mestrado de Calatrava, e o Mestrado de Santiago por isento da Ordem d'Ucrés, que são em Castella, a cuja obediencia de primeiro fundamento eram obrigados. E poz aos Reis de Castella silencio perpetuo, com estreitas censuras e graves excommunhões, se mais o contrairo requeressem, como até então sempre requereram. E certo esta graça estimou muito o Regente; porque sabia que em vida d'El-Rei D. João seu padre, e d'El-Rei D. Duarte seu irmão, com quanto isto sempre desejaram e requereram com rasões e causas mui evidentes e sustanciaes, nunca os Papas que n'aquelles tempos foram, em caso que lhes parecesse razão, com receios d'agravos e importunações dos Reis de Castella o ousaram outorgar, e depois até agora sempre isso esteve e está em pacifico effeito.

CAPITULO LXXIV

Como em se accordando o cêrco do Crato soube o Regente que a Rainha D. Lianor era partida do Crato para Castella, e como todavia seguiu, e do que se fez

CHEGOU o Regente a Aviz, onde de muitas partes lhe accudiu muita gente, para a qual com quanto no reino havia grande careza de mantimentos, houve porém d'elles alli muita abastança. E sendo certificado que o Infante D. João seria com elle bespora de Natal, lhe leixou a villa para seu aposentamento. E na ribeira de Seda se foi alojar no campo, onde os Infantes e conde d'Ourem e conde d'Arrayollos, com outros senhores e fidalgos do conselho se viram. E logo todos consultaram ácêrca do que fariam, em que depois de muitos debates, finalmente se accordaram com o Infante D. João, que disse:

«Que ante de tudo á Rainha por uma pessoa honrada fosse primeiro pedido e requerido que se tornasse para suas terras, ou para outro qualquer logar que ella quizesse não sendo sospeito, com todalas seguranças que ella pedisse, e que elles todos iriam por ella e a serviriam e acatariam como ella merecia, por ser mulher e madre de dois seus naturaes Reis e Senhores, e que se ella o quizesse fazer, todo seu trabalho o houvessem n'isso por bem empregado; porque com isso o menos ficaria por acabar, e que quando ella esto não houvesse por bem, que então fossem cercar e combater o Crato até o tomarem por força, ou como melhor podessem, guardando sempre qualquer casa ou torre em que a Rainha e a Infante estivessem, por

acatamento e reverença de sua real pessoa e estado, cá era razão apagar-se logo aquella pequena brasa; porque d'ella se não seguisse ao reino outro incendio e dano maior.»

A Rainha como foi certificada que os Infantes determinavam ir cerca-la, vendo que o conde de Barcellos e os outros fidalgos se escusavam de ir por ella e a servir como ficaram, quizera-se logo partir do Crato para Castella; mas foi aconselhada que por agravar mais seu caso não o fizesse até os Infantes serem já em caminho contra ella; porque então pareceria razão faze-lo; pois poderiam dizer que com temor de a não prenderem ou deshonrarem o fazia, pelo qual tanto que soube que elles moviam seu arraial da Ribeira de Seda contra o Crato, ella na noite em que amanheceu dia de S. Thomás, que vem a XXIX de Dezembro, de mil e quatrocentos e quarenta e um, se partiu para Albuquerque, e foram principaes em sua companhia o Priol do Crato e D. Affonso Anriquez, e D. Affonso, senhor de Cascaes, e D. Fernando, seu filho, e alguns outros; porque a mais gente ficou no castello do Crato com Gonçalo da Silveira e Vasco da Silveira, filhos de Nuno Martins da Silveira, a que a guarda de todo ficou encomendada. E estes acabaram depois em serviço da Rainha suas vidas em Castella, e assi os ditos D. Affonso e D. Fernando, e o Priol do Crato, que no Agosto seguinte falleceram em Çamora.

Alguns moradores do Crato e principaes, comquanto alli estavam sobjeitos ao Priol, eram porém servidores secretos do Regente. E como sentiram a partida da Rainha, fizeram logo dois avisos, um ao Regente do caso como passara, e outro a Gareia Rodriguez de Siqueira, Comendador Mór d'Aviz, que era capitão em Alter, para que fosse logo como foi por

meio e engenho d'elles cobrar a villa, e depois de se bem apoderar d'ella e a segurar com fortes palanques do dano que os do castello lhe poderiam fazer, o notificou logo aos Infantes, que acordaram enviar logo a Gonçalo da Silveira, e a Vasco da Silveira, Vasco Martins de Mello, por ser casado com uma sua irmã, filha tambem de Nuno Martinz da Silveira, para que os aconselhasse como o tempo e razão requeria e que sem mais resistencia entregassem o castello. Mas Gonçallo da Silveira, sobre quem a defensão principalmente pendia, se escusou da entrega, como fidalgo em que pareceu que havia bondade, lealdade e discrição, e o coração lhe não fallecia.

Com este recado tornou Vasco Martinz aos Infantes, que não leixaram de seguir seu caminho até serem sobre o logar; porque receiaram que a Rainha com gente e mantimentos de Castella bastecesse os logares, pois n'elles com essa esperança leixava sua gente.

O conde d'Ourem com a gente de Lisboa se aposentou dentro na villa, e os Infantes fóra em torno do castello, onde em chegando fizeram publico alardo com toda a gente, em que se acharam doze mil homens de peleja com muita artilharia, que logo foi assentada em ordenança de combate, de que os mais do castello tomáram grande desmaio; e porém ante d'algum cometimento, o Regente mandou outra vez por o dito Vasco Martinz requerer Gonçallo da Silveira que entregasse o castello e se tornasse para El-Rei que lhe faria muita mercê, e serviria seu officio d'escrivão da Puridade como o fôra seu pae, e que seu irmão seria acrecentado com outras abastanças e razões, de que Gonçalo da Silveira algum tanto vencido com prazer dos Infantes, tomou assento que o não combatessem por x dias, dentro dos quaes se a

Rainha depois de ser requerida por elle, lhe não desse soccorro e ajuda com que bem se podessem defender que elle entregaria a fortaleza, e que se lh'o desse' que elle aquelle trabalho e outro maior soffreria até, morrer por seu serviço.

Foi logo a Rainha de todo esto avisada por Gonçalo Annes, criado do Priol e alcaide do Crato, que como prudente messegeiro, lhe disse mui largamente as difficuldades que havia na defensão do castello, por ser tamanho e contra tal e tanta gente, e enfraquentou muito com vivas razões a esperança que a Rainha lhe dava, e tinha em uns oitocentos homens d'armas que a Rainha de Castella sua irmã lhe mandara para isso offerecer, dizendo-lhe «que estes não eram pagos nem juntos, e estavam ainda em Castella por suas casas. E que por tantos favores de pães, de que os Infantes seus irmãos enganosamente a basteciam, não abastavam para tal tempo e tamanha necessidade, e que em caso que esta gente e outra mais os quizesse soccorrer, que pois não podia ser pelo céo, menos seria pela terra em que por todalas partes havia tanta e tão forte resistencia, que era impossivel ou assignada sandice fazer-se.»

E emfim a Rainha com o Priol visto todo, accordaram que o castello se entregasse, para que logo mandou Pero de Goes seu filho, que com segurança dos castellos o leixou livre, e o Regente o entregou logo ao Infante D. João, e deu em nome d'El-Rei o Priorado do Crato a D. Anrique de Castro, filho de D. Fernando de Castro, e depois a D. João d'Atayde, por cuja morte o houve tambem D. Vasco d'Atayde seu irmão. E depois de despedir com mercês e mui graciosas palavras aquellas pessoas que n'esta jornada o vieram servir, e que por então não houve mester, se partiu caminho d'Abrantes, e com elle o con-

de d'Ourem. E o Infante D. João se tornou para a cidade d'Evora.

CAPITULO LXXV

Como o Infante D. Pedro e o Infante D. Anrique se foram a Lamego para passarem entre Doiro e Minho. E como o conde de Barcellos se poz em defeza, e do que se n'isso passou

Estante de seu apartamento tiveram conselho sobre o que ao diante deviam fazer, e accordaram que por quanto já se começara d'entender contra os que eram reveis e desobedientes a seu Regimento, que o Regente se fosse á Beira juntar-se com o Infante D. Anrique, para que ambos pela melhor maneira que o tempo lh'o offerecesse, assessegassem os desmandos e alvoroços em que os fidalgos d'aquella comarca andavam. E assi soubessem logo se o conde de Barcellos queria estar á sua obediencia e ordenança como os outros, e se o contradissesse, que procedessem contra elle de feito e direito, como sua contumacia requeria, pois com ella dava causa a se fazer em muita parte do reino muito mal, e pouca justiça.

Foi-se o Regente a Coimbra, e alli se refez da mais gente que pôde, e posta em ordenança e com esperança de guerra se foi a Vizeu, e alli no Couto se viu com o Infante D. Anrique, que tambem para o caso estava de gente, armas e mantimentos mui bem percebido, os quaes por assi sentirem que cumpria se partiram logo para Lamego, onde chegaram com proposito de assi poderosos passarem o Douro, e o Regente usar inteiramente de seu officio nas comarcas d'Entre Doiro e Minho, e Tras os Montes.

A Rainha por conselho do conde de Barcellos se partiu d'Albuquerque, com fundamento de ir ao longo do estremo até através da comarca de Tras os Montes, para ir entrar em Portugal pelas terras d'Alvaro Pirez de Tavora, onde o conde de Barcellos e os de sua opinião se offereceram de a irem receber e servir. E de Ledesma a que chegou, enviou seus messegeiros ao conde para saber sua determinação e vontade, e para lh'a fazer maior e mais forte, lhe enviou novos esforços com esperança de grande honra e acrecentamento seu; os quaes messegeiros foram a elle, que estava em Guimarães ao tempo que os Infantes chegaram a Lamego, e sendo de sua chegada d'elles certificado, e da maneira e tenção com que iam, não pôde dessimular a muita tristeza e grande cuidado que por isso recebeu, e respondeu á Rainha escusando-se com coisas necessarias, a não poder cumprir por então seu requerimento, reprendendo com largas razões o pouco cuidado que os Infantes d'Aragão para sua restituição mostravam. E por se mostrar forte aos que de sua parte já sentia mui fracos, enviou dizer ao conde d'Ourem seu filho, que dissesse como disse da sua parte ao Regente, que escusasse passar o Douro, porque elle lh'o não havia de consentir, de que o Infante mostrou grande sentimento, e com palavras e contenença não livres de sanha, respondeu ao conde por maneira, que sentindo elle como a honra e estado de seu pae se despunha a grande perigo, pediu ao Regente por mercê que sobre o caso não houvesse por mal que elle mandasse um cavalleiro por messegeiro a seu pae, de que ao Infante aprouve, e ainda com desejo de mais assessego o obrigava que para isso elle não devia mandar alguem, mas ir em pessoa. E porque Luiz Alvarez de Sousa, que ao conde foi sobr'isso enviado, não lhe abrandou em nada sua ten-

ção, tornou a elle em pessoa o conde d'Ourem seu filho, o qual como quer que com palavras de muito amor e razões de grande efficacia lhe pedisse que se decesse de sua opinião, pois o tempo e a razão assi o queriam, nunca o pôde acabar, e assi assaz triste e anojado tornou para o Regente sem alguma conclusão.

O conde de Barcellos moveu de Guimarães com mostrança de ao Infante defender por força a passagem. E assentou-se com sua gente em auto de guerra em Meisanfrio, que é logar sobre o Douro duas leguas de Lamego. E mandou alagar e metter de sob a agua todalas barcas e bateis do rio, pelo qual o Infante aceso já em desejo de vingança para que os desprezos e porfia do conde o moviam, determinou logo de passar contra elle, e para isso ordenou que no Douro sobre toneis se fizesse uma ponte porque a gente e cavallos podessem em breve e mui seguramente passar, e assi se fez prestes do mais que para rompimento e peleja cumpria. As quaes cousas vendo o conde d'Ourem aparelhadas com tal trigança para destruição de seu pae, ajuntou comsigo para sua ajuda alguns principaes, perante quem fallou ao Regente. E com palavras de grande prudencia e muita piedade, e com outras de não menos obrigação, lhe pediu que sobrestivesse em sua passagem e lhe desse logar que volvesse a seu pae; porque esperava de o tornar á sua obediencia e serviço prouve d'isso ao Infante, e lhe louvou muito a dôr e cuidado que para remedio de seu pae a todos mostrava. Porque entre as outras virtudes muitas que no Infante havia, esta era n'elle de grande perfeição, ser para as execuções de sua sanha mui temperado, e mui ligeiro de mover por rogos e intercessões dos bons.

O conde d'Ourem foi logo a seu pae, e tão evidentes lhe mostrou os erros de sua dureza e os princi-

pios que se ordenavam para sua quéda, que vencido do evidente perigo que via, mais que de sua propria vontade, lhe prouve vir como veiu a Lamego falar aos Infantes. Os quaes como souberam de sua vinda sahiram a recebe-lo fóra da cidade acompanhados de muita e mui nobre gente.

E posto que entre o conde e o Regente havia odios mui verdadeiros, porém n'aquella hora que se viram houve entre elles palavras fingidas de tanto amor e cortezia, e se abraçavam a cada passo com tanta alegria, que pareceu que um não estimava nem desejava mais bem que a vista do outro, sem alguma lembrança de roturas passadas, e nas contenenças do povo que os assi viam, bem parecia que todos haviam d'isso grande prazer.

Era hi presente o Arcebispo de Braga D. Fernando, que com vozes altas começou de cantar o principio do salmo *Ecce quam bonum & quam jucundum habitare fratres in unum;* como a quem parecia que na concordia d'estes Senhores se segurava de todo a paz e descanço do Reino. Os quaes como foram na cidade fallaram entre si suas cousas, e assi nos desvairos passados, e o Regente recebeu com bem na cara as desculpas do conde, que ficou de todo á sua obediencia, approvando em todo o seu Regimento, e prometteu de mais não servir nem seguir a Rainha, salvo n'aquellas cousas em que os mesmos Infantes a servissem, e assi concludiram que o casamento d'El-Rei de necessidade se fizesse logo com a filha do Infante, ao menos com recebimento simples; porque ao tomar de sua casa, se fariam depois suas festas solenes e reaes, como a sua honra e estado cumpria. E assi prouve ao Regente a requerimento do conde que seu cunhado D. Pedro, o Arcebispo de Lisboa, que andava em Castella desterrado, fosse como foi á sua dinidade resti-

tuido, e lhe outorgou para si e para os seus outras muitas graças e mercês, a que depois seu agardecimento não respondeu com egual balança.

E concordado assi todo se despediram uns dos outros: o Regente e o conde d'Ourem para Lisboa, e o Infante D. Anrique para suas terras, e o conde de Barcellos tornou-se d'onde viera; e isto foi no fim de Fevereiro do anno de mil e quatrocentos e quarenta e um.

CAPITULO LXXVI

Das côrtes que se fizeram sobre o casamento d'El-Rei com a Rainha D. Isabel, filha do Infante D. Pedro

Como o Regente foi em Lisboa logo ordenou côrtes, que com solene ordenança de cidades e villas, e pessoas principaes do reino se fizeram em Torres Vedras, onde além d'outras muitas cousas, em que por bem da Republica se entendeu, o Infante D. Pedro com fundamentos passados da vontade d'El-Rei D. Duarte, e com a necessidade presente que disse, com muita autoridade e eficacia requereu aos do reino outorga e consentimento para El-Rei seu Senhor casar com sua filha, e o povo por conhecer ser verdade o que apontava, e que em christãos não havia por então mulher com que El-Rei tão bem podesse casar como a seu estado e honra cumpria, e assi movidos da humanidade e resguardo com que o pediu, não sómente foram d'isso todos contentes, mas ainda para quando embora tomasse sua casa lh'offereceram um rico presente. Pelo qual o Infante se foi a Obidos, onde era El-Rei, e alli em dia da Ascensão, á tarde, no anno de mil e quatrocentos e

quarenta e um, á vista de todos se celebraram os esposoiros entre El-Rei e a Rainha, nas mãos de um Daião d'Evora que servia El-Rei de seu fisico, entrando El-Rei em edade de dez annos. E como os procuradores do povo acabaram de ser respondidos a seus capitulos e requerimentos, se despediram.

CAPITULO LXXVII

Como o Regente por meio do conde de Barcellos procurou de se concordar com a Rainha D. Lianor, e das cousas por que ella não quiz

O Infante D. Pedro de se assi concordar com o conde de Barcellos mostrou que recebia prazer e descanso, crendo que para tranquillidade do reino que procurava, tinha a mais aspera difficuldade passada. E para temperar e vencer a outra da Rainha que sobre tudo desejava, ante de partir de Lamego fallou com o conde seu irmão, e lhe pediu que para ambos se concordarem, como sempre desejara, quizesse entre a Rainha e elle ser medeaneiro; porque elle tinha razão de n'isso a servir, e ella de o querer.

Mostrou o conde que d'isso lhe prazia muito, e enviou logo a ella que era já em Madagal, Alvaro Pirez de Tavora, de que muito fiava, encommendando-lhe muito com razões e causas mui evidentes o concerto da Rainha com o Infante, e assi sua desculpa pela não servir na fórma que com ella tinha assentado.

A Rainha não ouviu esta embaixada com boa vontade, nem a acceitou como se confiava. Assi por haver já por suspeito o conde, pela concordia feita en-

tre elle e o Regente, em que Alvaro Pirez tambem entrara; como porque lhe parecia, segundo os Infantes seus irmãos estavam então apoderados de Castella e Aragão e Navarra, que com as gentes e poder d'estes reinos apremariam e guerreariam o Regente por maneira que de necessidade lhe conviesse leixar a ella livremente o Regimento, como requeria e desejava. E este esforço e presunção tomava ella porque n'este tempo os Infantes seus irmãos e o Principe D. Anrique, com odio que tinham ao conde e Condestabre se concordaram e cercaram El-Rei em Medina del Campo, e o entraram por força, e recolheram sua pessoa d'El-Rei a seu poder, e lançaram fóra fugidos e destroçados o Condestabre e o Mestre d'Alcantara, e outros que eram dentro em ajuda e defensão d'El-Rei. E n'esta sombra de prosperidade em que a Rainha via seus irmãos em Castella, tomou tanta confiança para seu recurso, que não quiz haver por bom nenhum meio que de Portugal sem o Regimento e criação d'El-Rei lhe fosse cometido. Antes para mais apressar sua destruição e proveza, foi como não devia aconselhada, que para em seu caso obrigar mais seus irmãos, quando os fosse vêr devia levar e dar-lhe para sua ajuda alguma gente d'armas, de que em suas revoltas tinham a necessidade que sabiam, o que á Rainha pareceu bem, e para prover aos seus e a outros que para isso tomou, de cavallo armas e soldo, vendeu e apenhou a mór parte de quanta prata e joias tinha. E camanho erro n'isso fez, ella em suas minguas sem longa tardança o sentiu, porque finalmente o amparo e soccorro que em suas fadigas houve de seus irmãos, com quanto eram tamanhos Senhores, se tornou sómente em fortunas dobradas, e claros enganos em que a trouxeram, e com que acabaram de lhe levar todo o que para repairo seu e dos seus lhe ficava.

CAPITULO LXXVIII

Como a Rainha D. Lianor se foi á côrte d'El-Rei de Castella, e das embaixadas que vieram a Portugal

A Rainha n'esta enganosa confiança de sua certa restituição se foi á côrte d'El-Rei de Castella, que os Infantes d'Aragão então governavam de todo; dos quaes logo em sua chegada foi com muita honra e acatamento recebida e agasalhada. Onde depois de em pessoa recontar suas querellas e aggravos, com mais graveza por ventura do que foram em effeito, El Rei por satisfazer a ella e cumprir a vontade dos Infantes, enviou ao Infante D. Pedro uma e muitas vezes mui continuas embaixadas, umas brandas e outras com aspereza, umas mostrando desejar paz, e outras mais desafiando guerra, apontando sempre taes meios em favor e contentamento da Rainha, que a-sem razão e o desserviço d'El-Rei de Portugal e o dano do seu reino, que claramente comsigo traziam, conselhavam que se não acceitassem; especialmente porque em todos se requeria que a criação d'El-Rei e do Principe seu irmão e irmãs fosse á desposição da Rainha, ou ao menos em poder de dois cavalleiros, quaes a ella prouvesse, que fossem de todo isentos da juridição e mandado do Infante, o que o reino todo por causas mui evidentes e necessarias sempre contrariou, e muito mais o Regente, que mostrava haver por singular bem-aventurança e grande repouso para si e para seus filhos o amor d'El-Rei, de que tinha certa esperança, pois com tanto amor e perfeição o criava, e de que seria desesperado se fóra

de seu poder, e com seu odio e de muitos outros o criassem.

E porém sempre lhe prouve, e assi o respondia, que á Rainha tornando-se a estes reinos fossem inteiramente dadas todalas terras e renda que n'elles tinha, com a criação de seus filhos livremente. Ainda que em umas côrtes que n'este anno de mil e quatrocentos e quarenta e dois em Evora se fizeram, foi por todolos tres estados requerido e concordado que a Rainha devia por direito ser de todo privada, e que principalmente não devia vir a estes Reinos, assi pela gente estrangeira que como imiga n'elles metera e os guerreara, como pelos grandes trabalhos e muitas despezas que com receio de guerra tinham por sua causa padecido, em especial se houve por mui perigoso inconveniente o odio e má vontade que aos principaes do reino já tinha, de que se esperava ella com El-Rei seu filho procurar sempre destruições e cruas vinganças, que a muita lealdade de seus vassallos lhe não mereciam.

Os Infantes d'Aragão confiados no mando da governança de Castella que possuiam, havendo por seu abatimento não se fazerem os feitos da Rainha sua irmã á sua vontade, enviaram ao Regente que era em Santarem outra embaixada, que elles fingiam ser já derradeira, em que vieram por embaixadores um Gomez de Benavides, e outro Affonso Fernandes de Ledesma, doutor em leis, e pessoas de grande estima e auctoridade em Castella; estes em seus apontamentos seguiram os passados dos outros. Trazendo logo comsigo arautos e trombetas, como officiaes de desafio real, para que se ás cousas tocantes á Rainha não respondessem conformes a seu requerimento, que solemnemente desafiassem logo a guerra de reino a reino. A qual publicavam mui soltamente, crendo que

com medo d'ella este reino ácerca do Regimento se mudara de seu primeiro proposito.

E estando estes embaixadores ainda por responder, veiu com uma carta da mão d'El-Rei para o Regente, um Custodio, da Ordem de S. Francisco de Castella, e com o trellado d'ella aos embaixadores, em que sustancialmente affirmava o que elles mesmos já requereram. Apontando as cousas porque devia com rasão favorecer e ajudar a Rainha. E que por ellas sem quebrantamento das pazes podia a estes reinos justamente fazer guerra.

CAPITULO LXXIX

De como o Regente sobre a resposta que a estas embaixadas se daria, fez côrtes geraes

Estes accidentes tão apressados pozeram o Infante D. Pedro em muito cuidado; porque eram taes, que de necessidade ou teria guerra, ou por fraco perderia toda sua honra e estima; porque por isto foi certificado que ao povo de Castella em ajuntamento de côrtes prouve por industria dos Infantes que para restituição da Rainha se fizesse guerra a estes reinos, e para isso se fizessem apurações e lançassem pedidos, que se logo lançaram.

E porém o Infante disse aos embaixadores que os casos de seu requerimento eram de calidade, a que se não podia dar direita resposta sem accordo de todo o reino, e portanto lhes rogava que tivessem assi até se fazerem côrtes, onde elles tornariam a ser ouvidos e respondidos, como a todos bem parecesse.

Os embaixadores foram d'isto mui contentes; por-

que viram levemente o offeito do principal fundamento e desejo que traziam, que era por semearem temor divulgar-se sua embaixada por todo o reino.

Assignou o Regente as côrtes na cidade d'Evora, onde por suas cartas mandou que os procuradores do povo se juntassem no Janeiro do anno que começava, de mil e quatro centos e quarenta e dois. Notificando-lhe logo a sustancia e causa de sua vinda; e porque lhe parecia que a guerra se não poderia escusar, e não fossem com algum improviso dano salteados por negligencia, determinou que os Infantes a que tambem escreveu, fossem logo ás frontarias de suas comarcas, e provessem todalas fortalezas da raia e as fizessem velar, armar, bastecer e repairar, como para tal necessidade cumpria se sobreviesse, e assim mandassem arredar os gados e provisões dos estremos. E defender os mercadores que não entrassem em Castella; e assi se cumpriu e se poz em todo o reino tanto resguardo, como se a guerra fôra claramente rota, e aos Infantes e grandes e pessoas principaes do conselho que não podiam vir a ser presentes, enviou a sustancia de toda a embaixada, e a cada um ácerca do que responderia pediu seu conselho e parecer em escripto, como sempre costumou.

Partiu-se o Regente para Evora, e assi os embaixadores, e ao dia que tinha posto foram juntos os procuradores, onde o Infante por si lhes propoz com largo recontamento a necessidade que o movera aos chamar, e assi lhes apresentou a embaixada presente, resumindo as outras passadas da mesma sustancia, cuja conclusão era que El-Rei de Castella requeria que por bem e paz d'este reino, El-Rei e seus irmãos fossem entregues á Rainha, com inteira governança do reino, se não com força e por guerra de Castella se faria, rogando-lhe que sobre todo consirassem, e

como bons portuguezes e leaes vassallos d'El-Rei lhe dissessem o que devia dizer e fazer; havendo sempre respeito ao que mais fosse serviço de Deus e honra d'El-Rei e bem de seus reinos. Apontando a necessidade que havia de dinheiro, para que sua ajuda cumpria.

E leixando alguns rumores e alvoroços que em continente logo houve, e muitos dos que sem aquella consiração e resguardo que deviam bradavam por guerra e a requeriam, finalmente os procuradores recolhidos em seu consistorio e praticando com muita madureza o caso, tornaram ao Regente seu parecer, que sustancialmente foi todo remetido a seu juizo, por todo confiarem de sua lealdade, siso, e esforço, e para as necessidades que occorriam outorgaram tres pedidos.

E conformando-se o Regente com o parecer dos procuradores e assi com as respostas que em escripto houve dos ausentes, deu em nome de El-Rei resposta aos embaixadores, escusando-se por muitas causas a não dever cumprir, nem haver por bem o que requeriam, e que assi era dos do reino aconselhado, e que se por isso El-Rei de Castella quizesse mover guerra contra estes reinos, que lhe pesaria muito por ser entre christãos tão conjunctos em sangue e amigos. Porém quando tão sem razão a movesse, e como imigo quizesse n'elles entrar, fosse certo que a contenda não duraria muito; porque no campo o havia de receber e não o esperar de trás das paredes. E que esperava em Deus pois era justo, que na victoria o faria tão herdeiro, como fizera a El-Rei D. João, de cujos lombos sahira.

Com esta resposta despediu os embaixadores de Castella, que com todas suas ameaças passadas não publicaram a guerra como mostravam.

FIM DO I VOLUME

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

PROPRIETARIO E FUNDADOR

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. AFFONSO V

POR

Ruy de Pina

VOL. II

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1902

CAPITULO LXXX

D'outra embaixada que ao Regente veiu d'El-Rei e do povo de Castella, sobre as mesmas cousas da Rainha, e da resposta que houveram, e como se entendeu em alguma concordia e contentamento da Rainha

E o Infante D. Pedro se foi com El-Rei á cidade do Porto, onde tornaram a elle sobre o mesmo caso da Rainha quatro embaixadores, dois em nome d'El-Rei de Castella, e dois em nome do seu povo; porque a Rainha D. Lianor, quando viu os primeiros embaixadores tornar com resposta á sua esperança e desejo tão contraira, começou claramente de conhecer os enganos em que caira, e lastimando-se d'isso aos Infantes seus irmãos, elles por em alguma maneira cumprirem com ella, fizeram com El-Rei que os procurados dos povos de seus reinos em côr-

tes ouvissem, como ouviram suas querellas e agravos contra o Regente, e com tal graveza se propozeram, que foi accordado enviar-se já por final aquella embaixada, em nome d'El-Rei e do povo com temerosas protestações, dizendo que quando aos requerimentos d'ella não se satisfizesse, poderiam então mover guerra, sem parecer que por sua parte as pazes se quebrantavam. Sobre a qual o Regente teve conselho, e enviou avisos aos Infantes e pessoas principaes do reino, e foi determinado que o Infante não desse determinada resposta aos embaixadores, e que por dilatar a remettesse, á que El-Rei seu Senhor enviaria, para que offereceria a El-Rei de Castella todo o que por contemplação sua e de seu povo á Rainha n'estes reinos se devia e podia fazer.

E com isto despediu os embaixadores, e se foi com El-Rei á villa de Tentuguel, que é no Campo Mondego. Onde accordou de enviar, como enviou por embaixadores a Castella, como ficara, a Lionel de Lima, que depois foi primeiro bisconde de Villa Nova de Caminha, e o doutor Ruy Gomes d'Alvarenga. Os quaes bem instructos e avisados do que haviam de dizer, se foram a El-Rei de Castella, com quem falaram em apartado as cousas de sua embaixada, em que sustancialmente concludiram que a Rainha por muitas causas, razões e impedimentos que apontaram, não devia vir a estes reinos, nem menos ter a governança d'elles, nem a criação d'El-Rei e seu irmão que requeria, e que o reino todo havia por tamanho inconviniente para o bem e assessego d'elle, que para o não consentir se despoeriam ante a todo trabalho e perigo; mas ainda que por direito não houvesse para isso obrigação, que por ser madre d'El-Rei seu Senhor, e por elle Rei o requerer, lhe dariam onde ella quizesse fóra de Portugal, seu dote e arras, e todas

as cousas suas que n'este reino se achassem, que não fossem da Corôa, e mais dez mil dobras d'ouro para satisfação dos que a serviram. E com isto outras muitas razões, com exemplos de merecimentos passados, porque El-Rei devia amar muito mais El-Rei seu Senhor e ao Regente, que a Rainha D. Lianor nem a seus irmãos.

El-Rei de Castella depois de os ouvir, ante de lhe responder teve com os grandes do seu reino sobr'isso conselho, em que eram os Infantes d'Aragão e a Rainha, onde para a paz e para guerra houve votos e sentenças contrairas; e finalmente o conde de Faram, e um Bispo da Avila que eram presentes, com fundamentos e razões mui justas concludiram que por este negocio da Rainha, ainda que fosse irmã, nem filha d'El-Rei, que pelas pazes que com Portugal tinha feitas e juradas, não lhe podia nem devia fazer guerra, e que a mór ajuda que á Rainha podiam dar, assi era de rogos sómente; com os quaes dois senhores muitos outros se foram. E o conde de Faram aderençou sua falla para a Rainha, e lhe disse:

«Senhora, bem creiu em caso que o voto que dei seja contrairo a vosso desejo que não leixará vossa mercê de crêr que eu amo muito vosso serviço, e dos Senhores Infantes vossos irmãos, por cuja honra e estado eu trabalhei e padeci o que elles sabem, cá por isso o dei e o disse, e por isso vos quero bem conselhar. Soes primeiramente muito enganada em procurardes entrar em Portugal por guerra, e contra vontade do Regente e dos Infantes seus irmãos; pois sabeis que todo o reino por natureza os ama, e por obrigação e vontade os hão-de servir, e das mostranças que alguns lá fizeram de vos recolher e servir, já deveis de ser desenganada, e a concordia do conde de Barcellos e do Marechal com o Infante D. Pedro vos é para isso cla-

ro exemplo, e que vos pareça que a necessidade do tempo lh'o fez assi fazer, ainda não creaes, vendo elles as cousas revoltas que não sostenham a parte de seu Rei natural antes que a do estranho, e mais eu não sei que segurança tereis do amor do povo que guerreardes por fogo e sangue, que tal caso se não pode escusar, antes para vossa vida conseguireis odio, desamor e perigo, que por todas razões não deveis querer; não fallo já no grande trabalho e muita perda que estes reinos de Castella receberam com esperança de tão duvidosa victoria. Aquelle reino não é pequeno, e é mui forte e de gente leal e mui esforçada, e será mui máo de sogigar por força. E para melhor verdes esta impossibilidade, sabeis bem que um cavalleiro de duas fortalezas tem n'estes reinos coração de se levantar contra a obediencia e serviço d'El-Rei nosso Senhor; e quero dizer se o devo dizer, que não é poderoso de o cercar nem tomar, quanto mais que os Infantes vossos irmãos que aqui estão, de necessidade conviria terem n'estes reinos outra gente d'armas, e não pouca contra o Condestabre e o Mestre d'Alcantara seus imigos, e que seria impossivel ou com abatimento de suas honras e estados se sogigarem a elles, que seria grande vituperio em sangue real, que Deus nunca consinta, cá não haveis de duvidar que estes dois homens pela grande imizade que comvosco e com elles tem e pelas boas obras que do Regente em suas necessidades e affrontas tem recebidas, o hão sempre de servir e ajudar, por mais enfraquentar vosso poder, cá de todo são desconfiados de vossa concordia, e fazendo ainda esta empreza tão leve, que sem muita pena cobrassemos o reino de Portugal, não creaes que o dessèmos a El-Rei vosso filho, nem a vós o Regimento d'elle; porque para cobrar novos reinos não ha fé nem ver-

dade, cá é aos mortaes cobiça sobre todas, e sobre tudo com reverença e acatamento d'El-Rei nosso Senhor que aqui está, vos digo que sua Senhoria tem com gram razão grande amor ao Regente. E crêde que por só importunação de que por vós e vossos irmãos foi vencido, tem feito contra elle o que fez, n'estas embaixadas que enviou, cá não ha por sua vontade de proseguir cousa que em sua honra e estado muito desfaça, pelo qual Senhora, meu conselho é que pelo que a vosso habito, consciencia, e assessego pertence, acceiteis qualquer razoado partido que de Portugal vos fizerem, cá do contrairo sede certa, que cada vez recebereis mais dano, e mór paixão.

Este desengano do conde de Faram foi muito louvado, e muitos do conselho o seguiram, e El-Rei o approvou, pelo qual por parte da Rainha logo se apontaram alguns meios, em que para ella requereram uma grande somma de dobrões. E para alguns seus, casamentos assignados, e para outros satisfações de dinheiro, pago em certo modo e tempo, com outras cousas que tambem requereram, segundo que por escripto o apontaram, e com estes meios vieram os embaixadores a Portugal, com fundamento de logo tornarem com a concordia; e porque o Regente sem todo o reino e principaes d'elle não quiz n'elles tomar certo assento, seguiu-se no ajuntamento para isso tanta dilação, que n'estes reinos, e nos de Castella principalmente sobrevieram em tanto cousas de taes afrontas e necessidades, que as da Rainha ficaram de todo por acabar, até que com ellas acabou tambem sua vida, como se dirá.

CAPITULO LXXXI

De como o Infante D. João falleceu, e que filhos d'elle ficaram

No fim do mez de Outubro d'este anno de mil e quatrocentos e quarenta e dois, o Infante D. João em a villa d'Alcacere do Sal acabou sua vida de febre, d'onde levaram seu corpo ao mosteiro da Batalha, onde tem sua sepultura, dentro da capella d'El-Rei D. João seu padre, e foi sua morte com dôr e tristeza de muitos muito sentida; porque era Principe de grande casa, e em que havia muitas bondades e virtudes sem algum vicio que as minguassem, em especial era muito amigo do bem commum d'estes reinos, que por elle mostraram claros signaes da perda que n'elle perderam.

E o que de sua morte e privação mostrou sobre todos ser mais triste e anojado, foi o Infante D. Pedro que era em Coimbra, onde como soube de seu fallecimento, cahiu de verdadeiro nojo em cama á morte, não havendo em sua enfermidade outra causa, e não era sem razão; porque eram irmãos que sem cautella e mui verdadeiramenta se amaram, e foram sempre em todo mui conformes, e o amor que o Infante D. Pedro lhe tinha não ficou sem experiencia de ser mui conhecido; porque não sómente na vida, mas depois da morte muito mais claro em todas suas cousas lh'o mostrou; porque do Infante D. João ficaram tres filhas e um filho. O filho houve nome D. Diogo, a que o Regente logo em nome d'El-Rei fez Condestabre, e deu o Mestrado de Santiago com todalas rendas e

cousas que o Infante seu padre tinha, e falleceu logo muito moço, e a filha maior a que chamavam D. Isabel, que de virtudes da alma e perfeições do corpo foi em todo cumprida, casou com El-Rei D. João de Castella, que sendo elle de edade de quarenta annos a houve por segunda sua mulher, de que nasceu real geração e sobre todas mui excellente. E a segunda filha do Infante D. João houve nome D. Breatiz, esta casou o Infante D. Pedro com o Infante D. Fernando, irmão d'El-Rei D. Affonso, de que houveram por filhos, a sobre todas mui virtuosa a Rainha D. Lianor, mulher que foi d'El-Rei D. João o segundo d'estes reinos de Portugal, e El-Rei D. Manoel nosso Senhor, que por fallecimento d'outro legitimo herdeiro, directa e ligitimamente os sobcedeu. E a terceira filha do Infante D. João se chamou D. Filippa, que sem casar, casando e fazendo muito bem a seus criados e criadas, acabou virtuosamente sua vida.

N'este anno estando o Regente com El-Rei na cidade d'Evora, falleceu sem herdeiros um D. Duarte, que foi senhor de Bragança, e tinha o castello d'Outeiro de Miranda; veiu logo á côrte o conde de Barcellos, e pediu este senhorio e castello ao Regente, o qual se escusou d'elle por o ter já promettido ao conde d'Ourem seu filho, que no requerimento se antecipara primeiro, e porém logo entre o pae e o filho houve n'isso tal concordia, que o conde d'Ourem por ser filho maior esperando todo sobceder, juntamente desistiu da promessa e por prazer do Regente a passou ao conde de Barcellos, que logo pelo dito Infante D. Pedro foi feito e intitulado duque de Bragança. Mas não se seguiu assi, porque o filho que era moço, falleceu primeiro que o pae que era já mui velho, como se dirá.

CAPITULO LXXXII

De como falleceu o filho do Infante D. João que era Condestabre, e como o filho maior do Infante D. Pedro foi d'aquella dinidade provido, que foi causa e fundamento da morte do dito Infante D. Pedro

E no começo do anno seguinte de mil e quatrocentos e quarenta e tres, falleceu de febre continua D. Diogo, filho do Infante D. João, cuja herança e casa passou logo a D. Isabel sua irmã maior, e depois porque casou com El-Rei de Castella, passou por contrato á filha segunda D. Briatiz, casada com o Infante D. Fernando, como disse.

E o Infante D. Pedro, porque do Infante D. João não ficara outro herdeiro barão, fez com El-Rei que proveu logo do Oficio de Condestabre a D. Pedro seu filho maior, e o conde d'Ourem fundando-se em razões que não provou, enviou pedir a mesma denidade ao Infante D. Pedro seu tio, dizendo-lhe, «que o seu avô o conde Nuno Alvares Pereira houvera este Oficio, para si e para todolos que d'elle decendessem. E que por quanto d'elle não ficara filho barão que o herdasse o houvera o Infante D. João, não como filho de Rei, mas como quem casou com sua neta, e que como quer que a elle conde d'Ourem mais que a outrem de razão pertencesse, por ser neto barão e maior do Condestabre; porém que o leixara então de requerer, porque para se haver não fizera diferença entre o Infante D. João e si mesmo; mas agora que por sobcessão de barão ficava distinto, e a elle pertencia como a principal ramo

que do tronco do Condestabre ficava, lhe pedia que o provesse d'elle».

E o Regente lhe respondeu «que El-Rei seu Senhor tinha já d'elle feito mercê a D. Pedro seu filho, para quem elle o pedira, para em algum cargo de honra ter mais razão de o servir; porém que se hi houvesse doação ou cousa assi autentica por que parecesse este Officio de direito lhe pertencer, que lh'a mandasse mostrar e que por alguma maneira lh'o não tiraria. Alegando-lhe mais para sua satisfação e contentamento a mercê de Bragança e de Castello d'Outeiro, que poucos dias havia que recebera, ainda que de sua vontade a trespassara em seu padre, o que elle assi consentira por ter razão de o mais cedo fazer duque depois da morte de seu padre, que por curso de natureza, segundo sua muita edade não podia já muito tardar, e que por hi elle ficaria duque, e tres vezes conde com outros senhorios e terras, de que para a estreiteza de Portugal se devia haver por muito acrecentado, honrado e contente. E que portanto lhe rogava, que por amor d'elle não se descontentasse em seu filho haver este Officio, em que bem cabia por muitos respeitos, e isto porém fosse quando não houvesse tal firmeza, porque de direito lhe pertencesse; porque se a houvesse fosse certo que seu filho lh'o leixaria».

E em fim o conde d'Ourem não mostrou o que por ventura não tinha; porém tamanho descontentamento e agravo mostrou que do Infante por isso recebia, que nunca depois quiz vir á sua casa, e menos á côrte d'El-Rei emquanto elle regeu, e este odio do conde d'Ourem foi a causa principal da morte e destruição do Infante D. Pedro, como se dirá.

CAPITULO LXXXIII

De como foi a morte do Infante D. Fernando que era captivo em Fez

E n'este anno outrosi de mil e quatrocentos e quarenta e tres, veiu certidão da morte do Infante D. Fernando, que era posto por arefens em Fez, e segundo o testemunho que de sua vida e morte deram os christãos que com elle ficaram, homens fidalgos e pessoas de muito credito, certo de crêr é piadosamente que morreu santamente, e com esperança de ser santo e bem aventurado. E porque Deus por sua piadade e em galardão de seus merecimentos, segundo fé de muitos fez evidentes milagres, e a morte antecipou os naturaes dias de sua vida com a aspereza do trato e máo captiveiro que padeceu por mandado de Lazarac Marym, crú e máo tirano de Fez, que por ser vil e de nenhum sangue real, com muita sede e grande fome o fazia servir em oficios baixos e vis, e com tal estreiteza, que em uma masmorra e prisão mui escura acabou n'este mundo a vida, para nosso Senhor lhe dar no outro outra melhor e mais viva, que em sua gloria durará para sempre.

A morte d'este Infante por sua calidade e desamparo foi muito sentida e pranteada n'este reino, e principalmente dos Infantes seus irmãos, que lhe mandaram fazer mui honradas e solemnes exequias e saimento, e seu corpo metido em um ataude, esteve muitos tempos pendurado por cadêas sobre uma porta da cidade de Fez, e depois por convenção que se fez, foram seus ossos trazidos a estes reinos em tempo d'este Rei D. Affonso, no anno de mil quatrocentos e LXXIII, e de-

pois da tomada de Arzilla; os quaes de Lisboa foram levados com grande honra e solemnidade ao mosteiro da Batalha, em que tem sua sepultura especial e honrada na capellla d'El-Rei D. João seu padre. Onde por signal que acabou como catholico e mui fiel christão, ha grande credito que nosso Senhor fez, e faz por elle muitos milagres.

Por morte d'este Infante D. Fernando ficou vago o Mestrado d'Avis, de cuja governança e administração, D. Pedro, filho do Regente, foi a suplicação d'El-Rei por auctoridade Apostolica provido.

CAPITULO LXXXIV

De como foi a morte da Rainha D. Lianor em Toledo, estando já para se tornar a Portugal

No anno de mil e quatrocentos e quarenta e quatro, vendo-se El-Rei de Castella em poder dos Infantes d'Aragão seus cunhados, roubado da liberdade e senhorio que a sua dinidade real pertencia, tinha a elles grande odio e desamor, e para se em alguma maneira d'elles isentar, ordenou por conselhos e modos do Condestabre D. Alvaro de Luna de mandar como mandou por visorei á comarca de Andaluzia ao Infante D. Anrique, provendo-o para isso de poderes fingidos com fundamentos falsos, dando-lhe a entender que assi cumpria para sua mais honra e mór segurança, onde por engenho do dito Condestabre e mestres de Alcantara e Calatrava seus contrairos, e com gente de Sevilha e outra muita que o Infante D. Pedro d'estes reinos lá mandou, foi em todo desobedecido, e em desbaratos que houve mui mal tratado, e d'esta vez se

tomou Carmona, e em tanto se conformou o Condestabre com outros grandes senhores d'aquelle reino que para isso se ajuntaram por força d'armas, e tiraram El-Rei do poder e sobgeição d'El-Rei de Navarra, que segundo o que se via não o tratava, nem acatava como a rei superior se devia.

E d'estas voltas de fortuna que a Rainha D. Lianor viu padecer aos Infantes seus irmãos, foi da esperança que n'elles tinha desesperada de todo, e vendo-se já mal olhada d'El-Rei e da Rainha sua irmã, e com pouca sua ajuda, foi-se da côrte para a cidade de Toledo, d'onde constrangida já de grandes minguas que a apertavam, soltou quasi toda a gente que tinha, encommendando os filhamentos e vivendas de seus criados a aquelles senhores de Castella com que cada um mostrava ter mais contentamento de viver.

Alli veiu a Rainha a tanta necessidade e pobreza, que para seu suportamento lhe conveiu receber ajudas em pão e dinheiro d'alguns Prelados e donas viuvas d'aquelle reino, em especial de uma D. Maria da Silva de Toledo, senhora de nobre sangue e muita fazenda. E n'este reino e em Ceuta sendo de suas necessidades sabedor D. Fernando de Noronha, primeiro conde de Villa Real, e segundo capitão da dita cidade; porque era de real sangue e mui nobre coração; principalmente porque El-Rei D. Duarte o criara e acrecentara com muito amor, e asi por elle ter com a Rainha divido mui conjuncto, a mandou visitar e ajudar com uma boa somma d'ouro amoedado, de que por sua nobreza e bom conhecimento foi de todos cá e lá mui louvado. Pelo qual a Rainha sentindo-se já envergonhada de requerer, e cansada de esperar, vendo os caminhos e remedios de sua esperança, com as mudanças de seus irmãos de todo cer-

rados, houve-se de todo por mal aventurada, e sobretudo por enganos mal aconselhada, e suspirando já por Portugal, ao menos para lhe sua terra comer o corpo, fallou com Mossem Gabriel de Lourenço, seu capellão mór, e com suas crenças, instrucção e poder, o enviou a Albuquerque, d'onde por meio do conde d'Arrayollos tratasse alguma concordia com o Infante D. Pedro, ao qual Infante a Rainha com palavras e cousas assaz piadosas, enviava já pedir, ao mais consentimento e lugar para vir a estes reinos, e n'elles morrer, não como Rainha, mas como sua irmã menor que se queria poer em suas mãos, de que se contentaria receber o que elle quizesse, e lhe parecesse razão.

O conde d'Arroyollos, como era homem virtuoso e de justa tenção, acceitou com boa vontade o negocio, e o Regente a que o dito conde por Vasco Gil, seu secreiario, o notificou, o ouviu e recebeu com muito melhor mostrança, e andando já em apontamentos com esperança de bôa conclusão, chegou recado certo ao Regente, como a Rainha D. Lianor fallecera na mesma cidade de Toledo, sexta-feira XIX dias de Fevereiro de mil quatrocentos e quarenta e cinco.

Foi sua morte arrebatada, sem ter uma hora de accordo para o que á sua alma e á sua fazenda cumpria, em que houve violenta presumpção que fôra de peçonha; porque em lhe lançando uma ajuda, que por ser um pouco achacada requerera, logo sem entrevalo nem repouso deu alma a Deus. E a opinião dos mais foi que esta morte lhe ordenara, não o Infante D. Pedro, como muitos maliciosos quizeram falsamente dizer, mas o Condestabre D. Alvaro de Luna, por meio de uma mulher da villa de Ilhescas, que em casa da Rainha tinha grande entrada e muita fami-

liaridade. Receoso que, se a Rainha vivesse, estando em a cidade de Toledo, ordenaria como o Infante D. Anrique seu irmão, tornasse a ella, de que fôra já lançado. Porque foi avisado que ella o procurava e concertava já com Pero Lopez d'Ayala, que na cidade era alcayde mór, e cavalleiro mais principal, crendo que se o Infante fosse senhor de tal cidade, o Condestabre o havia por cousa muito contraira a seu desejo e proposito, que era destrui lo e desterra-lo do reino com seus irmãos, e por argumento d'isto, outro tanto se presumio do mesmo Condestabre, que ordenara á Rainha D. Maria, mulher d'El-Rei D. João, que após sua irmã não durou com vida mais de xv dias.

E esta Rainha D. Maria jaz sepultada na capella mór do mosteiro d'Aguadallupe.

O Regente como soubesse do fallecimento da Rainha, enviou logo pela Infante D. Joana, que ficara e estava em Toledo em grande desamparo, e a foi ao extremo receber, e trouxe mui honradamente para Lisboa, onde a poz em companhia da Infante D. Catharina sua irmã, em poder de Violante Nogueira, e tomou para El-Rei todolos criados que ficaram da Rainha, tirando alguns em que tinha suspeita e descontentamento.

CAPITULO LXXXV

Como o Condestabre filho do Infante D. Pedro foi enviado a Castella com gentes d'armas, em ajuda de El-Rei de Castella contra os Infantes d'Aragão, e do que se passou até tornar

PELA morte d'estas duas Rainhas o partido dos Infantes d'Aragão ficou em Castella mui fraco e abatido, e o Condestabre porque viu tempo que lh'o assi aconselhava, ordenou de os fazer lançar e desterrar fóra do reino, e acabou com El-Rei que escreveu ao Regente com as razões e causas com que sentio que o mais obrigaria, pedindo-lhe para isso ajuda de gente d'armas por seu messegeiro, o qual Infante teve sobre o caso bom conselho em Tentuguel, onde elle foi de sua vontadc movido para ir em pessoa; e porque foi em contrairo aconselhado, determinou-se que enviasse o senhor D. Pedro seu filho que era Condestabre, em edade de xv annos, e a mais formosa nem melhor proporcionada creatura que se podia vêr de seu tempo, ao qual foram ordenados dois mil homens de cavallo, e quatro mil de pé, e com elle estes fidalgos principaes: D. Alvaro de Castro que depois foi conde de Monsanto, e Lopo d'Almeida que depois foi conde d'Abrantes, e D. Duarte de Menezes que depois foi conde de Viana, e Diogo Soarez d'Albergaria, e Fernão Coutinho, e João de Gouvêa, e outros muitos fidalgos e cavalleiros da côrte, em que ia a frol d'ella.

E porque o sr. D. Pedro não era cavalleiro, quiz o Infante seu padre que o fosse da mão do Infante D. Anrique seu tio, que era em Lagos, e foi para isso

chamado a Coimbra, onde logo veiu e este ajuntamento se fez, e sobre qual dos Infantes devia fazer aquelle auto de Cavallaria, houve entre elles uma perciosa, mas mui honrada e maravilhosa contenda. Porque cada um parecia que minguava em seus merecimentos, por acrecentar nos do outro, e cada um se alegrava ser n'elles do outro vencido para que o fizesse, e em fim o cargo ficou ao Infante D. Anrique e não sem merecimento; porque em seu tempo muitos Principes foram de mais terras, gentes, e rendas, mas não houve em seus dias algum ante quem elle em perfeição de virtudes, e bondade d'armas, e esforço do coração se devesse contar por segundo, o qual com novas cerimonias e grandes festas, armou Cavalleiro o Condestabre seu sobrinho, no mosteiro de S. Jorge, que é junto com a cidade sobre o Mondego. D'onde logo partio com mais gentes de sua ordenança; porque alguma que falleceu, se refez toda com elle em Cidad Rodrigo, primeiro lugar de Castella por onde entrou. E certo d'armas, cavallos, livré e arreios, foi gente mui luzida e mui aparelhada para fazer um bom serviço.

El-Rei D. João de Castella, para execução do que desejava, tinha já cercados na villa de Olmedo a El-Rei de Navarra, e ao Infante D. Anrique seus cunhados, com muitos e grandes senhores de Castella. Os quaes esforçados na muita gente que comsigo tinham e confiados que pela antiga criação e conhecimento que tinham d'aquelle reino, e assi pelo desamor que geralmente tinham ao Condestrabre, que as gentes d'El-Rei quando os vissem em rompimento e perigo os ajudariam, e temendo outrosi a gente de Portugal, que tambem ia sobr'elles, e vendo que por isso o cerco por muitos inconvenientes lhe não cumpria, determinaram poer seus feitos em ventura, e dar,

como deram, batalha a El-Rei, em que foram de todo vencidos, d'onde o Infante D. Anrique sahiu ferido em um braço, de que a poucos dias falleceu em Aragão. E El-Rei de Navarra se acolheu fugido a seu reino sem mais vir a Castella; ainda que o depois muito procurasse.

D'este caso assi como passara foi o senhor D. Pedro em Cidad Rodrigo avisado. Sobre o qual os do conselho d'El-Rei, que com elle eram, praticaram o que fariam. E acordaram que deviam todavia proseguir sua viagem como fizeram, e que do caso acontecido avisassem logo El-Rei seu Senhor, e a El-Rei de Castella notificassem sua ida. E com isto feito foram fazendo suas jornadas, até chegarem á cidade de Touro, onde o Condestabre D. Pedro houve resposta d'El-Rei de Castella, em que lhe rogava, que assi como vinha o fosse vêr, como foi, á villa de Maiorca, onde já com toda sua côrte estava, e em seu recebimento lhe foi feita honra mui assinada; porque El-Rei com toda sua côrte sahiu ao receber, mui contentes de vêr um Principe em todo tão proporcionado, em que muito acrecentava a graça das ricas armas em que ia vestido. E depois de passarem alguns dias, em que d'El-Rei e dos grandes de seu reino, foi com muitas honras e festas tratado, El-Rei com os aguardecimentes que em sua ida cabiam, lhe disse: «Que pois seu serviço lhe não era necessario, que se poderia tornar para Portugal. E como quer que o Condestabre muito insistisse para ficar e o servir; como d'El-Rei seu Senhor, e do Infante seu padre trazia ordenado, El-Rei não quiz, posto que lhe requereu e desejou que com a gente sómente que para o servir fosse necessaria ficasse aforrado em sua côrte. Mas aos fidalgos que com elle iam não pareceu razão leixa-lo assi, sem prazer do Regente. Pelo

qual El-Rei o despediu com dadivas de joias e cavallos, e mullas e outras cousas de grande preço, e não falleceram outros muitos grandes senhores d'aquelle reino que lhe offereceram seus presentes, de cousas que sua idade e tempo requeriam. Mas para d'outrem algum não receber nada, salvo d'El-Rei, teve as mãos tão castigadas, como as fez soltas em dar e fazer grandes mercês a aquelles que semelhantes cousas lhe apresentavam, ainda que com ellas se tornassem, e d'esto se escusava com tanta humildade e cortezia, que bem parecia que não era por algum vicio de presumpção que n'elle coubesse.

E assi com sua gente na ordenança em que fôra, e com bandeiras tendidas se tornou a Portugal e entrou por Bragança, e na villa d'Aveiro achou El-Rei e com elle o Infante seu padre, d'onde despediram os fidalgos e a gente que com elle fôra, dando pelo serviço que fizeram muitos aguardecimentos com as mercês que cada um por sua confissão merecia, e isto passou no anno de mil e quatrocentos e quarenta e cinco.

CAPITULO LXXXVI

De como o Regente fez côrtes geraes, em que leixou a El-Rei a primeira vez o Regimento do Reino, segundo era obrigado, e como El-Rei lh'o tornou a dar

E consirando o Regente, como para o Janeiro do anno que logo entrava de mil e quatrocentos e quarenta e seis, El-Rei D. Affonso cumpria idade de XIV annos, em que, segundo fôro d'Espanha, qualquer Principe Real deve haver inteira posse e administração de seu reino e senhorio, e lem-

brando-se isso mesmo da obrigação em que por sua fé e juramento ficara de a este tempo livremente lhe entregar o reino, querendo inteiramente assi cumprir, fez para isso côrtes geraes e solemnes em Lisboa, e na salla grande dos paços, sendo El-Rei com os Infantes e senhores, e seus officiaes e procuradores, em sua costumada e antiga ordenança, o doutor Diogo Affonso Mangancha, em nome do Infante D. Pedro, fez uma louvada oração, cuja sustancia se concludio em quatro cousas.

«A primeira, apresentar e entregar alli El-Rei em tal disposição de sua pessoa, siso e entender, manhas e virtudes, como de sua edade não cria que no mundo outro tal houvesse; porque dava e dessem todos muitas graças a Deus. A segunda, que no regimento do reino que todos lhe deram, como quer que para o bem fazer, elle com todas suas forças, entender, e diligencia fizera muito a além do que podera; porém que pelo grande trabalho, que em nome d'outrem era reger, especialmente em tempos de tantos desvairos e balanços como no seu se seguiram, elle confessava tel-o feito muito áquem do que devia, de que pedia perdão. A terceira, em dar aguardecimentos áquelles, que no tal caso bem e lealmente serviram e ajudaram, guardando nas palavras o acatamento, mais e menos, segundo cabia nas calidades das pessoas e estados do reino que eram presentes. A quarta conclusão foi, que em caso que não fôra direito nem costume aos Principes de tão pequena edade, como eram a quatorze annos dar-se livre poder de per si regerem reinos e senhorios, que a El-Rei seu Senhor vista em todo sua perfeição, por graça especial lhe devia ser dado, como a outro que fosse de muitos mais dias. E que para isso lhe entregava, alli mui livremente, e sem cautella, seu Regimento.» Metendo-

lhe logo com rostro mui alegre a vara da justiça nas mãos, que em giolhos e com muito acatamento lhe beijou.

E depois d'El-Rei ser recolhido á sua camara, onde era o Infante D. Fernando, seu irmão, e o Infante D. Anrique, seu tio, com outros muitos senhores, o Infante D. Pedro, praticando com elle a maneira que d'hi em diante teria em reger, El-Rei depois de bem ouvir, lhe pediu que até vêr o que n'isso poderia fazer, elle inteiramente mandasse e fizesse em seu nome o que d'antes fazia; porque receava de per si só sem sua ajuda ou d'outrem não poder com tamanho cargo.

E de hi a tres dias se fez na ordenança passada outro ajuntamento, em que o mesmo doutor Diogo Affonso em nome d'El-Rei fez outra falla, porque sustancialmente se declarou «que havia por recebido em si do Infante D. Pedro seu tio e padre o inteiro regimento de seu reino, dando-lhe, por isso com largo recontamento de seus muitos serviços e merecimentos, grandes agardecimentos com muitos seus louvores, outorgando-lhe não sómente auctorisadas quitações de todo o tempo de sua governança; mas ainda por maior sua honra, que ficasse em registo por verdadeiro e claro testemunho, da obrigação em que por isso ficava a elle e a seus filhos, com todolos que d'elles descendessem; porque conhecia e declarava que nunca algum Principe fôra no mundo com tanto amor e em tanta perfeição criado, nem em manhas e costumes reaes tão bem ensinado, nem com tanta lealdade e obediencia servido e tratado, como elle sempre fôra do Infante D. Pedro seu tio e padre; porém porque elle ainda não tinha idade para per si só reger sem perigo de si mesmo e das cousas que regesse, nem tivera a pratica e esperiencia d'ellas como para Rei cumpria, e era por isso necessario tomar alguma pessoa que no regimento o insinasse e ajudasse,

e por todos respeitos, causas e razões, não havia em todos seus reinos outro para isso mais pertencente que o mesmo Infante D. Pedro, que elle de seu proprio moto, sem lembrança nem requerimento d'alguem o escolhia para isso, e havia por seu serviço e por bem de seus reinos que elle Infante tornasse com elle a reger e governar seus reinos, assi como d'antes fazia, até elle se sentir em desposição para per si só o poder fazer, mandando que a obediencia que em regendo sempre lhe guardaram, essa d'hi em diante lhe guardassem muito mais inteiramente.»

E aos grandes e povos de seus reinos que eram presentes, em sua presença mandou muito agardecer por lhe requererem e darem por mulher a filha do Infante D. Pedro seu tio e padre, de que sobre todalas cousas do mundo, por muitas razões era mais contente; mas porque este seu casamento quando primeiramente foi em Obidos celebrado, por ventura por se fazer ante de haver idade cumprida e necessaria, para isso sem sua aprovação pareceria defeituoso, elle que então a tinha já para isso de todo perfeita, o aprovava e consentia, como se n'aquella hora de seu prazer, e com sua inteira liberdade novamente o fizesse.

CAPITULO LXXXVII

De como as filhas do Infante D. João foram casadas

E no começo do anno de mil e quatrocentos e quarenta e sete, o Infante D. Pedro se partiu com El-Rei da cidade d'Evora, para o lugar das Alcaçovas, onde por concerto veiu a Infante D. Isabel, mulher do Infante D. João, e trouxe comsigo duas suas filhas, que alli ambas juntamente casaram;

D. Isabel que era maior com El-Rei de Castella, por Garcia Sanchez de Toledo, que como seu procurador e embaixador a recebeu, e D. Briatiz com o Infante D. Fernando, por elle mesmo. E do casamento que prometeu a El-Rei de Castella, que foi cem mil florins d'Aragão, se seguiu a este reino pouca despesa; porque os recebeu El-Rei de Castella em desconto do soldo que era obrigado pagar á gente do soccorro, e da ajuda que El-Rei de Portugal lhe enviou com o Condestabre seu primo, como atrás já disse.

E no Maio d'este anno, que era o tempo da entrega da Rainha, em que se concertaram El-Rei e o Infante seu irmão, com todolos senhores e pessoas principaes do reino, fizeram em Lisboa por honra da Rainha umas grandes festas, acabadas as quaes, o Infante D. Pedro, acompanhado grandemente, levou a Rainha a Coimbra, onde foi festejada, e d'hi á villa de Pinhel que é em Portugal, onde era concordado que El-Rei de Castella havia de vir em pessoa, para lhe ser alli entregue e a levar, e elle não veiu, de que com palavras honestas e de receber, se enviou escusar por certos senhores e grandes de seu reino, a que a Rainha com seu poder e auctoridade foi entregue, e lh'a levaram.

CAPITULO LXXXVIII

Como El-Rei por meio do duque e de seu filho o conde d'Ourem pediu ao Infante o Regimento do Reino, e como inteiramente lh'o leixou

O duque de Bragança, e conde d'Ourem, e o Arcebispo de Lisboa com outros de sua valia, não ficaram sem grande paixão de ser o Regimento do reino outra vez tornado ao Infante D. Pedro, e o duque publicamente por Gonçalo Pereira, que se dizia das armas, o contrariou nas côrtes por uns apontamentos que a ellas enviou. Mas não foi então ouvido; porque o coração d'El-Rei ainda não era de falsos testemunhos corrompido, nem cheio das erradas suspeitas contra o Infante, como ao diante foi. Mas em fim taes rodeios tiveram, principalmente o duque e conde d'Ourem, e taes incitadores buscaram e meteram secretamente ás orelhas d'El-Rei, que o comoveram para o que quizeram, que foi requerer, como requereu ao Infante D. Pedro que lhe leixasse livremente o regimento, porque só sem outrem queria reger.

E o Infante bem conheceu que tal movimento, e a tempo tão antecipado não nascera na propria vontade d'El-Rei, mas que fôra n'ella semeado por engenho de seus imigos. E porém lhe disse que elle era d'isso mais ledo e mais contente, do que por ventura lhe fariam crêr que o elle seria; porque quando elle nas côrtes que então foram, se escusava aceitar outra vez o regimento para que o forçava, bem via que lhe dera Deus tal siso e tal disposição, que per si sem outra ajuda poderia reger estes seus reinos e outros maio-

res; porém pois assi era sua vontade, que lhe pedia por mercê que com o regimento juntamente quizesse tambem tomar sua mulher, pois era em edade para isso; porque assim faria mais por sua honra e estado. No que El-Rei então consentiu; e ficou logo entre elles tempo assignado para isso, no qual o Infante se percebeu dos corregimentos e cousas que para a pessoa d'El-Rei e da Rainha, e assi para sua casa e camara cumpria; mas El-Rei por induzimentos d'alguns, e do Arcebispo de Lisboa principalmente, que de noite lhe ia falar, não esteve pela concordia em que ficara; porque antecipou o tempo, e tornou requerer o Infante, que logo leixasse o regimento; porque antes de casar elle inteiramente queria reger, cá em outra maneira não seria sua honra nem convinha a seu estado, ao que o Infante por não dar causa a mais danamento, logo satisfez e desistiu em todo do mandado e governança que tinha, em tanto que as cartas e provisões que d'antes foram por elle desembargadas, e eram feitas para se de seu nome assignarem, não as quiz mais assignar, nem entender em cousa que a regimento pertencesse.

E porém El-Rei no mez de Maio de mil e quatrocentos e quarenta e sete, em Santarem, tomou sua casa e sua mulher juntamente, com as bençõe e cerimonias pela Santa Igreja em taes casos ordenadas, e com alguma mostrança de festas, mas não foram n'aquella perfeição e cumprimento que o Infante quizera e tinha ordenado. Porque como leixou o regimento, logo todalas cousas ainda que fosse sem culpa sua, para seu desfavor lhe volveram as costas.

CAPITULO LXXXIX

Das cousas que o conde de Barcellos fez em abatimento do Infante D. Pedro depois que soube que já não regia, e para lançarem o Infante fóra da côrte

O duque de Bragança como soube que o Infante desistira do regimento, e que já El-Rei absolutamente regia, por imprimir e confirmar no povo a suspeita de desleal que contra o Infante tinha já com El-Rei principiada, partiu da Villa de Chaves, e com estrondo de gente armada se foi á cidade do Porto, e a Guimarães e Ponte de Lima, e a outros logares d'aquella comarca, onde aos criados do Infante tirou os officios que tinham d'El-Rei, e a todos com infamia de tredores lançou fóra, e com nome de receio do Infante mandou velar e roldar as villas e castellos, como se El-Rei e o Infante foram imigos e houvera já entre elles pregoada guerra, com outras oniões d'esta calidade, que no reino contra elle individamente se faziam.

Estas falsas novidades vinham logo ás orelhas do Infante, que feriam sua alma com muita dôr e tristeza, especialmente porque o remedio que n'ellas cabia e elle procurava, via que com desprezos lh'o denegavam.

Na côrte d'El-Rei andava a este tempo um Berredo, proto-notairo, filho de Gonçalo Pereira, de Riba de Vizela, mancebo avisado, que por estar já em côrte do Santo Padre tinha boa pratica, e por algumas letras que aprendera havia solta audacia de dizer. Este por astucia e conselho do duque e do conde d'Ourem, veiu á côrte bem avisado d'elles, do que secretamente

diria a El-Rei para o fim que desejavam, que era meter El-Rei em odio com o Infante D. Pedro e tira-lo do regimento, e com achaque de despedir suas cousas para Roma, fallava com elle muitas vezes em apartado, por cujo malicioso meio e falsa informação que astuciosamente dava a El-Rei, se seguiu principalmente o maior damno que o Infante e suas cousas receberam. Porque com isto fazia-se grande servidor e muito familiar do Infante, a cuja casa, camara e mesa ia continuamente. D'onde maliciosamente trazia novidades e suspeitas a El-Rei, com que umas horas lhe fazia crêr que andava subgeito, e contra o que a seu estado cumpria, e outras que sentia do Infante que queria reinar e fazer seus filhos grandes, acautelando-se sempre que o que dizia a El-Rei, não era como imigo nem desservidor do Infante, de quem recebia honra e mercê; mas porque era portuguez leal a El-Rei a quem mais devia.

E assi o sabia entoar, que todo o que queria imprimia á sua vontade na molle e nova edade d'El-Rei, e por aviamento d'este se foi El-Rei vêr com o conde d'Ourem a Torres Novas. Onde com muitas razões, que para o caso com seus aderentes tinha compilladas, fez crêr a El-Rei camanho abatimento e quão grande sobgeição sua era andar mais o Infante na côrte, que cedo por isso não obedeceriam a El-Rei, e era razão que o fizesse; porque andando o regimento assi misturado, sempre seria de crêr que o Infante mandava e regia, o que a todos seus vassallos fazia grande escandalo, e que por isto e por outras causas muitas que alegavam, El-Rei com alguma mostrança de bem o devia despedir de si e de sua governança, e que para isso seria melhor, e com menos pejo seu não tornar mais a Santarem, e mandar por outrem dizer ao Infante sua tenção e vontade,

por se escusarem quebras e descontentamentos d'entre ambos em pessoa.

El-Rei levemente consentiu no despedimento do Infante, mas disse «que não havia com tal engano despedir seu tio; porque seria sem duvida declarar de todo sua fraqueza e algum desconhecimento; mas que em pessoa o despediria como era razão».

E para em caso que o Infante a isso não obedecesse e refusasse sua partida, disseram que era bem que El-Rei levasse comsigo armados, como levou, os vassallos da comarca. E que por força em tal caso, como a revel o lançasse fóra da côrte, com aquella mais pena que por isso merecesse. Mas o Infante a que tudo isto se logo descobrio, quiz da força alheia fazer sua livre vontade, e como El-Rei tornou a Santarem foi-lhe logo falar, e encobrindo com uma falsa alegria de seu rostro uma verdadeira tristeza do coração que tinha; depois d'algumas praticas extraordinarias, publicamente lhe disse.

«Senhor, dez annos ha que n'este cargo, que vós e vosso reino me destes, vos servi como melhor pude e soube, nos quaes minhas terras por minha ausencia receberam de mim pequeno repairo, como todos sabem, e minha fazenda padeceu grande perda; porém tudo hei por bem empregado, pois tudo redundou em vossa perfeita creação e mui inteiro serviço. Agora pois vos Deos chegou a tal idade, e deu tal siso, entender e disposição para sem outra ajuda regerdes por vós vossos reinos ainda que fossem maiores, peço-vos por mercê que me deis licença para ir prover o meu, que de mim já tem grande necessidade, e quando nas cousas graves e pesadas, que em vosso reino e a vosso serviço occorrerem minha presença fôr necessaria, mandae-me chamar, e prazendo a Deos vós n'isso e em todo conhecereis que sobre todos vossos

vassalos e servidores, eu vos amo e vos sou o mais obdiente e mais leal».

D'este cometimento do Infante ficou El-Rei descarregado e mui ledo; porque com elle se viu alivado do grande peso e cuidado que para isso trazia, e por sua humana e mui real condição, com tudo lhe pesava grandemente partir-se d'elle o Infante agravado nem descontente, e porém com palavras que pareciam de muito agardecimento e amor lhe outorgou a licença, e mais lhe mandou dar uma solemne quitação de todo o tempo que por elle regera seus reinos, com aprovação de todo o que em seu nome até então dera e fizera. O que alguns quizeram depois contrariar, dizendo que devia antes ser revogação que aprovação; mas por então sua contradição não aproveitou, por que todavia passou com toda solemnidade e perfeição.

O Infante como teve licença d'El-Rei e aviou as outras cousas que lhe cumpriam, se partiu de Santarem para Coimbra no fim do mez de Julho; e porque se receiou de gente que o conde em Ourem tinha junta, quiz n'aquella travessa segurar sua pessoa com outra gente sua que mandou perceber, com que até Thomar foi mui honradamente acompanhado, e d'alli a despediu e levou sómente comsigo os de sua casa, e dois seus filhos, D. Pedro o maior, e D. James que depois foi Cardeal.

E como o Infante leixou a côrte, logo o conde de Ourem, e o Arcebispo de Lisboa, e o conde D. Sancho com outros de sua opinião se foram a ella, onde todo seu cuidado foi inventar com El-Rei novidades e determinações que fossem em nojo e abatimento do Infante. E entre outras ordenaram que El-Rei para segurança não sómente de sua vida, mas da justiça e fazenda tirasse, como logo tirou todolos officios que os criados de seu tio na côrte tinham de qualquer cali-

dade que fossem, poendo suspeições e testemunhos falsos, a uns que erravam na justiça, e a outros que roubavam a fazenda, e a outros que dariam peçonha a El-Rei, segundo a cada um em seus officios podia tocar, e para parecer que o queriam provar, não falleciam logo pessoas induzidas, que com medo de pena, ou com esperança de galardão que lhe promettiam, á sua vontade o testemunhavam. Ajuntavam-se a isto os criados da Rainha D. Lianor, que para mais agravarem suas querellas diziam contra o Infante por conselho de seus imigos muitas cousas á verdade mui contrairas. E o fundamento d'estes era semear contra o Infante e contra os seus estas desleaes suspeitas; porque o amor e affeição que por seus beneficios e merecimentos El-Rei e o povo de Portugal lhe tinham, e era razão que tivessem, o convertessem em odio e desamor, com que celeradamente e sem se poder remedear lhe causassem a morte como fizeram; porque sabiam que sua vida se muito durasse, não sómente impediria o effeito das cobiçosas esperanças em que para seus maiores acrecentamentos andavam, mas ainda suas vidas ao diante não seriam isentas de perigo, por saberem que além da grandeza do Infante e grande saber, a que seria mui deficil resistir, tinha muitos no reino que por criação e por graças recebidas lhe tinham grande amor, e des-hi que tinha filhos que seriam grandes senhores, e sobre tudo a Rainha sua filha, de cujo amor e fruito de geração, se El-Rei fosse ao diante vencido, como de sua edade e por suas virtudes e perfeições se esperava, teriam para si mui duros contrairos. E por tanto trabalhavam de poer El-Rei por qualquer maneira que podessem, no derradeiro grão de odio e imizade contra o Infante.

CAPITULO XC

Como o Infante D. Anrique entendeu nas cousas do Infante D. Pedro para seu favor, e assi o conde d'Abranches

Partiu-se El-Rei de Santarem para Lisboa, onde o Infante D. Anrique que era no Algarve lhe veiu fallar, e porque sentiu que a vida e honra do Infante seu irmão com maneiras falsas de seus imigos era maltratada, e se despunha a destruição e perigo, atalhou a isso algum tanto, mas não com aquella fortaleza e escarmento, que elle a seu irmão devia e o mundo esperava, o que lhe fôra bem possivel se quizera; porque achou contra o Infante artigos formados em que se afirmava que com cobiça de reinar matara El-Rei D. Duarte seu irmão, e em Castella dera ordem á morte da Rainha D. Lianor, e assi á do Infante D. João. Com outras muitas abominações de que se tiravam inquirições, em que por seu sobornamento lhe não falleciam testemunhas falsas com que parecia que o provavam. Mas o Arcebispo e o conde d'Ourem com outros de sua parcealidade, receiosos se o Infante D. Anrique segundo era no reino poderoso e de grande auctoridade pendesse á banda do Infante D. Pedro, que suas maginações ficariam com damno d'elles muito áquem de seu proposito, trabalharam de fazer a El-Rei suspeitosas suas muitas virtudes e segura lealdade, afirmando-lhe que nas desculpas do Infante D. Pedro o não devia crêr. Porque na culpa do engano e desterro da Rainha sua madre, e em outros desmandos que por morte d'El-Rei D. Duarte no reino se fizeram foram ambos causadores e participantes, mas como

isto era falso, não damnava na limpeza do Infante D. Anrique.

CAPITULO XCI

Vinda do conde d'Abranches ás côrtes

A este tempo chegou tambem a Lisboa, que vinha de Ceuta, o conde d'Abranches, que sobre todos era grande servidor e muito amigo do Infante D. Pedro, e publico amigo do conde d'Ourem, e em sua chegada não foi então d'El-Rei e de sua côrte assi agasalhado e honrado, como seus serviços presentes e merecimentos passados requeriam. Porém o conde assi como era de nobre sangue, assi não fallecia n'elle uma graciosa soltura de dizer, com mui esforçado coração e singular aguardecimento, com que ante El-Rei e os de sua côrte, no publico e no secreto defendia muito a honra e estado do Infante D. Pedro, com claros exemplos e vivas razões de sua mui louvada lealdade, afeando muito com grande audacia os movimentos e maldades que seus imigos tão sem causa contra elle moviam.

E como quer que El-Rei fosse induzido, que não ouvisse o conde e o mandasse ir fóra de sua côrte, poendo-lhe que em todas as culpas do Infante elle era muito culpado, porém porque El-Rei era de alto coração, aceso no ardor de autos cavalleirosos, suspirando para grandes emprezas, folgava muito de o ouvir, e começava dar-lhe de si muita parte e acolhimento, especialmente porque o Infante D. Anrique ante El-Rei muites vezes por cousas muito assinadas em que o vira, dizia por elle, que não sómente Portugal, mas Espanha toda se devia de haver por honrada criar

tal cavalleiro. E porque os imigos do Infante viram que a vontade d'El-Rei ácerca do conde não terçava por elles como desejavam, lançaram-lhe amigos d'elle lançadiços, e pessoas de credito que com resguardo de grande segredo o aconselhassem que se fosse fóra da côrte, e não entrasse em um conselho publico que se então fazia, avisando-o manhosamente que n'elle por cousas do Infante D. Pedro o haviam de prender. Mas o conde com a cara cheia d'esforçada segurança lhe disse:

«Amigos, certamente pelos muitos e grandes serviços que tenho feitos a esta casa de Portugal, eu lhe mereço mais villas e castellos com que me acrecente, que prisões nem cadeias em que sem causa me ponha, e por tanto com todo o que me dizeis, sabei que não hei-de fugir do conselho e serviço d'El-Rei nosso Senhor, pois leal e verdadeiramente sempre o segui. E porém se tal cousa, e por tal causa se move contra mim, sabei certo que em defender minha honra, e limpeza d'aquelle Senhor, eu me mostrarei hoje dino de ser confrade da Santa Garrotea que recebi, e espero em Deus que sem ociosidade de minhas mãos, os que me quizerem visitar antes seja na sepultura, que nos carceres nem cadeias, e por isso não hajaes dó nem compaixão de minha vida porque minha morte honrada a fará com louvor viver mui viva, e muito mais honrada nas memorias dos homens para sempre.»

Pelo qual o conde depois de com esta determinação despedir estes manhosos e dobrados conselheiros; porque a hora do conselho se chegava a que determinou ir, se vestiu de panos finos mui bem, e muito melhor d'armas secretas, com que entrou no paço, onde seus imigos vendo a segurança de sua pessoa, foram claramente certificados do esforço e bondade de seu coração.

E estando El-Rei na casa do conselho, onde eram muitos senhores presentes e os principaes imigos do Infante, o conde com cara que mais parecia que ameaçava que temia, lhe tocou em sua prisão que lhe fôra revelada, e assi lhe fallou com muito repouso e grande auctoridade nas cousas do Infante e suas, approvando sua bondade e lealdade por termos, e com razões a todos tão manifestas, que se não podiam contrariar; concluindo, que quaesquer pessoas de qualquer estado e condição que fossem, que do contrairo tinham informado a El-Rei, eram com reverença e acatamento de sua real pessoa, a Deus e a elle e ao mundo máos e tredores, e que com licença e consentimento de sua Senhoria os combateria por armas, e em campo a tres d'elles os melhores juntamente.

A resposta d'El-Rei para o conde foi então graciosa e branda, e com mostrança que lhe pesara de o ouvir, que para o máo fundamento dos que tratavam a morte do Infante foram mui tristes sinaes, e por arredarem El-Rei do Infante D. Anrique e do conde, que começavam ser causa que de todo impedia seu damnado proposito, o levaram a Cintra aforrado.

CAPITULO XCII

De como o Infante D. Anrique se foi vêr a Coimbra com o Infante D. Pedro, e com elle o conde d'Abranches, e das novidades que se seguiram

E o Infante e o conde d'Abranches vendo tempo para isso, foram vêr a Coimbra o Infante D. Pedro, que com tal vesitação pela estima e reputação em que o Infante D. Anrique era havid-

elle e os seus mostraram receber muita alegria e grande favor.

Alli sè juntaram os Infantes com alguns principaes seus adeptos que hi eram, e fallaram algumas vezes nas sem razões e agravos que o Infante D. Pedro tinha nas cousas passadas recebidos, e assi no remedio que se teria nos que se aparelhavam e estavam por vir, para acrecentamento dos quaes foram alli certificados que El-Rei como foi em Cintra logo por engenho do conde d'Ourem e dos outros ordenara em desfavor e quebra do Infante estas cousas. Uma foi que escreveu a todolos fidalgos e a cavalleiros do reino em que sentio que havia boa vontade para o Infante, que sob pena de caso maior por qualquer maneira o não fossem vêr. A outra que mandou poer e publicar editos por todo o reino, que todolos criados que foram da Rainha D. Lianor, que de suas fazendas e cousas por seu caso fossem privados, viessem requerer suas restituições, para que foi dado por juiz Lopo d'Almeida, que como quer que em todalas outras cousas fosse havido por homem justo e de são entender, n'esta a juizo de bons (por ventura, porque o tempo assi o queria) não guardou a ordem direita que devera; porque todo o que os damnificados por simples petição pediam lhe era sem exame nem resguardado de justiça julgado, e logo executado, em que ajuntavam muitas cousas fóra d'esta querella e d'esta calidade, de que a muitos se seguiu sem causa muito damno. A outra foi que El-Rei notificou ao Infante D. Pedro que o havia por degradado de sua côrte, e lhe mandava e defendia que sob pena de caso maior sem seu especial mandado não fosse a ella nem sahisse de suas terras.

E isto ordenaram assi os contrairos do Infante, porque se receiaram que elle com a vista e confiança do

Infante D. Anrique tomaria por ventura atrevimento de se vir com elle á côrte, ondè era certo que em pessoa alimparia ante El-Rei sua honra, o que a elles para seu desejo fôra mortal inconveniente.

Os Infantes descontentes e maravilhados da sem razão d'estas cousas acordaram de enviar sobr'ellas a El-Rei, como enviaram Gonçalo Gomez de Valladares, commendador da Ordem de Christo. O qual como quer que pelas cartas e instrução dos Infantes que levava em todo cumprisse seu officio; porém porque o juizo d'El-Rei por sua não madura edade, e pelas falsas opiniões em que o criavam andava de todo emnevoado, turnou-se aos Infantes sem alguma determinada resposta nem conclusão. Dilatando-a para outra pessoa que El Rei disse que lhes enviaria, o que se não fez.

Partiu-se o Infante D. Anrique para a villa de Soure, e o Intante D. Pedro para Monte Mór-o-Velho, que são lugares d'onde cada dia se podiam vêr e avisar, e o mais certo e mais são remedio que n'estas alterações o Infante D. Anrique achou para seu irmão, em se d'elle despedindo lh'o leixou e encommendou, que foi sofrimento e paciencia que havia por armas mais seguras para n'este caso elle sempre vencer.

CAPITULO XCIII

De uma fórma de concordia que El-Rei fez em escripto entre o Infante D. Pedro e o duque de Bragança e d'outras cousas que contra o dito Infante se seguiram

E para mais acrecentarem cuidado e paixão ao Infante, vieram a elle logo D. Fernando, que por alcunha do povo se chamava Cagonho, e com elle Ruy Galvão, secretario d'El-Rei, pessoas que des-

cubertamente em todo desserviam e desamavam ao Infante, estes trouxeram em escripto com signal e sêllo d'El-Rei uma fórma de concordia e amizade com corados fundamentos de bem, que sem saber nem consentimento do Infante, El-Rei fez entre elle e o duque de Bragança, requerendo estes messegeiros ao Infante que á mão direita do signal d'El-Rei pozesse n'elle seu signal, e tambem seu sêllo. Porque outro tanto era ordenado que o duque havia de fazer da outra banda; porque o d'El-Rei ficasse por marco de paz e segurança d'entre ambos. Mas o Infante pela fórma das palavras, que com pouca honra sua e muito abatimento vinham na concordia, e pela condição dos messegeiros que a traziam, claramente viu que eram tentações que seus imigos ordenavam para mais em breve indinarem El-Rei para sua destruição, e porém sem esperança que a concordia fosse verdadeira, assignou n'ella e a mandou assellar assi como lhe fôra requerido e ordenado. Porque o parecer e crença do conde d'Ourem, que isto inventou, foi que o Infante D. Pedro por sua forte e altiva condição não obedeceria em assignar tal concerto, e que sua desobediencia daria corada causa para El-Rei com mais razão ir sobr'elle e o destruir e castigar como a desleal; porque ao tempo que esta concordia se formava na côrte, se fizeram juntamente cartas de geraes percebimentos de guerra, para todalas cidades e villas e pessoas principaes do reino, salvo para o Infante e para seu filho o Condestabre, com o fundamento que se a isso não satisfizesse de irem logo sobr'elle; mas esta amizade assi como sem vontade de todos nunca entr'elles se guardou.

E porque isto por esta via não succedeu á vontade dos imigos do Infante, tentaram o negocio por outra, em que fizeram que El-Rei enviasse, como enviou ao

Infante, Diogo da Silveira, que depois foi escrivão da puridade, o qual sem merecimento algum o reprendeu em nome d'El-Rei de cousas em que o Infante nunca tivera culpa, em especial lhe estranhou muito o açalmamento d'armas e mantimentos que se dizia que contra serviço d'El-Rei em seus castellos fazia, mas o Infante confiando em sua innocencia, depois de verdadeiramente se escusar das outras falsidades que lhe assacavam, mandou alli logo em continente mostrar-lhe todo o castello de Monte Mór, e assi o de Coimbra, que eram os principaes que tinha, em cujo despercebimento claramente viu a informação que se a El-Rei fizera ser em todo falsa e maliciosa.

E porém como Diogo da Silveira tornou á côrte, logo El-Rrei ou por não ser por elle verdadeiramente informado, ou por outro algum respeito, tirou ao conde d'Abranches o castello de Lisboa, e a Aires Gomez da Silva o Officio de Regedor da justiça na casa do Civel, e a Luiz d'Azevedo o Officio de Vedor da Fazenda, sómente por serem amigos e servidores do Infante, tendo-lh'os já confirmados por suas cartas. E a D. Pedro seu filho pediu o conde d'Ourem o Officio de Condestabre, dizendo que era d'elle roubado, e lhe pertencia de direito. Mas por não lhe fazerem uma concessão tão fea, sendo seu imigo, El-Rei o deu ao Infante D. Fernando seu irmão.

CAPITULO XCIV

De como El-Rei enviou requerer ao Infante D. Pedro as suas armas, que tinha em Coimbra

Após estas que para o Infante eram mortaes perseguições, lhe ordenaram seus imigos outra maior, que foi enviar-lhe El-Rei com muita estreiteza requerer entrega das armas do seu almazem,

que o Infante tinha em Coimbra, onde ficaram ao tempo que o Condestabre seu filho volveu de Castella, quando foi em ajuda d'El-Rei D. João contra os Infantes d'Aragão, que tinha em Olmedo cercados, como atrás já fica dito.

E do fundamento d'este requerimento se seguia uma das duas conclusões sem outro meio, ambas ao Infante e a sua honra mui perjudiciaes, cá se obedecendo entregasse as armas, ficava de todo com suas mãos e forças atadas sem alguma sua defensa, e se denegasse a entrega, cairia em caso de rebelião e desobediencia, contra quem a indinação d'El-Rei em tal caso pareceria justa e de mais razão. Mas o Infante a que estes movimentos de seus imigos não ficavam por entender, como quer que com receio d'elles se enviasse algumas vezes, e com muita razão e honestidade escusar, El-Rei não lhe conheceu de suas escusas, antes insistio em seu proposito e cada vez com mais graveza. A que o Infante finalmente respondeu:

«Que as armas em tal tempo não lh'as devia nem podia dar, pois em seu reino e com seus vassallos não tinha d'ellas necessidade, e muito menos com os estranhos, com quem elle tanta paz lhe procurara, pedindo-lhe por mercê pois as armas de sua innocencia, que eram as mais fortes, com a contrariadade de seus imigos ante elle o não defendiam, què estas materiaes e de ferro lhe leixasse por algum tempo para detensão de sua vida e honra, e que não sómente d'estas mas d'outras mais, visto seu caso com seus merecimentos lhe devia fazer mercê; porque em seu poder e para seu serviço as teria sempre mais limpas e mais certas que no seu almazem, e que se sua nobreza e real condição começasse de embicar n'elle em tão pequena contia, sendo a outros em outras muito maiores mui liberal, que de duas cousas uma houvesse

por bem, ou lhe desse tempo conveniente em que lhe fizesse trazer de fóra outras tantas e melhores, ou mandasse receber o preço d'ellas em dinheiro para o almoxarife de seu almazem mandar comprar e trazer outras á sua vontrde.»

Mas El-Rei d'algum d'estes não mostrou ser contente nem satisfeito.

CAPITULO XCV

Como o conde d'Arrayolos veiu de Ceuta para concordar o Infante com El-Rei, e as causas porque se presumio que estas cousas se damnavam mais

O conde d'Arrayolos a este tempo depois da morte do coade D. Fernando era capitão e governador da cidade de Ceuta, onde por ser muito amigo do Infante D. Pedro, sendo certificado do engano e malicia que n'estes feitos andavam, desejando o serviço d'El-Rei e doendo-se do Infante, para cuja perdição todalas cousas se inclinavam, se veiu d'Africa á côrte como homem virtuoso e de justa tenção, e como quer que seu pai e seu irmão tivesse por contrairos, começou de entender com muita diligencia na concordia entre El-Rei e o Infante. Mas o duque seu padre, e o conde d'Ourem seu irmão anojados muito de seu proposito, não o podendo d'elle desviar faziam com El-Rei que em muitas cousas o desfavorecesse. Especialmente não o ouvindo as vezes que o conde requeria e desejava.

E vendo elles com tudo que sua bondade não cansava, e que sem embargo das fortes contrariadades que recebia tomava por fundamento trazer á côrte o Infante para que per si mostrasse a limpeza de suas

culpas, fizeram novas fingidas, e com côres e signaes que pareciam de certeza, que os mouros vinham poderosamente cercar, ou tinham cercado Ceuta, com que o fizeram volver sem alguma conclusão em Africa, d'onde não retornou, salvo depois da morte do Infante. Porque então leixou livremente a capitania a El-Rei, que a deu ao conde D. Sancho.

E não foi o conde d'Arrayolos só a que esta enganosa quebra d'El-Rei com o Infante parecesse assi mal como era razão. Porque muitos outros bons ás vezes publica, e as mais secretamente, quizeram com El-Rei em sua concordia entender, mas os imigos do Infante punham ao coração d'El-Rei com informações erradas taes defensivos, que a lembrança de seus merecimentos para seu galardão e limpeza nunca na memoria d'El-Rei podesse entrar. Pelo qual o Infante apressado em sua alma d'estes continos padecimentos, suspirando pelo conhecimento da verdade, que havia por mais principal remedio de sua salvação, escreveu a El-Rei por seus confessores, e por outras pessoas religiosas muitas vezes, pedindo-lhe em todas por mercê, com palavras de muita piedade e com grande acatamento e obedencia «que por testemunhos e induzimentos de seus imigos o não quizesse julgar nem tão maltratar, e houvesse por bem arreda-los de seus ouvidos, e assim manda-los sair de sua côrte, como a elle por menos causas fizera; porque sendo fóra, elle não haveria seus mandados e determinações contra si por tão graves nem tão suspeitas como então lhe pareciam, e as cumpriria sem agravo nem escandalo, e lhe obedeceria com muito amor e lealdade, e que lhe lembrasse a grande perfeição e amor em que o criara, e a muita verdade e acatamento com que o sempre servira, e ao pouco que durando seu regimento em sua fazenda e estado

tinha acrecentado.» E principalmente por confirmação de sua boa vontade lhe pedia «que não se esquecesse que o casara com sua filha que tanto amava, e não fôra com fundamento e desejo de apagar, mas perpetuar sua vida e real geração.»

E com estas cousas que traziam fundamento de razão e verdade, e por a condição natural d'El-Rei ser inclinada a todo razoado bem, muitas vezes se despunha a lhe pesar dos procedimentos e agravos que contra seu tio fazia, e certo parecia que as cousas de seu damno e abatimento em que consentia eram confrangidamente e sem sua vontade. Porque algumas pessoas dinas de fé e autoridade afirmaram, que uma das causas principaes porque estes feitos entre El-Rei e o Infante mais se damnaram, foi por entrevirem n'elles cartas falsas; porque umas davam a El-Rei em nome do Infante, que o Infante nunca mandara, e outras recebia o Infante com signaes d'El-Rei, em que El-Rei nnnca assignara, fazendo os contrairos do Infante poer n'ellas as sustancias com que os corações de uma parte e da outra mais se damnassem.

E por certo presumir-se assi não era sem caso; porque cotejadas as cartas que n'este tempo se acharam escriptas da mão d'El-Rei para o Infante com outras muitas feitas por escrivães que lhe mandavam, bem parecia que as da mão d'El-Rei eram proprias, e de filho para pae, e as dos escrivães muito alheias; porque mostravam ser de Rei imigo para vassallo desleal, e em tanta contradição de cartas de uma só pessoa para outra, e em um tempo e sobre uma mesma sustancia, claro se podia conhecer que aquellas em que parecesse a boa vontade eram proprias e verdadeiras d'El-Rei, e as outras eram acidentaes e postiças, ou o mais certo constrangidas.

CAPITULO XCVI

De como El-Rei mandou vir o duque de Bragança á sua côrte, e como o Infante D. Pedro determinou que em auto de guerra como vinha não leixaria-o passar por sua terra

EL-Rei se partiu de Cintra no começo d'Outubro de mil e quatrocentos e quarenta e sete para Lisboa, d'onde por suas cartas mandou vir á sua côrte o duque de Bragança, de que o conde d'Ourem seu filho mostrou a El-Rei para seu conselho e serviço grande necessidade, e o aviso secreto que o duque de seu filho houve, foi que viesse mais em auto de guerra que de paz; porque já tinham commovido El-Rei para ir logo sobre o Infante D. Pedro. O qual pelas espias que com todos trazia foi logo certificado dos percebimentos de gentes e armas que o duque para isso fazia, e como fazia fundamento de vir e passar em tal auto, e sem prazer do Infante por suas terras, e sobre o que o Infante n'isso faria, de resistir com força sua passagem, ou a dessimular com paciencia, teve com os seus conselho, em que houve votos desacordados, e finalmente o Infante seguindo a opinião do conde d'Abranches e d'alguns outros que com a sua conformaram, determinou com armas lhe resistir, mostrando que recebia de Deus muita mercê despoer-lhe assim de uma pessoa a elle tão damnosa, vingança tão bem aparelhada e tanto desejada, pelo qual de Coimbra se foi á sua villa de Penella, d'onde as novas de seu fundamento correram logo á côrte d'El-Rei que era em Santarem, e com todo o desfavor do Infante alguns fidalgos

seus amigos e servidores que eram na côrte, sentindo que em tal tempo teria d'elles necessidade, se vieram logo para elle, assim como Aires Gomez da Silva com Fernão Tellez, e João da Silva seus filhos, e Luiz d'Azevedo, e Martim de Tavora, e Gonçalo d'Atayde, e outros muitos de menos condição, e n'este caso Alvaro Gonçalves da Tayde conde da Atouguia e seus filhos, sendo criados e feitura do Infante, pelo não irem servir n'esta jornada, foram como ingratos á sua criação e bemfeitoria geralmente bem reprendidos, especialmente que para sua encuberta usaram de praticas, e fazendo-se manhosamente e por suas astucias prender e impedir, para não irem acompanhar e servir o Infante, fazendo-o já desleal e contrairo ao serviço e obediencia d'El-Rei.

O Infante D. Pedro, porque a este tempo ainda tinha no Infante D. Anrique sobre todos grande esforço e muita confiança, mandou logo a elle que era em Thomar, João Pirez Diogo, seu cavalleiro, e por elle lhe enviou notificar e trazer por extenso á memoria os muitos agravos e desfavores que d'El-Rei por seus imigos tinha recebidos, e como lhe parecia que estas cousas, segundo as via guiadas do odio e viradas contra toda razão e justiça, que apertavam muito para sua destruição, avisando-o mesmo por mais claro argumento d'isso, da maneira em que o duque vinha, e como a seu despeito queria passar por sua terra e com que fundamento, pedindo-lhe que em tanta e tão injusta pressa e angustia como esta em que estava, elle por sua bondade e com seu valor e auctoridade, pois era em sua mão, lhe quizesse valer, afirmando se, porém, «que seu proposito e determinação era impedir por força e sem escusa a passagem do duque, pois vindo em sombra de poderoso e tendo outro caminho por que sem escandalo pode-

ria ir á côrte, determinava vir pela Louzã, que era sua villa, sem lh'o primeiro fazer saber».

E o Infante D. Anrique por então lhe respondeu, «que do que então em seu caso, e em tal tempo melhor lhe parecesse, lh'o enviaria logo dizer». Como enviou uma vez por Fernão Lopes d'Azevedo, Comendador Mór de Christus, e outra por Martim Lourenço, tambem Cavalleiro da Ordem, cuja conclusão foi: «que o Infante D. Pedro não fizesse de si alguma mudança, até elle Infante D. Anrique não ser com elle em pessoa, para que dizia que se aparelhava».

CAPITULO XCVII

Do recado que o Infante D. Pedro enviou ao duque, sendo já em caminho

O Infante D. Pedro como era prudente, e por não poer em seu proposito trabalhos escusados, e não fazer despezas baldadas e não necessarias, antes de o duque passar o Mondego, para saber a tenção com que vinha, enviou a elle primeiro Vasco de Sousa, fidalgo de sua casa, e por virtude de uma carta de crença que levava, em presença dos que com elle vinham publicamente lhe disse:

«Senhor, o Infante, meu Senhor, soube de vossa vinda, e d'este auto de guerra em que com tantas gentes vindes, e é certificado, que quereis assi, sem seu prazer, passar por sua terra, de que é muito maravilhado, assi por esta novidade de gentes armadas, que sem necessidade d'El-Rei, seu Senhor, nem do reino levaes, como por lh'o não fazerdes primeiro saber, que pois assi o determinaveis, que quer saber de vós em que maneira vos ha de receber, e que se

houver de ser como irmão e amigo, como elle deseja, que queria que vos vades chã e pacificamente, como sempre fostes, e que d'elle e em suas terras recebereis aquella honra, prazer e gasalhado, que sempre recebestes, e que se com este desacostumado estrondo d'armas quizerdes assi passar, que por quanto pela quebra e rompimento em que com elle estaes, a elle seria fraqueza e abatimento consenti-lo, saibaes que vos hade receber no campo como imigo, mas que n'este caso por escusardes os males e damnos que se d'esta viagem podem seguir, deveis tomar outro caminho porque vades, pois sem seu abatimento nem muito trabalho vosso o podeis bem fazer.»

E com isto Vasco de Sousa se despediu, e tornou ao Infante.

CAPITULO XCVIII

Da resposta do duque ao Infante D. Pedro

Após o qual o duque enviou logo a resposta ao Infante, que ainda era em Penella, por Martim Affonso de Sousa, fidalgo de sua casa, que em presença de todos lhe disse:

«Senhor, o duque meu Senhor vos notifica por mim em resposta do que lhe ora enviastes dizer, que depois que nascestes, sempre vos teve por irmão e amigo, a que desejou fazer prazer e serviço, e que agora por este vos tem, e não com menos desejo e vontade, e que por cumprir o que El-Rei lhe mandou, vae a sua côrte por esta estrada publica, e que a gente que traz não é d'ajuntamentos nem d'alvoroço como vos fizeram crêr, mas é a que o soe de acompanhar, e que de vir em acertamento seguido para a côrte caminho direito, haver de tocar vossa terra, que não sabe como

seja caso d'agravo nem escandalo vosso; porque n'ella não ha de consentir que se faça damno, força, nem tomadia, sómente pedirem alguns mantimentos se forem necessarios, por seus dinheiros, como vós podereis fazer em suas terras quando por ellas de vontade, ou por necessidade quizesseis passar, e que por tanto elle determina todavia seguir assi seu caminho sem outro desvio, que vos pede que o hajaes assi por bem.»

E o Infante sorrindo-se fingidamente e com cara cheia de verdadeira sanha, lhe respondeu:

«Martim Affonso, dizei ao duque, que não sou tão nescio nem elle tão avisado, que com suas dissimulações haja de enganar minha pessoa, nem abater minha honra; muitos dias ha que nos conhecemos, e muitas vezes passou já por minha casa e por minhas terras; e me lembra bem a gente que trazia e a que tem, e agora sei que traz mil e seiscentos de cavallo armados, com outra muita gente de pé que para esta vinda ajuntou sua e alheia, o que não responde aos tempos passados nem menos á paz e amizade que comigo quer ter. E não lhe declarando mais o fim porque assim vem, pois elle o sabe, nem o abatimento que n'isso recebo pois o deve entender. Finalmente lhe dizei, que se elle não toma algum outro modo de vir, porque a todos pareça e seja notorio que elle por minhas terras vem pacificamente e como irmão e amigo, saiba que vivo lh'o não hei de consentir.»

E com isto Martim Affonso sem outro mais repouso se despedio.

CAPITULO XCIX

Do que o conde d'Ourem ordenou em favor do duque seu pae para não leixar de proseguir seu caminho, e dos recados que El-Rei ao Infante D. Pedro enviou

E o Infante D. Pedro vendo já por estas premissas passadas que o recontro e peleja com o duque em conclusão se não podia escusar, fez para isso aquelles percebimentos de gentes, armas, artelharias, mantimentos e cousas que sentio serem necessarias, e com aquella trigança e diligencia que o caso requeria. Das quaes cousas todas como passavam o conde d'Ourem foi logo na côrte avisado, e por favorecer a parte do duque seu padre não sendo bem seguro e confiado de muitos que n'aquella viagem o acompanhavam, temendo que na maior affronta o leixariam, fez crêr ao Infante D. Fernando, irmão de El-Rei, que por ser casado com a neta do duque, filha do Infante D. João, este caso era proprio seu. Pedindo-lhe que aos que com o duque vinham quizesse escrever e encommendar sua honra para que em tempo d'alguma affronta e necessidade se sobreviesse, como fracos o não leixassem.

E de ter o conde este receio e desconfiança não era sem causa; porque os mais dos fidalgos da companhia do duque com que refizera tanta somma de gente, não eram de sua casa mas vinham acostados a elle por aquella jornada sómente, e não com fundamento de tomarem por elle armas contra o Infante D. Pedro, mas pelo terem na côrte em sua ajuda e favor para seus negocios e requerimentos que espera-

vam fazer. E o claro conhecimento que o duque na vespera da affronta d'isto tomou, lhe fez não esperar o dia que para ella se aparelhava, como ao diante se dirá.

E porém o Infante D. Fernando como era de mui pequena idade em que o sangue fervia, não sómente satisfez ao conde com cartas que ordenou á sua vontade, mas ainda se offereceu ir em pessoa em ajuda do duque, e assi lh'o escreveu logo e aos seus, por Alvaro de Faria, que depois foi Commendador do Casal, cuja ida por então não houve effeito; porque as guardas que o Infante nos caminhos trazia o tomaram, e foi a elle trazido, e tomou-lhe as cartas e as leu, e o fez tornar para Santarem, e pôsto que do Infante nem dos seus não fosse em nenhuma outra cousa maltratado, elle depois de ser na côrte o não apresentou assi, antes no desbarato e destroço da sua pessoa e de seu cavallo, que de industria fingio, se mostrou ser de todo por mandado do Infante despojado, affirmando que dissera sobre tudo algumas palavras mui contrairas ás verdadeiras, e não do reprender com o despedio de si, com que poz os feitos contra o Infante em maior alvoroço e perseguição; porque El-Rei mandou logo riscar de seus livros o assentamento e todalas tenças que o Infante d'elle tinha, e deffendeu aos almoxarifes que d'hi em diante mais lh'os não pagassem. E assi escreveu ao Infante por João Rodrigues Carvalho, escudeiro de sua casa, defendendo-lhe com grande estranhamento «que não tivesse ao duque o caminho, e o leixasse passar livremente, pois o ia servir.» Do qual recado foi o Infante mui triste, e mostrou grande sentimento, e sobre a sem razão de seus agravos e perseguições fallou algumas cousas ao messageiro que pareciam de aspereza, mas não tão feias nem assi malditas, que se não podessem dizer

de um agravado servidor a um Senhor mal informado. Mas João Rodrigues como tornou á côrte, ou de sua não boa vontade, ou por ser dos contrairos do Infante assi induzido, afirmou que o Infante publicamente dizia «que não era vassallo d'El-Rei de Portugal, mas subdito e servidor d'El-Rei de Castella, e que assi como podera desterrar d'estes reinos a rainha D. Lianor, que outro tanto saberia fazer aos filhos». Com outras enormes palavras mui contrairas ás que o Infante com elle fallou, com o teor das quaes se fizeram logo autos, e tomaram publicos estromentos, que para mais indinarem o povo contra o Infante, logo foram pelo reino enviados.

Após João Rodrigues, veio ao Infante D. Pedro de mandado do Infante D. Anrique, o Bispo de Ceuta D. João, que com quanto tinha afeição ao conde de Ourem por ser da criação do Condestabre, era porém homem de grande prudencia e de sã e justa tenção. E como quer que apontasse ao Infante muitas causas e razões, porque catolicamente, e segundo a obediencia em que a El-Rei era obrigado não devia impedir a passagem do duque. Em fim não o pôde mover da sua determinação, aprovando-a o Infante com outras razões de honra e cavallaria, e porém taes que não desfaziam nada de sua lealdade a El-Rei, afirmando-se «que se o duque quizesse vir em fórma de pacifico e amigo como sempre viera, que elle o receberia e lhe faria honra e acolhimento como a irmão e amigo, segundo sempre fizera, e que d'outra maneira lh'o não havia de consentir, como por Martim Affonso lhe mandara dizer.»

E estando as cousas n'este ponto, e esperando ainda o Infante D. Pedro em Penella pelo Infante D. Anrique, como lhe tinha enviado dizer, soube que elle sem lh'o fazer saber se partira para Santarem onde

era El-Rei e sua côrte, de que o Infante D. Pedro recebeu muita torvação. E não sei como esta virtude de piedade falleceu n'este Principe para seu irmão, pois em seu coração todalas outras parecia que sobejavam, de que alguns disseram que El-Rei por enfraquentar a parte do Infante D. Pedro, o mandara chamar sabendo que o queria ajudar, e outros afirmaram que elle fingira tal chamamento por não ser com seu irmão, vendo já sua determinação de ir contra a defesa d'El-Rei, e por força d'armas resistir á vinda do duque.

E no começo do mez d'Abril d'este anno de mil e quatrocentos e quarenta e nove, veiu ao Infante em Penela Fernão Gonçalves de Miranda com uma grande instrução d'El-Rei, cuja conclusão foi estranhar-lhe muito algumas cousas, em especial seus ajuntamentos e o movimento contra o duque, mandando-lhe em conclusão «que se tornasse a Coimbra, d'onde sem seu mandado não saisse, e leixasse o duque sem contradição passar assi como vinha. E que se o não fizesse, que fosse certo que logo procederia contra elle assi rigorosa e asperamente, como tamanha desobediencia merecia.»

A esta embaixada d'El-Rei respondeu logo o Infante, justificando com largas razões seu proposito, concluindo «que pois sua Mercê o mandava contra sua honra e estado tornar atráz, que outro tanto devia mandar ao duque que primeiro começara, e que posto que na priminencia das pessoas de um e do outro havia em tudo tanta diferença, como ao mundo era notorio, que este caso d'ambos julgasse e houvesse por igual, e ao menos o que defendia a um, não consentisse ao outro. E que pois sua Mercê por então não tinha de gente d'armas tão eminente necessidade, mandasse que o duque passasse por sua terra em mo-

do pacifico, e com a gente de sua casa ordenada, e que n'esta maneira o receberia como a irmão e amigo, e lhe faria e mandaria fazer muita honra e bom acolhimento, como sempre fizera, e que em outra maneira recebendo n'isso tamanha mingoa não o havia por seu serviço, pela grande parte e razão que com seu real sangue tinha» e com esta resposta o despediu.

CAPITULO C

De como o Infante D. Pedro determinon impedir a passagem ao duque, e se percebeu e partiu para isso

E porque o Infante D. Pedro foi avisado que o duque não leixava de proseguir o caminho que começara, deu logo grande trigança á sua partida, e teve conselho onde e como o esperaria, e alguns lhe aconselhavam, que para sua justificação o leixasse primeiro entrar em sua terra, mas o Infante disse que a todo seu poder o duque por aquella vez não trilharia nenhuma pequena parte da herança que possuia, e que fóra d'ella o queria esperar. Pelo qual de Penela moveu logo com sua gente e carriagem, e se foi á Lousã, e d'hi logo a uma aldêa sua que se diz Villarinho, onde soube que o duque era em Cója, couto e lugar do Bispo de Coimbra, alli concertou e proveu o Infante sua gente, e ordenou com muita destreza suas batalhas, dando a avanguarda a D. James seu filho e com elle o conde d'Abranches, e tomou a reguarda em que havia de ficar.

Alli foi ao Infante dada secretamente uma carta com letra mudada e sem signal, em que o aconselhavam que logo movesse contra o duque porque o não havia d'esperar, mas o Infante publicamente disse

«que aquillo era em favor do duque assi lançado, e para elle manifesto engano com que o queriam fazer algum tal desmando, de que esperando victoria ficasse vencido; porque bem cria que o duque que tantos annos se intitulara de filho de tal Rei, e que de tanta e tão honrada gente, para qualquer pesado feito vinha tão bem acompanhado, antes conhecidamente receberia morte, que tornar atrás nem consentir em tal fraqueza, á sua honra e estado tanto contraria.»

CAPITULO CI

De uma falla que o Infante D. Pedro fez aos seus, estando todos a cavallo

Alli fez o Infante aos seus estando todos a cavallo uma comprida falla, em que pareceu pela muita prudencia e gravidade com que a disse, que já havia dias que a tinha cuidada.

Foi sua sustancia alegrar-se primeiramente no esforço, despejo, e segurança que em todos para sua honra claramente via e conhecia, e que não era sem causa; porque todolos que entre si via, poderia contar no amor por seus filhos e netos, pois todos eram seus criados e filhos de seus criados, e assi disse mui particularmente todolos agravos e perseguições, e desfavores, que d'El-Rei por induzimento do duque e do conde seu filho, e dos de sua valia tinha recebidos, com os quaes justificou as causas de sua querella, para cuja emenda e vingança ali eram vindos, e que não cressem que n'isto entrava odio nem escandalo que tivesse d'El-Rei D. Affonso seu Senhor; porque elle como mui leal seu vassallo e servidor, o reconhecia por seu verdadeiro e ligitimo Rei e Senhor, e ou-

tro algum não, porque Deus sabia que elle o amava e era razão que amasse sobre todalas cousas do mundo. E que na criação que em sua real pessoa fizera, e na governança, paz e conservação de seus reinos, que dez annos por elle regera e defendera, quem sem paixão o quizesse consirar, acharia d'isso prova mui autorisada, e que o agravo que tinha não era da natural inclinação d'El-Rei, mas da pouca edade sua, com que madura e perfeitamente não podia cònhecer os enganos em que contra si seus imigos o traziam, e que a principal causa da inimizade que seus imigos contra elle tinham, não fôra por lhes dar pouco; porque do patrimonio real com honras e titulos muito lhes tinha dado; mas porque lhe não dera todo, especialmente por não dar ao duque a cidade do Porto e a villa de Guimarães, que muitas vezes com outras cousas da corôa mui cegamente lhe pedira, e que o acrescentamento que em si e em seus filhos fizera, fôra sómente de muito amor e grande lealdade, e com mui verdadeiro desejo de servir, em que ao mais leal do mundo não conheceria avantagem; porque da herança da corôa de Portugal, não falando na que El-Rei D. João seu padre lhe dera, ainda a primeira mercê e acrescentamento seu estava por receber, e porque seus contrairos sentiram, que sua bondade e seu livre conselho acerca d'El-Rei, seriam para suas cobiças e acrescentamentos cousas mui suspeitas e perjudiciaes, trabalharam de o apartar d'El-Rei e a El-Rei do amor que lhe devia ter, e crédito que lhe devia dar, e que a vinda do duque por sua terra, e na maneira em que vinha, não era com verdadeira necessidade de serviço d'El-Rei, mas sómente pelo abater, ou por dar causa com que El-Rei mais se indinasse para sua destruição; porque se o assi leixasse passar sem resistencia, seria publicar fraqueza de

coração com seu vituperio e abatimento, o que a elle seria grave pena e ao duque muita gloria, se lhe resistisse indo á côrte, que lh'o reputariam a desobediencia e deslealdade contra El-Rei, para o mais asinha moverem para o que tanto desejavam. E porém que por ser quem era, e decender de quem decendia, finalmente o não havia de consentir, e que tanto esforço teria de morrer sobr'isso vencido com um só page, como então tinha esperança de viver e vencer, vendo-se acompanhado de tantos e tão bons amigos e criados, e que por isso era escusado esforçalos para a vingança de suas injurias com exemplos de feitos passados, pois os via para isso tão esforçados, antes se o caso viesse a rompimento como esperava, lhes encomendava a todos mais piedade que crueza, e com os olhos alevantados ao ceo cheios de muitas lagrimas pedio perdão a Deus com palavras de muita devoção, e se encomendou a elle, e á Virgem Maria sua Madre, e feito isto mandou que se armasem e percebessem todos.

CAPITULO CII

De outra falla que o duque tambem fez aos seus em seu favor contra o Infante, e de como Alvaro Pirez de Tavora lhe respondeu

O duque de Bragança não leixou de continuar sua viagem até duas legoas da Louzã, crendo que o Infante D. Pedro com todas suas ameaças não ousaria de lhe resistir, nem se moveria de Penella, assi por não quebrar o mandado e defesa d'El-Rei que para isso tinha, como pela pouca gente de que se percebera. E porém como pelas espias que

trazia, soube que o Infante estava já em Serpiz, que era d'elle pouco mais de uma legoa, e vinha com determinação de peleja, foi posto em muito cuidado, e mandou alojar sua gente com aquelle resguardo e seguridade que para o tempo e caso cumpria, e ajuntou logo os fidalgos e pessoas principaes de sua companhia para ter conselho sobre o que faria, ante os quaes disse:

«Nós somos aqui tão acerca do Infante como sabeis, e já devemos crêr que vem com determinação de por força nos resistir, vêde qual será melhor, ou o esperarmos aqui, ou irmos adiante busca-lo, ou por evitarmos as mortes e danos que d'este recontro se podem recrecer nos tornarmos atrás e seguirmos outro caminho, porque aqui por agora não é dar outros meios.»

Sobre o qual houve entre elles votos desvairados, e em fim Alvaro Pires de Tavora, disse:

«Senhor, a mim parece que para quem soes, e para a determinação com que partistes, e para a gente que levaes, seria cousa mui vergonhosa, e para vossa honra de grande vituperio, tornarde-vos atrás nem uma só passada; porque em caso que para Deos fosse razoada encoberta, dizerdes que por escusardes mortes e outros danos o fazeis, o mundo com que agora vivemos vo-lo não ha de levar n'essa conta, mas estimarvo-lo ha como é razão, por grande fraqueza e assinada judaria; soes grande imigo do Infante e elle vosso, e as mais palavras e dissimulações são escusadas. Porque a amizade que El-Rei entre vós ambos assentou, bem sabemos que foi uma fórma falsa de palavras de que nunca soubestes parte, e assi nunca a guardastes; porque depois sempre em vossas cousas vos tratastes como imigos, e vós o sabeis, e que digaes que El-Rei vos manda chamar, não é o Infante tão privado do entender, consiradas as cousas passa-

das e o auto em que his, que não entenda que é sem fundamento de seu mal, e de o resistir e contrariar em sua terra, sabei que como Principe e como Cavalleiro tem razão e faz o que deve, e por tanto meu conselho é, que o que elle quer fazer vós o façaes primeiro, que será irmo-lo buscar, e nos desponhamos á ventura que nos vier».

E este conselho aprovou o duque por melhor, e determinou então de o seguir. Pelo qual porque soube que o Infante o havia d'esperar no estremo e confins de sua terra, a que já estava mui chegado, foi alli com esses principaes vêr o lugar de melhor disposição para a peleja, e assi partir e escolher o campo para elles mais seguro. E des-hi volveu a seu alojamento, e fez ajuntar todolos seus, e com quanto era de pouca fala, com a contenença grave e segura lhe fez um razoamento n'esta maneira.

CAPITULO CIII

D'outra falla que o duque fez a todolos seus, em que determinou não leixar o seu caminho

HONRADOS criados e amigos, eu sou aqui vindo por mandado d'El-Rei meu Senhor, como vos disse, e por estas suas cartas o vereis; levo comvosco este publico caminho sem danificar nem agravar alguem como sabeis, e ora sou certificado que o Infante D. Pedro contra defesa e mandado do dito Senhor, vem por elle com proposito de por força m'o impedir, e porque eu por muitas causas que todos entendereis, sou em determinação de todavia seguir ávante, eu vos rogo e encomendo, que para qualquer trabalho e afronta que sobrevier, por serviço d'El-Rei

meu Senhor e minha honra esforceis os corações, e desenvolvaes as mãos como de vós e de vossas bondades espero. E sabei certo prazendo a Deos, que a victoria é nossa sem algum vosso perigo; porque a gente do Infante é pouca para a nossa, e vem constrangida e cortada toda de temor; porque além de conhecerem o dano a que se despõem, sabem o erro e deslealdade que cometem, vindo contra a obediencia e mandado de seu Rei e Senhor. E por isso assi por sem duvida, que todos estes na sombra do medo, vendo-nos logo o leixarão. E por isso eu vos encomendo que no sangue d'estes não solteis vossas mãos e ferro a toda a crueza, pois em fim são christãos e vassallos de El-Rei meu Senhor, e á verdade innocentes, ainda que tenho grande receio á vinda do Infante D. Fernando, e do conde d'Ourem meu filho que vem detraz, e na hora do nosso ajuntamento serão comnosco, que por ventura nas mortes e danos d'estes não quererão ter esse resguardo, mas Deos o perdoe, ou acoime ao Infante D. Pedro, pois é causa d'isso, e este trabalho que por mim tomaes, eu sempre vo-lo conhecerei, e El-Rei meu Senhor tambem vo-lo deve e por meus requerimentos e intercessão vo-lo satisfará com honras e mercês, como a bons e leaes vassallos que soes; e com isto se recolheu a seu alojamento.

CAPITULO CIV

De como o conde d'Abranches fallou ao Infante, aconselhando-o que desse no duque

O Infante D. Pedro que era já no lugar de Serpiz, soube logo como o duque viera vêr e repartir o campo, e assi da falla que aos seus fizera, e porque de um a outro não havia já mais de meia legoa, o conde d'Abranches assi armado como chegou, sem mandado do Infante se apartou com alguns, e foi vêr o arraial do duque; porque da gente e assento d'elle se informasse para o que esperava, e em tornando lhe perguntou o Infante com mostrança de lhe pesar d'onde vinha, e o conde lhe respondeu:

«Senhor, venho de vêr vossos imigos, de que prazendo a Deus e ao bemaventurado S. Jorge vos eu darei hoje se quizerdes mui boa vingança, e peço-vos por mercê que a não dilateis para mais, e hi logo dar n'elles; porque na desordem e tristeza em que estão, dão já certos signaes de serem cortados com medo e meio desbaratados, e não percaes tão bom dia; porque já em vossa vida nunca havereis outro tal, e não alongueis a vida a quem se lh'a hoje daes, sabei que a encurtará mui cedo a vós, tendo por certo que o duque na maneira em que se repaira e afortaleza não quer vir ávante, e ou se tornará para trás como veiu, ou escondido se salvará por outro caminho.»

E o Infante lhe respondeu: «Conde, não creaes que o duque por filho de quem é, e acompanhado e aconselhado de tão bons fidalgos como com elle vem, especialmente que é assaz entendido, tome nenhum

d'esses sestros que abata sua honra; antes pois já determinou de vir, elle virá, e ambos como Deus ordenar esperimentaremos nossas fortunas, e por hoje é bem que repousemos e provejamos no que nos cumpre, e a elles demos lugar que para taes vistas se percebam á sua vontade. Ao menos porque com a culpa de nosso salteamento e trigança, não se encubram e escusem da fraqueza e leve resistencia, que prazendo a Deus n'elles acharemos. E praza a Deus que ou se tornem, ou desviem por alguma maneira como dizeis; porque com guarda de minha honra eu os não veja, e elles possam salvar suas vidas, cá em fim patrimonio são d'El-Rei meu Senhor, em que me sempre pesará minguar e fazer estrago.»

CAPITULO CV

De como o duque não quiz esperar o Infante, e se salvou atrevessando secretamente a Serra d'Estrella, e do que o Infante sobr'isso disse e fez

O duque n'aquelle dia que era sexta-feira ante do domingo de Ramos; porque soube que corredores do Infante vieram vêr seu arraial, tambem mostrou que se provia e aparelhava, como quem determinava não desistir de seu proposito, e menos negar a peleja, e segundo o pulso que á sua gente tomou, não achou em todos aquella fortaleza e esforço, que para tal afronta se requeria; porque como atrás disse muitos d'elles não eram proprios seus, e vieram sómente com elle pelo acompanhar pacificamente atè á côrte, sem esperança nem aviso de tal recontro, especialmente contra o Infante D. Pedro, a

que muitos d'aquelles tinham afeição secreta, e desejavam servir.

Pelo qual, o duque vendo a fraqueza d'estes, com que não convinha meter sua vida e honra a um tão certo e tão chegado perigo, ou por ventura aconselhado do pouco esforço de seu coração, em que por então foi mui culpado, determinou em si mesmo de não seguir adiante nem cometer o Infante, nem menos o esperar. E ordenou poer-se secretamente em salvo como fez, e não se quiz tornar atráz como viera; porque foi falsamente certificado, que as pontes e barcas do Mondego porque passara, eram por mandado do Infante já todas quebradas e tomadas, o que não foi. Para o qual a mesma sexta-feira ante do domingo de Ramos d'este anno de mil e quatrocentos e quarenta e nove, o duque apartou alguns seus a que revellou o modo de sua partida, e por se escusar rumor nem algum sentimento d'ella, lhes mandou que um e um dessimuladamente se saissem do arraial, e elle com duas sós guias que tomou, em se cerrando a noite se sahiu a cavallo, e se foi com elles ajuntar, que com mui grande perigo e trabalho dos corpos e cavallos atrevessaram a Serra d'Estrella, que lhes jazia á mão esquerda; porque os montes eram grandes e frios, e a serra estava ainda com neves dobradas, de qne o duque por ser já mui velho recebeu tão grande padecimento que foi em ponto de morte, e porém da grande frialdade que padeceu ainda lhe ficou d'alli o pescoço e a cabeça baixa em quanto viveu.

E os seus que leixou, como souberam de sua partida, que foi sendo já grande parte da noite passada, foram postos em grande desmaio, e cada um como melhor pôde se apressou de o seguir não sem grande desmando e nenhum acordo, e com perda de muitas

cousas que leixavam, crendo que o Infante ou sua gente os seguiria. E assi passaram a serra do Baçó até descerem a outra banda de meio dia contra Covilhã, em que pela grande aspereza dos caminhos e as muitas neves e regelos que n'elle jaziam, os homens suportaram frios e trabalhos incomportaveis, e assi morreram e atereceram muitos cavallos e azemolas, de que muitas ficavam. E se perdeu muita fardagem que os da montanha vieram recolher. E no cimo da serra onde dizem Albergaria, acharam mortas de frio algumas pessoas a que não houve remedio.

As escuitas que o Infante sobre a gente do duque sempre trazia, não houveram sentimento de sua partida, salvo depois que o geral rumor de todos todo lh'o certificou, que foi a tempo em que o duque já teria andadas quatro ou cinco leguas. E por se mais verdadeiramente afirmarem do caminho que levara, não trouxeram ao Infante certo recado se não em amanhecendo, da qual cousa sendo o Infante certificado, mostrou receber por isso tanta gloria e alegria, como pareceu que os seus houveram de pena e tristeza, por o duque se ir assi livrememente e sem contenda, e alguns requereram ao Infante licença para ainda lhes irem seguir o encalço, mas o Infante o não consentio, antes lh'o defendeo, dizendo «que os leixassem ir embora, e que de assi ser, dava por isso muitas graças a Deus.»

E porém a opinião dos mais foi que o Infante errara muito, tendo o duque tão acerca e em tão boa disposição para o cometer, não dar n'elle e o matar se podera; porque quanto alongou sua vida, como o conde d'Abranches lhe disse, tanto antecipou a morte de si mesmo como depois se seguio.

E feito isto, o Infante porque a gente que tinha já lhe não era necessaria por então, fez ajuntar todalas

pessoas principaes que hi eram, e com aquellas palavras que mereciam, os que para tal serviço com tão boas vontades se offereceram e disposeram, lhes deu a todos grandes agardecimentos, e os despedio com sinaes de muito amor e obrigação, leixando sómente os continos de sua casa, com que passado o dia de Ramos se tornou a Coimbra.

CAPITULO CVI

Como o duque se foi a Santarem onde era El-Rei, e do que se fez contra o Infante

E o duque como da banda de Covilhã acabou de recolher a gente que o seguio, fez logo seu caminho para Santarem. Onde por aviamento do conde seu filho, foi de toda a côrte assi grandemente, e com tanto triunfo recebido, como se o merecera por batalhas campaes, que contra imigos vencera.

E isto foi por seus aderentes assi ordenado, porque com esta face de fingida honra encobrissem ao mundo o envés do verdadeiro abatimento que o duque em sua vinda tinha recebido. Porque para o proposito com que de suas terras o duque partira, e para a muita gente que comsigo trazia, sempre os seus na côrte afirmaram que o Infante D. Pedro por sua pouca força não ousaria de o cometer, nem lhe defender o caminho. Dando a entender que as mostranças de resistencia que o Infante fazia, eram tudo rebolarias do conde d'Abranches, porque n'estes feitos se governava. E porém assi emprimiram todo o que quizeram no novo e molle entendimento d'El-Rei, que a injuria d'este caso lhe faziam crêr que não era do duque, mas propria de sua pessoa real.

E porque no conselho em que ante El-Rei esto se praticava, o Infante D. Anrique terçou um pouco em favor do Infante seu irmão, afirmando que não consentiria dizer-se, que nenhum filho d'El-Rei D. João faria injuria a seu Rei e Senhor, fez no que contra o Infante D. Pedro então se requeria mui grande contrariedade, com que muitos do conselho se foram, e folgaram de o ajudar, crendo que o Infante D. Anrique clara e descubertamente a seu irmão queria já valer, e alegravam-se, desejando aproveitar ao Infante D. Pedro terem-no para isso por cabeceira, sem o qual consirada bem a disposição do tempo, e pelos contrairos serem de grande condição não ousavam. D'onde segundo a opinião dos prudentes e pessoas d'autoridade, que d'estes feitos tiveram conhecimento, se creu que o Infante D. Anrique n'estes dias falleceu ao Infante D. Pedro com aquelle verdadeiro amor, favor, e ajuda que como a irmão e amigo lhe devia; porque com muito seu louvor, e sem mingoamento de sua muita lealdade lhe podera valer, por maneira com que a El-Rei, e a sua corôa fizera muito serviço, e ao Infante seu irmão desviara morte tão crua e tão abatida como recebeu, e sua tão honrada casa não cahira de todo como cahiu, segundo adiante se dirá, e porque o Infante D. Anrique sobre suas muitas virtudes era assaz prudente e discreto, bem é de crêr que esta piedosa bondade para seu irmão, muitas vezes lhe tocaria e espertaria a memoria, e para o não fazer, o mais honesto e seguro seria leixar a determinação em duvida, salvo se a causa d'isso attribuissemos a algum oculto Juizo Divino.

E por tanto, porque a boa vontade do Infante D. Anrique não perseverou no favor do Infante seu irmão como logo então atentou, foi a querella do duque ouvida d'El-Rei, e posta e crida no mais alto en-

carecimento de fealdade, que contra seu serviço e estado se podia cometer. Pelo qual logo El-rei começou publicamente declarar a irosa vontade e grande indinação que contra o Infante D. Pedro tinha, a que por aviamento de seus imigos tambem ajuntava o desterro e morte da Rainha D. Lianor, sua madre. E porque no recontamento de suas afeições, desamparo e pobreza, que até morrer passara, o caso contra o Infante mais s'agravasse, faziam com as Infantes irmãs d'El-Rei, que eram meninas, e com os criados da Rainha, que de todas as partes faziam vir, que com lamentações e forçosos choros as apresentassem ante El-Rei muitas vezes, pedindo-lhe por isso do Infante D. Pedro justiça e vingança, como de culpas e crimes já claros e manifestos.

CAPITULO CVII

De como El-Rei declarou o Infante por desleal, e mandou fazer geraes percebimentos de guerra para ir sobr'elle

Enviou logo El-Rei cartas de percebimentos de guerra por todo o reino, com declaração de querer por desobediência e deslealdade do Infante D. Pedro ir contra elle, e assim mandou poer outras cartas publicas de perdão geral para todolos humiziados, que por quaesquer casos andassem fóra do reino, se n'esta ida contra o Infante o viessem servir, e assim se fizeram outras de editos porque mandava a todalas pessoas que eram com o Infante de qualquer estado e condicção que fossem, que a certas horas sob pena do caso maior se partissem logo d'elle, e d'estas algumas se pozeram nas praças publicas de Santa-

rem, e outras haviam de ser por notarios publicadas em Coimbra onde o Infante era, e os primeiros que para isso foram ordenados cometeram o caminho, mas com receio não o seguiram e se tornaram, em cujo lugar foi logo ordenado por El-Rei e enveado a Coimbra Lourenço Abril, seu escrivão da camara, homem mancebo e de bom entender, e como quer que no caminho fosse das guardas do Infante impedido, houve porém de chegar a elle com sua licença e prazer, e tanta pressa se deu para a destruição do Infante, que o duque desapareceu de seu arraial em Coja, bespora de Ramos como atrás fica, e estes editos chegaram ao Infante em Coimbra bespora de Pascoa. O qual depois que foi e viu as cartas que Lourenço Abril sobr'isso levou, lhe disse:

«Lourenço Abril, dizei a El-Rei meu Senhor, que eu só tomo e retenho em mim esta sua provisão, e que não hei por seu serviço e minha honra publicar-se em tal tempo. Não por não querer que em seus reinos e fóra d'elles se cumpram e obedeçam inteiramente seus mandados; porque saiba que eu sou um dos braços mais fortes que tem para lhe ajudar a manter e cumprir sua vontade e justiça. Mas porque estes procedimentos são de sua ira contra mim, eu apello d'elle contra mim agora mal informado, para elle mesmo de mim verdadeiramente e como deve depois bem informado»

E com esta resposta, e com outras palavras a estas conformes se tornou Lourenço Abril a El-Rei, que logo começou de fazer mercê a quem lh'a pedia dos bens e officios dos que eram com o Infante.

CAPITULO CVIII

Do que o Condestabre filho do Infante D. Pedro fez, estando entre o Tejo e Odiana

Estes dias com todalas torvações e necessidades do tempo, o Condestabre filho do Infante D. Pedro nunca lhe acodiu, e não seria assi sem seu mandado, antes sempre esteve na comarca d'entre Tejo e Odiana, onde tinha o Mestrado d'Avis com suas fortalezas, e mais os castellos das villas d'Elvas e de Marvão, contra o qual fizeram tambem a El-Rei suspeita, e que se devia segurar d'elle. Especialmente que pela liança e amizade que o Infante seu padre com o Condestabre e Mestre d'Alcantara de Castella tinha feita, podia com entrada de gentes estranhas fazer a este reino muito dano, pelo qual acordou El-Rei de enviar sobr'elle, que estava então na Villa de Fronteira, D. Sancho, conde de Odemira como fronteiro mór.

E davam fama pelo reino para mais indinação do povo, que o Infante D. Pedro tinha ordenado com ajuda de Castella prender El-Rei e se senhorear do reino, e assi lançar n'elle grandes pedidos, e outras muitas opressões se o mais tempo regera.

E sendo o Condestabre d'esto certificado, vendo que Fronteira não tinha força nem disposição para n'ella manter cerco nem esperar afronta, aconselhado sobr'isso com bons cavalleiros e pessoas d'autoridade que comsigo tinha, se passou a Marvão, onde confiando na bondade e segurança da fortaleza esteve alguns dias. E porque o conde D. Sancho todavia se fazia prestes para o ir cercar, esses cavalleiros que com o Condestabre eram vendo-o com alguma fantesia de resis-

tencia, a que a nobreza e esforço de seu coração o inclinava, consirando que não sómente á sua honra não cumpria faze-lo, mas que nos feitos do Infante seu padre podia muito danar, lhe disseram:

«Senhor, estas maginações de defensão em que vos vemos, ou de esperardes no campo esta gente que vem, são por agora escusadas; porque a defesa d'armas e homens que tendes é nada em comparação dos que vem sobre vós, se cuidaes dar-lhe praça, e tambem para quem soes, e para o sangue de que descendeis, sabei que seria grande abatimento vosso esperardes cerco, quanto mais tão desesperado de socorro como sabeis que este seria, principalmente cercando-vos pessoa de menos condição que vós e com tanto poder a que não podesseis resistir, em especial vindo com nome d'El-Rei nosso Senhor, a que seria feio desobedecer, e mais se o assim fizesseis seria em todo desacatar ao Infante vosso padre, e não cumprir sua vontade nem mandado, pois vos deve lembrar que a voz e nome, e o serviço d'El-Rei nosso Senhor, sobre tudo vos encommendou e encommenda cada dia, pelo qual nosso conselho é, que logo vos passeis aqui a Valença, que é do Mestre d'Alcantara, em que ha esperança d'achardes melhor acolhimento, e leixae em vossas fortalezas vossos alcaides com a gente que as guardem e tenham por vós, com mandado vosso, que se El-Rei lh'as pedir ou enviar pedir, que descarregando-os de vosso preito e menagem, lh'as entreguem. As quaes levemente tornareis a cobrar se Deus pozer os feitos do Infante vosso padre em bem e assesego, como a elle praza que seja».

Ao qual conselho o Condestabre obedeceu e o cumpriu, e leixou em Marvão por alcaide um Arthur Gonçalvez, que por mandado d'El-Rei entregou a fortaleza. E o Condestabre se passou a Valença, onde por

principio de suas fortunas começou logo d'espremen-mentar as grande malicias e sobeja ingratidão do Mestre d'Alcantara, que em tudo contrariou, e com nada lhe respondeu á muita honra e mercê, favôr e amparo, que em suas grandes necessidades passadas do Infante D. Pedro poucos dias havia que recebera, como atrás fica.

CAPITULO CIX

De uma carta que a Rainha enviou ao Infante D. Pedro seu padre, sobre um conselho que acerca d'elle se tivera para sua morte ou destruição, e do conselho e determinação que o Infante sobr'ella teve

Evolvendo o processo ao Infante D. Pedro, estando elle em Coimbra não sem mortaes padecimentos, pela incertidão que tinha do fim que sua vida e feitos haveriam, foi-lhe dada uma carta da Rainha sua filha, por Vicente Martins seu secretario, porque lhe notificava, «que em um conselho que sobre seus feitos então se tivera, fôra contra elle determinado que El-Rei o fosse cercar, e que dando-se ou tomando-se por força, houvesse por pena de suas culpas uma de tres cousas. Ou morto, ou carcere perpetuo, ou desterro para sempre fóra do reino, para execução do qual El-Rei partiria contra elle aos cinco dias de Maio». E bem é de crêr que a Rainha lhe não enviaria esta carta sem espresso consentimento e mandado d'El-Rei, cujo bem e amor ella teve sempre em tanta estima, que pelo conservar e não perder nem minguar como mui virtuosa que era, nunca nos feitos do Infante seu padre contra o gosto e contentamento d'El-Rei se quiz entremeter. Esta carta foi dada publicamente ao Infante, que depois de sem alguma mu-

dança nem torvação a lêr, com quanto n'ella viu que a morte começava já de bater ás portas de sua vida, elle a cerrou em sua mão e com a cara segura, e mais alegre que triste, esteve um pedaço perguntando ao messegeiro por novas da saude e bôa disposição d'El-Rei seu Senhor, e por as cousas em que se desenfadava, e porque as respostas redundavam todas em louvores e perfeições d'El-Rei, o Infante mostrava por isso tomar muita gloria sem alguma mestura da mortal pena que já recebera e tinha. E com este despejo se assentou a comer, e depois de acabar se recolheu a sua camara, onde fez logo vir esses principaes que com elle eram, perante os quaes mandou lêr a carta que tinha, e como a sustancia d'ella era já espantoso pregão da ira d'El-Rei, ficaram todos muï torvados, mais e menos segundo a bondade e esforço do coração que cada um tinha. E o Infante não dissimulando já sua infinda paixão e tristeza, com as mãos e braços abertos alevantou os olhos ao ceo cheios d'agoa ; porque nos taes casos quando fallava assi o tinha por condição natural. E disse logo :

«D'estes agravos e perseguições em que justiça, razão, nem humanidade não consente, eu primeiramente me queixo a Deos como a só e principal Senhor de todalas cousas, e depois á Real casa de Portugal em que nasci e me criei, e a que até agora bem e lealmente sempre servi. E assim á casa d'Inglaterra em que de sangue tanta parte tenho, e finalmente me agravo a vós meus criados, amigos e servidores como a participadores d'esta minha desaventurada fortuna, aos quaes como a companheiros de meus conselhos e perigos, direi em breve n'este caso minha tenção, que é tomar por melhor, mais honra e mais descanço para mim a derradeira parte d'esta determinação que é a morte; porque das outras de que uma é ser desterra-

do, Deos nunca queira que eu filho ligitimo d'El-Rei D. João, que com tanta honra uma vez sahi de seus reinos, fazendo a muitos em muitas provincias e senhorios estranhos grandes graças e mercês, haja d'andar sobre minha velhice por reinos e terras alheias, pedindo esmolas com muito trabalho e grande deshonra minha. Pois da outra que é ser preso, e que sobre cincoente e sete annos que hei haja de consentir ferros de justiça em minha carne, não sei a quem não pareça ser muito menos mal morrer, e este por mais bem e maior honra escolho para mim, como disse. Mas porque até agora em todas minhas cousas e alheias que tratei sempre, me prouve ser bem aconselhado, n'esta que me parece ser a derradeira, o devo e queria ser melhor. E por isso vos rogo e encomendo, que esguardadas bem todalas circumstancias d'esta fortuna, e a callidade e priminencia da minha pessoa, queiraes sobre tudo consirar, e cada um de manhã me dizer seu parecer, lembrando-lhe que meus imigos segundo esta nova determinação devem logo vir sobre mim, e partir de lá a cinco dias de Maio. E que diga meus imigos, nunca por amor de mim, e por segurança de minha limpeza entendaes que o digo por El-Rei meu Senhor, nem que o meto n'esse conto. Porque em caso que sua mercê venha com mostrança de ira sobre mim, sempre crerei que seu corpo virá com enganos de meus imigos forçado, a que sua nova edade não sabe nem póde resistir, mas que suà vontade sempre para mim e minha honra ficará livre e sã, como se espera de Principe bom e agardecido como elle é. E porém meu primeiro movimento é n'esse mesmo dia partir d'aqui, e os ir buscar e esperar no campo, e pedir a Deos e a El-Rei meu Senhor justiça e vingança d'elles, como de qnem tão sem razão tanto damno e perda me tem feito. E quando se por meus

peccados assi não seguir, contentar-me-hei acabar como cavalleiro. E porém d'agora para em todo tempo e sempre protesto, que seja com verdadeiro nome de bom e leal vassalo, e servidor d'El-Rei meu Senhor.»

CAPITULO CX

Dos conselhos desvairados que ao Infante sobre sua proposição foram dados

No outro dia foram todos juntos, e leixando alguns apontamentos que alguns n'este caso fizeram, finalmente no conselho houve tres conclusões sustanciaes e em si desvairadas, e para cada uma não falleceram estas vozes. A primeira foi do doutor Alvaro Affonso, homem assaz prudente e bom jurista, em que depois de muitas palavras sumariamente concludio «que o Infante como cavalleiro, e principalmente como catholico e bom christão que era, não devia por si ir buscar a morte, mas antes espera-la, em que havia muitas esperanças de vida, e quando sem razão lh'a quizessem dar, que com grande fortaleza d'animo devia de defender sua vida e honra, para que allegou muitos direitos e trouxe mui autorizados exemplos, e que elle por mór resguardo de sua lealdade e mais segurança de sua pessoa, se devia fortalezar em Coimbra, e bastecer e prover d'armas e gentes os castellos de Monte Mór o Velho e de Penella, e aguardar El-Rei, ainda que com todo seu poder o quizesse cercar, e que sendo a cidade tão forte, e tendo elle tanta e tão boa gente comsigo, El-Rei por força o não poderia logo tomar, e que para lhe poer cerco prolongado, ou leixar sobre elle fronteiros, não havia disposição nem possibilidade para

isso, e que com Monte Mór teria tambem a Foz de Buarcos, que em suas afrontas se sobreviessem, sempre seriam portas abertas para sua salvação, e que por esta maneira não encurtaria como desesperado sua vida, e como prudente alongaria o tempo, que emfim por sua condição tudo com honra remediaria, especialmente que El-Rei assi como crescesse nos dias, assi iria crescendo e esforçando seu juizo, com que entenderia os enganos em que o traziam, a que sua nova idade por então não alcançava, quanto mais que a Rainha sua filha estava em esperança de emprenhar, e com a geração que Deus lhe daria, El Rei se acharia mais obrigado para o amar e honrar, e ella teria mór atrevimento de em seus feitos o requerer. E que o povo que com malicias alheias andava emnevoado, cansaria e amansaria de seus alvoroços, e que em fim por partido sempre lhe fariam o que elle quizesse, pois com isso claramente parecia elle com medo da ira de El-Rei, e por necessidade se defender, e não com vontade de o desservir nem desobedecer, pois todos sabiam que elle o tinha e amava por seu verdadeiro Rei e Senhor.»

E com este voto e parecer se foram D. Fadrique, Martim de Tavora, Aires Gomes da Silva, João Corrêa, João de Lisboa, secretario, e Diogo Affonso, e Pedro de Tayde, Dayão de Coimbra, que eram todos pessoas de bom entender, esforço, e autoridade.

Eram outrosi com o Infante n'estes conselhos Luiz d'Azevedo, e Lopo d'Azevedo, irmãos, e Martim Coelho, e Pero Coelho, tambem irmãos, os quaes por serem entre si por casamentos liados seguiram todos outro acordo, dizendo «que o Infante por maneira alguma não devia esperar cerco, cá não era honra, ao menos por respeito da Garrotea que tinha, nem proveito nem segurança, mas que leixasse suas villas e

fortalezas em bom recado, e que com a outra sua gente se saisse de Coimbra, e passasse o Douro, onde n'aquellas comarcas teria a gente das terras de Lopo d'Azevedo, e de Martim Coelho, e Ruy da Cunha, e d'Aires Gomez, e d'outros muitos, com que seguraria sua pessoa e d'aquelles que o seguissem, e que d'alli poderia tornar á Beira, e passar-se a riba do Diana, e andar pelas terras do Condestabre seu filho; porque El-Rei o não podia tanto seguir, que não andasse sempre diante, ou desviado a seu salvo, aconselhando com isto que não sómente trouxessem a voz e nome d'El-Rei seu Senhor, mas muito mais as vontades para o bem e lealmente servir, e com a necessidade e fadiga que os do reino todo por isso receberiam, conhecendo a sem razão de suas perseguições, ousariam dizer a El Rei a verdade e as falsidades com que seus imigos o moviam contra elle, de que se seguiria que ou o leixariam livremente, ou lhe fariam tal partido de que fosse contente.»

E com isto apontaram outras minguas, trabalhos, despesas e pecados, que o cerco por sua condição trazia comsigo, pelos quaes o devia fugir e avorrecer.

O conde d'Abranches tomou só outra conclusão, ás dos outros que apontei em todo contraira, allegando e tocando com largas palavras, muitas causas, razões e exemplos de Principes passados, porque não devia esperar cerco, e outras tantas para não dever andar pelo reino, especialmente com tão pouca gente, que muitas partes pela estreiteza dos passos, e pelo grande poder d'El-Rei, se podia atalhar e acolher no meio com muita deshonra sua, e assinado perigo seu e dos seus. E concludio com a tenção do Infante que foi «antes morrer grande e honrado, que viver pequeno e deshonrado, e que para isso vestissem todos os corpos de suas armas, e os corações armassem principal-

mente de muita fortaleza, e que se fossem caminho de Santarem, não como gente sem regra desesperada nem desleal, mas como homens d'acordo, e que iam sob a governança e mando de um tal Principe e tal capitão, que a El-Rei seu Senhor sobre todos era mais leal e servidor mais verdadeiro, e que mandasse a El-Rei pedir e requerer, que com justiça o ouvisse com seus imigos, que lhe tão sem causa tanto mal ordenavam, ou lhe desse com elles campo, em que de suas falsidades e enganos, elle por sua limpeza e lealdade faria que se conhecessem e desdissessem. E quando El-Rei alguma d'estas cousas não houvesse por bem, e todavia quizesse vir sobre elle, que então defendendo-se morressem no campo como bons homens e esforçados cavalleiros.

CAPITULO CXI

De como o Infante se teve ao conselho do conde d'Abranches, que foi morrer

E o Infante depois de todos ouvir com muito tento e repouso, e lhes dar por seus conselhos muito louvor e grandes aguardecimentos, finalmente se teve com o conde d'Abranches, que seguiu sua primeira deliberação, e determinou quando melhor não podesse ser, de morrer no campo, requerendo e bradando a El-Rei por sua justiça. E para ella se começou logo de perceber, e tanta foi a fortaleza e segurança do Infante, que n'estes dias com quanto de cousas tão arduas, e tão chegadas á morte se tratava, nunca por isso leixou de ir á caça e ao monte, e ter seraus e festas com sua mulher e donzellas, assi como no tempo de mais assessego e de maior prosperidade que nunca tivera.

CAPITULO CXII

Como o Infante D. Pedro e o conde d'Abranches consagraram ambos de morrer um quando o outro morresse

E passados alguns dias depois d'estes conselhos, o Infante não se esfriando em seu proposito, apartou só em uma camara o conde d'Abranches, e lhe disse:

«Conde, sabei que eu sinto já minha alma avorrecida de viver n'este corpo, como desejosa de se sair de suas paixões e tristezas, e consirados os feios combates que minha vida, honra e estado cada dia recebem, com esperança de não minguarem, mas cada vez crescerem mais, certo se as cousas n'esta viagem me não sobcedem como eu desejo, e seria razão, eu todavia determino morrer e acabar inteiro, e não em pedaços, e como quer que tenho outros bons criados e servidores, que por suas bondades folgariam e não se escusariam de morrer comigo, porém em vós sobre todos tomei esta confiança, assi pela irmandade que comigo merecestes ter na santa e honrada Ordem da Garrotea em que somos confrades, como por criação que vos fiz, e principalmente pela certidão que de vossa bondade e esforço tenho ha muito conhecido, e por tanto quero saber de vós, se no dia que d'este mundo me partir, querereis tambem ser meu companheiro, e com isso lembre-vos para satisfazerdes aos primores de vossa honra, que sendo vós tão conhecidamente meu criado e servidor, e tão publico imigo do conde d'Ourem e Arcebispo de Lisboa, depois de minha morte não podeis ter vida, salvo reservada

para com mãos d'algozes a perderdes em lugares vis, e com pregões deshonrados.»

«Senhor, respondeu o conde, para caso de tamanho contentamento, como foi sempre e é para mim viver e morrer por vosso serviço, muitas palavras nem os encarecimentos não são necessarios, eu vos tenho muito em mercê escolherdes-me para tal serviço, e eu sou muito contente ter-vos essa companhia na morte, assi como vo-la tive na vida, e se Deus ordenar que d'este mundo vossa alma se parta, sede certo que a minha seguirá logo a vossa, e se as almas no outro mundo podem receber serviço umas das outras, a minha n'esse dia irá acompanhar e servir para sempre a vossa.»

E para mór confirmação d'este proposito o Infante mandou logo chamar o doutor Alvaro Affonso, que era clerigo de missa, perante quem relatou a concordia em que elle e o conde estavam, sobre a qual disse que lhe desse logo o santo sacramento, e o doutor depois de lhe fazer seus requerimentos e protestações para o não receberem (como a elle por sacerdote e por letrado em tal caso cumpria) elle lh'o deu, e elles o receberam com sinaes de muita devoção e contrição, afirmando ambos e cada um «que como fieis christãos a Deus, e leaes vassallos a El-Rei o recebiam, e por taes protestavam morrer quando morressem, e que seu fundamento não era offender, mas defender com razão e justiça a pessoa e honra do Infante.» O qual derribando-se no chão sobre seu peito, com os olhos cheios de lagrimas e com grande fervor de contrição se feria e acusava de seus pecados, e sobre a comunhão tornaram a firmar solenemente seus prometimentos, cujo segredo o Infante encomendou muito ao doutor, de quem depois se houve esta certidão.

CAPITULO CXIII

Como a Rainha houve d'El-Rei que perdoaria ao Infante seu padre se elle lhe pedisse perdão, e assi lh'o escreveu, e a causa porque não houve effeito

VENDO e ouvindo a Rainha em Santarem tantos alardos e ajuntamentos de gentes com tantos alvoroços e percebimentos para destruição e morte do Infante seu padre; porque n'ella se encerravam em grande perfeição todalas outras virtudes, esta de amor e piedade para elle tambem lhe não falleceu, e assi porque esta natural divida de sangue sempre a espertava por seu remedio, com vivas lembranças de muita dôr e grande compaixão, como tambem porque de sua innocencia d'elle era mui certificada, se pôs um dia ante El-Rei em giolhos, e com perseveradas lagrimas lhe disse:

«Senhor, *cesset jam manus tua*, e pois minha desaventura quer que na destruição do Infante meu senhor e padre damnem as falsas culpas mais, do que aproveitam seus merecimentos, nem o grande e verdadeiro amor que vos tenho, peço-vos por mercê, que ao menos como Principe agardecido, vos lembre as obrigações em que por sua tão alta criação, e por outros muitos seus serviços lhe soes, cuja paga devia ser outra, e não esta morte e destruição tão deshonrada, e com isso para alguma mais temperança de tamanha ira' tambem vos não esqueça que vos pode nosso Senhor dar de mim filhos que serão vossos ramos, cujas raizes para sua mais honra e louvor deveis desejar e procurar que sejam antes limpas e sãs, que magoadas e sujas como ordenaes.

E El-Rei como era de mui perfeita humanidade, allevantando-a do chão com grande acatamento, lhe respondeu:

«Senhora, de todo o que me dizeis eu sou em mui inteiro conhecimento, mas como quereis que nas cousas do Infante vosso padre eu me faça brando, sendo elle em sua contumacia e para minha obediencia tão duro, de que se não quer conhecer nem arrepender, antes cada vez o mais continuar. Mandei lhe muitas vezes requerer minhas armas, não m'as quiz entregar, outras tantas lhe encomendei e mandei que não impedisse o duque, que por meu mandado vinha a meu serviço, e por me desservir e anojar foi-lhe ter o caminho com outras muitas desobediencias, de que eu a elle nem ao Infante meu irmão não relevaria sem justo castigo. Porém pelo vosso amor principalmente, e porque n'isso sintaes o bem que vos quero, se o Infante vosso padre como quem errou me quizer mandar pedir perdão, eu me haverei com elle por outra melhor maneira de que sejaes contente».

A Rainha lh'o teve muito em mercê, e d'El-Rei houve logo licença para o assi escrever como escreveo ao Infante, o qual vendo a carta, porque acerca d'ella não deliberasse nada sem conselho, depois de aquelles principaes com que suas cousas consultava serem juntos e verem a carta, todos sem contradição concordaram ser bem e honesto que o Infante satisfizesse com o perdão a El-Rei na fórma que elle queria, pois em nada lhe perjudicava, cá parecia deseja-lo assi El-Rei para defesa sua, contra aquelles que para o contrairo o indinavam. E porém o Infante lastimando-se muito dos agravos e desfavores d'El-Rei, e confiando muito em sua innocencia recusava muito de o fazer, afirmando-se «que tão novo meio, segundo as cousas estavam não era com fundamento de seu bem,

mas que El-Rei com astucia de seus imigos lhe lançava esta cilada de mal, para que n'ella o tomassem como perdão, nascido e causado da confissão de suas culpas e crimes que elle não tinha, com que ao mundo justificassem depois os males passados que lhe ordenaram, e corassem os que ao diante lhe queriam fazer. E que por isso antes queria morrer em que receberia muitos beneficios; porque acabaria inteiro Infante duque de Coimbra, e em sua vida não veria a outrem possuir nada do seu, nem elle como desaventurado seria constrangido andar por terras estranhas pedindo o alheio. E que em fim não lhe tirariam, que a todolos bons que pelos tempos fossem não pesassem de sua morte, a qual segundo sua vida era trabalhosa, esperava que fosse grande descanso já para si mesmo, e certa segurança da vida da Rainha sua filha.» Com outras muitas e boas razões com que se escusava; e em fim vencido d'outras tantas e melhores, com que seus conselheiros como a cavaleiro e christão o aconselharam e requereram, prouve-lhe pedir como pediu a El-Rei o perdão por escripto, na fórma que a todos bem pareceu, e com que El-Rei se devesse satisfazer, e tambem respondeu á Rainha, apontando-lhe largamente algumas cousas com que sua segurança devia ser acautelada.

E tendo já El-Rei recebido sua carta, mostrou se com ella suspenso como arrependido do que tinha outorgado, e porque na carta da Rainha que lhe ella mostrou, entre outras èram umas palavras do Infante que diziam «e isto Senhora faço eu mais por vos comprazer e fazer mandado, que por me parecer razão que o eu assi faça», El-Rei tomou d'ellas achaque para o não cumprir, e rompeu logo a carta do perdão que o Infante lhe mandara, dizendo que pois aquelle arrependimento era fingido e não de vontade, que não

queria desistir do que contra elle tinha começado, e assi o fez, do que o Infante foi logo avisado. Porém o que d'esta mudança e nova sanha d'El-Rei, verdadeiramente se pôde entender, foi se a vontade d'El-Rei estivera de todo firme e sã para o Infante, que as palavras da carta da Rainha na forma em que vinham lh'a não revolveram nem danaram contra elle, mas El-Rei tinha já um odio calejado ao Infante, e mais pejou-se por moço em que o espirito da honra já se levantava, de parecer o que lhe já diziam, que se sobjugava á Rainha mais do que era razão e ao Estado de um tamanho Principe cumpria, e para não cumprir o que prometera, tomou aquelle que foi mais achaque que causa verdadeira.

CAPITULO CXIV

Como os imigos do Infante D. Pedro procuravam haver antes odio que amor nem afeição entre El-Rei e a Rainha sua mulher

Porque os contrairos do Infante, vendo que a Rainha era já para elle a só esperança e remedio de sua salvação, e que por suas perfeições corporaes e muitas bondades, El-Rei lhe tinha e teria cada vez mór afeição, com que a ella e a sua vontade se daria mais, trabalhavam por todalas maneiras de o apartarem d'ella, conselhando-lhe que fosse muitas vezes á caça e montes, dizendo-lhe que a conversação continua de sua mulher em tal idade, não sómente era mui contraira á sua saude, mas ainda mingoa e grande quebra das forças do corpo e do entendimento, e que ficaria afiminado e não dino nem poderoso para soster o peso do Regimento e defen-

são de seus reinos. E na capella e guarda roupa não falleciam incitadores e ministros d'esta opinião, convocando para isso mesmo fysicos, que para seu proposito tinham bem ensaiados, que com livros e autoridades logo assi o provavam.

E taes conselheiros havia d'estes, que reprovavam o ajuntamento do santo e legitimo matrimonio d'El-Rei com a Rainha, que eram publicos adulteros e deshonestos concubinarios, jazendo como infernaes em mui continuo e reprovado coito.

E porque este caminho não sobcedia de todo á sua vontade, cometeram outro mui errado e muito para reprender; porque fizeram n'estes dias prender D. Alvaro de Castro, camareiro mór d'El-Rei, que depois foi conde de Monsanto, assacando-lhe falsamente que dizia amores á Rainha, por tal que da pena de morte ou desterro que elle por tal caso merecia nascesse infamia á Rainha com que a El-Rei de todo avorrecesse. Mas o imigo da perdição que n'estes feitos andava por medianeiro, não pôde tanto danar, que mais não remedeasse o verdadeiro conhecimento que El-Rei tinha das muitas e limpas bondades da Rainha, e da grande lealdade do conde, com que o logo soltou e depois muito honrou e acrescentou.

CAPITULO CXV

De um cumprimento que o Infante D. Pedro acerca de sua innocencia por meio de religiosos fez com El Rei

E o Infante D. Pedro por muitas esmolas e bemfeitorias que aos mosteiros e casas d'oração sempre fazia, era dos religiosos d'ellas sempre em suas orações e devoções muito encommendado a Deo

em especial n'este tempo de sua tanta afflição, os quaes sabendo a determinação errada e perigosa em que o Infante estava de partir, recorreram muitos a elle, e como officiaes da alma o amoestavam, e lhe requeriam da parte de Deos aquellas cousas de que sua maior segurança e salvação se podia seguir, e principalmente que não partisse nem fizesse de si alguma mudança, e antes esperasse a fortuna, que acometer.

E ao Infante crendo que o conselho dos taes poderia vir da vontade de Deos, prouve obedecer-lhe, e quiz finalmente poer seus feitos em suas mãos, e d'elles apartou um Frei Antão, prior do mosteiro de Aveiro, e outro Frei Dinis que depois foi confessor d'El-Rei, pessoas de grande doutrina e mui santa vida, aos quaes disse os fundamentos que o moviam a sua partida, e as razões que lhe contrariavam esperar cerco, e menos andar como fugido pelo reino, e assi as injurias e sem razões que d'El-Rei por induzimento de seus imigos tinha por extenso recebidas. Porém que lhes parecesse que isto podiam remediar, que elle sobreseria em sua partida, e por maior cumprimento com El-Rei e mais sua limpeza faria o que elles ordenassem, e que para firme segurança de manter sempre o que prometia, e que se fizesse d'elle justiça se a merecesse, que ante de ser ouvido lhe prazia mais que todos seus filhos fossem entregues em poder d'El-Rei.

Estes religiosos vendo tanta justificação, esforçaram-se acabar esta concordia, crendo que não podia ser homem tão sem juizo, e tão fóra de humanidade que a denegasse, e acordaram que com isto Frei Antão por mais secreto fosse só a El-Rei, o qual partiu logo com inteira crença e instrução do Infante, dando graças a Deos por elle se someter a tanta razão, com a qual esperava tudo acabar a serviço de Deos, e d'El-

Rei, e bem de seus reinos e vassallos, mas este padre por muito que apressou sua ida, já diante achou o imigo da razão e os contrairos do Infante, com que não pôde nem ousou dar a El-Rei as cartas do Infante, e muito menos lhe falar; porque os imigos do Infante de que El-Rei em todolos lugares e todalas horas era cercado, como sentiram que um religioso de tanta autoridade, que em tal tempo ia de mandado do Infante, não podia se não levar cousas de muita concordia e conclusão, de que lhes muito pesava, não sómente o impediram e ameaçaram para mais alli não estar, mas ainda lhe defenderam que não tornasse com a resposta ao Infante, pelo qual se foi triste e mui espantado para o mosteiro de Bemfica, d'onde avisou de todo o Infante.

CAPITULO CXVI

Como El-Rei não tinha possibilidade de ir sobre o Infante como proposera, e como a partida do Infante de Coimbra foi causa da sua morte

El-rei não sabendo da determinação do Infante, que era partir de Coimbra, fazia fundamento cerca-lo n'ella, o que pela muita gente que cresceu e pelos mantimentos, e assi outras provisões que se não podiam haver; e menos tantas bestas, bois, e carros para as armas, artilherias e carriagem, que para tal certo eram necessarios, parecia mui dificultoso ou impossivel faze-lo. Pelo qual muitos entendidos se afirmaram, consirado o pouco provimento que El-Rei tinha, e o muito que para tal empreza lhe era necessario que não podera haver, se o Infante não sahira de Coimbra, que El-Rei por aquelle anno não podera cerca-lo, e que o mais de dano que lhe pode-

ra fazer fôra comete-lo de passagem, o que ao Infante segundo estava percebido, trouxera mais honra que dano nem perigo.

Porém foi logo El-Rei certificado por um Lourenço Affonso, procurador de Coimbra, que o Infante se despunha a partir, e queria vir a Santarem, afeando o mais que pôde sua tenção, de que o duque e o conde seu filho, como principaes da empresa foram mui alegres; porque viram chegar-se o effeito de sua esperança e desejo, que era a morte do Infante, cuja dilação a elles poderia trazer perda e perigo. Pelo qual El-Rei acordou de sobre ser até saber da certa determição do Infante, e então mandou poer fronteiros nos castellos d'arredor de Coimbra, receando que o Infante queria por ventura guerrear o reino, e andar por elle como lhe fôra aconselhado, e foi Diogo da Cunha a Thomar, e D. Duarte de Menezes a Pombal, e o proto-notario Berredo a Leiria, e assi outros a outros lugares.

O Infante dava grande pressa á sua partida, porque não passasse de cinco dias de Maio que tinha posto; porque n'esse dia fôra certificado que El-Rei movia contra elle como se disse, e porém de dinheiro por suas muitas despesas tinha grande necessidade, de que por emprestimos dos seus criados e servidores se proveu em alguma maneira. E porque a moeda fallecia e não se podia haver, era conselhado para trato e serviço da gente, que da prata lavrada que tinha se fizessem uns quadrantes, da lei e peso de leaes que era então moeda do reino, e que sem mais outra letra nem figura valessem o preço d'elles. O que o Infante não quiz consentir, antes o defendeu estreitamente, e d'isto o reprenderam depois que se intitulara de Rei, e mandara fazer moeda e justiça, o que foi assacado mas não verdadeiro.

CAPITULO CXVII

Como o Infante D. Pedro partiu de Coimbra, e como seguiu seu caminho até Rio Maior, e do conselho que hi teve

Sendo o Infante prestes para cumprir sua opinião, fez a um domingo que eram cinco dias de Maio partir diante com sua gente ordenada D. James seu filho, que foi dormir no campo logo acerca de Coimbra, e essa noite ficou o Infante na cidade em que com grande mostrança de muita alegria mandou dançar, e fazer festas como sohia. E depois de ter suas cousas providas se foi á Sé, e a Santa Cruz, e a Santa Clara por serem casas em que tinha singular devoção, e alli com sinaes de bom christão se encomendou a Deus, e com a cara alegre e mui descarregada se despediu de sua mulher, e dos que com ella ficaram, e foi com toda sua gente dormir ao lugar da Egua, que é cabeça da comenda mór de Christus, onde seriam com elle até mil homens de cavallo, e cinco mil de pé, com muita carriagem de bois e bestas.

Com o Infante além d'outros muitos e bons cavalleiros e escudeiros, eram estas pessoas principaes: D. James seu filho, o conde d'Abranches, Aires Gomez da Silva, e seus filhos João da Silva e Fernão Tellez, Ruy da Cunha, Gonçallo d'Ataide, Pero de Lemos, Luiz d'Azevedo, e Lopo d'Azevedo irmãos, e Martim Coelho, e Pedro Coelho irmãos, e Pero de d'Atayde, e João Corrêa, e Fernão Corrêa, Fernão d'Alvarez da Maya, João Peixoto, e Lopo Peixoto irmãos.

E no arrayal do Infante se levantaram duas bandeiras, uma sua, e outra de seu filho, e em ambas iam de uma parte umas letras que diziam *Lealdade*, e da outra *Justiça e Vingança.*

E ao outro dia ante que o Infante abalasse, fez ajuntar sua gente, que repartiu em capitanias, e a todos fez uma fala, cuja sustancia foi saniar a boa tenção e limpeza de sua vida «que sómente era como leal servidor d'El-Rei seu Senhor, ir pedir e conseguir ante elle justiça.» E assi em defender com razões de leal português, que se não fizessem males nem roubos, e que pagassem bem os mantimentos e cousas que tomassem. E sobre tudo encomendou aos capitães o castigo, pás, e assessego de sua gente, e principalmente que se não escandalizassem nem alevantassem por cousas que ouvissem, em caso que parecessem contradizer a suas bondades e muita lealdade.

E assi foi o Infante fazendo com muito resguardo suas jornadas até o mosteiro da Batalha, onde o vedor da obra d'elle que fôra sollergião d'El-Rei D. João seu padre quiz com armas e artelharias poer o mosteiro em resistencia e defesa contra elle, mas os frades lh'o não consentiram, e abrindo as portas mandaram dizer ao Infante que o receberiam na fórma e com as cerimonias que elle ordenasse, mas o Infante não quiz que fosse salvo como sempre fôra, encomendando-lhe que na procissão com qne a elle viessem, como de costume tinham, cantassem devotamente por elle o salmo que começa.

Qui habitat in adjutorio altissimi in protectione Dei celi commorabitur — que se podia bem aplicar á sua viagem.

E alli ouviu missa e mandou dizer outras muitas pelas almas d'El-Rei e da Rainha seus padres, e se despediu de seus ossos, que cedo havia de vir acom-

panhar, e esteve olhando com muita tristeza a sepultura ainda vasia, que em sua capella lhe fôra ordenada, sobre que disse muitas cousas que pareciam já revelações d'alma, e sentimento da carne que a cedo havia de povoar, como foi, e n'esta ordenança chegou a Alcobaça, e assi foi dos frades recebido e encomendado a Deus.

E como El-Rei soube que o Infante passava Leiria, logo mandou sobr'elle corredores, e outra gente de cavallo, para que sua gente com menos licença se soltasse fazer dano.

E porém o Infante chegou a Rio Maior, de que ha cinco legoas a Santarem, onde teve conselho se iria adiante como vinha, ou se enviaria seus messegeiros a El-Rei para que lhe pedisse seguridade com que em alguma bôa fórma, acerca das culpas que lhe falsamente davam fosse ouvido com justiça. E os que verdadeiramente o amavam, posposta toda outra fantesia e paixão lhe davam mui são conselho, que elle não seguiu; porque lhe disseram «que para uma parte nem para a outra não devia ir mais adiante, e que assi como viera se tornasse para Coimbra; porque assaz tinha cumprido por sua honra chegar alli e estar tres dias acerca de seus contrairos, que tendo já então muita mais gente e poder que elle, nunca lhe ousavam vir ter o passo, nem fazer uma leve resistencia, contrariando muito todo outro fundamento, e muito mais enviar-se embaixada a El-Rei, de cuja pouca idade diziam, que já o Infante emquanto as cousas assi andassem não devia fiar sua vida, em caso que com sinaes e sêllos lh'a segurassem; pois por induzimentos de sens contrairos, tantas vezes e em tantas cousas lh'os tinham quebrados, e que muito mais lh'o fariam fazer n'esta em que todo seu desejo se cumpria, e álem d'isso se punha a outra perigosa

ventura, que era seguindo mais adiante, e chamando-o El-Rei como a vasallo, e não indo nem obedecendo logo despejadamente como a leal servidor cumpre, cahiria em rebellião e desobediencia clara, de que os achaques passados contra elle ficariam certas culpas, com causas verdadeiras para sua mais justificada perseguição, quanto mais que metendo seu arraial adiante nos olivaes de Santarem, segundo a grande espessura d'elles, e derribando-se pelos caminhos atrás, ficava de todo atalhado sem lhe ficar sómente uma possibilidade de salvação nem desposição de peleja, e que quando se quizesse salvar, já seria ao menos com perda da gente de pé e de toda sua carriagem, com que ficava de todo perdido e desbaratado, e que se por ventura quizesse seguir contra Lisboa com fundamento de se lançar e segurar n'ella, que era maginação errada e certo perigo seu ; porque a cidade segundo tudo andava revolto, já não era a madre que o criara segundo elle dizia e confiava, mas que a havia d'achar mui irada, bem guardada madrasta contra si, por onde não ficava poderoso de adiante nem atráz se salvar, se El-Rei com seus imigos lhe saisse nas costas como era de crêr, e que em tanta angustia lhe seria forçado, ou pedir misericordia duvidosa, ou receber morte certa e desesperada de vingança, ao que sem extrema necessidade se não devia arriscar, ao menos por resguardo e segurança de tantos innocentes, quantos com elle sem causa morreriam.»

Aos quaes conselhos o Infante disse: «Bem sinto já que estar aqui não é necessario, e muito menos ir adiante contra Santarem, assi pelas causas e razões que bem apontastes, como principalmente porque hei por grande graveza para mim, parecer que levamos as pontas de nossas armas contra o lugar onde está a Real pessoa d'El-Rei meu Senhor, a que eu sobre to-

dos desejo melhor obedecer e mais acatar e servir. Porém minha determinação é por nenhuma maneira tornar atraz, mas quero-me ir por este caminho contra Lisboa, não com esperança de me a ella acolher, porque n'ella não tenho trato nem segurança, mas não póde ser que meus imigos sabendo que vou assi com muito menos gente e poder do que agora tem, não saiam a mim com suas valias; porque terão possibilidade e tempo de cumprir o que tanto desejam, e mais escusarão trabalho, que a El-Rei meu Senhor por todos respeitos não é conveniente nem necessario, e está só mercê peço a Deus que seja assi, porque é a maior que d'elle posso receber; e se não vierem a mi então chegaremos á ponte de Lourcs, e d'ali faremos volta por Torres Vedras e Obidos até Coimbra, onde esperamos a ventura que vier, e espero que a Rainha minha filha, e o Infante D. Anrique meu irmão remedeiem em tanto meus feitos, como a minha honra e estado cumpre.

Mas esta esperança que o Infante publicava de seu irmão, era para com ella favorecer e animar sua gente; porque em seu coração já tinha certa desesperação, o que acabou de confirmar quando por tres dias que em Rio Maior esteve, não viu em seu favor recado de seu irmão nem da Rainha, em que até então muito confiava. E o que os prudentes poderam conceber de tão errado conselho e tenção, como o Infante em tal tempo e caso seguiu, não foi salvo que desejando de morrer com algum mais cumprimento de sua honra, e com maior descargo de sua conciencia, quiz antes ser cometido d'El-Rei, que parecer cometedor, e que por isso lhe deu as costas, de que mostrou alguma prova e experiencia o lugar em que ao diante foi morto em que se alojou, onde por tres ou quatro dias repousou, podendo-se n'elle livremente salvar.

CAPITULO CXVIII

Como o Infante partiu de Rio Maior e se foi a Alcoentre, e as pessoas d'El-Rei que hi mandou matar, e a causa porque

E porém o Infante moveu de Rio Maior contra Lisboa, e a opinião e rumor geral era, que por trato que com alguns d'ella tinha, se queria n'ella acolher e remedear; e com quanto esta fama era fingida e não verdadeira, não leixou de causar morte crúa a dois mancebos de Lisboa, que por haver n'elles suspeita de trato por serem criados do Infante, foram publica e innocentemente feitos em quartos, e postos pelos mais publicos lugares da cídade.

Seguiu o Infante seu caminho em sua ordenança, e a uma sexta feira XVI dias de Maio chegou ao lugar d'Alcoentre, em que dos ginetes e corredores d'El-Rei foi sempre seguido e perseguido, dizendo em altas vozes contra elle que os ouvia, palavras torpes e mui feas, chamando-lhe traidor tirano, e falso hypocrita roubador do povo, com outras vilezas e fealdades a estas conformes, das quaes o Infante sempre encomendava aos seus que se não anojassem nem lhes respondessem, e porém elle em as ouvir recebia em si muita dôr e grande sentimento, especialmente porque as bocas d'aquelles, porque tantas torpezas contra elle sahiam, já lhe muitas vezes beijaram as mãos por honras e mercês que d'elle receberam, e como alojou alli seu arraial, coube a guarda da herva e lenha a Aires Gomes da Silva, sobre que vieram logo corredores da gente d'El-Rei travando com elles, e procurando escaramuça com desejo da gente do Infante se desman-

dar por algum seu dano, e com esses rebates que na guarda se faziam, veiu nova ao arraial que Aires Gomes com sua gente era dos d'El-Rei cercado e posto em grande affronta, a que o conde d'Abranches com grande trigança logo sahiu, e com elle quasi todos os do arraial não guardando alguma regra em sua sahida, antes com muita desordem e desmando romperam por muitas partes o palanque, e deram com muita força nos corredores, de que alguns d'elles achando-se atalhados, querendo-se salvar cahiram em um grande tremedal e lagoa, de que não poderam sahir, onde entre mortos e presos ficaram logo até trinta, e os vivos levaram logo ante o Infante, entre os quaes o principal era um Pero de Castro, fidalgo e criado do Infante D. Anrique, a que o Infante D. Pedro disse:

«O' máo ingrato e traidor, assi como por tua boca sahiram hoje tantas vilezas, com que tão falsa e desavergonhadamente magoavas minha pessoa e estado, como tambem não entraram em tua memoria as muitas honras e mercês, que de mim tão poucos dias ha recebestes, para as leixares de dizer, e contentares-te de me fazer mal com tuas mãos, cá pareceram por tua escusa que eram forçadas d'outro mando e senhorio maior, e não com a lingoa com que cuidavas que me escandalisavas os ouvidos, e tu feriste-me no coração, certamente a morte com que logo acabasses, ainda seria áquem da culpa que tens, e pena que mereces.»

E então com um páo que tinha na mão lhe deu por cima da cabeça, e sobre esta pancada houve logo dos que eram presentes tantas feridas, de que logo morreu, e dos outros uns mandou o Infante logo degolar, e outros enforcar, segundo a condição das pessoas que eram.

Aquelle dia escapou por grande ventura Gonçalo Rodrigues de Sousa, que era capitão dos ginetes. E

assi alguns outros a que valeu a bondade de seus cavallos; porque até o logar de Pontevel lhe seguiu o conde o encalço, e d'alli temendo alguma volta de gente fresca e mais poderosa, se tornou para o Infante.

Com a morte d'estes homens não foi menos a torvação e desmaio no arraial do Infante, do que foi alvoroço e indinação contra elle em toda a côrte d'El-Rei, a que as novas chegaram logo de noite; porque a mais da gente do Infante vendo tamanha crueza, julgaram-na por claro rompimento contra El-Rei, e temendo a pena da culpa em que por isso encorriam, pungidos da lealdade que não podiam encobrir, mostravam em suas caras uma publica tristeza, que de seus corações dava mui certos sinaes de fraqueza, com que muita gente, especialmente de pé, logo aquella noite fugiram do arraial, e por serras e veredas como melhor podiam se tornaram a suas casas, a que o doutor Alvaro Affonso com uma publica fala que a todos sobr'isso fez, quizera remedear mas não aproveitava.

CAPITULO CXIX

Como El-Rei proveu e segurou a cidade de Lisboa, para o Infante se não recolher a ella

Como El-Rei foi certificado da ida do Infante a Lisboa, receoso de ser com fundamento d'algum trato que n'ella tivesse, mandou logo por mar e por terra muitos fidalgos e outra gente, que a guardaram e seguraram a seu serviço. E moveu logo de Santarem contra o Infante com muita e mui formosa gente, que segundo a sentença dos que o melhor deviam saber, entre de cavallo e de pé, seriam numero de trinta mil homens de peleja, que segundo

as memorias dos que a viam, foi a mór somma de gente d'armas que até então n'este reino se ajuntou.

Foi El-Rei conselhado que não apressasse suas jornadas, assi por melhor trato e alojamento de suas gentes, como porque tendo a cidade segura, quanto o Infante mais a ella se chegasse, tanto se despunha a maior perigo, pelo damno que dos moradores d'ella, álem dos que d'El-Rei podia receber.

CAPITULO CXX

Como o Infante partiu de Castanheira, e se foi alojar no Ribeiro d'Alfarrobeira

E o Infante sendo no campo junto com o lugar da Castanheira, foi avisado que El-Rei era já de Santarem contra elle partido; e porque o lugar em que estava era campo devasso e sem disposição de se poder defender, e muito menos de resistir, principalmente porque a gente não leixava cada dia de lhe fugir, leixando já alguma parte de sua fardagem, partiu um domingo com voz de se ir a Lisboa, em que n'aquelle dia queria entrar. Mas isto se fingio assi por tal, que a gente na esperança de se salvar fosse com elle e não lhe fugisse mais, e ante do meio dia se alojou logo a além d'Alverca, em um ribeiro que se diz d'Alfarrobeira.

E o assento de seu arraial na maneira em que estava, foi d'aquelles que nas cousas da guerra tinham bom conhecimento muito louvado; porque havia n'elle disposição natural e artificial para poucos se defenderem a muitos, e alli houve o Infante por melhor esperar sua ventura e não seguir ávante, assi porque foi logo avisado da guarda de Lisboa, que de todo es-

tava irada contra elle, como porque tinha ainda esperança que quando El-Rei sobre elle chegasse e o visse, que teria lembrança de quanto serviço lhe fizera, e não se esqueceria d'outros muitos seus merecimentos, com que lhe fizesse algum bom e seguro partido, e que para outros lh'o lembrarem e fazerem fazer não acabava de desconfiar do Infante D. Anrique, e d'outros muitos a que já fizera honra e mercê. E quando isto assi não sobcedesse, e o rompimento não se escusasse, que ao menos tinha escolhido lugar onde como Principe acabaria, e não sem alguma vingança.

E alli esperou El-Rei, que logo á terça-feira, vinte dias de Maio, pela manhã, chegou sobre elle, e mandou assentar seu arraial, de que o Infante ficou de todo cercado. E em vindo El-Rei com suas batalhas para chegar ao Infante, o conde d'Abranches sahiu e foi vêr sua gente, de cuja somma, gentilleza e percebimento foi muito maravilhado, e em volvendo como quer que de praça para esforço dos seus mostrasse e dissesse o contrairo, porém ao Infante não encobriu a verdade, a quem desenganou da pouca esperança que em sua resistencia e forças devia ter, e alguns disseram que o conde pedira e requerera ao Infante, vista a desegual comparação que havia de uns a outros, que só se fosse e salvasse, e o leixasse com sua gente alli, onde folgaria acabar por seu serviço, e que o Infante não quizera. Mas, o que mais verdadeiramente ácerca d'isto se deve crêr, é que o conde pela certa sabedoria que tinha do proposito do Infante, que era morrer, e pelo consagramento que ambos por isso tinham feito, não lhe cometteria nem ousaria cometer tal cousa, em que ao menos ficava o Infante por fé perjuro e fraco.

CAPITULO CXXI

Como El-Rei chegou sobre o arraial do Infante D. Pedro, e como por caso e sem deliberação se seguiu sua morte

El-rei trazia já determinado por aquelle dia em que sobre o Infante chegou não o cometer, nem lhe dar combate algum, e dizem que com algum fundamento de bem para o Infante, e porém por seus trombetas e Reis d'armas e arautos mandou em torno do arraial do Infante dar espantosos pregões, mandando a todalas pessoas que com elle eram, que logo sob grandes penas com suas armas o leixassem, e se viessem a El-Rei. Ao que nenhum dos do Infante obedeceu, antes do arraial d'E-Rei se lançaram com o Infante pelo amor que lhe tinham, Fernão da Fonseca, seu criado, alcaide de Lisboa, que por este caso sahiu depois de seu siso, e assi acabou; e João Vogado, que depois foi escrivão da fazenda d'El-Rei, e estes escaparam, e Rodrigo d'Anellos, bom cavalleiro, e um Gonçallo Fernandes, que fôra corregedor da côrte, que ambos logo ali morreram.

E no travamento que n'este dia sem mandado d'El-Rei nem de seus capitães houve de uma gente com a outra, de que se seguiu a morte do Infante e do conde d'Abranches, houve muitas opiniões, porém aquella que os de mór auctoridade afirmaram é esta:

Andando as gentes de uma parte e da outra provendo suas necessidades, buscando os cercados do Infante maneiras para se defender, e os mais d'El-Rei para ofender, aconteceu que certos besteiros da gen-

te d'El-Rei tomaram uma encuberta, e se meteram escondidos em um arvoredo que sobre a agua hi estava, d'onde sem serem vistos faziam tiros aos do arraial do Infante, de que alguns desavisadamente cahiam mortos e feridos. E Alvaro de Brito Pestana, que tinha então carrego dos espingardeiros d'El-Rei, lhes mandou ontrosi, que de um cabeço em que estavam tirassem aos do Infante, em que se fez algum dano, e o Infante vendo começos de tanto mal, pelo em alguma maneira desviar, mandou poer fogo a algumas bombardas que trazia encarretadas, e que tirassem aos do cabeço, de que cria que o dano recebido procedia, d'onde por máo tento e pouco resguardo d'algum bombardeiro dos do Infante sahiu a pedra de uma bombarda que foi dar junto com a tenda d'El-Rei, sobre que muita e nobre gente logo acudiu, cuidando que na pessoa d'El-Rei fizera algum dano como publicamente se disse, o que não fez.

E porém foi por isto tanto o alvoroço na gente de El-Rei, e com tamanha indinação contra o Infante e os seus, que logo sem outro mandado nem repartida ordenança de peleja como se esperava, guiados sómente de sua sanha, deram mui fortemente no arraial do Infante, e romperam e entraram por muitas partes, cuja gente, e pela maior parte de pé, não podendo sofrer tanta força, com tamanho medo e perigo esquecidos do amparo e defesa do Infante, o leixaram e começaram de tomar a fugida por sua salvação, e o Infante vendo tamanha afronta, andando a cavallo se poz logo a pé com leves armas, socorrendo aos lugares de mór necessidade e fraqueza com grande esforço, o qual por armas defensivas trazia sómente vestida uma cota de malha, e em cima uma jorne de veludo cremesin, e na cabeça uma servilheira. E vendo elle que sobre a parte de sua estancia que era já rota

recrecia a mór afronta de peleja, acudiu ali com muita trigança e ousadia; porque em caso que a vil gente lhe fugisse, não falleceram outros muito bons que com esforçados corações oferecendo já suas vidas á morte sostinham e defendiam sua querella, tanto quanto e suas forças era possivel. E como quer que o Infanta d'alguns cavalleiros de sua guarda fosse requerido que se retraisse, aconselhados da força e multidão da gente que viam contraira, a que não podia já resistir, elle o não quiz fazer, antes com sua cara esperta e segura, posposto todo o medo e perigo, rompendo por sua gente em que já via muitos mortos e feridos, seguiu adiante, e não com ociosidade do seu braço direito, com que segundo testemunho dos que o viram, álem d'outros que feria bravamente, dez escudeiros de seu ferro ficaram alli mortos, e andando o Infante assi revolto n'esta peleja foi nos peitos ferido de uma seta que lhe atravessou o coração, de que a poucos passos e menos horas cahiu logo morto, sem antes nem depois receber outra ferida, e o bésteiro que o ferio bem foi conhecido e havido por assaz destro em seu oficio, o qual com outros de seu mester segundo fama, foram em especial pelos imigos do Infante escolhidos e ordenados contra elle, para mais cedo abreviarem sua morte, a qual elle recebeu com sinaes de verdadeira contrição e grande arrependimento de seus pecados, que deu piedosa esperança da salvação de sua alma, pelós quaes sinaes o Bispo de Coimbra, que sobre elle logo acudio, o assolveu em lhe a alma saindo da carne; porque não houve tempo de confissão, que elle nas derradeiras palavras de sua vida afincada devotadamente pediu; e porém elle no mesmo dia fôra confessado e absolto, e fizera em seu testamento que leixou algumas adições, porque claro pareceu que acabou como sempre viveu, catolico e bom christão, e

leal vasallo e servidor d'El-Rei, em edade de cincoenta e sete annos.

CAPITULO CXXII

Como o conde d'Abranches tambem logo foi morto, e como acabou como esforçado cavalleiro, e do que se mais seguiu no cabo da batalha

O conde d'Abranches andando a cavallo em outra parte do arraial, provendo e resistindo em sua estancia como bom e ardido cavalleiro, a muitas afrontas que o perseguiam, um moço chegou a elle e chorando lhe disse:

«Senhor conde que fazeis; porque o Infante D. Pedro é morto». E o conde com quanto esta embaixada era de morte, que sem escusa nem dilação desafiou logo sua vida, elle com a cara segura e o coração esforçado disse ao moço «calla-te e aqui o não digas a ninguem». E com isto ferio rijamente o cavallo das esporas, e foi-se descer em seu alojamento, onde sem alguma torvação pedio pão e vinho, de que por esforçar mais seu esforço comeu e bebeu alguns bocados, e tomou suas armas para com ellas honrar sua sepultura, que era a terra em que havia de cair, e sahio a pé pelo arraial, que de todalas partes era já entrado e vencido, e como foi conhecido logo os d'El-Rei uns sobre os outros carregaram sobr'elle cometendo-o de todas as partes para o matar, mas elle logo com uma lança que cortaram, e depois com sua espada os feria e escarmentava de maneira, que os que a primeira vez o cometiam, de mortos ou feridos não volviam a elle a segunda, e assi pelejou um grande pedaço como mui valente e acordado cavalleiro, não

sem grande espanto dos que o viam trazendo as mãos e todas suas armas cheias não de seu sangue mas de muito alheio que espargeo, porque emquanto andou em pé e se pôde revolver, nunca sua carne recebeu golpe que a cortasse. E em fim vencido já de muito trabalho e longo cansaço, disse em altas vozes; — *O' corpo, já sinto que não podes mais, e tu minha alma já tardas* — e com isto se leixou cair tendido no chão, e uns dizem que disse, — *ora fartar rapazes* e outros *ora vingar villanagem.* Cujo corpo que já não resistia, foi logo de tantos golpes ferido, que em breve despedio a alma de si para ir acompanhar a do Infante como lhe tinha promettido, e alli um seu amigo, que não usou do que devia, lhe cortou e levou a cabeça com que a El-Rei foi pedir acrescentamento e honra de cavallaria, e o tronco ficou no chão feito em pedaços, até que por requerimento de João Vaz d'Almada seu irmão bastardo, que era vedor d'El-Rei, houve logo enterramento no campo, e depois sepultura honrada.

E os outros fidalgos e nobre gente que eram com o Infante, vendo tão claro seu destroço, cada um desamparou a defesa das estancias que lhe foram encomendadas, e como desesperados das vidas não lhe fallecendo o coração e acordo para vingarem suas mortes, se soltaram pelo arraial á aventura que se lhes oferecesse, e em fim de mortos, feridos, ou presos não escapou algum.

E dos principaes da gente do Infante morreram ali: João Mascarenhas, alferes do Infante, e Luiz Gomez da Grã, que levava a bandeira de D. James, e um seu irmão, e Diogo Peixoto, e Rodrigo d'Anellos, e outros cavalleiros e escudeiros de boa sorte, e foram muitos feridos; e da parte d'El-Rei morreram principaes Ruy Mendez Cerveira, aposentador-mór d'El-Rei, e Fernão de Sá, alcaide-mór do Porto, e João Rodri-

guez Toscano, e assi alguns bons com outra gente de baixa condição, que fariam numero de até XXV.

CAPITULO CXXIII

Da maneira que se teve com o corpo do Infante D. Pedro, e como foi vilmente tratado e soterrado

O corpo do Infante jouve todo aquelle dia sem alma descuberto no campo á vista de todos, e sob a noite o lançaram homens vis sobre um pavés, e o metteram hi logo em uma pobre casa, onde entre corpos já vazios d'almas e fedorentos, jouve tres dias sem candea, nem cobertura nem oração, que por sua alma publica se dissesse nem ousasse de dizer, o que foi grande prasmo e vituperio da casa real; porque a honra e acatamento que ali se devia, já não era do Infante morto sem sentido, mas era propria dos vivos que lhe fizessem, e da principal culpa de se isso assi fazer, El-Rei por sua mocidade e poucas experiencias passadas foi justamente então relevado, mas foi attribuida aos velhos e principaes da côrte, imigos do Infante, porque El-Rei n'aquelle tempo em tudo se governava; porque como lisongeiros e bafejados da fortuna, lhe faziam crêr que esta fôra batalha perigosa e campal, e de grande honra sua, em que por sinaes de victoria e triunfo, e por enxalçamento maior de seu estado, e por cerimonia acostumada convinha jazerem assi os corpos no campo da rota, das vidas e sepulturas privados, aniquilando em comparação d'esta a famosa batalha de Farsallia, em que Julio Cesar venceu Pompeo, e a de Canas, em que os romanos foram d'Anibal com tanto estrago vencidos. E isto não se fazia por honra nem

estado d'El-Rei, pois claramente era magoa de sua corôa, e publico abatimento de seu sangue, mas ordenavam-no assi seus imigos por acrescentar no cume da desordenada vingança.

CAPITULO CXXIV

Exclamação á morte do Infante D. Pedro

O' inconstante fortuna, quão secreto segredo é o de tua variavel condição e semelhança de grande poder! Quem se fiará de ti, quem não haverá medo de ti, pois aquelles que com moderados giros allevantas no mais alto gráo da honra e da gloria, esses com apressadas voltas trocas e derribas em profunda pena, em deshonra mortal: os que hoje por tua ordenança fazes ricos, estimados, e grandes senhores, de manhã por tua desordem os tornas logo pobres abatidos em semelhança de servos, para cuja prova para que são outros passados e mais antigos exemplos senão este presente, lembrando-vos quem foi este excellente Infante D. Pedro, e agora vermo-lo jazer onde jaz; porque sendo Principe de tamanho estado, virtudes e grandeza, herdado de tantas terras e senhorio, e dotado de muitas mais bondades e virtudes, e sendo filho legitimo d'El-Rei D. João, Rei no mundo tão glorioso vencedor e nunca vencido, que por seu braço e esforço defendeu e acrescentou estes reinos, e parecia que tu, fortuna, por isso o servias e acatavas, e agora já não sómente vimos que o desconheces, mas ainda na propria patria em que nasceu e que honrou lhe denegas uma pouca de terra em que o metam, e um pedaço de panno grosseiro com que o

cubram; hontem sendo vivo o serviam e honravam com razão grandes senhores, e hoje não acha quem morto o enterre, se não servos e pessoas mui vis.

O' enganosa fortuna ou alguma outra força oculta; porque a este descreto e mui prudente Infante cegastes seu tão claro entendimento e limpo juizo, com que não entendeu o perigo de sua honra, e vida, e fazenda em que se meteo, e vós Infante D. Pedro como não apartastes com vosso siso, devoção, prudencia e lealdade de nevoas de tanta contradição, e a vossa vida e limpeza tão suspeitosas e contrairas; porque não tomastes a longura do tempo por cura de vossas paixões, e seguro remedio de vossos feitos, pois estava em vosso poder, e se havieis que recebieis evidentes agravos e injustas perseguições, causadas contra vós do odio de vossos imigos, que vos faziam n'estes derradeiros dias avorrecer a vida, e por maior honra e descanso vosso desejar a morte como dizeis; porque vos não lembrava para a escusardes, que com ella havieis de necessidade matar e desterrar e destruir vossa mulher e filhos, e os nobres mui honrados amigos, criados e servidores que tinheis, e vos haviam de seguir, despensareis com vossa morte paixões e trabalhos por dardes a estes vida, segurança e descanso, pois o penhor e remedio d'isto era sómente viverdes, e vossa morte havia de ser o contrairo.

E tu fortuna imiga da razão e piedade com tua crueza assi o executaste; porque logo se viu a triste Infante sahir-se em Coimbra dos paços em que vivia, e sem algum resguardo de sua honra e estado, com medo da morte duvidosa, anda-la procurando certa pelas casas pobres e alheias, de maneira que fugindo crueza, parecia que a pedia avorrecendo piedade; vimos de seus filhos, D. James logo preso aparelhado para o cutello, e D. Pedro o maior fugido e desterra-

do em Castella, pedindo esmollas a quem já fizera mercê, e outros por escapar suas vidas vimos ir escondidos e mudados por terras estranhas, encobrindo com habitos e sinaes de pobreza suas mui nobres pessoas, que o real e mui alto sangue de que descendiam, em honra, abastanças e estado criara; vimos logo seus amigos, criados e servidores, uns mortos e outros presos e desterrados, e todos de suas honras, favores, officios, beneficios, rendas e patrimonios sem alguma misericordia de todo privados.

O' mui excellente Rei D. Affonso, onde estava vossa piedosa humanidade, onde se escondeu n'este passo vosso singular agardecimento, grande prudencia, e mui alto saber! O' Divina Providencia! O' Virtudes Celestiaes, pois com mãos não avaras os XVII annos d'este glorioso e mancebo Rei, n'este tempo dotastes de mais perfeições e bondades d'alma do que a outros Principes de muitos mais annos fizestes; porque tambem lhe não allumiastes seu mui angelico entendimento, com que perfeitamente conhecesse os falsos erros e claros enganos em que seus apassionados servidores e conselheiros n'estes feitos o traziam emlheado e cego por tal, que do conhecimento d'esta verdade e limpeza, que nunca foi conhecida, se evitara a morte e perda de um tão perfeito e innocente Principe, que a elle mesmo Rei sobre todos era proveitoso e mais necessario, pois não é de duvidar que sua vida fôra sempre um forte freio e certa conservação da corôa e patrimonio real de seus reinos, e sua morte havia de ser o que foi redea solta de sua desolução e encurtamento! O' duque de Bragança e conde d'Ourem vosso filho; porque contra o Infante D. Pedro quizestes ser, e fostes principaes movedores e sós capitães d'esta feia e dorosa empresa!

Não foi certamente por hereje nem máo christão;

porque suas obras o aprovavam por mui catholico e amigo de Deus. Nem seria por injusto nem incorrecto nas cousas da justiça, pois n'ella sua balança sem odio nem affeição foi sempre mui egual e direita. Nem prodigo e destruidor do thesouro e fazenda real, pois aproveitou e governou sempre com singular provisão e muita temperança. E se alguma cousa da corôa real tomou e emlheou para ser culpado, não foi para si nem seus filhos, mas foi sómente a que a vós e cousas vossas deu, nem seria por ser de fraco coração e não desposto para defensão dos reinos que regeu, pois sabeis com quanto esforço, deligencia e ousadia sempre os defendeu, procurando-lhe sempre paz e justiça, e nunca guerra nem torvação, pois certamente menos devera ser por desleal, ou por se sentir n'elle como tyranno alguma vituperada cobiça e danado desejo para reinar, segundo ao novo rei e a seu povo, para sua maior indinação fizestes entender, pois a todos foi notorio que não sómente se não achou contra elle culpa, porque verdadeirameute assi parecesse, nem se podesse bem conjecturar, mas ainda está claro, que durar a vida d'El-Rei tanto tempo em seu poder, e procura-la sempre com tanto amor e cuidado juntamente com sua mui real e perfeita creação o relevam contra si de semelhantes maginações, e de todo o alimpam d'esta errada suspeita, cá por suas muitas virtudes e grande lealdade teve como era razão a vida, saude e cstado d'El-Rei em tanta veneração e resguardo, que álém de se conhecer que sobre todalas cousas o amava, ainda parecia que o adorava, e se em seu coração entrara proposito tão reprovado, elle ou secreta ou artificialmente o privara da vida, para que teve largo tempo e boa disposição, ou o fizera criar e criara em tanta torpeza e danados costumes, com que não podendo os máos leixar nem dos bons aprender, se fi-

zera para si mais dino de privação que da governança e regimento de nenhum reino, cujo defeito e indisposição causara requerer-se n'estes outro novo regedor ou rei como já outras vezes se fez, mas não se póde negar que El-Rei assi para Deus e para o mundo, como para si mesmo e para seus reinos e vassallos, foi tão altamente criado e ensinado tão perfeitamente, que a certidão d'isso que em sua real pessoa e mui nobre coração por evidencia de obras claramente se mostrava, fazia que nos reinos estranhos por sua louvada fama fosse desejado por seu proprio Principe, e nos seus proprios servido e adorado por Rei; e porque o Infante D. Pedro tal o criou, bem se viu que por tal o amou e serviu sem alguma sua quebra nem defeito, usando seu officio de regente com tanta perfeição e cumprimento, que mais pareceu que acceitara tal cargo para sua pena e trabahlo, mais que para sua gloria nem descanço, cujo galardão devera ser outro e não este que lhe procurastes, cá vos leixaste guiar d'odio, inveja e cobiça, com que lhe causaste a morte tão vituperada com tamanhas maguas em sua limpeza; mas porque com isto a bondade e justiça de Deus foi claramente offendida, elle como justo e poderoso que é, não permittiu que tamanha culpa ficasse sem grave pena e justa vingança, pelo qual sua severa justiça e profundo saber, a que nada s'esconde ainda que fosse por tempos e passos tão vagarosos, quiz por castigo d'este e por enxemplo d'outros, que qual de vós irmãos infante e duque, em tantos males, mortes e desaventuras um ao outro tivesse a culpa, o neto do innocente, no neto do culpado com deshonrada e mortal pena de sangue egualmente a vingasse e justificasse depois, e assi se fez, como d'esta triste e espantosa execução depois de muitos annos passados a praça d'Evora foi publica

testemunha, segundo em seus tempos e logares está mais declarado.

E acabados os tres dias o corpo do Infante por homens de prema, e com consentimento d'El-Rei foi levado em uma escada á egreja d'Alverca, onde porentão foi vilmente e com grande desacatamento soterrado; porque depois houve outras sepulturas, e com grandes cerimonias e solemnidades, como ao diante se dirá.

CAPITULO CXXV

Das feições, costumes e virtudes do Infante D. Pedro

O Infante D. Pedro por certo foi um singular Principe, dino de louvor entre os bons e louvados Principes que no mundo em seu tempo houve, homem de grande corpo, e de seus membros em todo bem proporcionado, e de poucas carnes; teve o rosto comprido, nariz grosso, olhos um pouco moles, os cabellos da cabeça crespos, e os da barba algum tanto ruivos como inglez; seu andar a pé era vagaroso e com grande repouso, suas palavras eram graciosas, com doce orgão de dizer, e nas sentenças mui graves e sustanciaes, e quando alguma sanha o tocava era sua cara mui temerosa, e porém não lhe durava muito, cá por siso ou condição natural, logo se lembrava de mansidão e temperança; foi algum tanto culpado em credeiro e vingativo, ainda que o desejo da vingança pareceu que não foi n'elle de grande e vicioso ardor, pois dilatou e temperou a que teve em sua mão, que para sua vida fôra mui segura e necessaria.

Suas roupas e trajos e maneira de viver, foram sempre de homem honesto, prudente e grande auto-

ridade, e de moço até idade de LVII annos, em que acabou, sempre foi muito catholico temente a Deus, e de grande oração, e fez muitas esmolas. Honrou muito as pessoas ecclesiasticas a que sempre se escusou dar suas mãos a beijar, nem consentio estararem em giolhos ante elle.

Foi mui temperado em todolos autos da carne. Nunca se soube ter com alguma outra mulher carnal affeição, salvo com a sua propria, que legitimanente recebeu, com que ainda usava de grande temperança, cá como devoto e mui continente se-apartava d'ella em todolos dias de jejuns, e dias outros solemnes da Egreja. E nas quaresmas com as roupas que de dia trazia, com essas de noite se lançava sempre vestido sobre palha, sem outra roupa nem cama ordenada; cada dia por sua devoção rezava as Oras Canonicas segundo custume romão, com outras muitas orações em que tinha devoção. Foi muito devoto do Arcanjo S. Miguel, por cuja devoção touxe por divisa as balanças; porque em sendo moço em uma doença que teve, foi de todos julgado por morto, e por um Martim Gonçalvez, capellão d'El-Rei seu padre foi assi levado ao altar da capela de S. Miguel, que está nos paços de Lisboa, a que foi devotamente encomenda-lo, d'onde milagrosamente logo retornou com vida e saude, em cuja memoria e por sua singular gratificação, com suas despesas proprias mandou fazer nos dias que viveu casas e obras muitas piedosas, assi como a egreja da cerca de Penella, e S. Miguel d'Aveiro, e o mosteiro de Santa Maria da Misericordia, que deu á ordem de S. Domingos, e a egreja de Tentugal com outras.

Fez sempre uma mui louvada profissão do tempo, que nunca em seus dias lhe passou sem beneficio ou louvor; teve para todalas cousas horas certas e limi-

tadas que nunca traspassou; deu a casa de Santo Eloy de Lisboa, em que jaz o Bispo D. Domingos Jardo, aos clerigos da ordem e regra de S. João Evangelista.

Foi Principe de grande conselho, prudente, e de viva memoria, e foi bem latinado e assaz mistico em sciencias e doutrinas de letras, e dado muito ao estudo; elle tirou de latim em linguagem o regimento de Principes, que Frei Gil Correado compoz, e assi tirou o livro dos Officios de Tullio, e *Vegecio de Re Militari*, e compoz o livro que se diz da *Virtuosa Bemfeitoria* com uma confissão a qualquer christão mui proveitosa. E foi mui justo, de que lhe veiu sempre avorrecer os máos, e fazer bem aos bons.

Foi muito verdadeiro e mui constante, e de mui claro entendimento; foi liberal com medida, e assi caçador e monteiro com temperança; porque o estudo em que se mais deleitava o privava de semelhantes prazeres; fez primeiramente usar que os Reis e Principes n'estes reinos comessem em publico, e fossem em suas mesas acompanhados, o que d'antes não faziam, cá pela mór parte sempre comiam retraidos; dizendo elle que suas mesas deviam ser escollas de sua côrte, para que costumava mandar lêr proveitosos livros, e ter praticas e disputa, de que se tomava muito ensino e doutrina.

Tirou as aposentadorias de Lisboa, e ordenou os estaos que deu causa a grande ennobrecimento da cidade, e assi fez outras muitas obras boas, e proveitosas ordenanças para o reino.

Porque sua alma recebera de Deus o galardão, pois em sua vida este mundo lhe foi tão ingrato.

CAPITULO CXXVI

Do que a Rainha fez com a nova da morte do Infante seu padre

A Rainha D. Isabel mulher d'El-Rei e filha do Infante D. Pedro ficara em Santarem, onde em breve lhe foi dada a triste certidão da morte de seu padre, que ella com publicos sinaes de mortal dôr muito sentio e chorou, e não como alheia mas como sua propria morte, e não era sem causa; porque em caso que não houvesse n'ella tantos dias nem tão madura edade, de que se esperasse perfeito conhecimento nas cousas, era porém naturalmente abastada de muita discrição e prudencia com que sentiu bem, que álém da grande perda que na privação de seu padre, não sendo vivo recebia, ainda sua vida com morte antecipada se dispunha a claro perigo como foi, e sobre tudo lhe dava mór tormento parecer-lhe que os imigos do Infante seu padre teriam com sua morte mais coradas causas a aprivarem e apartarem El-Rei seu Senhor d'ella, pois ante d'isto e sem alguma razão com grande instancia já o procuravam, como atraz fica.

CAPITULO CXXVII

Como a Infante mulher do Infante D. Pedro soube de sua morte, e do que se fez de seus filhos

A Infante mulher do Infante D. Pedro era em Coimbra, onde sendo salteada com a nova triste de sua morte e da prisão de D. James seu filho, desejando achar quem logo a matasse, andava sem algum acordo de mosteiro em mosteiro, e por casas alheias, não por escapar sua vida que já avorrecia, mas por escusar á morte e prisão d'outros seus filhos que comsigo trazia, e não sem muitas lamentações e grandes prantos seus, e de muitas pessoas que a seguiam e acompanhavam.

Ficaram do Infante estes filhos, a Rainha D. Izabel mulher d'El-Rei, e D. Fellipa, que ella já trazia em sua casa em edade de sete annos, a qual não foi casada, e sem obrigação de religião, viveu e acabou mui honesta e santamente no mosteiro d'Odivellas, onde jaz, e o Seuhor D. Pedro seu filho maior, que depois sem casar morreu em Barcellona, intitulado Rei d'Aragão, e D. James que depois foi Arcebispo de Lisboa e cardeal em Roma, e jaz mui honradamente sepultado em Florença, e D. João que morreu casado intitulado Rei de Chipre, e D. Briatiz que foi honradamente casada em Borgonha pela duqueza sua tia com Monseor de Cleves, de que nasceu o Filipe Monseor que foi lá Gram Senhor.

N'esta peleja foi preso D. James filho do Infante, e com elle muitos fidalgos e outra nobre gente do Infante, com que El-Rei acerca de suas solturas se houve com aquella nobreza e piedade que de tal Rei sobre

victoria se esperava. E pelos ditos e testemunhos dos presos, foram logo tiradas inquirições sobre as culpas de desleal em que culpavam o Infante, e mais buscados para isso os cofres de suas escrituras, que no arraial foram tomados, e finalmente contra elle não se achou outra cousa, que com razão magoasse sua limpeza e bondade, salvo represando errado juizo por não obedecer ao conselho de se não moyer de Coimbra e seguir opinião tão errada, como foi partir-se d'ella, onde se esperava era de crêr, que seus feitos andando o tempo tiveram bom remedio, e sua vida e honra receberam segura salvação.

CAPITULO CXXVIII

Como os imigos do Infante procuravam que El-Rei se quitasse da Rainha, e quão virtuosamente El-Rei o fez com ella

El-rei cumpriu alli no campo os tres dias, que pàra cerimonia do vencimento da batalha lhe fizeram crêr que eram necessarios, acabados os qnaes despediu alguma gente do seu arraial, e com os Infantes, duque, e condes e prelados, e com outra muita e mui nobre gente, partiu para a cidade de Lisboa, onde foi mui altamente e com grande triumfo recebido, e alli por causa ainda do Infante se fez justiça crua d'alguns e mui innocentes.

E os imigos do Infante D. Pedro consirando no muito amor e grande affeição que El-Rei tinha á Rainha sua mulher, e no muito maior que ao diante com razão lhe poderia ter, com que o provocaria sempre para vingança e destruição sua, logo como viram a morte do Infante, lhe conselharam e requereram, q

para segurança de sua vida, bem e assessego de seus reinos e vassallos se quitasse d'ella como de imiga, e já suspeita á sua real pessoa, e houvesse outra mulher, cá para Deos e para o mundo o podia e devia fazer. Allegando-lhe para isso muitas causas e razões que pareciam boas e necessarias, para cuja aprovação não falleciam autoridades e direitos, nem menos theologos e letrados induzidos que o confirmavam. Mas El-Rei em que havia bondades reaes e mui sã consciencia, e que nas virtudes e amor da Rainha tinha mui gram confiança, não deu a isso consentimento, antes para magoa e desfavor dos que tamanho erro lhe aconselhavam, o que elle muito estranhou, a mandou logo visitar e aconsolar a Santarem, e escusar-se com palavras de muito amor de a não ir vêr, e pedir-lhe que ella por si mesma o fizesse.

E com esta visitação de que a Rainha estava desesperada foi em sua paixão e tristeza mui satisfeita, e sem muito trespasso, sendo d'El-Rei primeiro certificada do modo em que a elle pelo mais contentar iria, deu logo ordem á sua partida; e ella com suas damas e casa, por accordo d'El-Rei, se vestiu com uma honesta temperança de dó. El-Rei sahiu a recebe-la, e d'elle e de toda sua côrte foi com tanto acatamento e tão grandes cerimonias recebida, como até seu tempo nunca o foi outra Rainha, e na vista e fala que ambos logo houveram, pareceram mostranças de tanto prazer e contentamento, como se nunca entrevieram as desaventuras passadas.

CAPITULO CXXIX

Como El-Rei fez aos Reis e Principes christãos uma geral notificação da morte do Infante, e das respostas que houve, e da embaixada do duque e duqueza de Borgonha, que sobre a morte do dito Infante e sua desculpa foi principal

E porque esta morte do Infante nos reinos e terras estranhas parecesse justa, hi logo em Lisboa firmaram os imigos do Infante uma instrucção contra elle, assaz feia e mui difamatoria, que El-Rei por escusa e justificação de sua morte enviou por seus messegeiros ao Papa e alguns Principes christãos, cujas respostas não vieram conformes a sua tenção, antes todos sem exceição, com apontamentos de muitos louvores e grandes merecimentos do Infante, enviaram acerca de sua morte muito reprender El-Rei, avisando principalmente as paixões particulares e enganos dos de seu conselho, e escusando em alguma maneira sua pouca e não madura idade, pois tinha razão de se reger e governar por elles.

E porém El-Rei deu logo Guimarães ao duque de Bragança, que sempre requerera e lhe fôra denegado pelo Infante D. Pedro, e quizera haver a cidade do Porto, a que se seus cidadãos não resistiram, já a vontade de El-Rei era inclinada, e por esta maneira deu a villa de Portalegre ao conde D. Sancho, a que valeu a resistencia e leal porfia dos moradores.

E porém a principal embaixada que a El-Rei sobr'este caso do Infante veiu, foi uma do duque Felipe de Borgonha e da duqueza D. Isabel sua mulher, irmã do Infante D. Pedro, em que veiu por embaixador o

Daião de Vergi, que com muitas causas e razões fundadas em razão e direito, o enviaram escusar e aprovar sua innocencia e limpeza e pedir para seu corpo a sepultura que lhe El-Rei D. João, seu padre, em sua real capella ordenara, e assi que se não negasse para sua mulher e filhos e criados amparo e piedade, a que pedio que fossem restituidas suas honras e fazendas.

E como quer que o effeito d'este requerimento, por contemplação do duque e de seu filho foi algum tempo suspenso, porém não tardou muito que por elle D. James se soltou, e se foi a casa da dita duquesa sua tia, e de sua mão enviado a Roma, onde pelo Papa Callisto foi feito Cardeal do titulo de Santo Estaço, e após elle foi D. Briatiz sua irmã, que a duquesa com muita honra lá casou, como atrás já brevemente fica tocado.

E porque na primeira denegação que El-Rei fez á sepultura do Infante o dito embaixador requereu que lhe mandasse dar seus ossos para os levar a Borgonha, onde a duquesa sua irmã lhe daria sepultura honrada e merecida, receoso El-Rei de os furtarem da egreja d'Alverca, onde devassamente jaziam, os mandou tirar e levar ao castello d'Abrantes, cuja guarda e segurança encomendou a Lopo d'Almeida, que depois foi primeiro conde d'Abrantes.

CAPITULO CXXX

De como a judaria de Lisboa foi roubada, e a causa porque

E no fim d'este anno de mil e quatrocentos e quarenta e nove, certos moços christãos por travessura fizeram algum mal, ou sem razões a alguns judeus que andavam na ribeira de Lisboa, sobre que se agravaram á justiça e ao doutor João d'Alpoem, que era corregedor, o qual provendo sobr'isso, mandou publicamente açoutar alguns d'elles, de que algum povo meudo e a voltas d'elle outras gentes que eram na cidade, assi se escandalizaram dos judeus, que sem mais outro acordo nem conselho, antes com grande onião e alvoroço, dizendo *matalos e roubalos*, cometeram a judaria pela porta que vem ao poço de Fotea, e a roubaram toda até o Poio, em que dos judeus que supunham em resistencia houve alguns mortos, ao qual insulto logo acudiram com muita força os officiaes da justiça, e principalmente D. Alvaro conde de Monsanto, que com suas forças atalharam o mais roubo e dano que se determinava fazer.

Foi El-Rei d'isto logo avisado por Pero Gaçalvez seu secretario, estando já com a Rainha na cidade d'Evora. E pedido com grande instancia, que a esta necessidade em pessoa quizesse prover, porque os rumores e alvoroços eram já taes na cidade, a que sem sua pessoa não se esperava resistir, á qual cousa El-Rei veiu em pessoa, e de muitos que pelo mesmo caso achou presos, mandou fazer publicas justiças, de que contra sua real pessoa se alevantavam oniões tão

irosas, que houve por bem cessar de fazer mais cruas execuções; porque prendiam e puniam principalmente as pessoas, em cujas mãos as cousas do roubo por qualquer maneira se achavam; porque muitos que as não roubaram innocentemente padeciam.

CAPITULO CXXXI

De como foi o casamento da Imperatriz D. Lianor irmã d'El-Rei com o Imperador Frederico, e festas que por elle se fizeram

TORNOU-SE El-Rei a Evora, e na entrada do anno de mil e quatrocentos e cincoenta, houve cartas do Imperador d'Allemanha Frederico, que então se chamava Rei dos romãos, porque lhe prazia casar com a Infante D. Lianor sua irmã, segundo que fôra já apontado e requerido por El-Rei D. Affonso Rei de Napoles e d'Aragão seu tio d'ella, sobre a qual cousa El-Rei veiu ter côrtes geraes em Santarem, em que foi acordado que o dito casamento se fizesse, para cujo dote o reino com pedidos satisfaria o que fosse razão e se concordassem.

Foi logo para isso ordenado por embaixador o doutor João Fernandez da Silveira, homem fidalgo prudente e grão letrado, que depois foi o primeiro barão d'Alvito. O qual no mez de Junho do dito anno se partiu e foi á côrte do dito Rei de Napoles, onde com os embaixadores e procuradores do Imperador, que para o caso eram hi vindos, o dito doutor por meio do dito Rei a que tudo ia cometido, concertaram o dito casamento, de que fizeram autenticos contratos, e assinaram tempo certo a que o dito Imperador enviaria sua embaixada com seu suficiente procurador,

para em seu nome receber por mulher a dita Infante, que havia de ser na entrada do anno que vinha de mil quatrocentos e cincoenta e nove, e logo levada a Allemanha. Da qual cousa sendo El-Rei logo avisado, se foi com sua côrte a Lisboa, onde entrou a uma quarta feira XXIII de Junho, que por acertamento foi bespora do Corpo de Deos e de S. João juntamente, onde quiz que o dito recebimento e entrega se fizesse com grandes e reaes festas, para que fez grandes provimentos e deu muita pressa.

E os embaixadores do Imperador que eram dois, tardavam já mais tempo do que fôra concordado, e a causa d'isso foi, porque em Castella no caminho de Santiago, a que vieram em romaria, foram roubados e deteudos, os quaes topou em seu destroço em Portugal, na Arrifana de Santa Maria, Afonso Nogueira, Bispo de Coimbra, que d'hi a pouco tempo logo foi Arcebispo de Lisboa, os quaes ambos eram homens de ordens sacras e letrados, um se dizia confessor do Imperador e outro seu capellão, e vendo Affonso Nogueira sua necessidade, e que não vinham em auto e habitos como cumpria a embaixadores de tamanho Senhor e que tão alto casamento haviam de fazer, determinou indo á mesma romaria de Santiago se volver com elles, a que com suas despezas, prata e cama e servidores, mandou servir e prover com muita nobreza e em grande cumprimento, e em Coimbra fez comprar muitos pannos finos, de que a elles e aos seus mandou fazer de vestir, segundo ás pessoas de cada um pertencia. E com elles leixou hi todo provimento com que de seu vagar se fossem a Lisboa, para onde elle se adiantou; porque avizasse El-Rei do que lhe cumpria, e logo ao caminho se tornou aos ditos embaixadores, com que foi por Villa Franca, onde o Infante D. Anrique os recebeu com festas e mui mani-

ficamente, e foram dormir ao Lumiar quinta feira trinta dias do mez de Julho do dito anno de mil e quatrocentos cincoenta e um, e ao outro dia foram recebidos de toda a côrte e cidade com muita e mui nobre gente, e de caminho foram decer aos paços d'Alcaçova. Em que El-Rei na sala grande, que para isso estava em grande perfeição aparelhada, os recebeu assentado em sua cadeira triunfante, posta em seu estrado real, acompanhado de muitos senhores e fidalgos como o auto requeria, e aquella hora não foi mais que d'encomendas e visitações, com as quaes feitas se despediram e foram aposentados nos estaos do Rocio onde lhe foram aparelhadas as casas necessarias como a taes pessoas cumpria. E assi lhe foram ordenados mantimentos e provisões, e outras cousas de graça em muita abastança.

E os ditos embaixadores repousaram alguns dias, dentro dos quaes depois de vistos e examinados os contratos do dito casamento, e assi os poderes que traziam para o fazer, o recebimento entre a Imperatriz e o procurador do Imperador se ordenou de fazer, e fez solemnemente por palavras de presenente nos paços do duque, que são junto com S. Cristovão, a um domingo IX dias de Agosto de mil e quatrocentos cincoenta e um, ao qual foram El-Rei, e o Infante D. Fernando seu irmão, e o Infante D. Anrique seu tio, e condes e perlados e muitos nobres senhores, e assi foi a Rainha com a Infante D. Joana, e com muitas outras donas e donzellas de grande condição.

E por honra e memoria d'aquelle dia depois do casamento acabado, a requerimento da Imperatriz e dos embaixadores, outorgou El-Rei dificeis perdões de mui rigorosos casos, e fez quita de grandes dividas, que para outras pessoas particulares lhe foram requeridas. E houve aquelle dia convite real de vinhos e fruitas

em uma notavel perfeição, e assi muitas danças e festas em toda a noite. E depois em todolos dias que a Imperatriz esteve na cidade ante de sua partida houve sempre mui suntuosos banquetes, em que d'El-Rei e da Rainha foi muitas vezes convidada, e assi os embaixadores e Infantes, como em ricos momos que o Infante D. Fernando por si fez, e outros de muito mór riqueza e singular invenção, que o Infante D. Anrique mandou fazer, com outros de muitos senhores e fidalgos, e sobre todos o d'El-Rei, em que desafiou os cavalleiros para as justas reaes, que manteve na rua Nova, com condições mui excellentes e de grande gentilleza, e assi propostos grados e empresas mui ricas para quem mais galante viesse á tea e assim melhor justasse. A que o Infante D. Fernando veiu com seus ventureiros vestidos de guedelhas de seda fina como selvagens, em cima de bons cavallos envestidos e cubertos de figuras e côres d'alimarias conhecidas, e outras diformes, e todas mui naturaes, e o Infante D. Fernando por melhor justador venceu então o grado, que foi uma rica copa de que fez logo mercê a Diogo de Mello. E assi vieram outros seis ventureiros do Infante D. Anrique ricos e em bôa ordenança, e após elles outros muitos, que no primeiro dia e em outros quatro que El-Rei manteve justaram, em que se fizeram notaveis e maravilhosos encontros. E depois das justas houve touros, e canas e mais momos e banquetes e muitos entremezes de grandes invensões, e com muita custa.

CAPITULO CXXXII

Da partida da Imperatriz d'estes reinos, e das pessoas que com ella foram

E finalmente sendo já todalas pessoas ordenadas, e navios e cousas prestes para a partida da Imperatriz, uma segunda feira xxv dias d'outubro ante de embarcar e se meter no mar, ordenou El-Rei que fossem todos ouvir missa á Sé, para onde El-Rei foi diante com a Imperatriz, e após elles a Rainha, e com ella o Infante D. Fernando, e logo a Infante D. Caterina que levava o Infante D. Anrique, e após ella a Infante D. Joanna com que ia o marquez d'Ourem, e estas pessoas reaes foram todas a cavallo, e a outra gente que era muita e mui nobre, assi homens como mulheres foram todos a pé.

E como entraram na Sé a Imperatriz se foi á cortina d'El-Rei, e com ella as Infantes suas irmãs, El-Rei se foi para a da Rainha, que por ser prenhe e ter na emprenhidão fortes accidentes se retraiu a uma capella da charolla em que ouviu missa.

Foi a principal missa dita em Pontifical e mui solemne, e com pregação á partida e auto consoante, acabada a qual, e dada a benção pelo Bispo de Ceuta com muita solemnidade e devoção á Imperatriz, abalaram todos até á porta da Sé, d'onde a Imperatriz com muitas lagrimas se despedio da Rainha que não pôde mais ir, e de hi El-Rei com todolos outros senhores e senhoras se foi com a Imperatriz a pé, até o cais da Ribeira, em que era feita uma ponte de toneis, porque entraram em uma carraca que para ella se arB ou e concertou em grande perfeição.

E á primeira era ordenado que com ella fosse o Infante D. Fernando, e elle o desejou e procurou assi pela acompanhar mui honradamente, segundo a pessoa que era, como por ir vêr El-Rei D. Affonso de Napoles seu tio que muito desejava. E em fim El-Rei o não houve por bem, e foram com ella o conde de Ourem, que então fôra feito novamente marquez de Valença de Minho, e a condessa de Villa Real a Velha com muitas donas e donzellas, e o Bispo de Coimbra D. Luiz Coutinho, e Lopo d'Almeida, e Pero Vaz de Mello, regedor da casa do civel de Lisboa, e Alvaro de Sousa, mordomo mór, e Affonso de Miranda, e Gomez de Miranda, e Gomez Freire, e João Freire, e D. Diogo de Castello o Velho, e Fernão da Silveira, e Martim Mendez de Berredo, e outros muitos cavalleiros a que então foram ordenadas quinhentas e oitenta emcavalgaduras, e para sua embarcação levaram duas carracas e seis náos, e duas caravellas; e porque depois da Imperatriz ser embarcada sobrevieram ventos contrairos, ella sem sair da carraca esteve no porto sobre ancora muitos dias; e porém como Deos deu vento de viagem, partiram de Lisboa e foram a Ceuta a cinco dias de Dezembro.

E a Imperatriz com todos sahiu em terra, e foi de pé em romaria a Santa Maria d'Africa. Era então capitão de Ceuta o conde D. Sancho, que com as festas que pôde lhe fez muito honrado recebimento, e deu banquetes na terra, e assi muito refresco para o mar. E d'hi fizeram vella, e passaram ao mar grandes e perigosas tromentas, e em fim aportaram a salvamento em porto Liorne, junto com Pisa, bespora de Santa Maria Candelaram, primeiro dia de Fevereiro.

CAPITULO CXXXIII

Como a Imperatriz chegou á Italia e foi do Imperador recebida, e assim como ambos foram pelo Papa recebidos e coroados em Roma

E dos moradores da cidade de Pisa em que entrou foi altamente recebida, e foi a tempo que o Imperador esperando já por ella estava em Italia na cidade de Sena; d'onde logo enviou a ella o duque de Saxim e dois condes e quatro barões, e algumas outras senhoras d'Allemanha, e tambem Eneas Silvio, que então era bispo da dita cidade de Sena, e depois foi Cardeal, e tambem Papa chamado Pio segundo, com que de Pisa veiu com grande honra até a dita cidade de Sena, em que entrou a primeira quinta feira da quaresma. D'onde sahiu logo fóra o duque Alberto, irmão do Imperador, e depois El-Rei d'Ungria, moço acompanhado de rica e mui nobre gente, e o Imperador a esperou á porta da cidade da parte de dentro, acompanhado de dois Cardeaes, todos a pé, e a Imperatriz se deceu, e lhe quizera beijar a mão, e elle não quiz.

E depois de suas falas e arengas publicas, que por oradores alli se fizeram, se foram ás pousadas, onde por memoria d'esta primeira vista no proprio logar em que se primeiro viram está uma coluna de marmore mui alta com o escudo Real de Portugal, que o dito doutor João Fernandez da Silveira, embaixador, que era presente, mandou fazer.

E depois de se alli em Sena fazerem muitas festas e prazeres por alguns dias, o Imperador e Imperatriz partiram para Roma, onde tinha o Sumo Pontificado

o Papa Nicoláo quinto, que depois de o Imperador fazer certos juramentos e solenidades, a que os Imperadores de Roma são obrigados, os mandou receber com o Collegio dos Cardeaes, e com toda a côrte romana, que é a mór honra que se póde fazer. Entraram a nove dias de Março do anno seguinte de mil e quatrocentos e cincoenta e dois. E da porta da cidade onde os veiu receber uma solemne procissão, foram logo decer á Igreja de S. Pedro, onde o Papa nos degráos da porta principal os veio receber, e depois de lhe beijarem o pé, e fazerem o divido acatamento, o Papa com grande alegria e muita honra os levou dentro ao altar de S. Pedro, onde depois de fazerem oração se tornou com elles ás portas, d'onde por aquelle dia se despediram para as pousadas.

E aos quinze dias houve missa papal em S. Pedro muito solene, a que o Imperador e Imperatriz estiveram, e alli o Papa lhes fez as bençõe que a Santa Egreja aos novos casamentos ordena; porque sem isso houveram por bem que o matrimonio entre elles se não consumasse nem consumou, salvo em Napoles depois da quaresma toda passada; porque assi o tomaram por devoção.

E aos vintoito dias do dito mez no fim da outra missa do Papa, elle com grandes solemnidades e maravilhosas cerimonias, por suas mãos em S. Pedro os ungio e coroou, e hi com grandes triunfos foram sem o Papa levados a S. João de Latrão, e ao passar da ponte de Santangello, indo de caminho fez o Imperador cavalleiros o duque Alberto seu irmão, e El-Rei d'Ungria seu sobrinho, que vinham com elle. E assi outras muitas pessoas de grande valor. E ao outro dia tornou a fazer outros em S. Pedro ao pé da veronica, em que foi o dito embaixador João Fernandez, que depois foi o primeiro barão d'Alvito como já disse. Acabadas

as quaes cousas o Imperador e a Imperatriz ante de se irem para o imperio, a XXVII dias de Março partiram para Napoles vêr El-Rei D. Affonso, que em bespora de Pascoa lhe fez tão ricos e suntuosos recebimentos e festas, que com razão por sua grandeza, nobreza, e manificencia apagaram a memoria de todolos excellentes, que até seu tempo se fizeram, e d'alli tornaram outra vez junto com Roma, e de hi fizeram seu caminho para Allemanha, e d'este Imperador e Imperetriz nasceu Maximiliano, que depois da morte de seu pae foi Rei dos romãos.

CAPITULO CXXXIV

Dos filhos que a Rainha pario, e de como o Infante D. Fernando secretamente se foi d'estes reinos, e logo tornou a elles

A Rainha D. Isabel ao tempo d'estas festas era prenhe da primeira vez, e pario em Cintra um filho, que houve nome o Principe D. João, e em menino logo falleceu, e depois pario logo a Infante D. Joana, que sempre se chamou Princesa até o anno que vinha de mil e quatrocentos e cincoenta e cinco, em que o Principe D. João nasceo, e depois se chamou Infante, e falleceu honestamente sem casar nem obrigação de religião dentro no mosteiro de Jesu d'Aveiro, em idade de XXXVI annos no anno que vinha de mil e quatrocentos cincoenta e seis, e no anno de mil e quatrocentos cincoenta e sete El-Rei se foi a Evora, onde o Infante D. Fernando seu irmão, segundo alguma opinião, teve com elle alguns requerimentos a que El-Rei, segundo sua vontade não satisfez. Pelo qual o Infante ou descontente d'isso, ou

desejando acrescentar seu nome e honra na guerra d'Africa, como outros disseram, ou com desejo de ir vêr El-Rei D. Affonso de Napoles seu tio, que por não ter filho herdeiro legitimo, tinha esperança que o dotaria por filho para sua sobcessão, determinou ir-se escondidamente d'estes reinos sem licença d'El-Rei, sendo já casado em edade de desoito annos. E para isso mandou a Lopo Fernandez Andorinho, seu estribeiro, que lhe fizesse como fez com grande trigança e dissimulação aparelhar uma caravela na Foz d'Odiana, e como foi avisado que era prestes, partiu-se d'Evora secretamente dia dos Innocentes, que é a terceira Oitava do Natal, e com elle sómente Nuno da Cunha seu camareiro mór, e o doutor Vasco Fernandez, e dois moços da camara, e meteu-se n'ella com fundamento de tocar Ceuta.

Não foi El-Rei de sua partida sabedor salvo no outro dia, com que foi muito anojado, e mandou logo muitos fidalgos por todalas partes, avisados que por qualquer caminho que levasse o seguissem; e porque o Infante ao partir d'Evora por enlear os que o seguissem, pôs o rostro em Moura com mostrança d'entrar em Castella, El-Rei que d'isso foi avisado, partiu logo para Mourão e d'hi porque não achou certo recado, partio pelo rio d'Odiana abaixo sem algum repouso até que chegou a Crasto Marim onde soube que o Infante embarcara, e d'hi apressado se foi a Tavilla.

E ante que da mudança do Infante alguma cousa em Ceuta se conhecesse, chegaram a ella por mandado d'El-Rei, João de Mello alcaide mór de Serpa, e Galleote Pereira, que ao conde D. Sancho capitão de Ceuta notificaram o caso, e da parte d'El-Rei lhe encomendaram, que com gram deligencia e trigança mandasse guardar o estreito, para que se o Infante

passasse como se presumia, em toda maneira até o avisar o detivesse.

Deu o conde a isso muita pressa e mandou logo armar fustas e caravellas, e esses navios do reino que tinha. E em se estas cousas aparelhando, estavam sobre o mar para isso postas atalaias, que n'elle descobriram uma gallé e uma caravela ambas juntas, e a galé era de um Peroso, cosairo italiano, que n'aquelle estreito andava d'armada, e na caravel a vinha o Infante após quem o cosairo vinha, já avisado de quem era, e para o deter e não o leixar passar, se por ventura desviara a prôa de Ceuta, e o conde como houve conhecimento que alli vinha o Infante o foi em uma galeota logo receber ao mar, e com elle se veio ao porto onde com João de Sousa sómente entrou na caravella e lhe beijou as mãos, e o Infante sahiu, e foi logo a Santa Maria d'Africa, e tornou-se a apousentar, e o conde fez quanto pôde pelo agasalhar e servir em todo cumprimento e perfeição, e lhe entregou a vara da governança e capitania da cidade; mas o Infante havendo-a em sua mão e esforço por bem empregada, não lh'a tomou, e o conde como era de muitos annos e siso, depois de praticarem sobre sua partida, moveu o Infante ao que quiz, que foi conforma-lo com a vontade d'El-rei, para o qual o conde depois de concertar o assessego do Infante na gallé do cosairo, avisado bem de tudo logo partiu e o achou em Tavilla, com que El-Rei e o Infante D. Anrique e toda sua côrte crendo que vinha alli o Infante, foram postos em grande alvoroço, e os vieram receber á ribeira, e depois de o conde lhe dizer o fundamento do Infante, El-Rei com causas e razões evidentes, e que muito faziam ao resguardo de sua honra e estado, houve por escusado satisfazer á tenção do Infante, que era estar como fronteiro em Ceuta, a quem tambem

logo mandou o conde d'Arrayollos com quem foram seus filhos, e o conde d'Atouguia, e o marechal, e após elles outros muitos fidalgos e pessoas principaes de todo o reino, para o Infante lhe dar fé, e o moverem logo para sua tornada.

E assi se tornou o conde D. Sancho, que no caminho tomou por força uma caravela com uma rica empresa de mouros e cavallos, e cousas outras muitas com que veiu alegre a Ceuta. E elle e os outros declararam logo ao Infante a vontade e desejo d'El-Rei. E finalmente depois de o Infante ser por cartas d'El-Rei, e por os senhores que com elle eram mui perseguido acerca de sua volta para o reino ; com especial porque na cidade morriam muito de pestenença, houve por bem faze-lo, sendo já diante partido o conde d'Arrayolos e D. Fernando, e D. João seus filhos, que o Infante tinha despêdidos com fundamento de ficar em Ceuta alguns dias.

E ante de o Infante se meter no mar; por que o conde D. Sancho andava anojado por uma sua fiiha já mulher, e por o Arcebispo de Lisboa D. Pedro seu irmão, que uma em Ceuta, e o outro no reino ambos então falleceram, e em signal de tristeza trazia por elles grande barba, o Infante lhe rogou que a fizesse e tirasse o dó, e o conde para o fazer lhe metteu por condição que tambem fizesse a sua que ainda nunca fizera, de que ao Infante aprouve e assi o fez, e logo embarcou em navios, e com elle o conde D. Sancho, e o conde d'Atouguia, e outros muitos senhores e fidalgos, e passaram logo á ilha de Tarifa, e d'hi pelos lugares da costa do mar até Callez, recebendo o Infante dos castelhanos muitos e honrados presentes e grandes refrescos, e elle assim fazendo a muitos que lh'o pediam muitas mercês e esmolas.

E de Callez se foi a Crasto Marim, onde chegou

quarta feira sete dias de Fevereiro do anno de mil e quatrocentos cincoenta e tres, onde estava o Infante D. Anrique, que no rostro e alegres mostranças com que logo recebeu o Infante seu sobrinho e filho, e nas festas e avondanças com que o tratou e os que com elle vinham, pareceu mui claro o grande e verdadeiro amor que lhe tinha, e alli esteve o Infante D. Fernando oito dias, nos quaes mandou fazer de vestir asi e a todolos senhores e fidalgos que com elle vinham, de muitos pannos de sêda e de lã que em Callez para isso mandou comprar.

E depois de se despedir do Infante seu tio se foi a Mertola, e d'hi a Beja onde El-Rei o esperava, que foi aos XVII dias de Fevereiro, que era a primeira sexta feira da quaresma.

Sahiu El-Rei tres legoas ao receber, em cuja vista elle e toda a côrte receberam muita alegria. E assi foram fallando até á villa, d'onde por mandado d'El-Rei sahiu muita gente a receber o Infante com muitas festas e prazeres.

E d'hi a poucos dias El-Rei por satisfazer ao descontentamento do Infante de que mais sua partida pareceu que procedera, lhe fez doação das villas de Beja e Serpa e Moura.

CAPITULO CXXXV

Como o Gram Turco tomou a cidade de Constantinopola, e o Papa publicou cruzada contra elle, e El-Rei D. Affonso a tomou

E no Maio d'este anno de mil e quatrocentos cincoenta e tres, o Gram Turco chamado Mafamede tomou por cerco a nobre cidade de Constantinopola em Grecia, cabeça do imperio no Oriente, e a cidade de Pera com muitos outros reinos e provincias de christãos de Europa e Asia, sendo Papa na Santa Egreja de Roma Nicolau sexto, que de muito velho e anojado do caso a que quizera prover, logo falleceu e sobcedeu em seu lugar o Papa Calisto terceiro, de nação valenceano, em virtudes, saber, e esforço homem mui singular, e com a dõr da perdição d'aquellas cidades e terras, e aceso em um santo ardor de as cobrar, convocou e encitou para isso por seus breves e messegeiros todolos Reis e Principes christãos. Entre os quaes foi El-Rei D. Affonso, que como era Principe mui catholico e de grande coração, e em que o real sangue para mais honra servia, sendo ainda a Rainha viva, acceitou a empreza com promessa de servir a Deus n'aquella guerra com doze mil homens por um anno á sua custa, para execução do qual, em fazimento de navios e compras d'armas, e em outras cousas a tal e tão longa viagem necessarias, fez grandissimas despezas, não sem grandes lamentações do reino, e em fim El-Rei por então desistiu d'aquella ida, assi porque lhe falleceu para isso muito dinheiro, como porque o Papa Calisto falleceu, que deu causa aos outros Prin-

cipes christãos tambem desistirem. E assi juntamente porque foi certificado que El-Rei de Fez sabendo de sua partida fóra de seus reinos se aparelhava vir como veio sobre Ceuta; mas porque então achou a cidade com mais força e maior segurança do que fez fundamento, alevantou o cerco com proposito de logo tornar sobr'ella com mais artilharias, engenhos, e poder.

E tendo El-Rei muita frota e gente prestes, para a empregar como dizia, occorreram-lhe tres emprezas juntamente, a primeira era a necessidade que tinha de prover e remedear aos males e roubos que n'este tempo os francezes faziam no mar aos naturaes d'estes reinos, de que se os mercadores a El-Rei muito querelavam. A segunda cumprir sua promessa ácerca da guerra dos turcos, que já tinha publicada, e para que tinha feito muitos percebimentos. A terceira a ida d'Africa, com fundamento de tomar aos mouros algum lugar, com que de cercos e affrontas affrouxassem Ceuta, e sobre todas tres teve conselho.

E a primeira de tamanha frota andar pelo mar á ventura, houveram que era cousa duvidosa e não certa, e ainda com despeza e perigo. E a segunda de seguir a empreza do turco não menos por escusada, pois El-Rei ficava n'ella só, em que pela desegual comparação de poder que d'elle ao contrairo turco havia, sem duvida se perderia.

E porém o marquez de Valença e alguns que o seguiram aconselhavam El-Rei que esta sobre todas era razão que seguissem, pois o promettera e se esperava por isso em toda a christandade, tendo ainda por mór e mais forte contradicção, que devia ir por terra e não por mar, em cujo voto foi de todos confundido, e alguns tiveram que a tenção do marquez em dar e soster conselho de tantas contrariedades,

não fôra se não por arredar El-Rei da affeição da Rainha, de que se muito receava por causa da morte do Infante D. Pedro seu padre, em que elle fôra o principal movedor. E finalmente a terceira de passar em Africa se houve por melhor, especialmente que presuppunha que El-Rei de Fez magoado de chagas novas, que com sua passagem tomando algum lugar receberia, viria sobre El-Rei que lhe daria batalha, e com ajuda de Deus o venceria, e porém as cousas sobcederam logo no reino de maneira, que este desejo e determinação se não pôde assi cumprir.

CAPITULO CXXXVI

De como a Rainha pariu o Principe D. João e d'outras cousas a que El-Rei satisfez ácerca do Infante D. Pedro, e como casou a Rainha D. Joanna com El-Rei D. Anrique de Castella

E no mez d'Agosto do anno de mil e quatrocentos cincoenta e quatro, estando a Rainha em Almeirim emprenhou do Principe D. João, e segundo El-Rei D. Affonso affirmou, á hora de seu concebimento a Rainha trazia em um annel uma rica esmeralda, que por sua virtude especifica de guardar castidade lhe quebrou no dedo, e ella lastimando-se da pedra, El-Rei a confortou com esperança de cobrar por ella um filho, e assi foi.

E no anno de mil e quatrocentos cincoenta e cinco annos El-Rei se foi a Lisboa, onde a Rainha acabou com elle, assi por intercessão do Papa e d'outros Reis e Principes que sobr'isso tinham a El-Rei aficadamente requerido, como principalmente por seu amor d'ella, que com devidas exequias e cerimonias se

désse ao Infante D. Pedro a sepultura que na capela d'El-Rei D. João seu padre lhe fôra apropriada, e que seus ossos fossem a ella trasladados com aquella honra e solemnidade que sem a desavenrura de sua morte merecia. Para o qual da egreja d'Alverca onde seu corpo foi logo soterrado e d'onde seus ossos foram por Lopo d'Almeida levados ao Castello de Abrantes, foi ordenado que d'ali ao tempo da trasladação fossem solemnemente levados a Lisboa, e d'hi á Batalha, como adiante direi.

E aos tres dias de Maio d'este dito anno de mil e quatrocentos cincoenta e cinco, em Lisboa pario a Rainha o Principe D. João, que aos oito dias logo seguintes na Sé da dita cidade foi bautizado pelo Bispo de Ceuta D. João, que depois foi Bispo da Guarda, e foi levado á pia nos braços do Infante D. Fernando, irmão d'El-Rei, e acompanhado do Infante D. Anrique, e das Infantes e senhores e senhoras do reino; foram padrinhos o duque de Bragança, e D. Vasco de Tayde, prior do Crato, e madrinha D. Briatiz de Vilhena, mulher de Diogo Soarez.

E d'ahi a um mez foi por todolos tres Estados do Reino solemnemente jurado por Principe ligitimo herdeiro, e D. Joana sua irmã até então se chamou Princesa, e d'hi em diante Infante.

E as festas e prazeres que no nascimento do Principe, seu bautismo e juramento em Lisboa principalmente, e assi em todo o reino se fizeram, foram grandes e com muitas deversidades d'alegrias, que duraram por muitos dias, e em grande perfeição.

E n'este anno de mil e quatrocentos cincoenta e cinco, El-Rei D. Anrique o quarto de Casteila, se quitou da filha d'El-Rei D. João de Navarra seu tio que tinha por mulher, e se concertou com El-Rei D. Affonso de Portugal, que lhe deu por mulher a Infante

D. Joana sua irmã, que sem dote e com os sós corregimentos de sua pessoa, casa e camara, que foram muito reaes e de gram cumprimento, a recebeu por mulher em idade de XVII annos, e foi muito honradamente levada ao extremo d'estes reinos, e d'hi levada a Castella por a condessa D. Guiomar, e por o conde da Atouguia D. Martinho seu filho, que a entregaram a El-Rei, e além das festas que em Lisboa se fizeram mui grandes, houve tambem outras e honradas justas na Landeira; porque a Rainha entrou por Elvas.

CAPITULO CXXXVII

Da treladação e exequias que se fizeram aos ossos do Infante D. Pedro, e como a Rainha sua filha logo falleceu, e os ossos da Rainha D. Lianor foram de Castella trazidos ao mosteiro da Batalha

E além do grande amor e affeição que entre elle e a Rainha havia, ainda pelo nascimento do Principe se dobrou muito mais, com que a Rainha já mais confiada requereu e pediu a El-Rei, que os ossos do Infante seu Padre como lhe tinha prometido não andassem provando tantas e tão vis sepulturas, e quizesse que fossem trazidos a Lisboa, e d'ali os levassem ao mosteiro da Batalha; porque alli faria por mais sua honra e mór seu estado.

E como quer que isto fosse pelo duque de Bragança e por seu filho o marquez muito contrariado, El-Rei posposto tudo o concedeo. Não querendo porém que o senhor D. Pedro Irmão da Rainha, que depois da morte de seu padre andava em Castella desterrado, viesse a suas exequias e saimento, nem a este reino; porque o tinha por seu alvará assi prometido ao dito

duque. E tinha dado ao Infante D. Anrique o Mestrado d'Avis, que tinha D. Pedro filho do Infante D. Pedro. Mas o Papa nunca lh'o quiz conceder, dizendo que se não podia confiscar nem elle o perder como as outras cousas seculares. Pelo qual os ossos do Infante com assaz honra foram logo trazidos ao mosteiro da Trindade de Lisboa, e d'hi ao mosteiro de Santo Eloy, onde foram em grande triumfo e muita veneração postos em tumba e estrado á vista de todos.

E concertado o dia em que os haviam de levar á Batalha, El-Rei e a Rainha se foram diante para os esperar no mosteiro da Batalha, a que foram chamados e vieram todolos senhores e senhoras principaes do reino, salvo o Infante D. Fernando, e o marquez de Valença, que tomaram outra opinião contraira ao prazer e contentamento da Rainha.

E o cargo principal da treladação e acompanhamento da dita ossada ficou ao Infante D. Anrique, o qual vestido não de dó preto, mas d'aluz escuro, e assi muitos senhores que eram com elle fez com muita pompa e grande cerimonia tirar a dita ossada do dito mosteiro de Santo Eloy, e com solemne procissão de Bispos e cabido, e muitas ordens e clerezia, que para isso foi junta, e com grande numero de tochas acesas a levarem á Sé. E d'hi pela rua Nova, acompanhada do Infante e de muita gente com que chegaram á Porta da Mouraria, e de hi se tornaram, e foi com ella o Infante D. Anrique com muitos senhores, que com grande honra e com muitas orações, que de continuo iam pela alma do Infante rezando, a levaram ao dito mosteiro da Batalha, d'onde El-Rei e a Rainha com solemne procissão acompanhada de muitos prelados, abades e clerizia e de muita e nobre gente sahiu a recebe-la.

E as senhoras e mulheres que alli foram, levaram

algum sinal de dó que não foi de veos pretos, mas tintos como allionado escuro. Fez-se o dito saimento com essa, e com toda outra perfeição e solemnidade que se podia e devia fazer a um tal Principe natural, sem alguma magoa fallecido. Acabado o qual, entrando já o inverno, El-Rei e a Rainha se foram para a cidade d'Evora, onde a Rainha adoeceo logo de fruxo de sangue, de que nos paços de S. Francisco onde pousava, a dois de Dezembro do dito anno de mil e quatrocentos cincoenta e cinco logo falleceu, cuja morte foi d'El-Rei muito chorada e sentida, e assi de todos, em especial dos criados e servidores do Infante seu padre.

A causa de sua morte segundo foi accidental e arrebatada, por maginação dos mais foi attribuida a peçonha que dos imigos de seu padre por sua segurança disseram que lhe fôra ordenada, e como quer que para isso houve muitas conjecturas e presunções, porém da certa verdade Deus é o sabedor.

Foi seu corpo levado ao mosteiro da Batalha, onde jaz soterrado per si em uma capella do cruzeiro. E d'hi a um mez que foi no Janeiro seguinte de mil e quatrocentos cincoenta e seis, El-Rei lhe fez o mais honrado e solemne saimento que até então por Rainha d'estes reinos se fizera. A que vieram ao dito mosteiro todolos senhores e senhoras, e Prelado, abades e priores de todo o reino, e toda outra gente de sorte sem excepção.

N'este anno logo depois da morte da Rainha, El-Rei enviou pela ossada da Rainha D. Lianor sua madre, que jazia em Toledo onde falleceu como atrás fica, a qual com grande honra, e com muita e nobre gente foi trazida a Elvas, onde El-Rei com todolos grandes e Prelados de seu reino a foi receber, e a levou ao mosteiro da Batalha, em que com a devida solemnidade

e cerimonia, que em tal auto e a tão alta Rainha se requeria, foi lançada com El-Rei D. Duarte seu marido.

CAPITULO CXXXVIII

Como El-Rei outra vez acceitou a cruzada contra os turcos quando fez os Cruzados, e com os percebimentos que para isso fez passou em Africa e tomou aos mouros a villa d'Alcaçere

E no anno de mil e quatrocentos e cincoenta e sete annos, veiu a estes reinos por delegado do Papa Calisto, um Bispo de Silves português, homem de bom saber e grande autoridade, que a El-Rei trouxe a Cruzada contra os turcos, com grandes e piedosas graças e perdões da Sé Apostolica, assi como sobre o caso foram outros a outros reinos e provincias de christãos.

E El-Rei porque de sua real condição era para honrosos feitos mui inclinado, consirando a obrigação em que estava pela offerta e aparelho que para isso já fizera que não cumprira, vendo-se em melhor disposição e com menos pejos, por razão d'estar sem mulher, e que para segurança de sua direita sobcessão tinha filhos ligitimos, elle com grande alegria e muita devoção, e com todalas pessoas principaes do reino acceitou a dita Cruzada. Na qual se offereceu servir com os ditos doze mil homens por um anno á sua custa, como d'antes prometera, para que tinha d'ajuda muitas armas que comprara, e navios que mandara fazer, e assi outras muitas cousas para tal perseguimento mui necessarias e proveitosas.

E fazendo fundamento, e crendo que todolos outros Reis e Principes christãos com suas pessoas, gentes e

forças ajudariam como elle n'este santo proposito, mandou logo Martim Mendez Berredo, fidalgo de sua casa, e a elle mui acceito, a El-Rei D. Affonso de Napoles seu tio, para d'elle saber e se enformar muitas cousas que por seu aviso lhe cumpriam, e assi lhe requerer e trazer mandados e provisões suas, com que em seus reinos e terras, e principalmento em Secilia e na Pulha lhe desse por seu dinheiro bitualhas e mantimentos, onde El-Rei era aconselhado que com mais seu proveito e menos trabalho se podia fornecer, mas o dito Berredo não achou em Napoles nem Italia, aquelle percebimento nem desejo que para tal empresa cumpria, nem como El-Rei cuidava, de que logo avisou El-Rei.

N'este tempo e no fervor d'esta Cruzada, andava ainda desterrado em Castella o senhor D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, que com muita paciencia de grandes necessidades e desaventuras, que em seu desterro sopórtava, e com uma louvada temperança, que em suas fallas e obras para El-Rei e para o reino sempre teve, obrigou e comoveu El-Rei para o retornar em seus reinos e lhe fazer aquella honra e mercê que elle por muitas causas merecia, especialmente porque o duque de Bragança, como viu a morte da Rainha, não o contradisse com tanta instancia nem com tanto receio, como em sua vida d'ella fazia; porque tinha uma promessa d'El-Rei, que o dito D. Pedro em vida do duque sem seu prazer não viesse a estes reinos, da qual desistio. E El-Rei por isso lhe alevantou o desterro, e o convidou para a Cruzada, com fundamento de o levar comsigo, a que elle obedeceu, e veio a estes reinos bem acompanhado, e logo para a mesma Cruzada invencionado com muita gentilleza foi d'El-Rei e da côrte com muita honra e gasalhado recebido, e El-Rei lhe leixou o mestrado d'Avis, de que ante de seu des-

terro e por morte do Infante D. Fernando fôra provido, e deu-lhe mais seu honrado assentamento, com que sempre serviu mui leal e honradamente, até que de Ceuta se foi para Barcelona como se dirá.

E com o grande desejo e louvado alvoroço que El-Rei tinha para esta santa viagem, mandou novamente lavrar d'ouro fino sobido em toda perfeição, a moeda dos cruzados, em cujo peso e não preço mandou sobre todolos ducados da christandade acrescentar dois grãos, por tal que por terras tão alongadas e nações tão diversas como as porque esperava de passar corressem e se tomassem sem alguma duvida; porque em seu tempo e d'El-Rei D. Duarte seu padre, de ouro não se lavrou outra moeda, salvo escudos d'ouro baixo, que em reinos estranhos se tomavam com grande quebra e muito pejo.

E tendo El-Rei com seu animo não menos catholiço que esforçado, com innumeraveis despesas, feitas e aparelhadas todalas cousas e provimentos que cumpriam, o notificou assi á mór parte de todolos Reis e Principes e provincias de christãos. E finalmente nunca d'algum por verdadeira obra, nem sómente fingida mostrança, pôde entender que em seu piedoso trabalho e perigo tão conhecido, o teria por parceiro nem ajudador, antes claramente foi conhecido que se El-Rei por abatimento de todos tal movimento fizera, que por vingança da injuria e quebra que n'isso recebiam lhe ordenaram coisas com tal cautella, com que por força desistira da empresa, com muita despesa e pouca sua honra.

Pelo qual tudo bem visto e examinado em seu conselho que teve, ajuntando tambem outras muitas contrariedades e inconvenienentes que no reino e fóra d'elle em muitas cousas e de grande perigo podiam recrescer, foi El-Rei finalmente e sem contradição

aconselhado que na empresa da Cruzada se não entremetesse, e que repousasse, regendo em paz e justiça seus reinos e vassallos, até que a visse tomar e proseguir a outros Principes, e que então obraria n'isso como o tempo e a razão o aconselhassem, ou se quizesse por exercicio de sua devoção, e por elle parecer verdadeiro ramo dos excellentes e reaes troncos de que procedia, podia passar em Africa, e tomar aos infieis algum lugar em que Deus fosse servido, e sua fé mais acrescentada, pois era guerra da mesma calidade, e que a elle com mais honra e mór segurança d'Espanha mais pertencia. E este acceitou El-Rei por meio mais de sua inclinação e contentamento, e no conselho que logo sobr'isso teve foi acordado que fosse á cidade de Tangere, sobre que acordou de levar vinte cinco mil homens de combate, afóra a outra gente do mar e serviço, para que fez seus percebimentos, e ordenava passar logo n'este anno de mil e quatrocentos e cincoenta e sete. Ao que deu total impedimento sobrevir crua pestenença á cidade de Lisboa, onde da embarcação principal se fazia fundamento. Pelo qual El-Rei foi conselhado que sobrestevesse e leixasse por então a guerra dos mouros pela não tomar com a ira de Deus e contra sua vontade.

E sobre esta determinação, que para seu desejo foi de mortal tristeza se passou á comarca d'entre Tejo e Odiana, e estando em Estremoz, por certidão que houve dos danos e roubos que dos franceses os seu vassalos no mar recebiam ,acordava de mandar em guarda da costa o almirante Ruy de Mello com vinte náos grossas e outros navios, e com muita gente, em especial a mais limpa de sua côrte. E estando já tudo ordenado e provido, e a frota com as vergas altas para partir, vieram a El-Rei cartas do conde d'Odemira, que era capitão de Ceuta, como por avisos cer-

tos que tinha, El-Rei de Fez vinha sobr'ella para a cercar, pedindo-lhe provisão e ajuda e soccorro quando cumprisse. Da qual cousa sendo tambem avisado o Infante D. Fernando, veiu logo a El-Rei pedir-lhe licença para ir ao socorro, e assi o fez o marquez de Villa Viçosa, de que El-Rei se escusou; porque lhe descobriu que sua determinada vontade era passar em pessoa, e trabalhar por tomar algum bom lugar, com desejo de vir em sua defesa e cobramento El-Rei de Fez, para lhe dar batalha e acabar com elle estes rebates, e elles assi o aprovaram.

E para socorro de Ceuta enviaram diante alguns senhores, com fundamento d'El-Rei ir após elles, mas não foi, porque El-Rei de Fez como deu vista a Ceuta logo se volveu. Porque esta determinação d'El-Rei ir sobre Tangere foi ao conde D. Sancho revelada, El-Rei por seu conselho a mudou, e converteu em Alcacer Ceguer com fundamento e razões que a bem de conquista e a necessidades do reino cumpriam, a que por sua evidencia que apontou, se deu inteira auctoridade. Pelo qual El-Rei acordou, que por razão da má disposição de Lisboa que ainda não cessava, sua embarcação fosse em Setuvel, e o marquez de Valença fizesse a outra no Porto, e o Infante D. Anrique a do Algarve.

E tudo se aparelhou e fez prestes com muita brevidade e trigança, para que foram ajuda e aviamento os percebimentos passados.

El-Rei, d'Estremoz se foi a Evora, e hi leixou seus filhos, e com elles D. Briatiz, e Diogo Soarez d'Albergaria seu marido, que por sua fidalguia, bondades, e grande saber foi dado ao Principe por aio, e até sua morte sempre o foi.

Veiu-se El-Rei a Setuvel para logo embarcar, em que sobreveiu alguma torvação pela grande doença de fe-

bre em que achou o Infante D. Fernando seu irmão, de que Deus em breve o livrou, tendo elle já mandado que por não ficar o levassem, e assi doente em um leito o metessem no mar.

E um sabado, derradeiro dia de Setembro, do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos e cincoenta è sete, depois d'El-Rei ouvir sua missa solemne e prégação mui devota, foi em procissão armado, e não de todas armas, até os bateis, acompanhado de sua guarda e de muita e mui luzida gente, e n'elles bem remados e ricamente toldados se foi á sua náo, que se chamava Santo Antonio, e com elle o Infante D. Fernando, e o senhor D. Pedro, que alli veiu com gentes e concertos que muito louvaram, e o marquez de Villa Viçosa com D. Fernando, e D. João, seus filhos, e D. Alvaro de Castro, e Pero Vaz de Mello, e outros muitos senhores e fidalgos, com que El-Rei do dito porto partio com noventa vellas.

E á terça-feira seguinte, tres dias d'Outubro, pela manhã, dobraram o cabo de S. Vicente, e chegaram á villa de Sagres, onde o já esperava o Infante D. Anrique, que a El-Rei e a todos os que sairam em terra fez falla em grande perfeição e abastança; era já hi o conde d'Odemira, que viera de Ceuta com quatro fustas e um barinel, e á quarta-feira foi El-Rei a Lagos, e á quinta-feira sahiu em terra e pousou no castello, onde esteve oito dias esperando as frotas do Porto e do Mondego e d'outros lugares, que alli todos chegaram.

El-Rei á terça-feira, que eram dez dias d'Outubro, se recolheu á sua náo porque todos se recolhessem, e á quarta-feira tornou logo a sair armado, com sua guarda diante, e todo o mais com maravilhoso e rico estado e grande gentileza, foi ouvir missa, e com elle

todolos senhores que eram na frota. Acabada a qual El-Rei posto em meio de todos, com graciosa e alegre contenença, e com palavras cheias de devoção e grandeza, esforço e perfeita eloquencia, e com cautelas e fundamentos de bom e prudente guerreiro declarou sua ida sobre a villa d'Alcacere, louvando e agardecendo a todos com muita-humanidade a diligencia e amor com que o tão honradamente vinham servir, offerecendo-se a lh'o conhecer com as honras e mercês, e acrescentamento que a cada um coubesse e merecesse. E em fim de sua falla, o Infante D. Fernando como pessoa mais principal lhe respondeu por todos, assaz bem e como cumpria. E em fim de suas palavras, com os giolhos no chão lhe beijou as mãos, e assi todos os principaes que hi eram, e á quinta feira XVII dias d'Outubro El-Rei partiu de Lagos com toda sua frota, em que por todas haveria duzentas e vinte vellas, e ao sabado porque o vento não terçou para tomar o porto d'Alcacere, foi El-Rei surgir pela manhã sobre a barra de Tangere, onde esteve aquelle dia e ao domingo, por recolher a outra frota que não chegava.

E n'estes dias andando El-Rei pelo mar, viu e contemplou bem a cidade, sobre que desejou que sua ida se mudasse, e acerca d'isso teve conselho bem aperfiado; porque a grandeza de seu coração não requeria menos empresa, e em fim se concordaram no primeiro proposito com que logo partiu, e á segunda-feira ao meio dia chegou a Alcacere, e com elle os navios mais pequenos que se podiam ter ás correntes do estreito.

Mandou El-Rei aparelhar e perceber, para logo tomar terra, e porque ambos os navios em que iam os Infantes não poderam ancorar com elle, e com forçadas correntes foram d'elle surgir duas legoas, e assi

bem outras quarenta vellas, El-Rei os mandou a grã pressa chamar, e quando vieram já o acharam armado entre muitos bateis armados postos em sua ordenança para tomar terra, esperando pelo Infante D. Anrique que já tardava, e como o viu fez com muita viveza vogar rijamente os bateis á praia, que com muito esforço e acordo a tomaram todos juntamente, em que se não soube bem determinar quaes foram primeiros nem segundos.

Eram na praia até quinhentos mouros de cavallo d'aquella comarca, e muitos mais de pé, de que na resistencia que cometeram para defender a desembarcação morreram logo alguns, e elles tambem dos christãos feriam outros, e mataram ao sair, um Ruy Barreto, comendador da Ordem de Christus. Mas com tal pressa foram os mouros apertados, que uns para a villa, e outros para as serras d'onde vieram, todos se acolheram, e no encalço d'elles seguiu João Fernandez da Arca, fidalgo de bom esforço, e nas cousas do paço de seu tempo gracioso e mui ensinado. E tanto se chegou ao muro por vingar a morte que logo recebeo, que de uma pedra de cima do muro foi logo ao pé d'elle morto, de que por sua bondade e criação em toda a côrte houve grande sentimento.

E sobre a tarde depois de se repartirem os combates, e n'elles se assentarem as bombardas e ordenarem as mantas, e bancos, e escadas, que com muita presteza se tiraram da frota, El-Rei posto em um cavalo sezeliano, armado e acobertado com sua espada nua na mão, mandou cometer a villa com alguma mostrança de combate, para vêr sómente a maneira de fortaleza e defeza em que se os mouros punham, que n'elles foi assaz boa e com grande recado e esforço; porque com tiros de fogo e bestas que tinham, e pedras que não falleciam, faziam muito dano. Mas os

christãos emprenderam tão de verdade, e çom tanta força o combate, que El-Rei nem os Infantes os poderam recolher nem afastar d'elle, em que logo derribaram um grande lanço da barreira, e os cavalleiros e gente do Infante D. Anrique, com muito esforço e ardideza romperam e entraram por as portas da mesma barreira, e foram com muita ousadia cometer com engenhos as portas da villa, que por sua grande fortaleza não poderam quebrar; porque eram mui fortes, e forradas de mui grossas pastas de ferro. E sendo já de noite vendo o Infante D. Anriqne o desejo e a determinação dos seus, socorreo alli com sua bandeira despregada, e com palavras de Principe tão prudente e ardido como elle era, os avivou muito mais para o combate, que á sua vista e com sua ajuda o fizeram sem alguma covardice. E El-Rei e o Infante D. Fernando seu irmão sentindo na gente do arraial o mesmo fervor e orgulho, que de victoria lhes davam mui grande esperança, mandaram ás trombetas fazer sinal de combate, que por todas partes se deu tão rijamente, e com tanta competencia de honra, que o que menos trabalhava, parecia que toda a empresa tomava sobre si, a que ajudava muito e não favorecia pouco a presença d'El-Rei, que a todalas afrontas acudia, e com palavras de tanto acordo e esforço, de que todos eram maravilhados e mui contentes.

O Infante D. Anrique que n'aquelle officio era velho artificial, mandou á meia noite poer fogo a uma bombarda grossa, que no seu combate era assentada, com que aos mouros começou de fazer não menos dano que espanto, pelo qual desesperados já d'achar remedio de salvação em suas armas, nem defesa, a vieram buscar e procurar na piedade do Infante. O qual lhe respondeu que por quanto El-Rei seu Senhor era alli vindo por serviço de Deos sómente, e não por co-

biça de seus resgates nem fazendas, que ao dito Senhor aprazia que elles se saissem com suas mulheres e filhos, e cousas, e leixassem a villa com todolos christãos captivos que n'ella estivessem, os quaes vendo tão determinada resposta, vencidos já de condições tão piedosas, lhe pediram que por aquella noite mandasse sobreser no combate, do que ao Infante não prouve, antes o mandou mais avivar, e pediram após isso uma hora de sobresimento para haverem seu acordo, e o Infante muito menos lh'a deu, antes os desenganou que se fossem entrados por força, que todos sem resguardo nem privilegio de idade, com ferro haviam d'acabar suas vidas. Os quaes meios e concertos o Infante mandou logo notificar a El-Rei, e ao Infante D. Fernando, que de todalas partes esforçaram o combate, que era esforçado e não enfraquecia, pelo qual os mouros se remediearam, e deram nas primeiras seguranças e condições do Infante D. Anrique, e para aprovação de seu rendimento enviaram logo suas seguras arrefens, que foram levadas á tenda d'El-Rei com que o combate logo cessou. E ao outro dia quarta-feira pela manhã, os mouros sairam todos com suas mulheres, filhos, e fazendas sem algum receber nojo, dano, nem alguma outra semrazão, de que os mouros vendo tanta e tão segura verdade nos christãos, tomaram em seu mal muito conforto. Porque o Infante D. Fernando teve na saida d'elles cargo de sua segurança, e como acabaram de sair, que foi depois de meio dia, entrou El-Rei na villa a pé em procissão com os Infantes e senhores e outra nobre gente, e se foi á misquita, que foi logo tornada em egreja de Santa Maria da Misericordia, onde já estava posto um altar em que El-Rei fez oração, e elle e todos com muita devoção por tão segura victoria deram graças e louvores a Deos, porque segundo o lugar era de torres e muros mui forte,

e tão provido de gente, bem pareceu tomando-se tão levemente como se tomou, que com a mão e graça de Deos se tomara, mais que com força nem poder dos homens.

CAPITULO CXXXIX

Como El-Rei se foi d'Alcacere a Ceuta, e como a villa foi por El-Rei de Fez cercada, e El-Rei a não pôde socorrer, e desafiou El-Rei de Fez

Esteve El-Rei em Alcacere até o domingo, em que de muitos e mui principaes homens foi requerido sobre a capitania da villa, mas El-Rei a deu e empregou bem em D. Duarte de Menezes, com que ainda não satisfez ás grandes promessas que em cousas d'aquella calidade lhe tinha por seus assinados prometidas, e El-Rei quando lhe deu a dita capitania e governança, publicamente assi lh'o disse com palavras de muita sua honra e louvor.

E depois d'El-Rei prover a villa dos mantimentos, armas, e gente que pareceu necessaria, e armar muitos cavalleiros que o bem mereceram, á segunda feira por mar se foi a Ceuta, onde ainda não fôra. Ao qual senhorio acrescentou d'hi em diante em seu titulo, o d'Alcacere em Africa, dizendo, *D. Affonso por graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, Senhor de Ceuta e d'Alcacere em Africa.*

E certamente quando El-Rei viu e contemplou na realeza de Ceuta, e em sua grandeza, marávilhoso e forte assento, que seu avô com outra semelhante passagem ganhara, e se lembrou d'Alcacere, e de seu sobrenome Ceguer, ficou triste e pensoso; porque a parecer dos que as viram, tão pequena cousa não en-

cheu a grandeza e bondade de seu coraçâo, e suspirava por outra maior.

El-Rei de Fez como soube que a villa era cercada, partiu com muita pressa e grande poder pela socorrer, e quando soube que já era tomada, com muita ira e tristeza sua e dos seus se veiu logo á cidade de Tangere, para d'alli ajuntar suas gentes e a vir cercar, e trabalhar pela recobrar, da qual cousa D. Duarte foi logo certificado por um mouro d'autoridade, que na face d'Alcacere em uma escaramuça que houveram fôra com outros tomado e captivo, o qual logo mandou a El-Rei que ainda era em Ceuta, e sobre a certa informação que do mouro houve teve conselho, em que depois de ser acordado sem diferença, que Alcacere sobre o provimento d'armas e mantimentos que tinha lhe devia ser dado outro maior, quanto ao mais, que tocava á ida d'El-Rei para o reino, ou esperar alli o fim do cerco ou lhe socorrer houve votos diferentes. Porque uns diziam que dado o dito provimento se devia vir a seus reinos e não esperar lá mais, outros tiveram que em tal tempo estando El-Rei de Fez tão acerca, e partindo-se pareceria fraqueza, e que com seu medo o fazia, e que para isso por tirar suspeitas e fazer um grande cometimento, que á sua honra e estado cumpria, que o devia mandar desafiar em campo, e que se acceitasse o desafio, que ainda estava poderoso para lhe dar batalha e esperar victoria, e quando de tal reto se escusasse, que então sem pejo poderia para seus reinos partir sem algum prasmo nem reprensão dos seus nem estranhos, que o já remocavam.

E a este parecer se inclinou mais El-Rei, que com as palavras e razões que bem cabiam, formou para o dito Rei de Fez um desafio, que lhe enviou por Martim de Tavora, e Lopo d'Almeida, que embarcados

em um navio aparelhado d'armas, e Reis d'armas e trombetas, e de suas pessoas em grã cumprimento foram sobre Tangere. Mas El-Rei de Fez avisado do recado com que iam, mandou que lhe tirassem ás bombardas, e não os quiz ouvir, e tornaram-se Lopo de Almeida a Ceuta, e Martim de Tavora a Alcacere, onde tambem com desejo de honra se lançaram muitos fidalgos, que sem duvida no cerco que defenderam a mereceram e ganharam, tão bem e melhor que na tomada da villa.

E aos XIII dias de Novembro El-Rei de Fez com trinta mil de cavallo, e gente de pé sem conto veiu sobre a dita villa, que já d'antes com oito Alcaides seus era cercada, e logo com bombardas grossas e muitos tiros outros de fogo, e com muitos besteiros de Grada que trazia, combateu a villa muitas vezes e com muita força, mas nas infindas mortes e feridas, e outros danos que sempre dos christãos receberam, bem conheceram logo que não tinham d'elles a victoria tão leve e tão certa como esperavam.

E sendo El-Rei certificado do cerco da villa e da estreiteza em que os mouros a punham, logo aos sete dias do cerco veiu d'avante d'ella, com vontade de a socorrer, ou ao menos de a bastecer. Porque quando a tomou, sómente lhe ficou mantimento para a gente ordenada para tres mezes, o que houvera de ser causa de a villa e gente ao diante de necessidade se perder, se Deus por sua piedade o não remedeara.

E porém, El-Rei pela muita gente contraira dos mouros que achou, que por mar e por terra impedio sem remedio seu socorro e bastecimento, depois de enviar a D. Duarte e aos cercados muitos confortos e dar grande esperança da sua breve tornada, se partiu para Farão no Algarve, onde desembarcou, e d'hi se foi a Evora para dar ordem a tornar a socorrer a

dita villa, para que depois de tudo bem consirado e provido, achou que para isso todalas cousas falleciam.

CAPITULO CXL

Das cousas que passaram n'este cerco, até que de todo se alevantou

En'estes tempos foi a villa d'Alcacere pelos mouros com bombardas e trons e outras armas, e com uma irosa porfia muitas vezes combatida e afrontada, e com a graça de Deus não faziam dentro o dano de que elles tomavam de fóra muita vã gloria, e porém a verdadeira pena elles a recebiam com muitas mortes e feridas, que dos christãos de noite e de dia sempre padeciam.

E porque viram que com os mui apressados e furiosos tiros que faziam, os muros da villa não caiam como maginavam, ordenaram trazer uma bombarda grossa, das que no tempo do palanque ficaram aos christãos em Tangere, em que já tinham a sua só confiança, a qual lançava pedra de quatro quintaes de peso, e logo foi armada e ensarada e fez alguns tiros, de que os mouros vendo ficar as paredes mui sãs, e os christãos sobr'ellas com muito prazer e alegria, ficaram mui tristes e desesperados, e por isso vendo que sua empresa não sobdecia como esperavam, elles a risco das graves penas que por sua fugida lhes eram postas, de dia e de noite não leixavam de fugir, de que D. Duarte por elches e mouros que se na villa lançavam, era logo avisado.

E no tempo da maior afronta chegou á vista d'Alcacere Luiz Alvarez de Sousa, vedor da fazenda do Porto, que El-Rei mandou aos cercados com esperan-

ças e confortos, que enviava do mar com escriptos em virotões. E D. Duarte fez um aviso a El-Rei, e por mór cautella escripto em francês, notificando-lhe a extrema necessidade em que estavam, e sómente por mingoa de mantimentos e polvora, e pedindo remedio com as palavras que em tal affronta cabiam. O qual escripto enviado a Luis Alvarez com outro virotão, cahiu no arraial dos mouros, entre quem não falleceu quem lh'o logo leu e interpretou inteiramente, de que elles ficaram mui alegres, e tendo sobr'isso seu conselho, acordaram ser bem d'El-Rei de Fez, por seu Marim requerer a D. Duarte que se desse e lhe entregasse a villa, para que lhe mandou uma carta, e dentro della a outra que tomaram, e dizia n'estas maneira:

«Porque eu já sei tua puridade, mais por modo de compaixão que de necessidade que tenha, conhecendo de ti que és bom christão e esforçado cavalleiro, filho do outro bom velho de Ceuta, defenda-te Deus e te mostre o caminho da verdade por melhor e mais direito, se te quizeres poer em nossas mãos com algum honesto trato farás cousa a ti proveitosa, e a esses que hi tens mais que a nós; porque a ti e a elles guardaremos de mal, e vos faremos o que o vosso Rei fez aos nossos mouros, que estavam n'essas câsas em que tu agora estás. Conselhe-te Deus de conselho são, e se tu isto não quizeres, sabe que Deus é grande e justiçoso, e quererá dar ás mãos de seus servos as casas em que nasceram, e as herdades que seus padres e avós fizeram e prantaram, e manda logo a resposta com toda tua vontade».

D. Duarte recebeu a carta que era do Marim, e a fez lêr para si só secretamente, e perguntado dos fidalgos pela sustancia d'ella lhes encobrio a verdade, e disse que lhe cometiam trato de paz como mouros

fracos que eram, e que estavam já de todo perdidos, para segurarem a terra de mais dano, com fundamento de se quererem alevantar, mas que lhe responderia, como respondeo de si mesmo ao Marim n'esta maneira:

«Tu sabe que El-Rei meu Senhor não leixou a mim e a estes seus fidalgos e a outra nobre gente n'esta sua villa para t'a entregarmos como cuidas, mas para a defendermos como defenderemos a ti e ao teu rei, e com elle a todolos Reis mouros do mundo quando sobre nós viessem, e crê que nossa determinada vontade pela defender é sofrer não sómente o trabalho que nos dás, que por tua covardice é assaz pequeno, mas outros muitos maiores, até sobr'isso morrermos. E para conheceres se estas palavras saem da boca ou do coração, chega-te melhor aos combates do que fazes e ve-lo-has, e porque me dizem que o teu Rei manda fazer escadas para subir aos muros e nos combater e entrar, dize-lhe que eu o escusarei d'esse trabalho; porque se n'elle e em ti ha coração para isso, eu entre torre e torre lhe mandarei poer muitas que El-Rei meu Senhor aqui trouxe para tomar a villa, e manda subir aos teus por ellas, e verás que força põem em nós o serviço do nosso Rei e o enxalçamento de nossa fé, e a estima de nossas honras, e d'esta graça se a de nós quizeres receber não queremos de vós outros outra paga, se não que não sejaes tão covardes e tão fracos como até qui mostrastes, cá não é honra nem gloria vencer-vos».

Esta resposta foi lida na tenda d'El-Rei, perante elle e seus merins e alcaides, de que ficaram mui maravilhados, atribuindo tudo á soberba, como fôra a do cerco outro de Tangere, que apontaram. Mas Xarate, alcaide de Tangere que hi era, disse:

«Sabei vós que esses em que fallaes que d'essa vez

vieram a Tangere, se dentro de taes paredes se acharam, e de mantimentos tiveram razoado soportamento, podera ser segundo o que vi, que mais caro nos custaram. E porém na continua alegria d'estes christãos sentireis bem sua fortaleza, e que n'aquelle escripto confessassem ao seu Rei suas mingoas e trabalhos, são maneiras que os cercados sempre tem para obrigarem com mais piedade e mór trigança a seu socorro, mas não é de crêr que tomando-se hontem a villa, e estando aqui o seu Rei com muitos navios, que a não leixassem açalmada para muito mais tempo do que nós podemos aqui estar».

E porém o Marim tornou a replicar a D. Duarte, que ao messegeiro mandou tirar ás bestas e não lhe quiz vêr a carta; porque receou tendo tão pouca esperança de socorro, parecerem a alguns bem suas palavras e cometimentos, e enfraquentarem-se por isso na defesa da villa e esforçarem-se para o dar d'ella.

Aos mouros porque o tempo era de grandes frios, morriam e atereciam os cavalos, e assi os camelos e bestas de sua carriagem, e tambem elles padeciam asperezas incomportaveis. E com isto eram tão cansados e tristes, como os christãos pelo contrairo; porque no testemunho e prova de seus alegres rostos e esforçados corações, em especial na segurança e valentia de seu capitão, tomavam todos esperança de sua honra, resistencia e desejada defesa.

Os mouros porque as cousas em nada sobcediam a seu proposito, eram postos em grande cuidado, fazendo entre si grandes lamentações pela triste e deshonrada memoria que d'elles ficaria, não acabando feito de tão pequena estima para a presunção e confiança com que vieram, e sendo já minguados de polvora e muito mais da esperança que tinham de lhe já aproveitar, determinaram dar por todalas partes e a uma

só hora um grande combate á villa, e assi o fizeram. Mas o capitão D. Duarte, porque logo nos aparelhos e alvoroço dos mouros que viu, sentiu bem o que queriam fazer, assi se percebeu e os recebeu, que d'alli por diante assi pelo grande estrago e mortindade que n'elles fez, como porque a gente sem o poderem resistir lhe fugia, e principalmente porque a polvora lhe falleceu e seus tiros e artilharias não jugaram mais, não houve mais rebates nem cometimentos porque ficaram de todo cortados.

E até então se lançaram na villa por todas, oitocentas e dez pedras grossas, XXXII de bombarda grande, e as outras das outras meãs, de que foram muitos christãos feridos, e alguns poucos mortos. E porque o mantimento fallecia já muito, e não sabiam da detença que os mouros no cerco fariam, depois de pedir socorro ao capitão de Ceuta, que lh'o não deu e podera dar, praticou D. Duarte com esses fidalgos que seria bem matarem os cavallos; porque não lhe comeriam trigo nem cevada, que tanto haviam mester, e mais salgados lhes poderiam em sua extrema necessidade muito socorrer, e mais que não dessem de comer á gente mais de uma só vez no dia, e ainda esta com temperança que cada um com os seus tivesse, com outras prudentes cautelas e provimentos que concordaram e tudo pareceo bem, salvo o matar dos cavallos, a que acordaram que sómente por mantimento se desse palha, e que porém antes de os meterem n'esta provisão, determinaram dar primeiro com elles uma escaramuça e rebate aos mouros; porque elles tinham já por muito certo que eram mortos e com fome comidos.

Deu D. Duarte cargo da capitania d'elles, que eram pouco mais de XXX, a D. Anrique seu filho maior. E em dia de Santo Estevão primeiro dia das Oitavas de

Natal sahiu D. Duarte fóra a pé, com certos homens todos fidalgos, com mostrança de recolher o almazem que na praia jazia; porque tivessém os mouros razão sahir do arraial, como sairam para lh'o defender, e com isto os offenderam. E como D. Duarte viu tempo, fez o signal que com D. Anrique seu filho tinha concertado, e elle com todolos cavalos enjaezados, e os cavalleiros bem armados e vestidos de livrés e gentileza, sahiu da barreira em que jazia em cillada, e com o nome de Santiago, deram rijamente nos mouros, que feriram com tanta força e ardideza, que certo o testemunho d'aquelle só dia, além d'outros muitos, deu clara prova de que capitães aquelle novo capitão por avoengas decendia, e que capitão se n'elle criava.

Foi a peleja d'este dia sobre todalas outras do cerco de mais dura e melhor pelejada; porque os que n'ella eram foram todos como disse fidalgos escolhidos, os quaes o capitão já não podia recolher, em que os mouros receberam muito dano e maior desmaio, vendo vivos os cavallos que cuidavam ser mortos, estimando-os por dez tantos com formosura e penso dobrado, o que deu muita causa aos mouros desesperarem da victoria do cerco, e proposeram de o mais não manter.

N'esta peleja usou Martim de Tavora de uma clara e verdadeira fidalguia; porque vendo n'ella entre os mouros Gonçallo Vaz Coutinho seu imigo capital, e sem alguma esperança de vida, só lhe foi socorrer, e com muito esforço e mais bondade, e com grande risco de sua pessoa como a um irmão o livrou e tirou de poder dos mouros, e d'hi em diante ficaram em sua imizade mortal.

N'estes danos e males que os mouros contra sua primeira maginação cada dia recebiam, e com esperança de os receber ao diante maiores, não os poden-

do soffrer, nem esperando de os poder mais contrariar, se queixaram e levantaram a um seu Cade, que entre elles é sacerdote maior, havido dos seus Reis e Marins em grande veneração como Papa, o qual com a grande congregação de cacizes falou a El-Rei e a seus Marins e alcaides, apontando com palavras prudentes as maldições e vituperios que os mouros e casa de Fez principalmente por tamanha fraqueza recebiam, e que porém ou determinasse não leixar de combater a villa de noite e de dia até que a tomasse e todos morressem, ou por não terem mais mortes e padecimentos se alevantasse do cerco d'ella.

E depois d'El-Rei e o Marim terem seu conselho, acordaram por muitas razões boas que apontaram, que o cerco por então se alevantasse, com voto de o tornar a poer dobrado para o verão que logo vinha, como fizeram e se dirá.

E ao derradeiro dia de Dezembro começou a gente de se levantar e partir, e a dois de Janeiro do anno que logo vinha de mil e quatrocentos cincoenta e nove annos, El-Rei de Fez com todo seu arraial partiu de todo do cerco, que durou cincoenta e tres dias, no qual dos mouros segundo a certidão maior morreriam até mil e duzentos, e dos christãos muito poucos. E da causa porque El Rei de Fez se partira, e assi da determinação que levava, logo D. Duarte por alguns mouros e elches que do arraial na villa se lançaram, foi de todo avisado. Do que elle e todolos christãos não ficaram menos ledos e descarregados, do que ficaram honrados e louvados por toda a christandade. Da qual cousa D. Duarte avisou logo El-Rei, que do descerco era já por castelhanos d'Andaluzia avisado; porque com esperança das alviçaras que d'elle por isso recebiam, uns após outros não leixavam de correr este pario de cobiça. E porém o

messegeiro de D. Duarte as recebeu dobradas, com honra, proveito e acrescentamento.

E por isso mandou em todo o reino fazer geraes procissões, em que se deram muitas graças a Deus, e assi ordenou esmolas a todolos mosteiros e casas piedosas. E respondeu a D. Duarte, e assi a todolos principaes fidalgos e cavalleiros que mantiveram o cerco, dando-lhe por estes cincoenta e tres dias que durou o cerco, tantos agardecimentos com esperança de mercês, como se foram outros tantos annos de mui assinados serviços. E mandou logo de dinheiro e mantimentos prover a villa. E que os fronteiros que n'ella fôra da ordenança estavam, se tornassem ao reino. E ante de se virem fizeram muitas entradas, e trouxeram á villa grandes cavalgadas e muitos mantimentos das aldêas dos mouros.

FIM DO II VOLUME

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

PROPRIETARIO E FUNDADOR

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. AFFONSO V

POR

Ruy de Pina

VOL. III

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1902

CAPITULO CXLI

De como se fez em Alcacere a coiraça para defensão e segurança da villa, e como D. Duarte, capitão, se houvera de perder

El-rei entendeu logo no fazimento da coiraça d'Alcacere, por cuja mingua quando tornou sobr'ella de Ceuta a não pôde soccorrer nem bastecer como quizera; porque era mais afastada do mar, do que cumpria para navios sem empedimento e contradição dos de fóra a poderem prover. E tanta ordem e diligencia se poz n'isso ácerca da pedra cantaria e cal, e madeira, e officiaes, e cousas a ella necessarias, e assi a gente de guarnição que tudo defendesse, que com tudo prestes e enviado a Alcacere, a dita coiraça se começou logo á segunda-feira de Ramos xxii dias de Março do anno de mil e quatrocentos cincoenta e nove. Na qual obra D. Duarte, de noite e de dia, para bom exemplo de todos assi servia e melhor que qualquer outro pobre serviçal que hi andasse.

E em fim por fallecimento de cal; porque a obra se fundou maior e mais forte do que primeiro cuidaram, a dita coiraça não se acabou senão depois do S. João do dito anno, e foi ao tempo que D. Duarte era já bem certificado dos ajuntamentos e apurações e convocações que El Rei de Fez em suas terras e nas alheias fazia para vir outra vez sobr'elle como ficara.

E porque para execução do proposito dos mouros era grande impedimento a coiraça que se fazia de que eram já bem avisados, por deterem e impedirem a obra com dano e mortes dos officiaes que a lavravam, acordaram de enviar para isso secretamente certos alcaides, com mil e quinhentos de cavallo, e outra muita gente de pé, para que dessem n'elles e trabalhassem por desfazer a dita obra.

E com isto, porque D. Duarte com sua gente não leixava d'entrar e fazer grandes cavalgadas e estragos nas terras dos mouros, acertou-se que um dia desavisado do ardil dos alcaides, determinou entrar com a mais gente que nunca entrara. E estando á noite dois veladores praticando sobre o muro, aconteceu que por máo avisamento e pouco resguardo d'elles, com vozes altas um descobriu ao outro a entrada de D. Duarte, declarando logo por onde havia d'entrar, e os lugares a que havia d'ir, e tudo assi apontado como que estivera á determinação do caso. E acertou-se que um mouro almograve, que da lingoa dos christãos tinha bom conhecimento e era mui ousado, vindo-se de noite lançar ao pé da barreira por escuta, ouvio toda a pratica d'estes, com que apressadamente logo partio, e foi logo avisar umas aldeias, de que tomaram um mouro mais despachado, que indo com grande trigança dar aviso a Tanger, topou de recontro com os mesmos alcaides que vinham sobre a coiraça, aos quaes o messageiro contou

o caso sobre que ia, havendo que era remedio que lhes Deus a tal tempo enviava, e elles mui alegres com tal nova lhe prometeram grandes honras e acrescentamentos; porque lhes pareceu que leixariam entrar D. Duarte, e sem alguma fadiga o atalhariam e tomariam como quizessem, e assi sem os trabalhos, mortes e despezas que se lhe aparelhavam, não sómente impediriam a coiraça, mas cobrariam a villa em que não podia ficar gente que a defendesse.

E vieram-se os alcaides ao logar d'Anexanuz onde estava um christão captivo, natural da Villa de Lagos, a que chamavam o Talheiro, o qual tinha muita amizade e pratica com um mouro, cujo nome era Azmede, que já fôra em Tavila captivo, e sabendo bem o Talheiro o ardil e determinação dos alcaides, pela qual a perdição de D. Duarte e da villa d'Alcacere com toda a gente se não podia escusar, doendo-se d'isso como bom christão e leal portuguez, tanto aperfiou com Azmede e tantas esperanças lhe pôs na bondade e verdade dos christãos para sua honra e proveito, que o houve de commover que de todo o que era concertado logo aquella noite fosse como foi avisar D. Duarte. O qual estando para partir e vendo tal aviso e sendo certificado por Antão Vaz, alfaqueque, que o mouro era homem de credito e amigo dos christãos, pôs os giolhos em terra, e as mãos alevantadas ao ceo deu muitas graças a Deus, e ao mouro deu logo e prometteu e fez ao diante muito bem.

E ao outro dia mandou desaperceber os fidalgos e toda a gente que para a entrada estavam já todos prestes, que por isso ficaram tristes e muito mais descontentes de D. Duarte, e mostrando não ser menos irados contra o mouro, assacando-lhe que por evitar o dano que a seus parentes estava aparelhado,

mais que por fazer bem a D. Duarte, se movera a tal aviso, e uns o ameaçavam com a forca, e outros com o lume para o queimarem, mas o mouro confiado no que certo sabia, tudo soffria rindo, dizendo que cedo lhe dariam o contrario.

E sendo o capitão por elle avisado dos lugares em que as cilladas haviam de jazer, mandou logo pela manhã descubrir a primeira, estando com toda a outra gente a recado e percebido; os mouros como viram os descobridores entenderam a verdade, e que tal descobrimento procedera d'algum aviso que os christãos d'elles houveram, e que por isso não sairam da villa, nem ousaram entrar em sua terra como tinham ordenado, e sairam logo d'elles quatrocentos de cavallo em cavallos armados e arreios, gente especial e mui concertada. Sahiu D. Duarte com até cento e vinte de cavallo a lhes resistir, em especial a recolher os descobridores que tinha enviados que vinham mui perseguidos, e n'isto se travou de uma parte e da outra mui crua peleja, em que D. Duarte tanto apertou com os mouros que os fez fugir, em que morreram alguns d'elles, todos homens entr'elles de boa estima, e ao seguimento d'estes sahiu a outra cillada maior em soccorro dos primeiros que maliciosamente mostravam ir fogindo por tirarem os christãos fóra, e fizeram todos uma volta sobre os christãos, que por não poderem resistir a tamanha força lhe deram as costas, e no encalço que foi curto, mataram dois e feriram muitos.

E quiz Deus que na primeira esporada que D. Duarte n'elles deu lhe quebraram as cabeçadas do cavallo, e em lh'as corregerem se deteve e mandou deter a gente sua algum espaço, que deu causa que o encalço da volta que os mouros sobre os christãos fizeram fosse assi curta, que quasi os acharam á sombra dos muros

a que com sua segurança se acolheram; porque d'outra maneira segundo os mouros vinham azedos, e com tanta sua avantagem, fôra sem duvida para os christãos grande perigo.

E n'este dia se lançou um moço christão com os mouros, a que descobrio o aviso d'Azmede que deu causa a se elle vir de todo para Alcacere, onde sendo mouro deu aviamento a muita guerra e damno de sua propria terra, e este se chamou depois Mafamede de Alcacere, a que El-Rei D. Affonso e depois El-Rei D. João seu filho por seus serviços fizeram muita mercê.

CAPITULO CXLII

De como a villa d'Alcacere foi de segunda vez cercada por El-Rei de Fez, e do que se passou n'este segundo cerco até que se alevantou

Era D. Duarte de muitas partes avisado como El-Rei de Fez se aparelhava grandemente para no começo do mez de Julho vir sobre a villa, e sendo logo sobr'isso certificado que era já em Tangere, começou de concertar e perceber suas cousas como para taes hospedes convinha.

E a uma segunda feira, dois dias de Julho do dito anno de mil e quatrocentos e cincoenta e nove, apareceu El-Rei de Fez sobre a villa com infindo poder de gente, e nações mui desvairadas, e com carriagens d'alimarias espantosas, que cobriam toda a terra.

E nos dias passados tinha D. Duarte enviado pedir a El-Rei que lhe mandasse trazer sua mulher D. Isabel de Castro, e seus filhos que eram em Portugal, e como quer que segundo os recados que tinha havia

muito tempo que esperava por ella, acertou se que em El-Rei de Fez e os outros Marins e senhores começando de cercar Alcacere, a não em que ella vinha surgiu sobre e porto. E como D. Duarte houve d'ella conhecimento, determinou com gente e fustas e bateis que para isso pôs em mui segura ordenança, de a recolher, e elle a cavallo com outros, andaram na praia resistindo aos mouros, até que muitos fidalgos a pé segura e honradamente a meteram pelas portas da coiraça.

E certo não foi sem causa acertar ella tal dia em que chegasse; porque segundo era de nobre sangue e de muitas bondades e virtudes, bem merecia que em sua chegada a recebessem tamanhos reis e senhores dos mouros como alli eram.

Desceu-se D. Duarte e levou sua mulher á egreja, onde em vigilia e por devoção dormio aquella noite, e ao outro dia a meteu em um cubello do castello, de que podia vêr os combates e afrontas da villa.

E com a ida de D. Isabel a Alcacere foi a gente toda mui leda, e receberam muito esforço e ousadia, assi pelo repairo que os feridos e doentes em suas curas d'ella recebiam, como pelo favor de suas donzellas com que os fidalgos fronteiros se favoreciam e folgavam melhor de pelejar; porque ella tinha em sua casa gentis mulheres filhas d'homens honrados, que guardada em todo sua honra e honestidade, sabiam bem fallar e tratar os homens como mereciam.

D. Duarte como aquelle a que em seus feitos não fallecia grande devoção e esforço, depois de se encommendar a Deos com muitas lagrimas e palavras de bom christão e singular capitão de sua fé, fallou logo com muita prudencia e segurança a todolos fidalgos e pessoas principaes da villa, repartindo-lhe logo com muita alegria e despejo as estancias e guar-

das qne cada um havia de ter, e avisando-os em todo como para a necessidade presente cumpria, em que prometia honra e victoria.

El-Rei de Fez e seu Marim e alcaides ordenaram seus combates á villa em torno, providos de muitas e grossas artelharias, e d'espingardeiros e besteiros sem conto, e d'escalas e mantas, e todo em grande cumprimento; porque em tanto cargo e estima tomou o cobrar d'aquella villa d'este segundo cerco, como todo o reino de cuja privação foi dos mouros ameaçado, se d'esta vez a não tomasse. E d'alguns combates que os mouros deram á villa e á coiraça juntamente, elles foram dos christãos com tanto seu estrago e damno escramentados, que d'hi em diante já refusavam e não se queriam chegar como sohiam. Dizendo a El-Rei pela continua e grande mortindade dos seus que os não mandasse assi chegar ao combate; porque elle bem poderia fazer com seu grande poder, quando quizesse, outra villa dez vezes maior que aquella, mas que fazer elle e renovar outros tantos vassallos mouros quantos alli perdia não podia, cá era officio que sómente pertencia a Deus. E com isto punham todos seu esforço e esperança nas bombardas, que de dia e de noite nunca cessavam de lançar pedras.

Era El-Rei de Portugal em Lisboa ao tempo que d'este cerco foi avisado, para que com grande trigança mandou fazer prestes navios com gente, mantimentos e armas, em que foram muitos fidalgos e pessoas principaes do reino, alguns d'elles por especial percebimento, e os mais de suas livres e louvadas vontades, em que entravam pessoas de todas edades, cá os moços por ganhar e acrescentar honra, fugiam para este cerco, e dos velhos por conservação da ganhada algum não queria ficar.

No meio tempo do cerco chegaram ao arraial dos

mouros as suas bombardas grossas, que por seu peso e grandeza e pela aspereza da terra faziam suas jornadas vagarosas, e em sua chegada não fizeram os mouros menos festa e alegrias que na sua Pascoa que então celebraram. Foram logo com grande presteza e alegria assentadas, e dos tiros primeiros que fizeram começaram nos muros e cubellos de fazer com sua furia tanto dano, que a muitos de dentro com receio de maior mal já se mudavam as côres; porque alguns cubellos foram em breve arrasados com os muros, que em todalas partes tremiam, e faziam conta que se elles sendo derribados não os defendessem, que a peleja de pessoas com pessoas tanto seria perigosa, quanto a gente e poder dos mouros era desegual. Mas D. Duarte, cujo coração, esforço e segurança, d'estes medos e d'outros maiores andava sempre priviligiado, a tudo soccorria e repairava logo com tão engenhosos remedios, que aos mouros enfraqueciam os corações, havendo que tão prestes e diligente repairo eram obras de Deus mais que dos homens. Especialmente porque claramente viam que a diligencia, trabalho e resistencia dos christãos lhes parecia sobre forças humanas. Pelas quaes cousas, e assi porque os mantimentos falleciam já aos mouros, houve no arraial dos mouros grande rumor de alevantarem o cerco, de que D. Duarte por mouros que na villa se lançavam foi certificado.

E D. Duarte e esses senhores e fidalgos que com elle eram, não fartos de muita honra e louvor que tinham ganhado, escreveram ao Marim apresentando-lhe com palavras assaz cortezes quão covardamente elle e seu Rei se tinham havido n'aquelle cerco, do qual não se deviam assi partir com tanto seu abatimento e deshonra, pedindo-lhe que avergonhados disto tornassem renovar os combates, para que ficavam

alimpando as armas, que no sangue dos seus tinham já todas sujas.

El-Rei e o Marim mostrando ser d'esta carta mui anojados, responderam a D. Duarte com palavras de grande descortesia e muita villeza, reportando-se ao mal do palanque de Tangere, e que já fizeram ao Infante tio do seu Rei cavar e alimpar os cavallos, e que assi faria a elles, a quem D. Duarte largamente replicou, reprendendo como devia suas villezas e cobardia.

E finalmente El-Rei de Fez com todo seu arraial se alevantou de sobre a villa, dia de S. Bertholameu, XXIV dias d'Agosto de mil quatrocentos e cincoenta e nove.

Durou este segundo cerco d'Alcacere outros LIII dias como o primeiro. Foram lançadas na villa duas mil e quatrocentas e cincoenta e seis pedras grossas, foram mortos dos christãos até XXV, e dos mouros muitos, de que se não houve o numero certo. O que todo notificou logo D. Duarte a El-Rei, estando em Santarem, que por o caso deu a Deus muitas graças, e a elle muitos agardecimentos e louvores, e D. Duarte mandou logo para o reino a gente que não era em Alcacere necessaria.

CAPITULO CXLIII

Como D. Duarte foi feito conde de Vianna, e El-Rei quizera outra vez passar em Africa para que se percebeu

No mez d'Abril do anno seguinte de mil e quatrocentos e sessenta, por prazer e consentimento d'El-Rei leixou D. Duarte por capitão d'Alcacere Affonso Tellez, seu sobrinho, e se veiu a Lisboa onde achou El-Rei, que d'elle e de toda

sua côrte foi grandemente e com muita honra recebido, e d'ali se foi El-Rei a Santarem, onde com solemne arenga de seus serviços e merecimentos, e com devida cerimonia o fez conde de Vianna de Caminha.

N'este anno no mez d'Agosto falleceu de febre em Thomar D. Affonso, marquez de Valença, filho maior do duque de Bragança, sem casar, de que ficou um filho natural, D. Affonso, que depois foi bispo d'Evora. E n'este tempo pelas praticas que El-Rei sempre tinha com o conde de Vianna sobre a guerra d'Africa, a que El-Rei sobre todalas cousas do mundo naturalmente era mais inclinado, desejando de a proseguir determinou passar a Ceuta com dois mil cavallos e gente de pé a elles conveniente, para d'alli como capitão, mais que como Rei fazer guerra aos mouros.

E tendo sobr'isso conselho foi de todolos principaes muito em contrairo aconselhado, em especial do Infante D. Fernando seu irmão, e do senhor D. Pedro, que sobre isso lhe enviaram conselhos para o caso mui excellentes, a que El-Rei não quiz dar credito, guiado já de seu apetito, inclinando-se á só opinião do marquez de Villa Viçosa, que sendo em tudo mui prudente, n'isto pareceu que desacordava. E tendo para isso feita muita custa, com fundamento de todavia passar, desistio da ida por causa de uma grande e perigosa doença de febre em que cahiu e esteve á morte.

E n'este anno de mil quatrocentas e sessenta, lastimado o reino todo das grandes e apetitosas despezas que El-Rei fazia, de que sua fazenda e as de seus vassallos sem causa necessaria se destruiam, em umas côrtes que em Lisboa sobr'isso se fizeram, lhe pediram que as temperasse e quizesse ter mão mais firme nas cousas da corôa; com que sostevesse seu estado como seus antecessores faziam, e não as dar com tanta

soltura e sem necessidade como dava, que se contentasse arrecadar dos vassalos os antigos e velhos direitos, e não agravar seu povo com novos pedidos e imposições. E para o melhor poder fazer, lhe outorgaram cento e cincoenta mil dobras d'ouro, com que desempenhasse e pagasse as rendas da corôa, que por tenças e por casamentos, ou por outras dividas e obrigações tivesse dadas, com juramento que fez de nunca as mais dar, mas isto nem sómente aquelle anno em que se prometeu se manteve; porque na passagem em Africa que logo fez se desordenou tudo, e com muita mais soltura por mal da corôa real.

CAPITULO CXLIV

De como falleceu o Infante D. Anrique, e de seus feitos, bondades, e virtudes

E no mez de Novembro d'este anno falleceu em Sagres o Infante D. Anrique com sinaes e cumprimento de fiel christão, em edade de cincoenta e sete annos, cujo corpo foi logo soterrado na egreja da villa de Lagos.

E de hi no anno que vinha de mil e quatrocentos e sessenta e um, foram seus ossos levados ao mosteiro da Batalha por o Infante D. Fernando, que tinha adotado por filho, que foi por elles e os trouxe com grande honra e muita cerimonia ao dito mosteiro, onde El-Rei acompanhado de toda a nobre gente de Portugal e muitos prelados sahiu aos receber com solemne procissão, e lhe fizeram honradas exequias.

O Infante D. Anrique foi em tudo Principe tão perfeito, que não é razão que alguma de suas muitas

louvadas virtudes se especifiquem; porque seria mingoar nas outras todas, que d'elle como de uma fonte clara e perenal todas nasceram. Porém a que pareceu que em seus dias sobre todas abraçou, foi inteira obediencia e firme lealdade a El-Rei, e em seu coração houve sempre fervente amor e continua devoção para Deus, e uma singular humanidade e nobreza para os homens, e um vivo esforço nunca vencido com que em sua vida como magnanimo Principe e esforçado cavalleiro sempre emprehendeu arduas e mui excellentes empresas, especialmente contra inimigos da fé, por seu marivilhoso engenho e muita prudencia e grandeza de coração, e com innumeraveis gastos de suas rendas e fazenda, não receando infindos trabalhos, mortes, e perigos de seus criados e servidores, que muitas vezes via morrer e padecer, depois da tomada e descercos de Ceuta em que foi, mandou primeiramente navegar e descobrir pelo mar Occeano, onde se acharam logo e povoraram as ricas e fertiles ilhas da Madeira, que foram as primeiras que no mar Occeano estes reinos tiveram, e assi d'hi em diante outras muitas de que elles e a christandade toda muito bem e proveito recebem.

E assi o dito Infante como aconselhado e esforçado, já por divina inspiração movido a isso, com respeitos de magnanimo Principe e mui catolico christão, e como mui leal vassallo dos Reis e da corôa de Portugal, desejoso do acrescentamento, gloria, e louvor d'elles, suspirando pela santa, honrada e proveitosa conquista de Guiné, mandou logo pedir e suplicar ao Papa Martinho quinto, na Egreja de Roma presidente, que em nome de Deus cujo poder tinha, concedesse e fizesse á dita corôa e herdeiros d'ella para sempre, como com acordo e approvação do Sagrado Collegio dos Cardeaes fez e concedeu solemne e perpetua doa-

ção, e lhe deu o senhorio proprio de todo o que na costa do dito mar Occeano, nos mares a ella ajacentes dos marcos e cabos de Nam e do Bojador contra o meio dia e oriente por elles e por seus sobcessores, e por suas gentes pelos tempos em diante se achasse e descobrisse até os Indios inclusivamente. A qual doação e concessão do dito Papa Martinho depois o Papa Eugenio, e o Papa Nicoláo, e o Papa Sixto á suplicação d'El-Rei D. Affonso, e d'El-Rei D. João seu filho confirmaram e aprovaram com sua graça e poder, com muitas graças e bençõe e liberdades aos Reis de Portugal presentes e futuros que a proseguissem, e com grandes excumunhões, graves censuras e maldições a todolos christãos que em qualquer maneira, sem prazer e consentimento dos ditos Reis de Portugal contra ellas fossem, como nas Bulas Apostollicas que se d'isso concederam mais perfeita e cumpridamente se contém, as quaes sendo um divino favor e verdadeiro e ligitimo titulo para se a dita navegação, descobrimento e conquista navegar e proseguir, o dito Infante logo primeiramente com o santo e virtuoso principio de tão aventurado fim a emprendeu e proseguiu.

E com espantosos principios e meios de que era prasmado e nunca foi vencido em sua vida, mandou adiante descobrir e tratar até a Serra Liôa com muito proveito do reino. E depois de sua morte em tempo d'El-Rei D. Affonso o quinto seu sobrinho, além do descobrimento do Infante se descobriu a mina do ouro, em que agora é a cidade de S. Jorge, que El-Rei D. João o segundo mandou novamente edificar, e assi se descobriu mais por El-Rei D. Affonso até o Cabo de Santa Caterina, e depois de seu fallecimento, como El-Rei D. João o segnndo seu filho o sobcedeu, d'alli mandou por annos descobrir até dobrarem o

Cabo de Boa Esperança, e seus descobridores chegaram até o Rio do Infante, e d'alli sendo seu proposito não cessar até descobrir a India, por sua doença e morte, que se logo seguiu, cessou seu descobrimento.

E como depois o sobcedeu e reinou após elle El-Rei D. Manuel o primeiro, nosso Senhor, como Principe que em tudo quiz herdar a benção, reaes costumes e claras façanhas de Reis e Principes tão gloriosos seus antecessores, por seu mandado e com seus capitães, navios e gentes por este caminho se descobriram, trataram e navegaram, com grandes perigos e muitas difficuldades, e innumeraveis despezas outras novas ilhas e terras, e sobre tudo a Arabia e a Persia, e a India com todalas especiarias, pedrarias, minas, riquezas, e thesouros orientaes que hoje possue e tem com muita segurança e prosperidade, fazendo-se pacifico Senhor de muitos Reis e senhores que sua paz e senhorio compraram com ricos e cotedianos tributos, como em sua chronica fará menção, de que a elle e á real corôa d'estes seus reinos de Portugal e aos herdeiros d'ella, e a seus vassalos e naturaes se acrescentou, e com a graça de Deus cada vez acrescentará mais bem, maior honra, gloria, e louvor, e ricos, honestos e mui grandes proveitos, com os quaes pois seu principal fim e intento é servir a Deus e divulgar e exalçar sua santa Fé sempre, por isso seu grande poder será muito mais poderoso, e não sómente a elles este bem e proveito será reservado, mas ainda de suas mãos e por seu meio a christandade toda será participante, com que a fé de nosso senhor será por isso mais conhecida, louvada, e exalçada, e as seitas, idolatrias e forças dos imigos d'ella de todo minguadas e mui quebrantadas, e esta esperança não está de todo em a esperarmos; porque com prosperos e desejados effeitos tem ácerca d'isto muitas ve-

zes respondido, como em seus proprios tempos e lugares melhor se dirá, que sempre se atribuiram á honra, memoria, louvor e merecimentos d'este virtuoso Principe e Infante D. Anrique, como a causa e primeiro inventor de tanto bem.

Foi mais o Infante nas roupas de seu corpo mui honesto e muito mais nas palavras de sua bocca, e por maior sua perfeição foi em sua vida sempre casto, e segundo o que se creu, virgem o comeu a terra, que dá piedosa esperança de salvação de sua alma.

CAPITULO CXLV

De como falleceu o duque de Bragança, e sobcedeu sua casa e herança o marquez de Villa Viçosa, e como D. Fernando seu filho passou em Africa, e de vinda foi feito conde de Guimarães

E no anno de mil e quatrocentos e sessenta e um falleceu D. Affonso, duque de Bragança, cuja casa e titulo e herança sobcedeu D. Fernando, marquez de Villa Viçosa, seu filho segundo; porque o marquez de Valença seu filho maior era já sem filhos legitimos fallecido como já disse.

E entre os filhos que este segundo duque tinha, o maior era D. Fernando, que por acrescentar em sua honra, tendo para a dita passagem dos cavallos feita muita despeza, pediu a El-Rei licença para se ir a Alcacere como foi no mez d'Abril do dito anno, com duzentos de cavallo e mil homens de pé, em que entraram muitos fidalgos e outra nobre gente da côrte. E d'Alcacere em companhia de D. Affonso de Vasconcellos, que depois foi conde de Penella, e do conde

D. Duarte, a que o duque seu padre e elle tinham grande affeição, entraram muitas vezes em terra de mouros, e foram correr até ás portas da cidade de Tangere, onde se fizeram honrosos feitos d'armas, e de que trouxeram grande numero de captivos e mui grandes cavalgadas. E fizeram outras cousas, em que D. Fernando ganhou bom nome e muita honra, com a qual se tornou a estes reinos logo no mez de Junho seguinte. E El-Rei por seus serviços e merecimentos o fez primeiro conde de Guimarães, porque depois quando casou com a duqueza D. Isabel filha do Infante D. Fernando, por honra de tão honrado casamento foi em vida de seu padre feito e intitulado duque da mesma Villa de Guimarães.

CAPITULO CXLVI

De como falleceu a Infante D. Caterina, sendo já concertada para casar

NESTE anno era tratado e concordado casamento entre a Infante D. Caterina, irmã d'El Rei, com D. Carlos, Principe de Navarra e d'Aragão; e porque o dito Principe falleceu, foi a dita Infante levada ao mosteiro de Santa Clara de Lisboa, e sendo concertado depois casamento entre ella e El-Rei D. Duarte de Inglaterra, ella adoeceu de febre, e com nome de mui honesta e virtuosa Princeza falleceu no mesmo mosteiro, e foi seu corpo trazido ao mosteiro de Santo Eloi de Lisboa, onde na capella da mão direita jaz mui honradamente sepultada.

CAPITULO CXLVII

De como foi a ida d'El-Rei em Africa cam os dois mil de cavallo, e do escallamento de Tangere

E no anno seguinte de mil e quatrocentos e sessenta e dois, se principiou e ordenou a ida d'El-Rei em Africa, sobre o escalamento de Tangere, que foi n'esta maneira.

Havia n'este tempo em casa d'El-Rei Diogo de Bairros e João Falcão, homens mancebos e fidalgos, que desejosos d'acrescentar em suas honras pediram a El-Rei licença, e lh'a deu, para irem ao soldo que El-Rei de Fez então apregoara em seu reino contra outros mouros seus imigos e reveis, os quaes para melhor seu aviamento se passaram a Andaluzia pedir cartas ao duque de Medina Sidonia, com que o dito Rei de Fez tinha paz e mostrança de singular amizade.

E o duque com respeito de serviço d'El-Rei não vendo para isso sua carta se escusou, pelo qual conveiu a estes pedir a El-Rei que por sua carta lh'o encommendasse, e em tanto porque o conde de Viana acertou d'entrar de Alcacere em terra de mouros, foram estes com elle na entrada, onde por caso Diogo de Bairros topou um João d'Escalona, de Tarifa, que já em Tangere foram ambos captivos e em poder de um senhor. E praticando entre si sobre um cano que era nos muros da cidade aberto e sahia para fóra, se por elle haveria disposição de entrar n'ella gente: acharam que em alguma maneira seria possivel, e com isto tornando-se estes a casa do duque acharam cartas d'El-Rei, porque lhes revogou a licença e mandou que logo se tornassem á sua côrte, o que cumpriram, e acharam El-Rei em Cintra, onde a voltas da conta

que lhe deram de sua jornada, tocaram na pratica do cano para se entrar Tangere, que no coração d'El-Rei fez logo muita impressão. E com isso os tornou a mandar providos de mercê e de cartas para o conde de Viana, e asi para João d'Escalona, e para outro Sancho Fernandez, de Tarifa, seu tio, que tinha um bregantim e era bom piloto, que para o caso cumpria e se não podia escusar.

Passaram todos em Alcacere, e recontaram ao conde o proposito do cano de Tangere com que iam, o qual anichillou de todo sua fantesia, e concordaram que se não podia fazer, e acordado Diogo de Bairros d'outra parte do muro por onde a cidade melhor se podia escalar e mais a salvamento, depois de sobr'isso praticarem, foram por aviamento do conde com boa dessimulação vêr o dito logar, e com quanto a cidade se velava, porém todos tres por uma escada de corda subiram ao muro, por onde andaram, e sem algum alvoroço nem sentimento colheram hervas d'elle, com que se tornaram a Alcacere, e de hi a Portugal, e com elles João d'Escalona, onde depois de a El Rei dizerem todo o que acharam e experimentaram, ficou muito contente, e sebr'isso praticou logo com o Infante D. Fernando seu irmão. E concordaram que para este caso haver secretamente bom effeito, que o Infante com desejo de honra e outros respeitos e obrigações que mostrasse ter para passar em Africa, pedisse a El-Rei para isso licença, porque com esta mostrança este feito se poderia melhor e mais encobertamente fazer, e assi se cumprio.

E porém a tenção propria e verdadeira d'El-Rei, em caso que logo a não revelasse, foi ser tambem na passagem que outro si logo foi divulgada. Em cujos percebimentos e apurações se seguiram tantos estrondos e alvoroços que os mouros, e principalmente os de

Tangere, como do dano de tal passagem mais receosos foram de todo, e para todo logo avisados e percebidos, o que El-Rei por o conde de Viana logo soube, pedindo-lhe que para cousa tão feita como esta de Tangere em seus começos parecia, com semelhantes estrondos a não desfizesse nem danasse, para que abastaria não tanta gente como a de que se percebia, que pouca e pouca podia dessimuladamente vir a Alcacere, e d'alli o feito se faria com segurança e salvamento.

E a este siso não obedeceu o apetito d'El Rei, para que ajudou o conde de Villa Real, que a este tempo estava na côrte, e com o conde de Viana não era em muito accordo; porque envejoso da gloria e honra que se a outrem aparelhava, por ter n'ella parte como por seu nobre e esforçado coração sempre desejou, por seus meios e modos que por si e seus parentes buscou, teve maneira que El-Rei o mettesse n'este feito, em que lhe diziam não ser razão que por dito de dois homens elle com seu reino se aventurasse, e que ante de o cometer convinha que tal pessoa como era o conde de Villa Real com elles em pessoa fizesse juntamente a mesma experiencia. E que El-Rei para ser desenganado era bem que estreitamente lh'o encommendasse, especialmente que elle era tal que buscaria em Tangere outros logares por onde a cidade melhor e mais seguramente se cobrasse. Anichilando como suspeito o conselho do conde de Viana, atribuindo-lh'o a cautelosas manhas com que á custa alheia queria sempre ganhar honra e acrescentamento para si. E em fim o conde de Villa Real foi d'El-Rei para isso rogado, e elle acceitou a ida com encarecimentos de receber morte e captiveiro por seu serviço, pedindo-lhe que se lembrasse em tal caso d'elle e de seus filhos. A que El-Rei logo d'ante mão satisfez concedendo-lhe

liberalmente á custa dos bens de sua corôa, mui grandes e duvidosos requerimentos que com elle trazia.

O conde de Villa Real partiu de Lisboa no anno de mil e quatrocentos e sessenta e tres, com elle Diogo de Bairros e João d'Escalona, e no caminho se ajuntou com elles João Falcão, e chegaram a Lagos onde a condessa sua mulher estava parida de D. Fernando seu filho primeiro, e d'alli a levou a Ceuta, e d'hi com achaque de buscar gente com que poderosamente entrasse em terra de mouros passou em Tarifa, d'onde por mar foi vêr o lugar do escalamento, a que não sahiu do mar, nem foi n'elle por causa da muita tardança que fizeram os que primeiro sahiram. A que se juntaram mais Lourenço de Caceres, adail, e Pedro Affonso, os quaes acharam o lugar bem desposto e sem alguma mudança, e com isso se foi o conde mui alegre a Gibaltar, que o anno passado fôra aos mouros filhada, d'onde logo avisou El-Rei da boa desposição do feito, para o qual ficou alli precebendo manhosamente a mais gente que pôde para a passar a Ceuta, como passou, em que foram cento e cincoenta de cavallo e quatrocentos de pé, com fundamento entre El-Rei e o conde já concertado, que no dia que El-Rei por mar houvesse de ser no escallamento de Tangere, a que havia de ir da banda de Castela, de um lugar que se diz Bollonha, esse mesmo dia entrasse o conde por terra e fosse sobre a cidade para soccorrer e ajudar os que n'ella subissem e entrassem, e assi impedir qualquer soccorro que aos mouros da cidade de fóra viesse. E porém na partida d'El-Rei e do Infante se pôs tanta dillação além do tempo que tinham assignado, que o conde sem descobrir o caso não pôde reter mais a gente estrangeira que sustinha, e a despediu.

CAPITULO CXLVIII

Da grande e danosa tormenta que El-Rei e o Infante passaram no mar

El-rei e o Infante cuja passagem de todo era descoberta e divulgada, sendo prestes partiram de Lisboa segunda feira sete dias de Novembro do dito anno de mil e quatrocentos sessenta e tres, com vento algum tanto contrairo para sua viagem, e á quarta chegaram a Lagos, e ahi recolheu El-Rei o conde d'Odemira e o almirante, donde contra conselho de todolos pilotos e mareantes, partiu com assaz fortuna de tempo, o qual carregou tanto sobre a frota, que El-Rei para salvar sua pessoa foi aconselhado que se acolhesse ao porto de Silves, o que erradamente não quiz fazer; antes mandou guiar á prôa direita de seu navio, porque sem torcer nem se deter seguisse sua viagem, e sobre a noite a tormenta se dobrou tanto, que os navios todos correram grande risco de se perder, e os mais por segurarem suas vidas alijaram com grande perda muita parte de suas fazendas, salvo El-Rei, que não consentiu que do seu navio se alijasse com medo cousa alguma. Perdeu-se n'esta tormenta o navio de D. Affonso de Vasconcellos, cuja fazenda e muitos nobres homens se alagou, e as pessoas por milagre se salvaram, e assi sossobrou de todo o mar uma caravella, em que se perdeu grande fazenda de muitos.

E mais morreram Lourenço de Guimarães, e João Vogado, escrivães da fazenda d'El-Rei, e Gonçallo Cardoso, escrivão da camara, e um rei d'armas Portugal, com outros muitos e bons homens e muita fazenda, e n'esta tormenta andou El-Rei com o Infante

seu irmão até o sabado, que só sem alguma outra companhia entraram no estreito, e havendo o conde D. Duarte conhecimento d'El-Rei pela bandeira real e capitoa que o seu navio trazia, foi-lhe fallar no mar, e com elle Pero d'Alcaçova que a elle fôra enviado com o aviso e ardil de sua vinda, e depois de se El-Rei lamentar pelo desaviamento de seu proposito, que era não poder desembarcar da parte de Castella, e o conde o confortar mais que reprender pelo erro que fizera, El-Rei e o Infante se partiram para Ceuta, onde poucos e poucos recolheram ao domingo seus navios, e cada um com grande perda e muito destroço, e assi o duque e seus filhos com outros muitos fidalgos, que escapando da tormenta milagrosamente sahiram todos em terra em camisas e descalços, e assi foram em romaria a Santa Maria d'Africa, com que provocaram todos a grande devoção.

CAPITULO CXLIX

De como foi o primeiro cometimento do escalamento de Tangere

Depois d'El-Rei declarar sua tenção de tornar a Tangere, por cuja fim alliviera, se partio para Alcacere d'onde enviou logo doze navios de remo com gente escolhida para irem escalar a cidade, cujo capitão foi Luiz Mendes de Vasconcellos, homem fidalgo, e nas cousas do mar bem entendido, com fundamento de El-Rei com seu poder os socorrer á hora do escalamento por terra, e porém o conde D. Duarte ontradisse muito o cometimento por mar, pelas inrtidões e perigos que tem, mas não foi crido, e Luiz

Mendes todavia partio bem avisado do que á sahida do mar e á entrada da cidade havia de fazer.

El-Rei e o Infante e o senhor D. Pedro seu primo, e o duque e condes e toda a outra gente partiram por terra, e uma hora ante manhã chegaram acerca de Tangere, e os que foram nos navios á hora do desembarcar acharam o mar tão bravo, que não ousaram por aquella vez sahir em terra, e ao recolher dos navios havendo os mouros da cidade vista d'elles pelo aviso que já sobre si tinham, fizeram almenaras na cidade, e mandaram poer fogo ás bombardas que pelo muro tinham. E porque aquelle era o signal que se havia de fazer quando a cidade se entrasse, foi El-Rei e todos os que com elle eram mui alegres, e assi abalaram logo rijamente e não sem devida ordenança, mas não tardou muito que foram em conhecimento da verdade, que todo seu prazer converteu em tristeza, e toda esperança do feito em desesperação, e com tudo El-Rei com a cara mui segura como seu real coração era sempre nos perigos, foi com sua gente á vista da cidade, que esteve olhando um pouco, e em se recolhendo disse contra muitos, *não me leixastes crêr ao conde D. Duarte, por ventura se o fizera esta vinda se empregara melhor*, e então se tornou logo a Alcacere, e d'ahi para Ceuta, e com elle o Infante seu irmão.

CAPITULO CL

De como o Infante D. Fernando sem El-Rei entrou d'Alcacere e correu a terra aos mouros

E porque veiu nova que o conde de Vianna e o conde de Guimarães queriam fazer d'Alcacere uma entrada em terra de mouros, quiz o Infante ser n'ella, e pediu licença a El-Rei, que para

isso e para repartir e affrouxar o apousentamento de Ceuta lh'a deu, e a El-Rei foi commettido que fosse em pessoa, mas elle por algumas justas causas que apontou o não houve por bem, e estimou por mais sua honra e serviço, antes em seu nome ir um seu capitão tão poderoso, e tal pessoa como era o Infante.

E aos quatro dias do mez de Dezembro o Infante partiu d'Alcacere com todolos senhores da hoste, salvo o duque e o conde de Villa Real, que ficaram em Ceuta, e foi correr umas aldêas, que são na faldra da serra de Benaminir, terra muito fragosa e muito povorada, onde segundo fama vive a melhor gente de peleja d'aquella frontaria, de que mataram até duzentos mouros, e trouxeram captivos duzentas e vinte almas com muito gado e outro grande despojo, e se tornou a Alcacere, e dos christãos por máo resguardo morreram até quinze.

Quiz o Infante haver, e houve para si o quinto d'esta cavalgada, com muito aggravo do conde de Vianna, e não sem algum prasmo e geral reprensão do mesmo Infante, que por seu alto sangue e real condição, saindo d'Alcacere devia em caso que lhe pertencera fazer d'elle mercê ao dito conde, quanto mais que os quintos da villa de direito e por doação pertenciam ao dito conde, a quem El-Rei o compoz e satisfez depois com dinheiro de sua fazenda.

CAPITULO CLI

De como o Senhor D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, se foi de Ceuta para Barcellona, e se intitulou Rei d'Aragão

E porque n'este tempo e da cidade de Ceuta se foi para Barcellona o Senhor D. Pedro, filho maior do Infante D. Pedro, que na mesma cidade acabou intitulado Rei d'Aragão, o fundamento e causa que para isso houve foi n'esta maneira.

Por morte d'El-Rei D. Affonso, Rei d'Aragão e de Napoles, não ficou filho algum legitimo que o herdasse, e sómente lhe ficou um filho bastardo, D. Fernando, que depois da morte d'El-Rei seu padre, por favores e grandes riquezas que lhe leixou, herdou e teve o reino de Napoles; era irmão d'El-Rei D. Affonso, D. João Rei de Navarra, que herdara este reino por razão da filha d'El-Rei D. Carlos com que casou, de que houve uma filha, que foi casada com El-Rei D. Anrique de Castella, de que não devidamente se quitou, quando casou com a Rainda D. Joanna de Portugal, como atraz fica, e houve tambem um filho que se chamou o Principe D. Carlos, e sendo ainda Rei da Navarra viuvou, e por haver liança para suas contendas, que em Castella e Aragão tinha, casou com uma filha do almirante de Castella, de que tendo já filhos sobcedeu por morte do dito Rei D. Affonso seu irmão os reinos d'Aragão e de Cicilia, e o Principe D. Carlos seu filho, dizem que por mau trato da madrasta, lhe pediu que lhe leixasse o reino de Navarra para o reger, pois a elle *in solidum* por contracto pertencia, e porque o pae não disistia d'elle andavam ambos em grandes desvairos, até que

dito Principe falleceu, a tempo que seu casamento era concordado com a Infante D. Caterina de Portugal, como atraz fica, e de sua morte que foi julgada por artificial, se deu muita culpa e causa á Rainha sua madrasta, poendo-lhe que o mandara sem tempo matar, por tal que os reinos de seu marido livremente ficassem, como ficaram a D. Fernando filho d'ella, que depois foi Rei de Castella e d'Aragão, de que os povos foram mui tristes e anojados; porque D. Carlos era Principe de muitas virtudes, e lhes dava esperança de ser bom Rei, pelo qual a cidade de Barcellona, com todo o principado de Catelonha alevantaram a obdiencia a El-Rei D. João, e a deram a El-Rei de França, que os deffendeu um tempo, até que se concertou com El-Rei D. João, que pelo não guerrear lhe leixou o condado de Roselhão pacifico, em que entrou Perpinhão, e anojados d'isso os de Barcelona tomaram por Senhor El-Rei D. Anrique de Castella, que com perda d'Aragão tambem todos se concertaram.

E El-Rei D. Anrique mandou sair de Barcelona a gente d'armas, que em sua defesa tinha, e sobre esta concordia dos Reis foram as grandes e famosas vistas de Fonte Rabia, a que Lopo d'Almeida e o doutor João Fernandez da Silveira, que depois foi barão d'Alvito, foram em favor d'El-Rei D. Anrique enviados por El-Rei D. Affonso.

E porém os regedores de Barcellona buscando já por caminhos desesperados alguma esperança de sua salvação, trataram secretamente com o dito Senhor D. Pedro, que como só e principal herdeiro que era da casa d'Urgel, e assi a quem pertenciam de direito os reinos d'Aragão quizesse intitular-se d'elles, e assi receber logo em seu senhorio e poder o principado de Catelonha com a cidade de Barcellona com cujo poder

e forças, se o coração e saber lhe não fallecesse, cobraria o mais que El Rei D. João tiranamente possuia. Sobre o qual D. Pedro, em segredo se aconselhou logo com seu confessor, que quanto a Deus e ao mundo lhe fallou e aconselhou o que devia. E assi fallou sobre o caso com alguns fidalgos e cavalleiros prudentes de que se fiava, de que foi aconselhado, pospostos muitos pejos que D. Pedro apontou, que não sómente devia desejar e d'aceitar cousa tamanha e tão honrada que assi livremente lh'offereciam, mas ainda que a devia trabalhar e requerer, e com ella antes morrer, que viver nos desfavores e desprezos e mingoas em que vivia. Com as quaes cousas movido o dito D. Pedro, determinou aceitar a dita empresa, e por seus assinados e sellos assi o certificou e segurou á dita cidade.

E este negocio sempre andou secreto até esta ida d'El-Rei a Ceuta, onde sobre concerto vieram armadas duas gallés de Barcellona, com mostrança que vinham a seu trafego d'armada.

D. Pedro fôra com o Infante na dita entrada que disse, e quando tornou a Ceuta achou hi as galés, de cujos patrões e regedores que n'ellas vinham, foi de sua tenção certificado, que era logo o levarem, e depois de D. Pedro pedir a El-Rei, que perante o Infante seu irmão, e o conde de Villa Real, e Paio Rodriguez, Contador Mór de Lisboa o quizesse ouvir, elle com palavras de muita obediencia e autoridade disse a El-Rei todo o movimento passado, e que a este fim eram vindas aquellas galés, pedindo-lhe para isso licença, allegando-lhe muitas razões porque o devia fazer, ao menos por fazer Rei um seu vassallo, que como sua feitura o havia sempre de servir e lhe obedecer.

E leixadas muitas alterações que sobre isso houveram, El-Rei por então não se pôde escusar, e lhe ou-

torgou a dita licença; e porque o conde de Villa Real tinha grande afeição pela muita honra e mercê, que o Infante D. Pedro em regendo sempre lhe fizera, offereceu e deu logo ao dito Senhor D. Pedro, prata e bons corregimentos de casa, e depois lhe enviou cavallos e gente d'armas, o que outro algum do reino não fez. E porém começou El-Rei de dilatar a D. Pedro o tempo da dita licença, com fundamento de se querer ainda d'elle servir n'aquella vinda a que viera de gentes e armas mui bem corregido, de que D. Pedro tomava grande paixão, especialmente porque El-Rei aparelhava vêr-se com El-Rei D. Anrique, de que receava que sua ida em Aragão sendo revellada receberia total embargo, e com elle manifesta queda de tamanha honra como parecia que se lhe aparelhava.

E uma noite querendo D. Pedro fallar a El-Rei sobre sua partida, presumindo El-Rei a causa porque seria, se escusou de o ouvir remettendo-o para o outro dia; pelo qual D. Pedro logo aquella noite, porque os patrões já mais não queriam esperar, se metteu nas galés e se foi com elles, e a El-Rei leixou por escripto a causa porque assi se partira, e a leal tenção que levava para sempre o servir. Mas n'esta prosperidade D. Pedro durou pouco; porque em breve acabou com peçonha sua vida dentro em Barcelona, onde na Igreja maior jaz sepultado.

CAPITULO CLII

De como o escallamento de Tangere se commetteu a segunda vez pelo Infante D. Fernando sem consentimento d'El-Rei

ESTANDO El-Rei em Ceuta, algumas vezes commetteu entrar e ir sobre Arzilla, com desejo e apparelhos de a tomar, e tantas contrariedades recebeu para isso dos grandes invernos que logo sobrevinham, que nunca seu desejo com seus commettimentos poderam vir a algum effeito, e da derradeira vez d'Alcacere se tornou El-Rei para Ceuta, havendo que o escallamento de Tangere era a elle desesperado; porque cria que aos mouros era já descoberto, assi por christãos que captivaram, como por mouros que fugiam, que todos lh'o diriam, em especial pela gente sua que viram quando a primeira vez sobre a cidade foi amanhecer.

E porém em se partindo disse ao Infante seu irmão que por conselho e accordo dos condes, que com elle eram, mandasse tentar a dita entrada ou outra alguma, porque a cidade bem se podesse filhar, e se tal fosse o avisasse; porque quando não viesse com toda sua gente e poder, ao menos como cavalleiro, e com poucos, folgaria ser no feito.

O Infante sobr'isto mandou algumas vezes tentar e experimentar o dito escalamento, que se achou e examinou estar ainda sem alguma innovação, e para se fazer como cumpria, pelo qual determinou fazer-lo por si sem El-Rei. Dizendo que do sentimento que algumas escutas dos mouros haveriam de sua vinda, poderiam os de Tangere receber tal aviso, com que o feito de todo se perdesse, e porém ante de sua par-

tida, tendo conselho com muitos e principaes homens que com elle estavam, Fernão Tellez lhe disse que era presente:

«Senhor, n'esta determinação que tomaes, e em que nos pedis conselho, ante de dizer meu voto, queria de vós saber primeiro duas cousas, a primeira se houvestes licença d'El-Rei para só fazerdes o feito, e a segunda se tendes para elle gente que vos abaste».

E o conde d'Odemira vendo que aquelles eram pontos sustanciaes e que em todo contradiziam á vontade e proposito do Infante, pelo lisonjar para a commissão de Mertola, e da Commenda Mór de Santiago, qne lhe então requeria e houve, respondeu logo a Fernão Tellez com palavras assi irosas e asperas, em que o Infante consentio, que no exemplo d'este aprenderam os outros o que no caso diriam.

E porém o Infante, porque a pergunta de Fernão Tellez ácerca da gente lhe pareceu boa e necessaria, quiz saber de todos de que gente para o feito se perceberia. Em que houve muitas sentenças, e com alguma o commettimento do Infante (por lhe não desprazerem) se desfazia, anichillando em todo a resistencia e fraqueza dos mouros, salvo com a do conde de Viana que disse:

«Senhor, eu não sei como estes senhores entendem isto que vos conselham, não querendo para acabar este feito, uns dizem vinte, e outros ao mais cento homens, pois eu Senhor não sou mais sandeu, e certifico-vos que me pesaria ser dos quinhentos que o commetessem para o bem acabar; porque quem bem consirar que por força ha-de lançar fóra de suas casas, e de tal cidade como é Tangere, a cerca de tres mil homens de peleja que n'ella vivem, e lhe haver de captivar suas mulheres e filhos, e roubar suas fazendas, em cujo amor se criaram e vivem, a razão lhe

ensinará a gente que lhe cumprirá para vencer tantas forças, quanto mais que esta gente não são alarves com cajados por armas, mas é bem armada, feroz e ousada, e já se não hão d'espantar das mortes das mulheres e filhos; porque já muitas vezes as viram e padeceram, por isso Senhor vêde bem primeiro o em que vos meteis».

Mas o Infante pelo ardente desejo que para isso tinha, pospostas todalas contradições, determinou de o fazer, de que alguns tiveram que o Infante por seu mui nobre e alto coração com que sempre suspirou por grandes e arduas empresas, não se contentava fazer nenhuma cousa, por boa e façanhosa que fosse, sendo debaixo de mando e capitania d'outrem, ainda que fôra um grande Imperador.

E porém Diogo de Bairros, e João Falcão tiveram maneira que logo El-Rei fosse em Ceuta, como foi por elles de todo avisado, e de noite como El-Rei houve o aviso, logo a grande pressa mandou diante o Chichorro com vinte ginetes, para que o Infante sobresevesse em sua partida até sua chegada, mas o Chichorro achou já o Infante partido, e El-Rei com grão trigança partiu logo apóz elles acerca de sol posto com oito de cavallo e muita gente de pé, que de cançada ficou em Alcacere. E assi apressou seu caminho que ante manhã chegou aos medoõs que são junto de Tangere.

E porque não topou com seu irmão, que fôra por outro caminho e ficava atrás, houve por sem duvida que elle era já dentro na cidade com o feito prosperamente acabado, pela qual maginação elle e todos davam muitas graças e louvores a Deus, e porém estando assi com os ouvidos álerta, esperando a grita e rumor da cidade, chegou a El-Rei o marechal, que o Infante mandara correr a cidade, por dessimular o

escallamento a que com tempo devido não podera chegar; porque como o Infante no caminho viu que a noite lhe fallecia para n'ella chegar á cidade, lançou-se a duas legoas em cillada, e por dissimulação mandou correr com fundamento de ao outro dia tornar commetter o feito. Mas El-Rei com mostranças mais de tristeza que d'alegria se tornou a Alcacere, mui cansado e todolos seus; porque sem descer nem repousar andaram as maiores, nem mais fragosas quinze legoas que podem assignar, e o Infante onde estava em cillada, como soube da vinda e descontentamento d'El-Rei, partiu logo, e foi-se tambem a Alcacere anojado do conde D. Duarte, de quem suspeitou que o aviso d'El-Rei procedera. Mas o Infante não pôde escapar a uma grave e aspera reprensão que El-Rei seu irmão lhe fez pela perigosa ousadia que sem sua licença e contra seu mandado commettera.

CAPITULO CLIII

De como o escallamento de Tangere se commetteu finalmente a terceira vez pelo Infante D. Fernando, e do desastrado sobcedimento que houve

PARTIU-SE El-Rei para Ceuta, com fundamento de se vêr com El-Rei de Castella, que era já em Gibaltar, e o Infante ficou em Alcacere, onde pelo conde D. Sancho foi incitado para com tudo não desistir do mesmo escallamento que havia de todo por acabado, e que então a empresa d'elle lhe vinha melhor e com mais sua honra, pois El-Rei ia já d'elle de todo desconfiado, e que tivesse maneira que o conde D. Duarte não fosse com elle; porque além de

não ser necessario, segundo elle sabia entoar suas cousas, cresse que todo o merecimento do feito quanto se bem fizesse havia de atribuir a si mesmo.

E a tenção de tal conselho bem parece que de inveja, ou d'alguma outra paixão ia propriamente guiada e mais que da verdade, segundo a qual o conde D. Duarte fôra para conselho e ajuda de tal feito mui necessario; porque pelo acabamento de seus grandes feitos era havido e confirmado por mui singular capitão.

Com este proposito o Infante se foi a Ceuta e para o escallamento, se se podesse fazer, pediu licença a El-Rei, que lh'a deu, dizendo-lhe que segundo a fortuna n'este caso se mostrara a elle tão contraira o havia de todo por perdido, e porém o leixava nas mãos de Deus e nas suas, e visse se por alguma maneira podia tomar o lugar; porque posto que lhe prouvesse muito acertar-se no feito; porém muito mais lhe pesaria perder-se, se sem elle se podesse cobrar, e com isto se tornou o Infante a Alcacere, sem o querer revelar em Ceuta, receando não se poder escusar do conde D. Duarte e d'outros senhores, que o haviam para isso de requerer. E depois de tornar e mandar firmar outras vezes a segurança do escallamento, aos XIX dias de Janeiro de mil e quatrocentos e sessenta e quatro partiu d'Alcere, e mandou levar quatro escadas, de que deu cargo áquellas pessoas em que entendeu que havia saber e esforço para isso.

E na tristeza e pezo que todos levavam pelo caminho, logo para bem do feito pareceu desaventurado pronostico, especialmente que sendo sobre o cabeço, que dizem d'Almenar, pareceu no ceu á vista de todos um espantoso cometa, que lançava de si muitos raios de fogo em figura de dragão. Ali disse então Gomez Freire, nobre fidalgo e de grande coração:

«Oh! noite má, para quem t'aparelhas», que ficou em proverbio muito tempo acostumado.

E assi chegaram os primeiros com grande luar junto com a cidade, onde porque a lua de todo se pozesse, esperaram até tres horas ante manhã. E logo Diogo de Bairros, e João Falcão como principaes movedores do feito, pediram e requereram a alguns do conselho d'El-Rei e do Infante que hi eram, que juntamente fossem com elles como testemunhas vêr como estava; porque se por algum caso se perdesse ou desaviasse, elles ficassem por verdadeiros e livres da culpa, e João de Sousa a que seu resguardo pareceu bem acceitou sua companhia, antre os quaes foi dado aviso que as escadas não se pozessem, salvo depois que a guarda dos mouros descesse do castello para fundo.

E aqui é de saber que este lanço de muro porque o escallamento era ordenado, cerra no castello da parte do sertão em que ha cinco cubellos, em fim dos quaes seguindo para fundo está uma torre que se chamava de Gillahare.

E porque do castello havia sahida para o muro por uma ponte levadiça, acordaram os christãos, que por quanto os mouros do castello sentindo a gente no muro poderiam sahir pela ponte e impedir e damnificar os que subissem pelas escadas, que a gente assi como subisse no muro, assi se mettesse logo entre a dita ponte e as escadas, e uns resistissem aos mouros que do castello quizessem sahir, e outros corressem pelo muro a fundo para tomarem outra torre que está sobre um postigo, que se chama de Gurer, com que se cobravam duas cousas para o feito mui necessarias e seguras. A primeira para a gente poder de fóra entrar mui livremente sem perigo nem contradição dos mouros, e a segunda senhoreavam a

escada do muro para que a salvo podiam descer e entrar para a cidade.

E os dois principaes escalladores e guiadores, foram primeiramente no muro, e assi os outros que após elles haviam de seguir. E acertou-se que a rolda dos mouros havendo já d'elles algum sentimento estava lançada entre as ameas d'aquella parte, para differençar bem se eram os barbaros da serra, que ás vezes com suas cargas e bestas se lançavam ao pé do muro, ou por ventura christãos, e tanto espaço tomou para de sua duvida se certificar, que dos christãos houveram sessenta lugar para subir, que por pontos d'honra em taes tempos e casos mui prejudiciaes, não quizeram guardar o que entre elles fôra concordado. Pelo qual João Falcão vendo começos de tanto desmando, disse a João de Sousa que tomasse ou matasse um mouro guarda que tinha ante si. E João de Sousa como fidalgo acordado e de bom coração remetteu a elle, o qual da sombra da morte que comsigo viu, acabou ser desenganado de sua duvida e começou de se poer em defesa, e em João de Sousa correndo a lança nas mãos para lhe dar, o mouro em se retrahendo cahiu do muro contra a cidade dentro em um pomar, d'onde começou logo dar grandes brados, senificando com elles o damno dos christãos que se aparelhava, e os christãos como os ouviram sem mais outra consiração, crendo que outra sua grita ao menos para desmaio dos contrairos aproveitaria muito, logo a deram com altas vozes, e não sem grande estrondo de trombetas que já eram em cima, a que os mouros acordaram, e com muita trigança acudiram por saber a causa de tamanho rumor, principalmente os que guardavam a torre do muro porque os christãos haviam de passar. Os quaes assi como viram os nossos estar no muro, assi se torna-

ram e pozeram á porta da torre, de que podiam bem defender aos christãos a passagem do muro para o não poderem descer para a cidade; porque com sós paos sem outras armas, aos que por elle passassem, segundo era estreito podiam levemente lançar d'elle abaixo, e assi o faziam, e os christãos não podendo já passar não leixavam por isso de subir; porque o Infante era já ao pé do muro, que a uns por amor, e a outros com temor constrangia para isso, e assi como subiam não podendo al fazer assi se mettiam por esses cubellos, e outros descendo para fundo não podendo passar ficavam amontoados, sem poderem aproveitar a si nem danar aos contrairos.

A cidade era já toda posta em armas e grande alvoroço, e como o alcaide que se chamava Abrahem Benaamet foi por si certificado que nas outras partes da cidade não havia outro commetimento nem affronta que muito receou, salvo n'aquella, mandou logo ali vir grande claridade de fogo, e com besteiros e espingardeiros, que em grande numero mandou metter no pomar que era defronte d'onde os christãos estavam, matavam e feriam muitos, e muitos em se revolvendo cahiam do muro entre elles, que claramente eram logo espedaçados, e com gente que se enadeu no castello, que sahiu pela ponte levadiça, tomaram as escadas postas no muro, ainda que não foi sem grande peleja que sobr'isso houve, e foi de maneira que do castello e de todalas partes, os mouros sem algum seu perigo faziam um piadoso estrago nos christãos, porque sendo as escallas tomadas não tinham algum remedio de salvação. O que todo bem visto por João de Sousa, disse ao Infante de cima do muro, que não mandasse subir mais gente; porque o feito com a gente subida eram de todo perdidos, e o Infante sobre esperança de tanta alegria, ouvindo re-

cado tão certo e tão triste, não menos anojado que esforçado arremetteu a uma escada de troços que mandara armar, e quizera por ella subir dizendo que o que fosse de tão bons criados e servidores como já dentro eram, seria d'elle até com elles morrer. Mas era hi o conde d'Odemira, e o commendador mór de Christus com outros, que com palavras prudentes e de bom esforço o detiveram, dizendo-lhe que aquella gente por boa e nobre qu- fosse, em caso que Portugal a perdesse, bem poderia cobrar outra tal e melhor; mas não a elle que era tal e tamanho Principe, que o reino teria d'elle para sempre muita mingua e grande necessidade, e que não desse causa que Tangere fosse tantas vezes sepultura de Infantes de Portugal, e com estas e outras razões de conforto a estas conformes a que o Infante obedeceu, vendo já o feito sem algum remedio, se tornou para Alcacere.

E dos christãos entre mortos e captivos ficaram trezentos, todos os mais homens escolhidos e especiaes, duzentos mortos e cento captivos, e dos mortos foram principaes, D. Gonçalo Coutinho, conde de Marialva, e D. Rodrigo seu filho bastardo, e Gomes Freire d'Andrade, e D. Jorge de Crasto, filho de D. Alvaro, que depois foi conde de Monsanto, e D. João de Eça, e João de Taide, e Pedro Coelho, e Rui Diaz Lobo, e Pero de Sousa seu irmão, Fernão de Macedo, e Pedro de Macedo seu irmão, e Alvaro de Sá, e Fernão Vaz Côrte Real, Rui Paes, e Pero Paes, filhos de Payo Rodriguez, Contador Môr, e assi outros muitos e bons cavalleiros e homens de nobre sangue e bom coração.

E dos captivos principaes, que aos cubellos se recolheram e preitejaram com os mouros, foi D. Fernando Coutinho, marechal, Fernão Tellez, Ruy Lopez Coutinho, João Falcão, e Diogo da Silva, que depois foi

conde de Portalegre, Garcia de Mello, D. Alvaro de Lima, filho do visconde D. Lionel de Lima; e outros muitos até o dito numero, em cujos grandes resgates além das mortes de tanta e tão nobre gente, o reino recebeu uma durosa magua e grandissima perda, a qual testemunhou bem com os grandes prantos e geraes lamentações que em todo elle por este caso se fizeram, e na gloria da victoria que os mouros tinham, praticando e examinando se entre os christãos mortos ou captivos seria hi o conde D. Duarte, respondeu um velho e entre elles de grande auctoridade: «não busqueis hi o conde D. Duarte; porque na grande desordenança dos christãos vi eu bem que não andava hi».

CAPITULO CLIV

Como El-Rei foi d'este triste caso avisado em Ceuta, o dia que tinha concertadas vistas em Gibaltar com El-Rei de Castella, a que todavia foi, e o fundamento das ditas vistas

Um Antão Vaz, alfaqueque, era n'este desastrado caso, e como viu o triste sobcedimento d'elle, logo a grande pressa o veiu notificar á condessa de Viana, que era em Alcacere, a qual logo com grande trigança por mar e por terra o fez saber a El-Rei, cujos avisos, por impedimentos que no caminho houveram, precedeu um outro, que o Infante em chegando a Alcacere logo lhe enviou por um seu escudeiro, que chegou a El-Rei ante manhã, na hora que estava de caminho para Gibaltar, onde por meio do conde de Ledesma tinha vistas concertadas com El-Rei D. Anrique de Castella que o já esperava.

E El-Rei não quiz desfazer sua ida, e porém despachou o conde de Viana, que logo tornou ao Infante seu irmão ao confortar e desapassionar do caso passado, que o cumpriu com muita prudencia e despejo, e de que o Infante mostrou receber algum descanço e menos dôr.

El-Rei em partindo avisou o escudeiro, que até não ser no mar não dissese nada do caso, por não commover a choro e tristeza os senhores que em sua companhia tinha ordenados, que eram o conde de Guimarães, e D. João seu irmão, o conde de Monsanto, o conde da Atouguia, o Prior do Crato, e muitos outros do conselho, e gentis homens fidalgos de sua casa, com os quaes El-Rei passou a Gibaltar, onde El-Rei de Portugal e El-Rei de Castella tiveram suas praticas e concordias, cuja sustancia foi requerer El-Rei D. Anrique liança a El Rei D. Affonso, para contra os grandes de Castella, que com desleal alevantamento d'El-Rei D. Affonso o moço seu meio irmão lhe queriam desobedecer, e que para ter mais razão de o ajudar, queria que a Infante D. Isabel sua irmã casasse com El-Rei D. Affonso; e D. Joanna que então era havida por sua filha, e jurada por Princeza de Castella, casasse com D. João Principe de Portugal. E sobr'isto fizeram acordos promettidos e jurados nas mãos de D. Jorge, Bispo d'Evora, que depois foi Arcebispo de Lisboa e Cardeal. Os quaes principalmente pela grande inconstancia do dito Rei D. Anrique, e por impedimentos e contradições outras que se seguiram não houveram effeito.

E não sómente sobre estes casos os ditos Reis fizeram esta vez estas vistas; mas depois outras com muitas embaixadas, e porque d'ellas nunca resultou conclusão que entre elles se executasse nem cumprisse, não farei agora d'ellas nem depois muita menção.

CAPITULO CLV

De como El-Rei em pessoa correu o campo d'Arzilla

Tornou-se El-Rei a Ceuta, onde foi aconselhado que por quanto a boa fortuna n'esta jornada d'Africa então lhe não terçava á sua vontade, consirada isso mesmo a perda da gente com outros inconvenientes assaz efficazes, que sem mais fazer nem commetter outra cousa se devia de tornar ao reino, e dar a seus vassallos algum pão de paz e descanso. E porém El-Rei sem embargo de todo determinou correr primeiro o campo d'Arzila, e vê-la, com desejo de a tomar, o que logo pôs em obra; porque partiu logo para Alcacere, e de hi com o Infante passou a serra pelo porto d'Alfeixe, e em amanhecendo deram em umas aldeias, que com o aviso e mêdo da ida d'El-Rei eram já despovoradas, e porém correram legoa e meia por outras partes, e n'aquellas principalmente que o Infante D. Fernando barrejou mataram alguns mouros e captivaram muitos, e arrancaram muito gado e outro despojo, com que já de noite passaram o rio de Tagadarte, e junto com elle da banda d'Alcacere se alojaram aquella noite. Na qual sobrevieram tantas chuvas, e tão aspera tempestade com que a ribeira encheu de maneira, que se a não tiveram passada e ficando alem d'ella, se dispunham a mui certo perigo; porque a infinda gente dos mouros que logo cresceu deu d'isso ao diante claro testemunho.

E por esta causa não pôde El-Rei vêr Arzilla, de que recebeu então gram desprazer, e muito mais depois que soube que os mouros da villa indo elle sobre ella tinham determinado dar-lh'a, e virem ao caminho entregar-lhe as chaves, e tornou-se a Ceuta onde os

cavallos e a gente por mau trato, e por aspereza dos tempos lhe falleciam. E por isso logo começou de declarar sua vinda e despedir a gente; e porém El-Rei não era satifeito; porque em todo o tempo d'esta passagem se não vira em alguma travada peleja de mouros, como elle desejava.

CAPITULO CLVI

De como El-Rei D. Affonso foi correr a serra de Benafocú, e como foi em grande perigo, e como mataram os mouros o conde D. Duarte, e a Diogo da Silveira, escrivão da poridade

Estando El-Rei com este descontentamento, que de seu animo grande e esforçado procedia, vieram por caso a Ceuta quatro mouros, que o metteram em grande alvoroço de grande cavalgada e boa escaramuça, que lhe dariam na serra de Benacofú, onde havia a mais guerreira gente d'Africa. E El-Rei com um natural desejo que para isso tinha, e com outra sêde já de vingança, fallou com Lourenço de Caceres, adail, que foi vêr, e lhe disse o caminho que para aquelle podia levar.

Era em Ceuta o conde D. Duarte, e como quer que alli viera aforrado sem cavallos, armas, nem gente para sómente despachar com elles seus negocios, El-Rei mandou que fosse com elle, ao que obedeceu, e porém com carregume e tristeza de sua morte, que a alma lhe adivinhava, e logo publicamente o disse, que aquelle dia seria sua fim, especialmente porque um Frei Luiz, D. Abbade do Mosteiro da Cerzeda, homem estrangeiro, e de juizos d'astrologo mui certo lhe disse que havia de morrer sob alheia capitania.

Partiu El-Rei com oitocentos de cavallo, e pouca gente de pé, e foi-se alojar junto com o castello d'Almunhacar, onde repousou o outro dia quasi todo, e o Infante D. Fernando seu irmão era já partido para Portugal, e porém com El-Rei eram capitães e pessoas principaes o duque de Bragança, o conde de Guimarães, e D. Affonso que depois foi conde de Faram, seus filhos, e o conde de Villa Real, D. Affonso de Vasconcellos, que foi depois conde de Penella, e o conde de Monsanto, e o conde de Vianna, e D. Anrique seu filho, e outros muitos fidalgos e cavalleiros e nobres homens com que partiu e entrou de noite na serra, que em todo para os de pé era mui aspera e fragosa, quanto mais para cavallos tão trabalhados, e como foi manhã repartiram-se as gentes em capitanias, e á ventura começaram de correr a terra, e os mouros que por almenaras eram já d'esta entrada avisados, uns embrenhavam suas mulheres e filhos nas mattas e serras que ali ha mui fortes e com grande espessura, e outros com muita braveza e esforço vinham travar escaramuças e pelejas, que por uns e por outros houve em muitas partes mui bem pelejadas, em que dos mouros entre mortos e feridos houve gram numero, e não sem muito dano dos christãos, de que muitos em offender mouros e defender e salvar christãos fizeram feitos mui assignados.

El-Rei andou pelo espigão da serra; porque a encavalgou por um de dois espinhaços que ella faz, e sahiu por outro, e foi ter a uma grande aldeia cabeceira das outras, onde comeu e repousou um pouco. E então mandou a Lopo d'Almeida e ao adail, que com a gente necessaria levassem a cavalgada ao pé da serra onde o esperassem, e d'ali abalou El-Rei com mais vagar do que o tempo e a terra requeriam, e de um cabeço em que se pôs, mandou aos espingardei-

ros e besteiros e gente de pé, que por mór despejo se fossem diante caminho de Tutuam, onde aquella noite havia de repousar, e depois de passado um grande espaço ainda com passos vagarosos seguiu sua viagem, e após elle sem muito alvoroço vinham alguns mouros de cavallo, e sobresendo El-Rei disse: «Parece-me que estes mouros na maneira em que vem mais quererão paz que peleja», com os quaes esteve á falla, querendo d'elles saber se queriam ser seus como os outros, a que os mouros pediram horas d'acordo e consulta com outros seus visinhos, que em grande somma eram postos em um cabeço que El-Rei já leixara; e porque a resposta tardava El-Rei abalou, e com seu estandarte diante sobiu com os de cavallo a um cerro alto e de pedras e barrocas mui fragoso; era na reguarda d'elle o conde de Villa Real e bem detraz, e o conde de Guimarães pediu a El-Rei que por quanto o conde seu cunhado ficava em grande perigo o mandasse com espingardeiros e besteiros soccorrer, para que já se não acharam, e El-Rei lhe mandou dizer que logo sem mais esperar se recolhesse a elle; mas o conde como era esforçado e singular capitão, e nas manhas dos mouros assaz avisado, mandou dizer a El-Rei que lhe despejasse o porto e se fosse embora; porque elle por seu serviço se recolheria com sua honra e com dano dos mouros.

E certamente como quer que o conde de Villa Real por sua bondade d'armas outras vezes mereceu e ganhou grande honra e muito louvor, n'este dia em especial o acrescentou muito mais; porque álém de se recolher como cumpria a um singular capitão, indo como ardido cavalleiro, os imigos nas voltas e esperadas que n'elles muitas vezes fez receberam muitas mortes e damnos.

Estando El-Rei n'aquelle teso, a sua gente cada vez

lhe mingoava mais, e a dos mouros crescia contra elle em maior avantagem, e em vozes altas e iradas disseram contra os christãos:

«Dizei a vosso Rei que não queremos com elle paz se não crua guerra, e que saiba por estas barbas e cabeças que tocamos, que hoje é o dia da nossa vingança».

E em se El-Rei decendo da serra carregaram os mouros logo sobr'elle, e das ilhargas feriam mui mal os cavallos, a que El-Rei com quatrocentos de cavallo que com elle seriam, fez com muita destreza tres voltas curtas, em que além d'outros feriu e matou per si um mouro com muito despejo e ardideza, e porque o perigo sobre El-Rei recrecia cada vez maior, alguma gente sua esquecida da lealdade e defendimento que lhe deviam, lembrando-se mais de sua propria salvação começavam de o desamparar, e não aproveitavam brados nem vozes, por bem que se n'elles altamente afiasse a desleal vergonha com que em tal tempo leixavam seu Rei com sua bandeira.

E vendo-se já El-Rei mui afrontado, sendo estreitamente aconselhado que ao menos das serras se salvasse para o campo, chamou o conde D. Duarte e disse-lhe:

«Conde, ficai com estes mouros, porque lhe conheceis melhor as manhas, e acaudellai esta minha gente.»

E o conde lhe respondeu:

«Senhor, eu não quizera que em tal tempo me dereis este cuidado, especialmente porque não tenho aqui minha gente que me conhece, cá pois estes que são presentes e vossos, não obedecem a vosso mandado, menos cumprirão o meu, porém pois que o assi haveis por vosso serviço, hei por muito bem empregado a mi mesmo em qualquer trabalho e perigo que me acontecer, até morte.»

E o conde não era em suas palavras enganado,

por que como El-Rei moveu, assi o fizeram todos após elle, sem o conde poder aproveitar em nada, antes seu cavallo logo lhe foi morto, e elle ferido, sobre que acudiu o conde de Monsanto seu cunhado, trabalhando de o poer em outro cavallo, em que se acertaram os loros tão compridos, que o conde com a perna direita nunca pôde vingar a sella, antes com a espora feriu o cavallo nas ancas, que aos couces o lançou logo no chão.

O conde D. Duarte não vendo já esperança de sua vida, pediu ao conde de Monsanto que salvasse a sua e o leixasse. E porém os mouros carregaram sobre elle e leixaram alli seu corpo sem vida, e não sem primeiro sentirem muita vingança de sua morte, sendo já primeiro junto com elle morto um Nuno Martins de Villa-Lobos seu criado, que como bom recebeu aquella morte por lhe querer soccorrer com seu cavallo de que se deceu.

E El-Rei com assaz afronta se recolheu por uma lomba a fundo, onde seu estandarte nas mãos de Duarte d'Almeida, alferes, foi dos mouros muitas vezes abatido, e fôra tomado se o esforçado acordo do alferes e valentia de Ruy de Sousa o não salvaram.

Foram alli mortos Diogo da Silveira, escrivão da poridade, e Fernão de Sousa, alcaide de Guimarães, e Luis Mendes de Vasconcellos, e Pero Gonçalves, secretairo, e outros que acabaram como bons e leaes cavalleiros.

Deceu El-Rei ao pé do monte ainda dos mouros bem perseguido, e quizera fazer sobr'elles uma volta, para com elles em pelleja esprementar sua fortuna, mas por força de nobres homens que hi eram, vendo a disposição de tamanho perigo, o tiraram e passaram além de um rio, onde chegou a elle o conde

de Villa Real que sempre ficara de tras, que seu braço e acordo escusou muito dano a El-Rei, que em publico lhe disse: «Conde a fé ficou hoje toda em vós», e de hi contra vontade de muitos, El-Rei se foi aquella noite alojar a Tutuam, e ao outro dia partiu para Ceuta. E no caminho fez vir ante si D. Anrique de Menezes, filho do conde D. Duarte, e o confortou com louvores da honrada morte de seu pae, e com esperança de grande acrecentamento, que por seus serviços e merecimentos lhe faria como fez, porque alli o fez conde, e lhe deu todalas mercês que seu pae tinha. Verdade é que lhe tirou Vianna de Caminha, e lhe deu depois Vallença com o titulo de conde d'ella, e depois o de Loulé.

CAPITULO CLVII

De como El-Rei se veiu a Portugal e foi em romaria a Guadalupe, e se viu com El-Rei D. Anriqne e com a Rainha sua mulher

Tanto que El-Rei despachou suas cousas em Ceuta, se partiu logo para o reino, e veiu desembarcar a Tavilla, e de hi foi ter a Evora a Pascoa d'este anno de mil e quatrocentos e sessenta e quatro. Passada a qual se foi a Elvas, e d'hi com alguns senhores e fidalgos escolhidos, secretamente se foi em romaria a Santa Maria de Guadalupe. E de hi para concerto já praticado se foi ao lugar da ponte do Arcebispo, onde se viu com El-Rei D. Anrique, e com a Rainha D. Joana sua irmã. E alli tiveram as mesmas praticas e acordos de Gibaltar sobre casamentos e lianças, que em fim não houveram effeito,

porque a Infante D. Isabel de Castella, contra vontade d'El-Rei D. Anrique, e por meio do Arcebispo de Tolledo casou logo com D. Fernando, Principe d'Aragão e de Cicilia, que depois reinaram pacificamente em Castella, e o Principe de Portugal casou com a Senhora D. Lianor sua prima com irmã, filha maior do Infante D. Fernando, que depois foi Rainha de Portugal.

N'este anno de mil e quatrocentos sessenta e quatro, no mez d'Agosto, falleceu o Papa Pio, e sobcedeu após elle o Papa Paulo segundo.

CAPITULO CLVIII

De como houve em Castella grande devisão, sobre que houve vistas na cidade da Guarda com a Rainha irmã d'El-Rei

E no anno seguinte de mil e quatrocentos e sessenta e cinco houve em Castella entre El-Rei D. Anrique e os senhores do reino grande differença; porque alguns por vicios e erros que lhe punham, lhe alevantaram a obediencia e a deram ao Infante D. Affonso, que em moço alevantaram por Rei, sobre a qual cousa a Rainha D. Joana de Castella para pedir ajuda e socorro contra os revés a El-Rei D. Anrique seu marido, e assi ainda sobre os ditos e lianças veiu á cidade da Guarda em Portugal. Onde El-Rei tambem veiu, e fez côrtes de todolos grandes e povos de seus reinos, e todos á ellas vieram salvo o Infante D. Fernando, que em vindo adoeceu na sua villa de Covilhã e não pôde estar n'ellas, nas quaes a Rainha em nome d'El-Rei e seu re-

quereu a dita ajuda, com fundamentos e causas que pareciam de honra, razão e proveito, mas em fim conhecida a condição variavel do dito Rei D. Anrique, e outras cousas mui perjudiciaes a taes liançcas, foi El-Rei aconselhado que em tal discordia e empreza nem liançcas se não antremettesse, da qual cousa com a mais honestidade que pôde se escusou. Como quer que nos primeiros movimentos sua tenção foi dar-lhe ajuda, para que antes d'estas côrtes fez alguns percebimentos. E segundo o muito desejo que para isso tinha, não fôra maravilha forçar as prudentes vozes e acordos de seu conselho, se o dito Rei D. Anrique fôra dos seus vassallos mais tempo desobedecido; mas falleceu logo o dito Rei D. Affonso seu irmão e competidor, por cuja morte todalas rebeliões e alvoroços cessaram em Castella; porque os cavaleiros desobedientes não tendo cabeça de seu alevantamento, volveram logo a obediencia d'El-Rei D. Anrique.

CAPITULO CLIX

De como se concertou casamento entre o Principe D. João com a Senhora D. Lianor filha do Infante D. Fernando

Estas cousas que nos annos seguintes de mil e quatrocentos sessenta e seis, sessenta e sete e sessenta e oito, n'estes reinos de Portugal sobcederam, foi concerto que se fez do Principe D. João, filho d'El-Rei D. Affonso com a Senhora D. Lianor, filha maior do Infante D. Fernando; porque como quer que o dito Principe muitas vezes fôra d'El-Rei D. Anrique requerido para casar com a Senhora D. Joana sua filha, Princeza que então se dizia

de Castella, e El-Rei D. Affonso era a isso inclinado; porque no tempo d'este requerimento sobreveio o mau sobcedimento do escallamento de Tangere, de que o Infante D. Fernando ficou mui anojado e triste, e El-Rei D. Affonso seu irmão pelo confortar e alegrar como era razão, e tambem porque a dita Senhora D. Lianor sua filha por seu real sangue, muitas bondades, e gram perfeição era dina de um grande Imperador, prouve-lhe que o casamento do Principe seu filho se fizesse com ella. E que emquanto ambos cumprissem a idade necessaria para contraer perfeito matrimonio, se houvesse a despensação Apostolica como se houve do Papa Paulo. E porém ao tempo que a dita despensação veio, que foi no anno de mil e quatrocentos e setenta, o Infante D. Fernando era fallecido como se dirá.

CAPITULO CLX

De como o Infante D. Fernando passou por si em Africa, e tomou a cidade de Anafee

E no anno de sessenta e nove, o Infante D. Fernando como era de mui nobre coração, de que nunca sahia um louvado desejo d'acrecentar sua honra e estado, especialmente na guerra dos mouros, que lhe já vinha por legitima sobcessão, por licença e ajuda d'El-Rei seu irmão, com grande frota e muita e boa gente passou em Africa onde dizem as praias, e sem muita resistencia tomou a cidade d'Anafee, que é na costa do mar; porque os mouros vendo sobre si tamanha frota, com tanto poder a que não podiam resistir, por salvarem suas vidas desampararam a cidade, que foi logo entrada e roubada; e

porque era de grande cerca, cuja defensão seria mui difficil, quizera o Infante manter com fronteiros o castello, e finalmente depois de tudo bem consirado; porque na frota não ia gente e mantimentos que podessem leixar e soprir á deffensão da cidade, e bastecimento de tamanhas paredes, acordaram de em muitas partes a desportilhar e derribar, e tornar-se o Infante ao reino, e assi o fez.

O infante D. Fernando depois d'esta vinda d'Anafee adoeceu, e foi sua doença algum tanto perlongada, durando a qual afirmou de todo com El-Rei seu irmão o casamento do Principe com sua filha. E concertou outro da Senhora D. Isabel tambem sua filha ligitima com o conde de Guimarães, que por maior ennobrecimentò d'este casamento, El-Rei o fez duque da mesma villa de Guimarães, sendo ainda vivo o duque de Bragança seu padre, por cuja morte sobcedeu o titulo de dois ducados.

CAPITULO CLXI

Do fallecimento do Infante D. Fernando, e dos filhos que d'elle ficaram

E no anno de mil e quatrocentos e setenta, a dezoito dias do mez de Setembro, o dito Infante D. Fernando falleceu, e deu sua alma a Deos em Setuvel, em idade de XXXVII annos, sendo El-Rei seu irmão e a Infante sua mulher presentes, por cuja morte fizeram claros sinaes de grande dôr e sentimento; foi seu corpo logo enterrado no mosteiro de S. Francisco da observancia, que é junto com a dita villa, e de hi foram depois seus ossos com muita honra, e grande solemnidade, treladados ao mosteiro da

Conceição de Beja, onde jazem em sua mui honrada sepultura, a qual a Senhora Infante D. Briatiz sua mulher como Princesa em toda mui virtuosa, juntamente com o dito mosteiro de novo fundou e edificou com grandes suas despesas, e perpetuamente o dotou de muitas rendas e singulares ornamentos.

Ficaram d'elle quatro filhos, e as duas filhas que já disse, e dos filhos o maior houve nome D. João, a que El-Rei fez duque de Vizeu e de Beja, e lhe deu a governança dos Mestrados de Christus e Santiago, com todo o mais que o Infante seu padre tinha, e logo em moço falleceu, a que em todo sobcedeu o filho segundo, que havia nome D. Diogo, salvo o Mestrado de Santiago, que por prazer e consentimento da dita Infante foi dado ao Principe, e este duque houve a fim que a Chronica d'El-Rei D. João faz menção, e o terceiro filho houve nome D. Duarte, que o Principe recolheu para si, e criando-o em sua casa com muita honra e grande amor como proprio filho, falleceu em moço, e o quarto houve nome D. Manuel, que por morte do duque D. Diogo o sobcedeu logo como se dirá. E depois por seus merecimentos e boa ventura, por fallecimento de ligitimo herdeiro que d'El-Rei D. João seu primo ficasse, subcedeo os reinos de Portugal, em que viva muitos annos para os fazer como faz em ti.ulos e senhorios maiores, mais ricos e mais bem aventurados.

E tambem houve D. Simão, que em moço falleceu de sua doença natural.

E a xxii dias de Janeiro do anno de mil e quatrocentos setenta e um, em Setuvel, depois de vir a despensação de Roma, o Principe D. João recebeu por mulher por palavras de presente a Senhora Princesa D. Lianor, entrando o Principe em idade de xv annos. E por a morte do Infante ser ainda tão fresca, não se

fizeram em seu recebimento as festas e prazeres que em outro tempo fôra razão.

CAPITULO CLXII

De como tendo El-Rei determinado passar em Africa, convertia a armada contra os inglezes pela tomada das náos de Portugal, e desistiu d'isso pela morte do conde Baroique, e se ordenou a ida sobre Arzilla

E n'este anno e assi no passado determinou El-Rei de passar em Africa, para que teve em pessoa, e assi mandou ter praticas e conselhos em Lisboa nas casas do conde de Monsanto.

E o primeiro desejo e movimento d'El-Rei foi ir sobre Tangere. Mas porque para cercar e combater tamanha cidade, por então não se achou no reino o soprimento que era necessario, desistiu El-Rei d'este proposito, e com fundamentos de bom conquistador, e com evidentes razões que lhe foram apontadas, de que se tambem ao diante não perdia a esperança do cobramento de Tangere, assentou ir sobre Arzilla, que logo por Vicente Simões, homem nas cousas do mar bem esperto e entendido, e por Pero d'Alcaçova seu escrivão da fazenda e de que muito fiava, mandou muitas vezes espiar e vêr, assim no que cumpria para o ancorar e desembarcar do mar como para o assento da terra. Em que com fingidos negocios com que os mouros tratavam, acabaram de ser certificados de todo o que para uma cousa e para a outra era necessario, de que perfeitamente avisaram El-Rei, que logo mandou fazer no reino e fóra d'elle os percebimentos de navios, armas e mantimentos para trinta mil homens,

com que determinou passar, e estando El-Rei já casi prestes, foi certificado que doze náos grossas de seus reinos vindo em canal de Frandes foram tomadas, e suas mercadorias roubadas por Facumbrix, cosairo, capitão e sobrinho do conde Baroique, que a este tempo governava o reino de Inglaterra.

E sobre os agravos e lamentações que os mercadores e povo d'estes reinos acerca de seus damnos e perdas fizeram a El-Rei, elle teve logo conselho com os principaes de sua côrte. E assi o enviou pedir aos grandes e senhores do seu reino, que lh'o enviaram por escripto. Dos quaes sustancialmente foi pela mór parte aconselhado, que a armada d'Africa que era voluntaria, e convertesse por muitas razões esta contra os inglezes, que era obrigatoria e necessaria. E que fosse grossa e de muito e boa gente, para que d'algum castigo d'estes nascesse receio aos outros muitos, que a seus vassallos não fizessem no mar os males e damnos que cada dia e sem emenda lhe faziam. Á qual parte El-Rei mais inclinado, ordenou armar grossamente, e dava por capitão d'armada D. João filho do duque, que depois foi Condestabre e marquez de Montemór-o-Novo, e com elle carracas e muitas náos grossas, e outros navios pequenos em grande numero.

E estando tudo já quasi prestes, veio certidão a El-Rei estando em Lisboa, no mez de Junho, que o dito conde Baroique, e o Rei porque governava Inglaterra, eram em batalha mortos por El-Rei Duarte, que depois pacificamente reinou, pelo qual El-Rei foi logo movido cessar da dita armada, que para emenda e vingança do dito conde fazia, e a mudar no primeiro proposito de passar em Africa, sobre que primeiro se fundara. E que a entrega das náos e mercadorias de seus reinos remedeasse como remedeou, e procurou por embaixadas, que com pessoas d'autori-

dade a Inglaterra e a Borgonha muitas vezes depois enviou. E assi mandou pelo reino suas cartas de percebimentos, com aviso que os condes e senhores sómente levassem cavallos.

CAPITULO CLXIII

De como El-Rei levou comsigo o Principe seu filho, e como embarcaram, e com que gente e frota.

Determinou El-Rei a requerimento do Principe seu filho, e contra conselho dos mais principaes do reino de o levar n'esta passagem comsigo, e leixou por inteiro governador, e com nome de governador do reino o duque de Bragança, que escusando-se por sua velhice de tal cargo, se convidava para ir com elle á guerra dos mouros, porque seu coração e devoção não enfraquecia; porque a ella foi sampre mui inclinado. E porque El-Rei era sabedor que entre alguns grandes e pessoas principaes de seus reinos, que para sua passagem eram percebidos, havia odios e dissensões, e outros jaziam em publicas excommunhões, El-Rei com a só pena que pôs de os não levar comsigo se não se concordassem e asolvessem, elles por não ficarem se concordaram e satisfezeram e se reconciliaram.

Encommendou El-Rei o cargo da gente d'entre Doiro e Minho, e da frota do Porto ao duque de Guimarães, que se ajuntou com El-Rei em Lisboa no começo do mez d'Agosto do anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil e quatrocentos setenta e um, em que El-Rei houvera de partir, e por ventos que não terçavam de viagem, suspendeu sua partida

até dia da Asumção de Nossa Senhora, que é aos quinze dias do dito mez, em que depois de elle e o Principe entrarem no mar com mui solemne procissão, e com maravilhoso e grande triumpho, sobreveiu vento prospero e desejado, com que partiu de Restello e chegou a Lagos, onde o já esperavam os navios e gente do Algarve. E assi o conde de Valença que viera d'Alcacere, com que sua real frota refez por todas numero de quatrocentas e setenta e sete vellas, e até trinta mil homens. E alli depois de ouvir missa, e para o caso uma devota pregação, e revellar a todos sua ida sobre Arzilla, foram elle e o Principe com uma devota procissão e grande estrondo de trombetas e manistreis altos e baixos, mettidos nos bateis, e de hi aos navios que logo fizeram vella, que com vento bonançoso chegaram d'Avante á dita villa d'Arzilla, onde sua frota ancorou aos xx dias do dito mez, já sobre tarde, os mouros da qual como de dia houveram vista d'ella; porque da passagem d'El-Rei tinham já muitos avisos, adivinhando com receio seu mal, se começaram de prover como para tal necessidade e afronta cumpria.

CAPITULO CLXIV

De como El-Rei tomou terra em Arzilla

E no outro dia em amanhecendo, depois d'El-Rei ter conselho sobre sua desembarcação e filhamento da terra, mandou apparelhar e armar os bateis e caravellas pequenas, e barcas de carreto para logo na melhor ordenança, e que mais fosse possivel tomarem terra. E como quer que o porto era mui

perigoso; porque o mar áquellas horas andava mui alevantado, e quebrava com muita braveza em um arrecife de pedra que tem, com entradas más de tomar, El-Rei todavia mandou com muito esforço e presteza remar e tomar a terra, onde elle por maior esforço de todos não quiz ser dos segundos, em que se perdeu uma galé com outras caravellas e bateis, em que no mar morreram até oito fidalgos, e da outra gente até duzentos, em que eram alguns bons cavalleiros e escudeiros.

E porém no primeiro bote sairam logo com El-Rei muita gente, toda bem armada, sem alguma contradição dos mouros em sua saida, e os outros que na frota ficavam, com quanto viam ante os olhos sua clara perdição, não receiavam por isso com uma perfiosa bondade d'entrar nos bateis e caravellas, como se em um rio manso entrassem, até que aos tres dias com a segurança e maior resguardo que foi possivel acabaram de sair em terra.

E no dia em que El-Rei sahio, logo pôs cerco á villa em torno de mar, cerrando e defensando seu arrayal com alta cava; porque o palanque que levava, pela braveza do mar não podera logo sahir.

E das muitas e grossas bombardas que El-Rei levava, que com a tormenta das náos se não podiam tirar, sairam sómente duas pequenas, que em duas partes da villa foram logo ensejadas. E começaram apressadamente de fazer seus tiros, e assi os espingardeiros e besteiros não cessavam de combater, e porém sem fundamento de ordenado combate; porque o geral e da maior affronta em que se punha toda a esperança da victoria, tinha El-Rei reservado para depois que todas suas artilherias fossem assentadas. E porém as bombardas desfizeram dois lanços do muro até o meio, onde os mouros logo acudiram e repaira-

ram com muito esforço e não sem algum dano dos christãos, de que tambem com espingardas e bestas os mouros eram mui danificados.

CAPITULO CLXV

De como a villa foi entrada, e o Principe foi armado cavalleiro, e morreram o conde de Mariàlva, e o conde de Monsanto e outros

E aos XXIV dias do dito mez, que era dia de S. Bertolameu, pela manhã, D. Alvaro de Castro, conde de Monsanto, a que a estancia e guarda do castello era encomendada, enviou dizer a El-Rei que estava em sua tenda, que o Alcaide da dita villa lhe queria ir falar sobre concerto, que era tal que o devia aceitar. E ante de El-Rei dar final resposta, tendo vontade de se concordar como aos mouros já escreveram e mandaram requerer, vieram logo vozes emtoados por todos que a villa se entrava. O que a vista propria d'El-Rei que a isso com muita trigança sahiu, fez mui certo e verdadeiro; porque como o rumor correu que a villa era entrada assi concorreu logo a gente do arraial aos muros, a que com muitas escadas e engenhos que para isso eram ordenados, sem alguma certa ordem de combate, logo com muita ardideza subiram e entraram á dita villa por todalas partes.

E os mouros vendo-se entrados e perseguidos dos christãos, pelejando bravamente uns se recolheram á misquita, e outros, os mais honrados ao castello. E com os da misquita ante de ser vencida, houve de uma parte e da outra mui crua e sangoenta peleja. Em que dos christãos entre outros morreu principal

e como ardido e valente cavalleiro, D. João Coutinho, conde de Marialva, que com seu braço acompanhou primeiro seu corpo d'outros corpos vazios d'almas imigas, e não sem grande tristeza que El-Rei e o Principe e toda a côrte por sua morte tomaram, e não sem causa; porque era mancebo, e senhor de grande e honrada casa, e em que se vivera pareciam já virtuosos sinaes d'haver n'elle para o reino um singular homem para armas e conselho.

E acabada a peleja da misquita, logo a gente recorreu ao castello, que de todalas partes era mui forte e defensavel, cujo combate por esforço d'El-Rei e do Principe, que eram presentes, foi com tanta força e ardideza cometido, que logo antes de algumas escadas serem postas, os christãos por lanças e páos com muita desenvoltura sobiam ás torres e muros, de que os debaixo com uma louvada inveja de tanta honra, esquecidos de todo perigo cometiam seus corpos com armas pesadas a mui fracas toucas de linho, porque os allavam e subiam acima, onde nos muros e torres que dos christãos se entravam, e depois no patim do castello houve tão mortal peleja, como parecia claro nos muitos mortos e feridos que em todas partes jaziam.

Alli no castello álém d'outros nobres christãos que com ferro morreram, foi morto D. Alvaro de Castro, conde de Monsanto, camareiro-mór d'El-Rei, que sua morte muito sentio; porque certo elle no campo e na côrte, na paz e na guerra era por seu siso, discrissão e esforço, homem mui principal. E em fim assi foram os mouros da villa e do castello cometidos, que todos ficaram mortos e captivos sem alguma excepção, cujo numero segundo comum orçamento seriam dos mortos até dois mil, e dos captivos até cinco mil. E foi achado e tomado na villa mui gran-

de e rico despojo, que foi estimado a oitenta mil dobras d'ouro. Do qual todo El-Rei fez aos tomadores escala franca, sem reservar para si quinto, nem outro direito algum.

Acharam-se dentro cincoenta captivos christãos, a que a santa victoria deu livre redenção. E El-Rei e o Principe, assi no entrar da villa, cómo no soccorrer e prover das muitas pelejas e afronta dos combates, não sómente por seu conselho e exforço usaram de oficios, que pareciam e eram de aprovados capitães; mas ainda por seus braços cometeram e acabaram feitos como ardidos e valentes cavalleiros, sem algum resguardo nem tento do que a suas pessoas e dinidades reaes se deviam, e certamente era grande gloria vêr aquelle dia na mão do Principe em idade de XVI annos sua espada de bravos golpes torcida, e de sangue de infieis em todo banhada, em cuja vista a mór parte da alegria era d'El-Rei seu padre, que n'aquella victoria e perigo o tomou por parceiro, vendo que em ajuda tão necessaria, e perigo tão conhecido não podera no mundo escolher melhor companheiro do que gerara por filho.

E porém como El-Rei sentiu que o feito com desejado vencimento era de todo acabado, foi logo á misquita dos mouros, onde sobre o corpo do conde de Marialva achou já uma cruz, a qual por começo do serviço e sacrificio, que a Deus n'ella ao diante se havia de fazer, logo beijou e adorou, e depois de fazer oração, logo junto com o corpo morto do dito conde, armou per si o Principe seu filho por cavaleiro, com palavras de grandes louvores, e muitas bondades e merecimentos do mesmo conde. E sendo ambos d'armas victoriosas vestidos, El-Rei no cabo de auto tão devoto e tão glorioso, disse ao Principe, e não sem algumas lagrimas:

—«Filho, Deus vos faça tão bom cavaleiro como este que aqui jaz.»

E porque o conde D. João não tinha filhos, e por sua tão honrada casa, por fallecimento de legitima sobcessão não ficar distinta ou minguada, El-Rei em galardão de sua morte, e por sua vida e memoria para sempre viva, fez conde de Marialva D. Francisco Coutinho seu irmão, que este titulo e mercê aos Reis de Portugal e seus reinos sempre bem servio e mereceo. E assi fez conde de Monsanto a D. João de Castro, filho do dito conde D. Alvaro. E edificou a dita misquita em casa de oração da avocação de Nossa Senhora, Santa Maria da Asumção; porque n'aquelle dia partio de Lisboa para tomar a villa, e em tal dia partio El-Rei D. João seu avô, quando tomou a cidade de Ceuta, e em tal venceu a batalha real, e em tal dia falleceu, e em tal dia nasceu.

CAPITULO CLXVI

De como Mollexeque vinha socorrer Arzila, e fez pazes com El-Rei D. Affonso

E n'esta villa foram tomadas e captivas duas mulheres e um filho de Mollexeque, Senhor d'Arzila, gran senhor entre os mouros, que depois foi Rei de Fez; e porém a este tempo que El-Rei chegou sobre Arzila, elle era em Fez guerreando um Marim, que governava o Rei do dito reino, por cuja morte ficou Rei. E sendo d'isso certificado, partiu logo a gram pressa assaz poderoso, para soccorrer a villa se fosse possivel, e em Alcacer Quibir foi certificado da expunação e entrada da villa, e estrago e

captiveiro de suas mulheres e filhos, e de todolos mouros d'ella, d'onde enviou a El-Rei sua embaixada, cuja conclusão foi: Depois de ambos partirem aquellas terras, segundo os antigos termos de suas cidades e villas d'Africa, requeriam desejar com elle paz ou tregoa, que com seu temor e grande necessidade lhe pedio, e para isso lhe desse segurança para em pessoa lhe vir fazer reverencia, e com elle se concertar, do que a El-Rei muito prouve, e sobre firmes seguranças que lhe enviou, o dito Mollexeque veio com trezentos de cavallo a tiro de bombarda da dita villa.

E porém elle com receios de cautellas e suspeitas de mouros, com quanto El-Rei por dobrar na segurança lhe tornou a enviar sua direita monopla d'armas, não quiz a suas vistas chegar. E d'ali porém se concertaram, em que por contrato escripto tomaram concordia, sobre os termos e logares que a um e a outro ficariam, de que arrecadassem suas pareas e tributos. E assentaram tregoa por vinte annos que El-Rei lhe deu, a qual sómente nas terras chãs se entendesse; porque sem quebramento d'ella a cada um ficava livre faculdade para do outro poder tomar e conquistar seus logares cercados; e d'ali se tornou Mollexeque.

E El-Rei como quer que d'outros senhores e grandes homens fosse para a capitania e governança da dita villa requerido, fez capitão d'ella juntamente com Alcacere, que já aos mouros tinha tomado, a D. Anrique de Meneses, conde de Valença, a quem publicamente disse muitas virtudes e merecimentos para isso, que faziam todos por muita sua honra e louvor.

CAPITULO CLXVII

De como El-Rei foi certificado que os mouros de Tangere tinham leixado a cidade, e do que sobr'isso logo proveu, e de como se foi a ella, e de hi para o reino

El-rei em provendo as cousas da villa que cumpriam, com fundamento de se volver para o reino, foi por dois mouros a gram pressa certificado que os moradores da cidade de Tangere esquecidos da grande fortaleza d'ella e de si mesmos, principalmente temendo que a mortindade e estrago de Arzilla, de que por uma velha segundo se disse, foram avisados, não viesse tambem sobre elles, a tinham desamparada de todo. A qual leixaram vazia de suas pessoas e fazendas, e cheia de muito fogo, que as casas e reliquias d'ella sem proveito dos christãos se destruissem e queimassem.

E após a primeira nova d'esta tamanha e não crida gloria, vieram logo outros que sem duvida o confirmaram, pelo qual El-Rei com muita gente de pé, e com os de cavallo que foi possivel, enviou logo á dita cidade D. João, filho do duque, que depois foi marquez de Montemór, aos xxviii dias d'Agosto, dia de Santo Agostinho, que segundo se affirma foi já bispo d'ella. E ao outro dia o dito D. João sem alguma contradição entrou na cidade, em que achou certas bombardas grossas, e muita outra artilharia e polvora, a que os mouros por desacordo e cegueira, ou por causa de mais seu damno não poseram o fogo, e o punham andando ás palhas e cousas pequenas das casas. Da qual cousa logo avisou El-Rei, que alegre de

tão bem aventurado sobcedimento, sem muito trespasso com o Principe, e com a nobre gente de sua côrte, logo se foi á dita cidade, em que entrou já sem o ardente desejo de sua destruição e vingança, em que sempre vivia.

Foi-se logo á Mesquita que já era feita egreja, onde deu muitas graças e louvores a Deos, e envestio de Bispo da cidade o prior de S. Vicente de Fóra de Lisboa, que sendo da regra e Ordem de Santo Agostinho, por promoção e auctoridade apostolica era já d'antes intitulado Bispo d'ella, na qual esteve El-Rei XVII dias não se fartando de a vêr, dentro dos quaes proveo as cousas que para boa governança d'ella cumpriam. E fez e leixou por capitão e governador d'ella a Ruy de Mello seu Guarda Mór, que depois foi conde d'Olivença, pessoa no reino tão principal que o tal carrego, e outro de maïs honra e mór perigo e peso, por muitas causas e razões mui bem merecia.

E assi ennovou e accrescentou El-Rei o titulo que tinha, e se intitulou nova e primeiramente por esta maneira: D. Affonso por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa. E depois de fazer muitas terras chãs dos mouros suas subjeitas e tributarias, e notificar ao Papa e a todolos Reis e Principes christãos esta sua excellente victoria, partiu-se com o Principe para Portugal aos XVII dias do mez de Setembro, e logo ao outro dia seguinte foi no porto da cidade de Silves. De maneira que El-Rei em XXXIII dias contados do dia que partiu de Lisboa até este, começou e acabou prosperamente estes tamanhos feitos, de que Deus foi muito servido, e seu estado e nome por todo o mundo mui accrescentado e louvado.

E os christãos d'Andaluzia não receberam por isso menos prazer que segurança, de que com festas para

o mundo, e devotas procissões para Deos deram claros signaes.

E de Silves se foi logo El-Rei e o Principe por mar á cidade de Lisboa, onde foram com grande triunfo, e muitas festas e alegrias recebidos, o que todo tambem por todo o reino com a notificação e certeza da victoria por muitos dias se continuou.

CAPITULO CLXVIII

De como a Infante D. Joana filha d'El-Rei foi metida no mosteiro d'Odivellas, e de hi ao mosteiro d'Aveiro, e d'outras cousas que El-Rei fez

A Infante D. Joanna filha d'El-Rei estava a este tempo em Lisboa, com tão grande casa de donas e donzellas e officiaes como se fôra Rainha; e porque fazia sem necessidade grandes despezas, e assi por se evitarem alguns escandalos e perjuizos que em sua casa por não ser casada se podiam seguir, El-Rei por conselho que sobr'isso teve, logo no mez d'Outubro d'este anno a apartou, e em habito secular e com poucos servidores a poz no mosteiro d'Odivellas em poder da Senhora D. Filipa sua tia, em edade de XVIII annos. D'onde foi depois mudada para o mosteiro de Jesus de Aveiro. Onde sem casar com nome de honesta e mui virtuosa, acabou depois sua vida em idade de trinta e seis annos.

E n'este anno falleceu o Papa Paulo, e sobcedeu em Roma a cadeira de S. Pedro o Papa Sixto quarto, a que El-Rei mandou com sua obediencia Lopo d'Almeida.

CAPITULO CLXIX

Foi feito primeiro conde de Penella D. Affonso de Vasconcellos

NESTE anno em chegando El-Rei d'armada, fez em Lisboa novamente conde de Penella D. Affonso de Vasconcellos seu sobrinho, o qual por sua nobre linhagem e singulares serviços e grandes merecimentos, aquella e outra maior dinidade, tinha já a El-Rei e ao reino bem merecida.

CAPITULO CLXX

Tomou o Principe D. João sua casa

E no anno seguinte de mil e quatrocentos e setenta e dois, tomou o Principe D. João sua mulher e casa na villa de Beja, onde era a Senhora Infante D. Briatiz, e d'alli se veio á cidade d'Evora.

CAPITULO CLXXI

De como houve embaixadas e vistas entre El-Rei de Castella e de Portugal, e sobre que

No qual anno, e assi no passado entre os Reis de Castella e de Portugal houve de uma parte e da outra muitas embaixadas, ainda sobre lianças e mudança de casamento d'El-Rei D. Affonso com a Princeza D. Joanna sua sobrinha; porque como

El-Rei D. Anrique de Castella soube que o Principe D. João de Portugal era casado com a Princesa D. Lianor, e não podia já casar com a Princesa sua filha, e viu que a Infante D. Isabel sua irmã fôra contra seu prazer e auctoridade casada com El-Rei de Cecilia filho d'El-Rei D. João d'Aragão, mandou fazer d'isso autos solenes, em que com quanto pôde, por sua desobediencia a desherdou da herança de Castella. E procurou de casar a dita Princesa D. Joana sua filha com El-Rei D. Affonso, sobre o qual como disse, se passaram mui continuas embaixadas, e por meio de D. João Pacheco, Mestre de Santiago, se concertaram vistas, em que os Reis acompanhados de mui nobre gente se viram entre Elvas e Badalhoce. A's quaes vieram outrosi embaixadores do dito D. Fernando Rei de Cecilia, e da Rainha D. Isabel sua mulher, para com evidentes causas impedir o effeito do dito casamento. E finalmente no caso e negocio intrevieram tantas duvidas, e com esperança de tantos males e divisões de reino a reino, que El-Rei de Portugal tendo sobr'isso muitas vezes conselho, nunca em vida d'El-Rei D. Anrique se acharam taes meios, com que parecesse razão elle aceitar e concordar o dito casamento. E tudo principalmente causava, ser a Rainha de Cecilia intitulada por Princesa de Castella, de que tinha a mór parte dos grandes e Senhores d'ella, em que o mal da guerra era tão certo como o bem da victoria duvidoso. E porém depois da morte d'El-Rei D. Anrique, El-Rei D. Affonso consentio no dito casamento, e entrou em Castella intitulado Rei d'ella, como ao diante se dirá.

CAPITULO CLXXII

De como os ossos do Infante D. Fernando foram a estes reinos trazidos de Fez

NESTE anno sendo ainda em Fez os ossos do Infante D. Fernando, que lá falleceu em um santo captiveiro como atrás fica, como quer que a El-Rei D. Affonso por'resgate e redenção das mulheres e filho de Mollexeque, que foram captivas em Arzilla lhe fosse prometida uma grande somma d'ouro, elle como Rei bom e piedoso denegou sempre todo outro partido e interesse, salvo que por ellas lhe dessem os ossos do dito Infante, que a este tempo eram em poder de Molley Belfagege.

E leixando muitas embaixadas e recados que sobre este concerto de uma parte e da outra se passaram. Finalmente o dito Molley Belfagege enviou a El-Rei a propria ossada do dito Infante, bem reconhecida por tal por Molley Belfaca seu filho moço, e por Diogo de Bairros Adail Mór, que a elle por este caso fôra algumas vezes embaixador. Os quaes por mar chegaram com ella a Restello, e do navio foi tirada e trazida com grande manificencia á cidade de Lisboa, e entrou pela porta de Santa Catherina, onde com solemne procissão foi recebida, e alli pelo priol de S. Domingos Mestre Affonso se fez um sermão para o caso mui conveniente e devoto, em que houve palavras de tanta piedade e compaixão, que commoveram as gentes a muitas lagrimas como se foram Endoenças.

E d'alli foram os ossos postos no mosteiro do Salvador, e de hi levados ao mosteiro da Batalha, e postos com devidas exequias em sua ordenada sepultura,

na capella d'El-Rei D. João seu padre, onde segundo alguma clara evidencia, Deos por merecimentos do dito Infante, e em signal de sua bemaventurança fez alguns milagres. E certamente com a restituição da ossada d'este bemaventurado Infante, por justas causas e mui claras razões recebeu todo o reino prazer e alegria sem conto, e El-Rei dos seus naturaes e estranhos não menos honra, gloria e louvor que das prosperas expunações de Arzila e Tangere.

CAPITULO CLXXIII

Do fundamento que El-Rei D. Affonso teve para entrar em Castella por morte d'El-Rei D. Anrique

E no fim do anno de mil e quatrocentos setenta e quatro, El-Rei D. Anrique de Castella falleceu na villa de Madrid; foi seu corpo levado ao mosteiro de Santa Maria de Guadalupe, onde na capella maior á mão direita jaz em sua real sepultura como parece, e da outra parte jaz a Rainha D. Maria sua madre.

Fez El-Rei D. Anrique seu solemne e acordado testamento, em que declarou a Princeza D. Joana por sua filha, e por Rainha herdeira dos reinos de Castella. E a El-Rei D. Affonso por governador d'elles, pedindo-lhe finalmente que aceitasse a dita governança, e casasse com ella, o qual testamento foi logo trazido a El-Rei D. Affonso, que estava em Extremoz, no mez de Dezembro do dito anno de mil e quatrocentos e setenta e quatro, sobre o qual El-Rei logo teve grande e geral conselho, para que foram

alli juntos com El-Rei e com o Principe todolos grandes e principaes do reino.

E o Principe desejando que El-Rei seu padre com esperança de acrecentar seus reinos de Portugal, aceitasse, e não se escusasse do casamento e empresa de Castela, tinha suas fallas e maneiras com esses principaes, a que revellava seu desejo, com que os commovia para que conselhassem El-Rei seu padre e o esforçassem para isso. Porque depois de sua morte, muitas vezes o Principe D. João seu filho sendo Rei, com aquella onestidade e reverença que devia, acusava a negligencia ou não bom conselho d'El-Rei seu padre; porque não censentira e aceitara os primeiros cometimentos dos casamentos de Castella, El-Rei D. Affonso com a Infante D. Isabel, e elle com a Princesa D. Joana, com que de uma maneira ou d'outra foram d'Espanha pacificos Reis e Senhores.

E porém o conselho do Arcebispo de Lisboa, que depois foi Cardeal, e do duque marquez de Villa Viçosa por causas muitas que allegaram, foi que El-Rei em tempos de tanta devisão, e com tamanho pendor contrairo como tinha, não devia entrar em Castella nem aceitar a empresa d'ella, e leixala aos naturaes que a quizessem favorecer e soster. Pelo qual ante de se tomar final assento, acordou El-Rei de enviar primeiro como enviou a Castella Lopo d'Albuquerque, Camareiro-Mór, que depois foi conde de Penamacor, a saber quantos e quaes eram os cavalleiros da valia da Rainha D. Joana, e concertar-se com elles, e tomar d'elles certidão d'obediencia para em sua segurança, se parecesse razão, El-Rei entrar em Castella. E o dito Lopo d'Albuquerque, foi principalmente aderençado a D. Affonso Carrilho, Arcebispo de Toledo, e ao marquez de Vilhena, e ao duque do Infantado, que então era marquez de Santi-

lhana, e ao duque e duquesa d'Arevallo, e a outros muitos de sua parentella e valia. Os quaes a este tempo eram todos declarados por a dita Rainha D. Joana, de que trouxe a El-Rei autenticas certidões, e promessas de casando com ella o servirem e obedecerem como a proprio Rei de Castella.

CAPITULO CLXXIV

Como El-Rei determinou todavia entrar em Castella, e dos requerimentos que logo enviou a El-Rei D. Fernando e á Rainha D. Isabel

E com esta certidão com que o dito Lopo d'Albuquerque chegou a Evora, no Janeiro de mil e quatrocentos setenta e cinco, determinou El-Rei, pospostos outros muitos inconvenientes que com tudo se apontaram e se offereceram, todavia aceitar como aceitou a empreza, e sem escusa entrar em Castella, pelo qual mandou logo perceber os grandes e senhores, prelados, fidalgos, e cavalleiros, e gente outra de seus reinos, para na entrada do Maio logo seguinte serem em Arronches, por onde acordou d'entrar.

E d'alli El-Rei por conselho que para isso teve, ante d'outro proseguimento enviou Ruy de Sousa a El-Rei D. Fernando, e á Rainha D. Isabel, que em Valhadolid estavam em festas e justas reaes, notificando-lhe como por ser casado com a Rainha D. Joana filha legitima d'El-Rei D. Anrique, os reinos de Castella lhe pertenciam, requerendo-os e amoestando-os com as razões e protestações que n'isso cabiam, que se fossem dos ditos reinos e lh'os leixas-

sem livres. A que os ditos Rei e Rainha, com outras razões que pareciam ser conformes a justiça e honestidade, responderam e outrosi requereram que elle não entrasse nos ditos reinos, que sómente a elles diziam que pertenciam. E em fim a determinação do feito ficou entre os Reis não a boas razões, nem justificação de Leis que apontassem, mas sómente a disposição e força das armas como se fez, e ao diante se dirá.

CAPITULO CLXXV

De como El-Rei se foi a Arronches, por onde acordou d'entrar em Castella

El-rei se foi na entrada do mez de Maio a Arronches, e com elle o Principe seu filho, a que deu as provisões que cumpriam para inteira governança e regimento do reino de Portugal em que ficava, e assi outras declarações secretas como por via de testamento, em que quiz e declarou que todalas graças e doações, que durando esta empresa e necessidade de Castella a quaesquer pessoas fizesse, que passassem de dez mil réis de renda, não sendo aprovadas, consentidas, e assinadas juntamente pelo dito Principe seu filho, fossem de nenhum valor, como cousas por constrangimento e sem vontade outorgadas.

CAPITULO CLXXVI

De como a este tempo naceu o Principe D. Affonso neto d'El-Rei

Estando El-Rei já prestes para d'Arronches mover com todo seu arraial, veio a elle e ao Principe certidão, que a Princesa D. Lianor pario o Infante D. Affonso em Lisboa, a XVIII dias de Maio de mil e quatrocentos setenta e cinco. Com que todo o Reino mostrou geralmente muita gloria e alegria. E por seu nacimento declarou logo El-Rei, sendo caso que o Principe D. João seu filho em sua vida fallecesse, a tempo que elle mesmo Rei tivesse outro filho lidimo da Rainha D. Joana sua esposa com que havia de casar, que ao dito Infante D. Affonso sempre pertencesse e viesse a sobcesão dos reinos de Portugal, e que para isso fosse logo jurado e obedecido, como depois o foi com a devida cerimonia e solemnidade, de que para uma cousa e para a outra se outorgaram e fizeram provisões e escripturas autenticas.

CAPITULO CLXXVII

Da gente com que El-Rei entrou em Castella, e em que ordenança ia

E com a gente que a El-Rei veiu e com elle se ajuntou em Arronches, e com a do duque de Guimarães e do conde de Marialva, e de Ruy Pereira e d'outros fidalgos, que atalhando pela comarca da Beira se foram ajuntar com El-Rei já em

Castella, se fez de gente numero certo, ao todo de cinco mil e seiscentos de cavallo, e quatorze mil homens de pé, todos bem armados e encavalgados, e providos d'artilharias, armas e tendas, e de todo o mais que para guerra pertencia, e tudo em gram perfeição. E com os que eram em Arronches partiu, e foi ter o primeiro arraial em campo á fortaleza da Codiceira já em Castella, e de hi a Pedra Boa, d'onde o Principe se despedio d'El-Rei seu padre, e se veiu a Portugal; porque até alli sempre foi despachando o que lhe cumpria.

E a ordenança da hoste e batalhas d'El-Rei iam n'esta maneira: diante ia logo Diogo de Bairros, Adail Mór com certos ginetes por descobridores. E após elle o marechal D. Fernando Coutinho, com guias e outra gente ordenada, por apousentador e assentador do arraial. E logo Vasco Martins de Sousa Chichorro, capitão dos ginetes d'El-Rei em sua batalha. A quem logo seguia o conde de Penamacôr, capitão da avanguarda d'El-Rei, após o qual seguia logo a carreagem.

E a batalha real com suas reaes bandeiras tendidas iam no meio, na qual El-Rei o mais do tempo ia. E porém ás vezes com certos ginetes andava provendo de batalha em batalha, trazendo sempre de trás de si nas mãos de um page um guião de sua divisa, que foi um rodizio de moinho com gotas d'agoa derrador espargidas, que tomara pela Rainha D. Isabel sua mulher. E na reguarda ia o duque por Condestabre; porque em caso que D. João seu irmão tivesse o nome e servisse o officio nas villas e causas judiciaes, porém sempre no campo a priminencia do officio ficou ao duque.

E além d'estas batalhas eram outras ordenadas ás allas da batalha d'El-Rei, em que iam de cada parte,

D. Affonso conde de Faram, e D. Anrique de Menezes conde de Loulé, e D. Affonso de Vasconcellos conde de Penella, e o conde de Monsanto, e outros.

CAPITULO CLXXVIII

De como El-Rei chegou a Prazença, onde publicamente foi jurado por Rei, e esposado com a Rainha D. Joana, e a'outras cousas

Em'esta ordenança sem algum recontro nem rebate contrairo chegou El-Rei á cidade de Prazença, onde o já esperava a Rainha D. Joana. E com ella o duque e duqueza d'Arevallo, que eram senhores da dita cidade, e com elles o marquez de Vilhena e o conde d'Oronha, e outros muitos senhores, e pousou El-Rei com a Rainha dentro na fortaleza, onde por alguns dias houve grandes festas e prazeres, nos quaes se consultou a maneira do recebimento d'El-Rei com a Rainha, e seu alevantamento por Rei, o que se fez em um alto e mui rico cadafalso posto na praça da cidade, em que El-Rei e a Rainha ambos juntamente estiveram.

E alli depois de feita publicamente a solemnidade dos esposoiros, como em tal caso cumpria, logo com cerimonias de trombetas e reis d'armas em altas vozes foram pelos senhores que eram presentes, e com outros muitos com suas procuraçõe, alevantados e jurados por Reis de Castella, e por taes lhes beijaram as mãos, e se tomaram d'isso publicos estromentos. E d'alli em diante se intitulou El-Rei D. Affonso, Rei de Castella e de Lião e de Portugal, etc., e chamou á Rainha esposa, com a qual então nem depois

nunca consumou o matrimonio, por defeito de despensação que não tinha nem nunca houve. E por galardão do trabalho que Lopo d'Albuquerque tomara no concerto d'esta entrada e casamento, El-Rei o fez alli conde de Penamacôr.

E de Prazença fez El-Rei tornar D. João Galvão, Bispo de Coimbra, com sua gente por fronteiro da comarca da Beira, e Pero d'Albuquerque por capitão do Sabugal e Alfaiates.

CAPITULO CLXXIX

De como El-Rei D. Affonso e a Rainha se foram á cidade de Touro, e como El-Rei D. Fernando veiu sobre elle com todo seu poder

Feita consulta do mais que se faria, moveu El-Rei logo com a Rainha em arraial caminho d'Arevalo, em que foram sempre de noite e de dia com grandes resguardos de segurança, especialmente atravessando por terra d'Alva, onde com muita gente d'armas era o duque, que por obrigação de sangue que entre si tinham, sempre seguio a parte de El Rei D. Fernando.

Em Arevalo estiveram poucos dias, d'onde El-Rei se foi á cidade de Touro, por concerto que tinha de lha dar como deu João d'Ulhoa, dentro da qual El-Rei com toda sua gente se alojou. E em chegando se pôs cerco, e deram fortes combates ao castello da cidade que achara contrairo, em que a mulher de Rodrigo d'Ulhoa estava por El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel, que como Reis esforçados, e por darem de si bom exemplo aos que em tantas diffe-

renças bem os servissem, cometeram de vir socorrer e descercar o dito castello, e chegaram a meia legoa de Touro, de gentes e artilharias muito mais poderosos que El-Rei D. Affonso.

E assentaram seu arrayal ao longo do Doiro acima da cidade. Mas o cerco do dito castello estava em todo tão percebido e com estancias tão armado e afortalezado, que El-Rei D. Fernando por escusar no cometimento uma perda certa por victoria tão duvidosa, não quiz cometer o combate. E depois d'estar alli alguns dias, em que do conde de Marialva D. Francisco Coutinho, e de Diogo Fernandes d'Almeida, e do conde de Faram, e d'outros fidalgos e cavalleiros, El-Rei D. Fernando recebeo muitas vezes em sua gente e carriagens muito dano e perda, com rebates que estes de dia e de noite, como nobres e esforçados cavalleiros lhe davam, assi logo do arraial como depois ao alevantar d'elle, El-Rei D. Fernando como triste e anojado alevantou seu arraial e se foi a Valhadolid, com pouca esperança de conseguir o efeito de sua empresa; porque a gente por desfallecimento de dinheiro, que já não tinham, se partia d'elle, e do descerco de Touro, que não acabara nem cometera, deu causa que nos corações dos castelhanos enfraquentou muito seu partido.

E a opinião, ou mais certa verdadeira sentença dos sesudos e bons guerreiros, foi que se El-Rei D. Affonso se soubera approveitar da bonança n'este tempo, e sobre este desfavor e quebra d'El-Rei D. Fernando o perseguira, e por cerco ou batalha o apertara, que de necessidade d'esta vez o lançara fóra de Castella, onde sem resistencia na maior parte ficara Rei pacifico.

A mulher de Rodrigo d'Ulhoa vendo-se já desesperada de socorro, soffrendo primeiro muitos com-

bates e minas, e resistindo sempre como boa e virtuosa dona, com segurança de sua pessoa e fazenda fez partido, com que entregou o castello a El-Rei, que o deu logo ao dito João d'Ulhoa seu irmão d'elle.

CAPITULO CLXXX

De como El-Rei D. Affonso se foi a Çamora, e de hi querendo ir descercar o castello de Burgos tomou Baltanas, e prendeo o conde de Benavente

Em'este tempo João de Porras, cavalleiro principal de Çamora, andava em trato de fazer vir a dita cidade a serviço e obediencia d'El-Rei D. Affonso; porque o Marechal que tinha a fortaleza por El-Rei D. Fernando, elle tambem o commovia, porque era seu genro.

E El-Rei D. Affonso fez João de Porras vedor de sua casa, por prazer e consentimento de Pero de Sousa, que o dito officio tinha. E como El-Rei foi do trato de Çamora seguro e certificado, se foi logo a ella com a Rainha, onde foram em tudo com muitas cerimonias e grandes triunfos recebidos e obedecidos. E alli era já o Arcebispo de Toledo com El-Rei D. Affonso. E porque tinha o castello de Burgos um cavalleiro chamado Sarmento, em que era estreitamente cercado por El-Rei D. Fernando, cujo contrairo estava, determinou El-Rei D. Affonso de o ir descercar e prover. Pelo qual partio logo assaz poderoso de Çamora, onde leixou a Rainha, e por sua guarda Lopo d'Almeida, e por sua aia a Camareira Mór, D. Briatiz da Silva sua mulher.

Foi-se El-Rei a Arevallo, onde por calmas e muitas

fruitas, e pós, e outro máo trato que alli houve lhe morreu muita gente, porque esteve alli muitos dias recebendo avisos dos de Burgos, e consultando se cometeria, ou como cometeria o dito descerco; porque para tudo havia muitas razões e mais duvidas. E finalmente acordou descercal-o, para que partio e foi a Pena Fiel, que era do conde d'Oronha, onde tambem por receios e dificuldades, que recreciam maiores, sobreseve alguns dias, nos quaes foi avisado que o conde de Benavente sabendo de sua ida a Burgos, se viera com quatrocentas lanças á Villa de Baltanas, oito legoas de Pena Fiel, para d'alli lhe dar rebates, e com dano dos d'El-Rei D. Affonso fazer de sua honra, pelo qual El-Rei determinou de secretamente o ir cercar e tomar por força, e para maior dessimulação d'isso, temendo de ser o conde de Benavente avisado, mandou diante e de dia por outro caminho desviado o conde de Penamacôr com a gente de sua guarda, e em sua companhia Ruy Pereira da Feira, e D. Diogo de Crasto.

E como foi de noite partio El-Rei por o caminho direito de Baltanas, e porém na mesma noite vieram-se ajuntar não longe da villa a que iam, d'onde o conde de Penamacôr se adiantou com seus ordenados, e em querendo amanhecer se pôs em corrida, e chegou com pouca gente sobre a dita villa, além da qual por se o conde não sair, se pôs logo em batalha, a que o conde de Benavente com quanto na villa tinha mais gente, crendo que era cillada não quiz sair, e se pôs em ordenança de defesa, avisando do caso outra sua gente que era acerca, por dois de ligeiros cavallos, que enviou para logo lhe socorressem.

E porém se o conde de Benavente ante da chegada d'El-Rei que tardou muito, dera no conde de Penamacôr, claro é que o desbaratara, e tivera d'elle certa

victoria; porque tinha mais gente e mais folgada, e assi os cavallos e muitos espingardeiros e artilharias. Mas El-Rei sendo duas horas de sol chegou com muita gente, e assi com escadas e artilharias sobre a villa, e depois de comerem, mandou fazer signal de combate, que de todalas partes se deu á villa mui rijo e mui afrontado, em que a gente toda era a pé, salvo El-Rei que de uma parte para a outra andava a cavalo. E leixou de fóra a cavallo D. Troillos, filho do Arcebispo de Toledo com gente d'armas, e ginetes para segurar rebates e torvações do campo.

O conde de Benavente como era gram senhor e esforçado cavalleiro, tinha comsigo muita e boa gente d'armas, e assi espingardeiros e outra muita artilharia, com que fez muito dano aos d'El-Rei, e entre os mortos que de sua parte alli foram, foi o principal D. Alvaro Coutinho, filho maior do Marichal, que entre as ameias subindo por uma escada foi morto. E porém a villa foi com tanto aperto combatida e entrada, que o conde de Benavente por segurar a vida, constrangidamente a veio em pessoa pedir a El-Rei de cima do muro, e El-Rei per si mesmo em viva voz lh'a outorgou, com que se deceo e deu á prisão. E a villa foi logo entrada e roubada toda, de que se houve muito e rico despojo.

Dormio El-Rei alli aquella noite, e ao outro dia alegre e contente se tornou a Pena Fiel, e trouxe preso o dito conde, cuja guarda encomendou ao conde de Penela, que o teve emquanto não foi delivrado.

CAPITULO CLXXXI

De como El-Rei tomou Cantalapedra, e se tornou a Çamora

Tornou El-Rei a ter conselho sobre o socorro do castelo de Burgos, e como quer que para isso pelo bom sobcedimento de Baltanas tinha bom tempo e disposição, foi dos portuguezes aconselhado que o não fizesse, e tornou-se a Arevallo já no fim de Setembro. E d'alli por trato que já achou concertado enviou o conde de Penamacor, e Ruy de Mello, e outros fidalgos e cavalleiros a escalar e tomar como tomaram de noite a villa de Cantalapedra sem algum perigo nem resistencia. E El-Rei sobreveio logo com toda a outra gente, para se se pozera em defesa a combater e tomar por força como a de Baltanas.

Houve-se El-Rei nobre e piadosamente ácerca das pessoas e fazendas dos lavradores da villa. E leixou hi logo por capitão o dito Ruy de Mello, e tornou-se a Arevalo, e depois quando por hi tornou caminho de Çamora, onde veio invernar, leixou por capitão Bandarra, irmão do Bispo de Coimbra.

CAPITULO CLXXXII

Do cuidado que o Principe D. João tinha em governar e defender Portugal, e como

Sobre o Principe que tornou a Portugal carregaram muitos cuidados; porque não sómente sobre seu justo juizo pendeo a governança do reino nas cousas da justiça, mas ainda muito mais so-

bre seu coração e esforço a defesa d'elle, nas afrontas da guerra. A qual pela ausencia d'El-Rei D. Affonso seu pai, que levou comsigo a frol da gente e armas do reino, crecia e se acendia muito nos estremos d'elle com roubos, mortes, fogo e sangue, e com entradas de gentes contrairas, a que o Principe de noite e de dia, e em armas sempre vestido socorria e resistia com muita viveza e trabalho, não como Principe moço e novel, mas como ardido e velho cavalleiro, que nos trabalhos e afrontas por longos tempos fôra esprementado, e tanto era mais de louvar, quanto os imigos sendo mais, e elle em todo com menos possibilidade para os contrariar, não sómente muitas vezes defendeo em pessoa os reinos porque esperava, mas ainda os estranhos offendia e guerreava continuamente por muitas maneiras.

E n'este mesmo anno com quanto pareceu que El-Rei D. Affonso levou do reino tanto dinheiro, que por muito tempo lhe podera soprir, porém as despesas de soldos e outras necessidades sobrevieram em tanto crecimento, que a El-Rei conveio socorrer-se aos dinheiros dos Orfãos de seus reinos, e a outros muitos emprestidos particulares, e por seus officiaes foram logo tirados e levados a Castella. A cuja paga o dito Principe depois que reinou, por descargo d'alma de seu pai, como bom e piadoso filho satisfez quanto pôde com muito cuidado e amor.

CAPITULO CLXXXIII

De como o principe cercou a villa d'Ougela, e a tomou, e da morte de João da Silva

N'este mesmo anno no mez de Junho estando o Principe em Extremoz, Galindo, cavalleiro castelhano, e na extremadurá de Castella bem aparentado, tomou salteada e por máo recado dos visinhos d'ella, a villa d'Ougela junto com Campo Maior, sobre que o Principe com a mais gente de pé e cavallo que foi possivel, e com algumas artilharias logo acudiu, e a cercou, em cujo cerco era do Principe capitão principal João da Silva seu Camareiro Mór, nobre fidalgo, e de mui conhecido e esprementado esforço.

E finalmente foi a villa assi afrontada, que aos contrairos que a tinham conveio com risco de suas pessoas partirem-se d'ella e livremente a leixarem. E em vindo o dito Galindo já sobre este concerto, com assaz de gente para recolher os seus que saissem do cerco, sahio a elle o dito João da Silva, e vindo cada um d'elles diante da sua gente de noite, pessoa por pessoa, por acertamento se toparam junto com a dita villa, e d'encontros tão mortaes se encontraram, que d'elles sós, falsadas as armas d'ambos, ambos morreram sem outro dano algum se receber de cada uma das ditas partes, e certo para um reino e para o outro a morte de taes dois homens, por sua nobreza e valentia foi muito sentida e triste, mas para suas honras e memorias assaz honrada e muito de louvar.

CAPITULO CLXXXIV

De como o Principe indo vêr-se com El-Rei D. Affonso seu padre, foi por elle avisado da traição da ponte de Çamora, e se tornou de Miranda do Doiro

El-rei D. Affonso como disse veio invernar a Çamora, d'onde muitos portuguezes, e os mais sem vontade d'El-Rei se vieram a este reino, o qual desejoso de vêr o Principe seu filho, e ter com elle conselho sobre cousas que em tantas necessidades a seu estado e honra cumpriam, lhe escreveu, que logo o fosse vêr a Çamora, o que o Principe depois de prover as frontarias e cousas do reino com muita diligencia e obediencia logo cumprio. E sendo já em Miranda do Doiro aforrado, para d'ali com gentes d'El-Rei entrar seguramente, foi de mandado d'El-Rei avisado por o Chicorro, capitão dos ginetes que passou o Douro a nado, que se volvesse por causa da traição da ponte de Çamora, que foi brevemente n'esta maneira.

CAPITULO CLXXXV

De como foi a dita traição, e da maneira que El-Rei D. Affonso sobre isto teve

A dita ponte tem duas torres, uma na entrada da cidade, de que era alcaide um Pedro de Mazaregos, e outra da outra parte, que tinha um chamado Valdes, seu cunhado, dos quaes El-Re fôra já avisado que se segurasse, porque contra se

serviço tratavam com El-Rei D. Fernando. O que El-Rei crendo que eram suspeitas falsas que d'elles lhe davam, não o quiz remedear.

E no dia em que El-Rei havia de Çamora mandar a gente pelo Principe, foi certificado pelo doutor Pareja, corregador da cidade, já de noite, como gente grossa d'El-Rei D. Fernando sobre concerto da ponte era partida de Vilhalpando contra Çamora. E o trato era sabendo da vinda do Principe, que o leixassem com toda a gente meter e entrar na ponte, e que se levantassem contra elles, e cerrassem ambas as torres, e os matassem ou prendessem, e pela duvida que El-Rei D. Affonso contra os da ponte tinha já concebida, conveio sem mais esperar poer-se logo a cavallo. E sendo com elle o Arcebispo de Toledo e outros alguns, chegaram á ponte da parte da cidade, e mandou a Pedro de Mazaregos que logo abrissem a torre e lhe viesse fallar, o qual se escusou d'isso com taes palavras e mostranças, por que El-Rei e os que com elle iam, claramente conheceram ser traição. E como cousa já danada, logo assi de noite como iam sem mais outro acordado proposito, tentaram de por força tomar a ponte, mas pela forte resistencia e defesa que dentro houve, não poderam.

El-Rei e todolos outros mui tristes se volveram á cidade, que com repique do sino grande, e com dobradas vozes de «traição, traição», foi logo metida em temeroso alvoroço d'armas, e certamente consiradas bem as circumstancias de muitas cousas que n'aquella noite concorreram, ella geralmente a todos e em cada parte foi de grande temor e espanto; porque a todos era notorio haver traição, e mui poucos sabiam em que pessoas e de que maneira seria. E com este medo tão claro e segurança tão escura, assi trabalhavam de se salvar os castelhanos dos portu-

guezes, como os portuguezes dos castelhanos, sem haver de uns para os outros nenhuma certa fiança, até que foi manhã, que a todos fez certos da clara verdade.

CAPITULO CLXXXVI

De como El-Rei combateu a ponte, e do que se seguiu, e como El-Rei D. Affonso leixou Çamora, e se foi a Touro

E no dia seguinte depois de amanhecer El-Rei se pôs em armas, e todolos senhores principaes e fidalgos com elle para combate da ponte, e posto que com toda ardideza e perigo, com espingardas e tiros outros, e bestas e lenha, pez e fogo, á parte da dita ponte contra a cidade o deram mui aturadamente e sem algum medo, em fim o damno todo ficou com os d'El-Rei, a que com espingardas e tiros que de dentro furiosamente jogavam, lhe feriram muitos senhores principaes e fidalgos, e mataram alguns, de que os principaes feridos d'espingardas foram, o conde de Villa Real, e D. João de Lima, que depois foi bisconde, e D. Rodrigo de Castro filho do conde de Monsanto, e foi morto João Alvarez Pereira, page d'El-Rei, e outros, pelo qual vendo El-Rei a perda tão manifesta, e a esperança da victoria tão desesperada, afastou sua gente do combate, e se recolheu á cidade. Onde dos castelhanos que seguiam seu partido foi principalmente aconselhado que algumas pessoas suspeitas que n'ella houvesse mandasse sem armas lançar fóra, e elle pois bem podia, a mantivesse e a defendesse, e por alguma maneira não se saisse, e que o damno e perigo da ponte po-

deria levemente remedear, mandando logo fazer entre ella e a cidade um muro mais forte que a porta da mesma ponte, com que os da cidade se fariam mais fortes contra a ponte, que os da ponte contra ella, e mais que tinha a fortaleza certa e segura a seu serviço, que para sua segurança era um fundamento mui principal.

E finalmente a torvação foi em todos tamanha, que este tão são e seguro conselho nunca o quizeram entender, e se o entenderam não o quizeram obrar, porque El-Rei desconfiando já dos castelhanos e acostando-se ao conselho dos portuguezes, foi d'elles aconselhado que com a Rainha se saisse, e não se fiasse já dos de Çamora, que havendo vista d'El-Rei D. Fernando se sobre ella viesse, se volveriam contra elle, de que seria mui difficil elle e todolos seus escaparem, pelo qual se partio El-Rei e a Rainha caminho de Touro, onde estava João d'Ulhoa, que os recolheo com tamanha fé e lealdade, como era a desconfiança que muitos levavam de elle contra El-Rei e a Rainha fazer e usar do contrairo.

CAPITULO CLXXXVII

Dos percebimentos que o Principe fez em Portugal para ir socorrer a El-Rei D. Affonso seu padre, e como entrou em Castella

Etornando ás cousas do reino de Portugal, o Principe da traição cometida contra El-Rei seu padre foi muito anojado, e desejando de o ajudar e socorrer não sómente como bom e piedoso filho, mas como amigo poderoso e verdadeiro que era,

volveu-se logo á cidade da Guarda, onde teve conselho em que se determinou dar-se socorro a seu padre de gentes e dinheiro do reino, quanto fosse possivel, e que o Principe fosse socorre-lo em pessoa. Em cumprimento do qual fizeram logo para gente apurações e percebimentos geraes, e para o dinheiro além do que se pôde haver das rendas do reino, se tomou por certa recadação toda a prata das egrejas e mosteiros, salvo a sagrada, callezes, custodias e relicairos, e assi por imprestidos de pessoas particulares se houve alguma somma de dinheiro. E não sem grandes dôres e gemidos do povo que o muito sentiam.

Cometeo o Principe e deu por autoridade d'El-Rei o inteiro regimento e governança do reino á Princesa D. Lianor sua mulher. E com ella ordenou e leixou pessoas d'autoridade e letras e bom conselho, com que nas cousas do reino se aconselhasse, e proveo as fronteiras de capitães, alcaides, e gentes como cumpria. E depois de feito isto, e ter sua gente prestes, partiu da Guarda no mez de Janeiro de mil e quatrocentos setenta e seis. E foi a Castello Rodrigo, e de hi entrou em Castella por villa de S. Fellizes, que por estar contra serviço d'El-Rei seu padre a combateo, e tomou por força, e foi toda roubada, e a leixou então por si, em que foram alguns mortos e muitos feridos, e de S. Fellizes foi junto com Ledesma, que com quanto era contraira deu ao arraial dinheiro, mantimento e provisões em abastança. E d'alli no fim do mez de Janeiro em tanto concerto levou sempre o Principe sua gente, que no caminho nunca recebeo rota nem recontro, até que chegou á cidade de Touro, onde El-Rei seu padre, depois de sair de Çamora, seguio e tratou em sua propria pessoa as cousas da guerra muitas vezes, mais como ca-

valleiro fronteiro, que como tamanho Rei, e tão poderoso como era.

CAPITULO CLXXXVIII

De como El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel se apoderaram de Çamora, e pozeram cerco ao castello

El-Rei D. Fernando com a Rainha sua mulher vieram-se logo a Çamora, a que El-Rei D. Affonso com desejo de batalha foi dar vista duas vezes, sem haver entre elles peleja. E El-Rei D. Fernando tambem veio dar outra vista sem rota alguma entre elles, uma legoa de Touro. E depois vieram seus corredores a Touro, a que o conde de Penamacôr sahio, e lhes seguiu o encalço até junto com Çamora, d'onde sahio outra gente de refresco, que prenderam e feriram o dito conde, e assi prenderam e feriram outros fidalgos portuguezes. E porém El-Rei D. Fernando pôs logo cerco e estancias mui fortes ao castello da cidade, que era seu contrairo. E a determinação d'El-Rei D. Affonso era combater e romper as ditas estancias, e soccorrer á fortaleza. E o proposito d'El-Rei D. Fernando, a que tudo logo se revellava, era de lh'o resistir com todas forças e poder, e a um Rei e ao outro não era escondido que n'este só ponto de Çamora estava a esperança de todo o feito d'ambos; porque o que d'esta contenda ficasse com melhoria, essa d'hi em diante teria sempre nos debates de Castella, pois cada um de proposito ajuntava para isso todo seu poder e valia, e assi foi e se seguio como se dirá.

CAPITULO CLXXXIX

De como El-Rei D. Affonso e o Principe cercaram Camora da parte da ponte

E o Principe em sua chegada a Touro foi d'El-Rei seu padre, e de toda a sua côrte altamente e com muito prazer e alegria recebido; porque n'elle estava toda sua e só esperança. E logo sem delação acordaram e quizeram poer em obra dar nas estancias, e ir descercar o castello de Çamora, mas porque da fortaleza e repairo das ditas estancias foram assim certificados que sem perda de toda sua gente ou a mór parte d'ella se não podiam combater, e em fim que o castello se não descercaria, El-Rei acordou por melhor ir poer cerco á ponte da outra banda do rio, onde sem algum seu risco o podiam ter, com affronta e necessidade d'El-Rei D. Fernando e dos da cidade.

E assim supitamente se cumprio; porque depois de leixar o duque e o conde de Villa Real em Touro em guarda da Rainha e da cidade, partiu El-Rei com sua gente, e foi assentar seu arraial nas hortas de junto com a dita ponte. E El-Rei e o Principe se alojaram no moesteiro de S. Francisco, e a ponte com baluartes e cavas foi de todas partes cercada, e assi continuamente combatida com pouco dano dos que eram dentro. E os do castello que eram por El-Rei D. Affonso, tambem á sua vista assi estavam, sem algum poder sair, nem d'elle receber falla, ajuda nem soccorro.

Em durando este cerco, em uma ilha que se faz no Doiro, foram da parte de Castella juntos por concerto de paz, o duque d'Alva, e o almirante, e da parte

de Portugal o sr. D. Alvaro, e Ruy de Sousa, e o licenceado de Cidá Rodrigo, para todos praticarem e consultarem, se entre os Reis se poderia tomar algum meio de paz e concordia, e em fim depois de muitos debates e praticas, cada um teve em tamanho preço seu partido, que se não pôde achar meio que parecesse bom para todos ficarem concordes.

CAPITULO CXC

De como se ordenou a batalha dos Reis entre Touro e Camora

E passados alguns dias vendo El-Rei D. Affonso o pouco que no cerco aproveitava, e o muito trabalho e dano que sua gente recebia, especialmente não se podendo prover a grande mingoa de mantimentos, que dava causa sua gente mingoar, e a dos contrairos acresentar-se cada vez mais, a uma sexta feira primeira de Março de mil quatrocentos e setenta e seis annos, mui cedo pela manhã, El-Rei de Portugal alevantou secretamente e de supeto seu arraial para a cidade de Touro, e porque sabia que El-Rei D. Fernando havia de sahir como sahia após elle, teve-se n'isso para segurança de tudo mui bom recado.

E porém a gente contraira assi como sahiu pela porta da ponte fóra, assi sobreseve e não seguio El-Rei D. Affonso, e fez corpo até juntamente ser toda recolhida fóra da ponte, receando que em outra maneira indo afiada, fazendo El-Rei D. Affonso volta sobr'ella se despunham a grande perigo e destroço, o que deu causa ser El-Rei D. Affonso com sua gente

já mui alongado, quando seus contrairos começaram de mover contra elle, o qual sendo a duas leguas de Çamora, adiantou-se pelo fio a reter sua gente, que a Touro se recolhia com tenção secreta de aquella noite dar de salto em seiscentas lanças d'El-Rei D. Fernando, que sob a capitania do duque de Villa Fremosa, seu irmão bastardo, estavam em Fonte Sabugo, mas o Principe que por sua vontade e sem necessario constrangimento quiz esperar e dar a El-Rei D. Fernando a batalha, avisou logo d'isso a El-Rei seu padre, que não descontente d'isso chegou já ao campo junto com Touro, onde a batalha se deu, e foi a tempo que as batalhas d'El-Rei D. Fernando passavam já um porto de uma pequena serra que hi a cerca estava, onde o conde de Loulé em voltas que fez foi ferido, e se foi a Touro.

E El-Rei D. Affonso mui contente e alegre de não negar a batalha, para que por um trombeta e arauto d'El-Rei D. Fernando era já desafiado, com quanto tinham muito menos gente, porém elle e o Principe seu filho fizeram rostro para lh'a dar com sua gente, de que muita era a Touro já recolhida, e outra muita mais ficara na dita cidade com a Rainha e com o duque e conde de Villa Real como se disse.

E sendo já o tempo mui curto para El Rei e o Principe concertarem e repartirem sua gente em batalhas, como para tão chegada necessidade cumpria, vendo as d'El-Rei D. Fernando já mui acerca e chegar-se com muita pressa, fizeram logo de toda a gente não mais de duas batalhas.

A primeira e de maior numero foi a d'El-Rei D. Affonso, que com sua bandeira real se pôs acerca do rio ao encontro da batalha em que era a bandeira real, mas não a pessoa d'El-Rei D. Fernando, o qual por se segurar como prudente dos revezes da for-

tuna em taes tempos, depois de leixar sua batalha em ordenança, e encomendada sua bandeira a bons cavalleiros e capitães, tornou-se atraz onde na reçaga ao tempo do encontrar esteve em uma batalha pequena.

E a segunda batalha de menos gente, e porém cortezã e mui limpa foi a do Principe, qùe com sua bandeira se pôs affastado á mão esquerda d'El-Rei seu padre, um grande pedaço ao encontro de duas grandes batalhas que contra a sua vinham ordenadas, e porque o Principe foi aconselhado que tambem mandasse repartir a sua em outras duas batalhas, mandou logo apartar de si contra o pé da serra com gente da sua guarda, Fernão Martins Mascarenhas, seu capitão dos ginetes, com o qual porque em sua batalha não havia tanta gente como se requeria, o Principe encomendou a Gonçallo Vaz de Castello-Branco e a Ruy de Sousa, que com sua gente que era muita e mui boa se ajuntassem, como logo ajuntaram com Fernão Martins, e após elles porque cria que havia entr'elles algum desconcerto e competencia sobre a capitania da gente, enviou logo a D. Pedro de Menezes, que depois foi conde de Cantanhede, com que se refez uma boa batalha.

CAPITULO CXCI

De como romperam as batalhas, e as do Principe venceram as d'El-Rei D. Fernando, e a d'El-Rei D. Fernando venceu a d'El-Rei D. Affonso, que se recolheu a Crasto Nunho, e do mais que se seguiu até fim da batalha

Postas e ordenadas com espantosa vista as azes de uma parte e da outra para encontrar, sendo já casi sol posto, El-Rei mandou dizer ao Principe que com sua benção rompesse logo, o qual por lhe obedecer e cumprir o que tanto desejava, depois de em ambas as batalhas se fazer pelas trombetas sinal de batalha, elle e assi seus capitães com singular destreza e maravilhoso esforço, deram assi rijamente nas batalhas contrairas, que nem podendo ellas soffrer nem resistir tanta força, logo uma após outra foram desbaratadas e postas em fugida.

E para aquella hora ante da peleja deu o Principe á sua gente por apellido S. Jorge e S. Christovão, S. Jorge por padroeiro de Portugal, e S. Christovão por devoção de Jorge Corrêa, commendador do Pinheiro, que na mesma hora lh'o lembrou; era alferes do Principe que levava sua bandeira Lourenço de Faria, homem fidalgo, que n'este dia e em todolos outros por sua obediencia e esforço o fez como bom cavalleiro, e o Principe por tal o reconheceu sempre.

E assi como as batalhas do Principe no desbarato fizeram a estas d'El-Rei D. Fernando, assi a batalha grande d'El-Rei D. Fernando fez na d'El-Rei D. Affonso, que sem alguma força nem resistencia a

rompeu logo, e destroçou com damno e mortes de muitos, e não foi sem causa ser assi, porque na batalha do Principe era a frol dos fidalgos e nobre gente de Portugal, que falleceram n'esta d'El-Rei D. Affonso, e mais na batalha d'El-Rei D. Fernando vinha muita e mui grossa gente d'armas eucubertados, além dos ginetes, e mais lançaram diante de si uma gram soma d'espingardeiros, que ao romper fizeram com seus tiros fronteiros duvidar e enfiar os cavallos e a gente da batalha d'El-Rei D. Affonso. Na qual sendo elle com sua bandeira dos dianteiros, acharam-se com elle ao tempo do encontrar mui poucos, entre os quaes eram D. Gomez de Miranda, Prior de S. Marco em Castella, e Bispo que depois foi de Lamego em Portugal. E por tanto vendo-se em alguma maneira da victoria desesperado, conveio-lhe volver e procurar por sua salvação, parecendo-lhe que pois a sua batalha onde a mais força estava fôra desbaratada, que a do Principe seu filho em que havia menos gente e de que não havia vista nem recado, tambem seria perdida. Pelo qual havendo já suas cousas por chegadas ao derradeiro estremo de desaventura, vendo já diante entre si e a ponte de Touro muita gente contraira, crendo que sem ser morto ou preso se não podia já á dita ponte recolher, foi aconselhado por Pedralvares de Souto-Maior, conde de Caminha, e por João de Porras, e por outros poucos que o sempre acompanharam, que por aquella noite se acolhesse á fortaleza de Crasto Nunho, que estava por elle, e assi o fez.

O Principe aquelle dia e hora não menos avisado que bem afortunado capitão, como se viu com sua gente em segura e perfeita victoria, por se lhe não seguir do longo encalço algum perigoso revés, logo a mais que pôde recolheu para a sua bandeira. E po-

rém alguns seus e pessoas principaes esquentados e favorecidos do prospero vencimento que seguiam, por não terem no seguimento o resguardo que deviam, no cabo do encalço tornaram a ser mortos e presos, porque os castelhanos das batalhas destroçados que fugiam, refizeram-se com uma batalha de El-Rei D. Fernando, que acerca de uma legoa na reçaga estava, com que achando-se muito mais fizeram sobre os portuguezes volta, os quaes sendo já atalhados e cingidos da outra batalha grande, que desbaratara a El-Rei D. Affonso, não se poderam salvar.

E porém o Principe depois do desbarato que fez, alli onde acabou de recolher sua gente, esteve no campo em um corpo çarrado sem nunca mover atrás sua bandeira, a que muitos da batalha vencida d'El-Rei D. Affonso por seu bem e salvação se recolheram, com os quaes, e com outros que fóra do tempo necessario sobrevieram de Touro, refez uma grossa batalha, com que aquella noite ficou pacifico senhor do campo. No qual algum dos Reis, cuja era a querela e esperança de vencer, não aturou nem esteve; porque como disse tambem El-Rei D. Fernando não foi em pessoa propria na sua batalha, que venceu a El-Rei D. Affonso, mas como era pratico guerreiro, por vêr como as cousas de tamanha ventura sobcediam, apartou-se fóra em uma batalha, e quando logo vio vencidas e desbaratadas suas tamanhas e primeiras batalhas, pelas batalhas do Principe que eram menos em gente, crendo que assi o seriam as outras suas pelas d'El-Rei D. Affonso, foi aconselhado que se recolhesse como recolheo, e se foi a Çamora. Pelo qual sua gente achando-se no campo sem Rei, nem certo capitão que a regesse, com temor da batalha do Principe que viam refeita, não sendo bem certificados do destroço d'El-Rei D. Affonso, se refi-

zeram tambem junto com ella em uma outra batalha de que uns e outros não se viam tanto como ouviam; porque a este tempo a noite era já casi çarrada, e todo o mal que de uma parte e da outra se fazia era sómente de gritas e tocar de trombetas e atabales que nunca cessavam.

Alli D. Vasco Coutinho, que depois foi conde de Borba, prendeu D. Anrique, conde d'Alva de Liste, que vinha de contra Touro reconhecer a batalha do Principe, não sabendo pela noite cuja era.

E alli um escudeiro que se dizia Gonçallo Pires, criado de Gonçalo Vaz Pinto, trouxe ao Principe a bandeira real d'El-Rei D. Affonso, que por força e como homem de bom coração a tomou a um Souto-Mayor, castelhano, que a levava, e o prendeu sobre sua menagem, a qual não foi aquelle dia tomada das mãos de Duarte d'Almeida, alferes pequeno, até que lh'as primeiro não deceparam com outras infindas feridas, que no rosto e em todo o corpo houve, de que escapou. E a tanto mal se estende o máo sobcedimento das cousas, que este alferes, a que tanta honra e riqueza após isto se devia, viveu depois aleijado e pobre, e não com galardão dino de tal serviço. Nem ao escudeiro da bandeira carregou muito a balança de sua satisfação; porque com a venturosa fidalguia e armas honradas, que por isso lhe deram, houve sómente cinco mil reis de tença, com que lhe foi forçado tomar a fouce e a enxada, por mais seguras e proveitosas armas do sustentamento de sua vida, com que sem mais bem nem favor, e com muita pobreza viveu e acabou.

E estando assi no campo juntas estas batalhas e ambas contrairas, a dos castelhanos por estar sem Rei e duvidosos de sua ventura, e por terem o recolhimento de Çamora mui longe, começaram entre si

de ferver e se afiar mostrando claros sinaes de destroço se foram cometidos. E porém tomaram por conselho retraer-se e acolherem-se, sem cometer batalha nem peleja se lh'a não desse, e assi o fizeram, e sem algum recado e com muito desmando se acolheram a Çamora. Pelo qual achando-se o Principe só no campo, e sem receber em sua pessoa nem sua gente rota nem destroço, antes o tinha feito nos contrairos, houve-se por herdeiro e senhor da propria victoria.

E porque os Reis esperavam para mais claro conseguimento, sua determinação foi sobreser no campo, e não se partir d'elle tres dias. Mas o Arcebispo de Toledo que no mesmo campo era com elle, publicamente lhe disse que depois dos imigos partidos bem cumpria por os tres dias estar no campo tres horas continuas, a razão de hora por dia, por comparação que trouxe da Resurreição de nosso Senhor, que foi depois da morte tres dias não todos inteiros, mas porque tomou de tres dias tomando a parte por todo. E com este conselho que o Principe tomou do Arcebispo, como de pessoa tão principal, e no semelhante auto e cerimonias tão pratico e sabedor, depois d'estar no campo as tres horas e mais, sem parecer n'elle gente contraira, elle com repoiso e regrada ordenança abalou contra Touro. E ao entrar da ponte houve muita pressa; porque até sua chegada a entrada se çarrou a todos, e por sua ordenança entraram na cidade todos mui tristes e desconfortados, uns pelos filhos, parentes e amigos que não viam, nem sabiam se na batalha foram mortos ou feridos e presos, e todos pela dorosa privação d'El-Rei D. Affonso, que ali não viam, nem por então saberem d'elle novas.

O Principe pela incertidão de seu padre, crendo

pois alli não parecia, que seria morto ou preso, foi sobre todos mais triste e anojado, e posto aquella noite em grande pensamento, e não menos o foi El-Rei onde estava, duvidando da vida e salvação do filho, de que a mór parte da desaventura não falleceu á Rainha que estava no castello, até o outro dia que o pae foi certificado da saude e prospera victoria do filho, e o filho da salvação e saude do pae acolhido em Crasto Nunho. Na qual fortaleza indo El-Rei tão só e desacorrido, o alcaide d'ella Pero de Mendanha, por nação fidalgo castelhano, e no amor e lealdade bom e verdadeiro português, o recolheu e lhe obedeceo com muita lealdade e firmeza, e em caso tão triste e tão averso para El-Rei, elle e sua mulher o agasalharam honradamente e confortaram com muito despejo, dando-lhe em suas fortunas por exemplos d'outros mui grandes esperanças, até o outro dia, que com muita gente que o Principe mandou de Touro El-Rei tornou a elle seguramente.

CAPITULO CXCII

De como o Principe se tornou a Portugal, e do que El-Rei D. Affonso fez por então em Castella

Onde sobre conselhos que ácerca d'estes feitos El-Rei e o Principe tiveram, foi acordado que o Arcebispo de Toledo se fosse como foi a Tallavera e a suas terras, e com elle por sua segurança D. Garcia, Bispo d'Evora, o que foi cousa mui dificil e de assás perigos, pelas muitas terras de contrairos porque com tão pouca gente haviam de passar.

E como o Arcebispo ficou em salvo, o Bispo

d'Evora com grande risco se veio a Portugal á frontaria de riba de Odiana, que lhe foi encomendada. E assi acordou que o Principe se tornasse a Portugal, o qual como era Principe bom e piedoso, depois de prover e remedear com mercês e visitações aos que de sua batalha foram presos e feridos, partio na semana maior de Touro, e veio dormir a Crasto Novo, fortaleza que estava por El-Rei seu padre, e ao outro dia passou a gente o rio em uma barca, e os cavallos e bestas a nado, por um porto que se diz Rico Váo, e de hi foi ter a Pascoa a Miranda do Doiro, e com elle o conde de Penella D. Affonso de Vasconcellos, e assi pouca gente; porque os mais grandes e senhores com todolos mais ficaram em Touro com El-Rei.

E ficando El-Rei D. Affonso em Touro, El-Rei D. Fernando veio logo cercar mui poderosamente Cantalapedra, dentro da qual muitos fidalgos e cavalleiros da côrte d'El-Rei D. Affonso, como desejosos de honra se lançaram.

Foi o cerco em todo bem apertado, em que era por capitão Bandarra, e depois á partida d'El-Rei D. Affonso para Portugal leixou Alonso Perez de Biveiro, casado com D. Mecia de Menezes, portugueza, e de Touro durando o cerco, foi El-Rei em pessoa lançar uma grossa cilada aos cercadores, e soltou corredores que foram dar no arraial, que apoz elles se soltou com tanto desmando, que se o duque de Bragança com outros ante tempo se não descobriram cairam os contrairos na cillada, e se fizera uma cousa muita assinada e de muita honra e serviço para El-Rei.

E n'este tempo sendo El-Rei D. Affonso certificado de um dia que a Rainha D. Izabel, de Madrigal onde estava se havia de ir a Medina, sahio de Touro aforrado com sós mil lanças sem carriagens, e foi secretamente dormir a Crasto Nunho, e de hi ao outro dia por en-

cubertas que levou, se foi escondido lançar junto do caminho por onde a Rainha havia de passar, cuja gente sahindo já fóra de Madrigal á vista das batalhas d'El-Rei, essa que era fóra com pressa se tornou a recolher á villa, e outra alguma de dentro não sahio mais, por onde pareceu claro, que fôra aviso secreto que a Rainha d'alguma pessoa do arrayal d'El-Rei D. Affonso recebera, e com isto desaviado se tornou El-Rei a Touro, não esperando já nenhum bom effeito de sua empresa.

CAPITULO CXCIII

De comò se ordenou a ida d'El-Rei em França, e se veio a Portugal com a Rainha D. Joana

En'este tempo porque El-Rei sentia já bem que seu poder nem ajuda dos grandes de Castella, não lhe davam para sua demanda tão firme esperança como cumpria, forçado de um vivo desejo de sua honra, enviou por seus messegeiros requerer ajuda a El-Rei de França, que com El-Rei D. Fernando como só Rei d'Aragão então não estava d'accordo, e tinha por meio de D. Alvaro d'Atayde feitas suas lianças com El-Rei D. Affonso, como só e verdadeiro Rei de Castella. E a certidão d'isto trouxe o dito D. Alvaro a El-Rei, estando em Touro. Pelo qual vencido principalmente de seu apetite, sem muita certidão do poder tão estranho e tão duvidoso como era o de França, desconfiado em todo do seu, determinou vir-se a Portugal e de hi passar logo em França, crendo que o remedio e ajuda para seu recurso, que tanto desejava, com sua ida e em sua pessoa se faria

mais facil, e ainda se lhe daria maior. E que os inconvenientes que por ventura El-Rei de França pela guerra do duque de Brogonha poderia para isso ter, elle na confiança de seu mui chegado sangue os temperaria, com paz e assesego que entre ambos procuraria.

E como El Rei o determinou, assi o cumprio, e leixou nas outras fortalezas gente e capitães de recado, e em Touro gente de guarnição, e com ella por capitão o conde de Marialva D. Francisco Coutinho; porque a este tempo João d'Ulhoa a quem pertencia era fallecido, e os filhos que d'elle ficaram eram muito moços para tal encargo, e El-Rei casou o conde com D. Maria d'Ulhoa sua filha, a que deu em casamento a villa de Castel-Rodrigo, por morte de Vasco Fernandes de Gouveia que a tinha; porque sem filho barão ligitimo tambem falleceu em Castella estando em Touro.

E depois d'El-Rei prover as cousas de Castella como melhor pôde, se partiu com a Rainha na entrada do mez de Junho, e seguramente veio a Miranda do Doiro onde teve a festa do Corpo de Deus, na qual com a cerimonia devida fez primeiro conde d'Abrantes Lopo d'Almeida, que era Vedor da Fazenda, e lh'o tinha bem merecido. E de Miranda se foi a Rainha á cidade da Guarda, e com ella o conde de Villa Real, que era fronteiro mór d'aquella comarca, e o Bispo de Vizeu D. João d'Abreu. E da Guarda se foi a Coimbra, onde o Principe se veio com ella ajuntar, e a acompanhou até á villa d'Abrantes, onde depois esteve muito tempo, como ao diante se dirá.

E El Rei se foi de Miranda á cidade do Porto, onde com elle se ajuntou logo o Principe seu filho, e a Senhora Infante D. Beatriz com todolos grandes e senhores principaes do reino. E d'alli foi enviado Pero

de Sousa notificar a El-Rei de França a ida d'El-Rei D. Affonso, que de todo hi foi determinada. E sendo já concordado que por mór brevidade da viagem fosse pelo mar do Ponente e saisse em Bretanha, mudou-se o acordo para o mar de Levante; porque pelo outro mar Occeano poderia d'El-Rei D. Fernando receber, maior contradição, por rasão da frota de Galliza e Biscaya, com que seria mais poderoso.

CAPITULO CLXIV

De como El-Rei partio de Lisboa para França, e da maneira em que foi até se vêr com El-Rei de França

E com esta determinação se partiram, e ajuntaram todos a Lisboa, onde XVI navios para a embarcação d'El-Rei foram logo prestes, dos quaes se aparelhou uma urca para sua pessoa, em que embarcou no mez de Agosto com dois mil e dozentos homens, em que iam quatrocentas e oitenta pessoas a que em terra eram ordenadas encavalgaduras, álem d'outra gente de pé, e com vento de viagem arribou em Lagos, onde Cullam, famoso cossairo francês certificado já das amizades e lianças d'estes reinos com França, andando poderoso no mar, veio alli fazer reverença a El-Rei, que o recebeu com grande honra e mui graciosamente, e além do assinado serviço que o dito Cullam lhe tinha já feito, em ser em sua ajuda no descerco de Ceuta, quando então dos castelhanos e dos mouros fôra juntamente cercada como se dirá, ainda ficou de

concerto andar d'armada em seu favor contra Castella, para que se ajuntou com Pedro de Tayde, fidalgo português, que com a náo grande que se dizia a Lopiana, e com outros navios, de mandado d'El-Rei andaram tambem d'armada. Os quaes todos logo de hi a poucos dias sendo El-Rei D. Affonso em França, ao Cabo de S. Vicente aferraram quatro carracas de Genoa, e sendo já por força entradas, em uma se acendeo fogo em um barril de polvora, em que deu um tiro de fogo, de que todas as náos e carracas que eram encadeadas arderam, com mortes e perda de muita gente, em que o dito Pedro de Tayde tambem morreu.

E de Lagos passou El-Rei logo a Ceuta, que poucos dias havia que sendo n'ella capitão Ruy Mendes Ribeiro, como nobre fidalgo e d'esforçado coração a livrara de duas grandes afrontas e perigos em que foi posta; porque juntamente foi cercado e combatido de castelhanos pela Almina, e dos mouros pela Aljazira, e de todos com sua honra e grande louvor o dito Ruy Mendes se livrou, com quanto o dito Ruy Mendez do cerco dos castelhanos era muito mais afrontado, sendo dos mouros comettido que com segurança sua para que lhe dariam seguras arrefens, lhes désse entrada por dentro de Ceuta para darem nos ditos castelhanos e os matarem e captivarem, e elle seria livre do cerco, elle dito Ruy Mendes, como esforçado cavalleiro e bom christão, por não minguar em sua fé e esforço o não consentio. O que El-Rei em pessoa lh'o agradeceo e estimou como era razão.

E de Ceuta partio El-Rei, e sendo no mar através de Colybre, que era de França, com proposito d'aportar em Marselha ou aguas mortas; porque o vento não terçou bem sahio todavia e desembarcou em Colybre, d'onde despedio os navios em que fôra de Por-

tugal, e ali estava um capitão d'El-Rei de França, de que El-Rei foi logo bem recebido, e depois provido de bestas e cousas que cumpriam para ir, como foi por terra a Perpinham. Onde El-Rei foi com grande honra e estado recebido, e elle e todolos seus bem aposentados de graça, e por reverença e acatamento de sua pessoa real, o capitão e governadores da villa mandaram soltar e abrir os carceres a todolos presos que na cidade havia. E assi se fez depois nos outros lugares de França por que El-Rei passou.

De Perpinham enviou El-Rei D. Francisco d'Almeida a El-Rei de França notificar-lhe sua chegada, e assi de sua ida logo a elle, para que hi tambem se proveo para El-Rei e para os de sua companhia de bestas para encavalgaduras de suas pessoas, e carretas para fardagem, com que seguio seu caminho á côrte d'El-Rei de França por Narbona e Mompiler e Befers e Nimis, todas grandes cidades e villas de França em Languidoque.

E na cidade de Nimis leixou El-Rei a estrada romam, que vae a Avinhão, e tomou outra da ponte de Santisprito, caminho da cidade de Lião. Na qual por razão de corrução d'ares morbosos e pestenciaes de que estava perigosa não entrou, e passou com sua gente adiante. E ante que a ella chegasse, no caminho lhe veio fazer reverença o duque de Borbom, acompanhado de grandes homens. E assi foi festejado e agasalhado em gram perfeição em casa de Monseor de Sam Valher, que fôra casado com uma filha bastarda d'El-Rei de França.

E passando El-Rei D. Affonso por Lião, e chegado a um lugar que dizem Ruana, recebeo o primeiro recado d'El-Rei de França, fazendo-lhe saber que com sua boa ida era mui alegre. E assi chegou á nobre cidade de Burges em Berrí, que é na doce França, onde

repousou alguns dias, nos quaes de mandado d'El-Rei de França vieram a El-Rei D. Affonso para lhe fazer companhia um senhor e um Bispo de Una, com que para prazer foi vêr algumas cousas, em especial Moris Sagevia, fortaleza que o duque de Berrí fez no canto de duas ribeiras, a mais gentil que ha em toda França.

E ao outro dia foi á villa, que na historia antiga dizem se chamava Ageosa Guarda, onde agora está uma grande e devota Abadia de S. Bento, cujo Abade mostrou a El-Rei um mui rico e antigo livro da Historia de Lançarote e Tristão, por ventura mais verdadeira do que cá se magina.

CAPITULO CXCV

Da primeira vez que El-Rei D. Affonso se vio com El-Rei de França em Tors em Toraina

El-rei de França era na cidade de Tors em Toraina, onde quiz que El-Rei D. Affonso o visse e fosse bem aposentado. E depois de ter certo seu aposentamento, El-Rei de França com uma fingida romaria, só se partio de seu aposentamento que é junto da cidade, e leixou n'ella toda sua côrte com o seu Minham Monseor d'Argentam, para elle com os Regedores da cidade fazerem como fizeram a El-Rei um mui solemne recebimento, entregando-lhe ás portas com palavras de grande veneração e muito acatamento as chaves d'ella.

E El-Rei de França passados cinco dias veiu-se ao dito seu aposentamento, que dizem Plesirdubues, e d'ali como de caminho determinou vir vêr El-Rei D.

Affonso á sua pousada. O qual sabendo já isto, com os senhores de seu conselho praticou a maneira de cortesia que em seu recebimento teria. E accordou-se em todas razões, e principalmente consirado o tempo e necessidade d'elle, que fosse a maior que guardado o seu estado se podesse fazer, e fosse a que lhe ensinasse a hóra e tempo em que se vissem; porque entre os Reis não se podia dar certa fórma de palavras nem cerimonias, que entre si dissessem e fizessem em semelhantes autos.

E avisado El-Rei D. Affonso do dia em que El-Rei de França o quereria ir vêr, vistio-se em vestiduras onestas e reaes com proposito de a pé sahir e o tomar na rua, ou ao menos nas escadas dos paços, mas El-Rei de França de reavisado, pelo n'isso impedir mandou a El-Rei diante dois seus parentes grandes senhores e mui gentis homens, os quaes em El-Rei abalando para sair, cortezmente o detiveram, dizendo que repousasse; porque El-Rei seu Senhor não viria tão asinha, e sendo El-Rei avisado que El-Rei de França era já na rua, em cometendo para sair, tambem o detiveram. E finalmente em querendo El-Rei forçar seus detimentos, elles com muito acatamento lhe pediram, que d'onde estava em sua camara se não movesse; porque a elles não cumpria elle o fazer d'outra maneira.

E El-Rei porque entendeu que seria ordenança praticada, folgou de lhes comprazer, e porém como elles entenderam que El-Rei de França era entrado na salla, deram logar que El-Rei D. Affonso saisse, e ambos os reis se ajuntaram no meio da salla.

E El-Rei de França vinha com um só barrete na cabeça, tendo já d'ella tirado um chapeo e duas grandes carapuças, e trazia solto um saio curto de máo pano, e cinta uma espada d'armas muito comprida,

com a guarnição de ferro limada, e umas botas calçadas, e nos pés as esporas do mesmo jaez da espada, e ao pescoço uma beca de chamalote amarello, forrada de cordeiras brancas muito grosseiras, e suas calças brancas entretalhadas de muitas côres. E ambos os Reis com os barretes nas mãos se abraçaram inclinados os giolos mui baixos. E tendo El-Rei de França assi abraçado El-Rei, com os olhos no Ceo disse que dava muitas graças a Nossa Senhora e a Monseor Sam Martim, porque a um tão prove homem como elle era fizeram tanta mercê. Que a seu reino e casa o viesse vêr e visitar um tamanho Rei, que elle sempre desejara tanto de vêr e ter por irmão e amigo, e que porém elle não cresse que era vindo em reino estranho, mas no proprio seu; porque assi se faria n'elle todo seu prazer e serviço, como nos de Portugal.

E com isto acabado se recolheram á camara, á entrada da qual sobre quem se cobriria e entraria primeiro houve entre ambos grandes o louvados debates. E emfim El-Rei D. Affonso se deu por vencido, dizendo que havia por melhor ser-lhe bem mandado, que cortês.

CAPITULO CXCVI

Do que El-Rei de França e El-Rei D. Affonso entre si acordaram para execução de sua ida

E como entraram, depois de El-Rei de França perguntar a El-Rei por sua disposição, e tocar em muitas cousas de prazer, em conclusão disse, que por quanto as cousas da guerra sobre que

era seu principal motivo requeriam muita pressa e não padeciam dillação, que logo ambos com o conde de Penamacôr seu camareiro-mór se apartassem, como apartaram todos tres.

E entre as cousas sustanciaes em que falaram e em que tomaram conclusão, foi ser necessario El-Rei D. Affonso ir em pessoa ao duque de Brogonha pedir-lhe gente e ajuda contra Castella, e que em caso que pelas differenças em que então andava com o duque de Loreina lh'a não podesse dar, ao menos tomaria d'elle duque de Brogonha tal segurança para elle Rei de França, sem receio de sua guerra mais livre e poderosamente o poder ajudar. E para o fazerem todos em sua ajuda com menos cargo, a todos cumpria justo titulo, que era dispensação Apostollica para El-Rèi D. Affonso poder casar com a Rainha D. Joana sua sobrinha, pois dos reinos que a ella pertenciam, como seu marido se intitulara. E que logo alli se apartassem quatro pessoas de cada parte, para em breve consultarem e praticarem sobre a gente, dinheiro e cousas que para sua empresa cumpriam, e porem tudo em boa ordem. E disse mais que por quanto havia por certo que os castelhanos ás vezes folgavam vender fortalezas, que elle sempre houvera por melhor e mais barato compra-las por dinheiro, que por guerra, e que o dinheiro e sua pessoa com toda a gente de seu reino, elle lh'a offerecia para isso e para todo o mais que a sua honra e estado cumprisse.

E depois d'El-Rei D. Affonso lh'o remercear tanto quando tamanha esperança para suas necessidades requeria, se sairam já de noite, e do meio da salla onde se primeiro viram já com tochas se despedio d'elle El-Rei de França. O qual enviou dizer depois a El-Rei D. Affonso, que para elle convidar alguma gentil dama, como era usança e cortezia do seu reino,

lhe pedia que quizesse d'elle tomar em tanto cincoenta mil escudos d'ouro. Mas El-Rei D. Affonso com palavras publicas de singular agardecimento, e com respeitos secretos que a seu estado real cumpriam se enviou por então escusar.

Aqui fez El-Rei de França conde d'Abranches D. Fernando d'Almada, filho do outro conde Alvaro Vaz d'Almada, que morreu na batalha com o Infante D. Pedro, como atraz fica.

CAPITULO CXCVII

De como foram a Roma embaixadores d'El-Rei de França e d'El-Rei D. Affonso requerer a despensação para poder casar com a Rainha D. Joana sua sobrinha

E para cumprimento das conclusões em que ficaram, ordenou-se logo embaixada ao Papa sobre o requerimento da despensação, em que d'El-Rei D. Affonso foram embaixadores o conde de Penamacôr, e o doutor João Teixeira, que depois foi Chanceller Mór, e Diogo de Saldanha, homem prudente e de grande autoridade, que seguiu a parte da Rainha D. Joana, e d'El-Rei de França foram o monseor de Sam Valher, e um grande letrado governador do parlamento de Granobra, cabeça do Delfinado.

E juntos estes embaixadores acompanhados de muita e nobre gente, fizeram seu caminho a Roma por terra, onde como pessoas que representavam tamanhos dois Reis como era o de França e o de Castella e Portugal, foram logo com grande honra recebidos.

E El-Rei D. Affonso aparelhou sua ida ao duque de Borgonha, que era em campo sobre a cidade de Namsy em baixa Allemanha, contra o duque de Lorreina com que tinha guerra. E ante de sua partida El-Rei de França lhe disse, que por a pouca seguridade que tinha do duque de Borgonha, por ser muito orgulhoso, duvidava que tomando a cidade de Namsy sobre que estava, e destruindo o duque de Lorreina, por seguir novidades quereria entrar por França, e que com receios d'isto pelos segurar tinha sua gente na frontaria, que daria causa elle lhe não poder dar tanta ajuda, como sem isso faria. Porém que se por seu meio d'El-Rei D. Affonso elles ambos ficassem verdadeiros amigos, e se liassem por casamentos dos filhos, como o duque por todalas razões devia querer, elle em sua ajuda poeria a corôa de França com todo seu poder, e que El-Rei D. Affonso devia requerer o duque que fosse com elle em pessoa; porque era bom capitão, e tinha muita gente e singular artilharia, e que sendo El-Rei D. Affonso d'estas amizades meio segurador, cada um d'elles teria receio de as per si quebrar, pelo não ter por contrairo, com as quaes muito cedo se faria pacifico Rei de Castella.

CAPITULO CXCVIII

De como El-Rei D. Affonso se foi vêr com o duque de Borgonha, e como logo se seguio a morte do dito duque

NESTA confiança que El-Rei D. Affonso tomou de tudo assi acabar, partiu nó Novembro mui alegre, e com muita aspereza de neves e frios incomportaveis chegou a Camansam e Almansa,

lugares mais acerca do arraial do duque, d'onde El-Rei por terra regellada e toda cuberta de neve se foi vêr com o duque, e viram-se e abraçaram-se ambos a pé sobre o meio de um grande rio todo tão regellado, que por elle seguramente passavam bestas e carretas como por uma forte ponte, e d'alli se tornaram ao arrayal do duque, que hi perto estava, onde o duque sobre as cousas com que logo soube que El-Rei a elle ia, lhe disse que elle Rei de Portugal era entrado com um homem, em que não havia virtude nem verdade, dizendo-o por El-Rei de França, e que para o crêr não quizesse logo outra prova, se não que tendo enviado a elle que no mundo era tal e tão excellente Rei, e com requerimentos e mostranças de tanta paz, amor, e liança, logo após elle mandara muita gente d'armas em ajuda do duque de Lorreina seu inimigo e para contra elle. Porém que elle tinha ao mesmo Rei de França em tão pouca estima, que com um só page, que mostrou, ousaria dar-lhe batalha e esperar victoria. Mas pois que elle Rei D. Affonso por assi lhe cumprir queria sua concordia, que por lhe comprazer era d'ella contente, e lhe prometia leal e verdadeiramente, não sómente de estar em toda paz e amizade que se entre elles podesse, mas que elle faria cumprir a El-Rei de França todo o que em sua demanda lhe tinha prometido e prometesse.

E com esta conclusão finalmente se partiram, para nesta sustancia do lugar a que tornavam concordarem e firmarem suas capitullações.

E d'hi a poucos diàs praticando El-Rei D. Affonso como isto se bem faria, veio sobre o cerco do duque de Borgonha, e contra elle a mesma gente d'armas d'El-Rei de França com outra muita do duque de Lorreina. E o duque com quanto tinha muito menos gente e era de fome e de frios mui trabalhada, não

aguardou ser em seu arrayal combatido, mas sahio fóra a esperal-os, e no campo lhes deu a batalha, em que foi desbaratado e vencido com mortes e grande perda de sua gente, e querendo salvar-se por uma ponte já um pedaço da peleja, achou contrairos que a guardavam. Dos quaes pelejando sem ser então conhecido, a um domingo, bespora dos Reis Magos do anno de mil e quatrocentos e setenta e sete, foi morto, e depois se conheceo no campo por os sinaes de seu corpo que um seu fisico d'elle deu, e tambem por uma cellada rica que um seu page trazia, junto da qual pareceu que jazia, como jazia o corpo do dito duque. Cuja morte que logo a El-Rei D. Affonso foi notificada, pôs a elle e a todolos portugueses em publico nojo e muita tristeza, com que deu suspeita aos franceses de o haverem por contrairo, e esteve em condição para d'elles receber por isso mais dano e perigo, que bom trato nem serviço.

E na morte e perda do duque de Borgonha acabou El-Rei D. Affonso de verdadeira e sustancialmente perder toda esperança de seu desejo e proposito; porque em sua vida do duque estava toda a obrigação para El-Rei de França ajudar a El-Rei. E em sua morte foi o contrairo; porque como por ella El-Rei de França se vio livre e desocupado dos receios que do duque tinha, logo sem medo nem vergonha do que tinha prometido, desamparou o negocio de Castella, e entendeo do seu proprio, que foi haver e cobrar muitas terras da alta Borgonha e Picardia, que o duque lhe tinha tomadas, e por seu fallecimento ficaram sem resistencia. E porém El-Rei de França mandou logo recado a El-Rei D. Affonso, pedindo-lhe com palavras de grande esperança, que em tanto se fosse, como logo foi, aposentar-se em Paris, onde esteve até o Maio, que El-Rei de França andou

sempre em sua guerra, fazendo e acabando o que lhe cumpria.

CAPITULO CXCIX

Da resposta que os embaixadores houveram em Roma ácerca da despensação que requereram

Os embaixadores dos Reis que eram em Roma, com muita instancia e efficacia requereram ao Papa Sixto quarto a despensação sobre que principalmente foram enviados, em que por parte de El-Rei D. Fernando de Napoles, por ser casado com uma irmã d'El-Rei D. Fernando de Castella, e por outros senhores que favoreciam sua parcialidade, por causas de eminentes e oferecidos danos que alegaram, houve para a despensação se não conceder grande e total contrariedade. Porque o Papa por ventura aconselhado n'isso catholicamente, consirando como El-Rei D. Fernando com a Rainha D. Izabel sua mulher eram pacificos Reis de Castella, e El-Rei D. Affonso era n'elles em forças e poder mui desigual, houve por grande mal e perjuizo da christandade conceder a dita despensação, em caso que parecesse razão por ser direito conceder-se, por não dar com ella causa e titulo de uns e outros se guerrearem com mortes de christãos, e guerras continuas que se não escusavam, o que o Papa devia evitar especialmente; que ajuda d'El-Rei de França para El-Rei D. Affonso sempre em Roma se houve por mui duvidosa.

E estando n'estas duvidas e debates chegou a Roma nova da morte do duque de Borgonha, com que o Papa fazendo por ella o poder d'El-Rei de França

mui mais livre e despejado para sem contradição se quizesse poder dar uma grande ajuda, houve o direito e justiça d'El-Rei D. Affonso para a sobcessão de Castella por de mór efficacia, com fundamento do qual o Papa tomou um meio, que mais verdadeiramente foi clara denegação, o qual foi, que por quanto pelas razões alegadas, a El-Rei D. Affonso por si, sem França, a dita despensação não se devia conceder, e que com a inteira ajuda d'El-Rei de França era razão que se desse, que por tanto a elle mesmo Rei de França se devia de dar tomando-a elle com seu cargo.

CAPITULO CC

Da conclusão que El-Rei D. Affonso tomou com El-Rei de França, quando com elle se vio a segunda vez

Com esta resposta se vieram os embaixadores, que acharam El-Rei D. Affonso já em Paris. D'onde enviou logo o conde de Penamacôr a El-Rei de França, que era na cidade de Raz dar-lhe conta da embaixada. O qual volveo logo, com determinação que os Reis ambos no mesmo Raz logo se vissem, para onde El-Rei D. Affonso logo partio, e El-Rei de França a cavallo e vestido casi na maneira da primeira vista o veio receber, e foi com elle a seu aposentamento, que foi em uma mui grande e honrada Abadia de Conegos Regrantes, em que El-Rei e toda sua gente se alojou.

Alli esteve El-Rei D. Affonso alguns dias, esperando a cautelosa e inutil determinação, ou mais certo desesperação d'El-Rei de França, que lh'a deu com

certos apontamentos, que para discretos era clara escusa do que se pedia, com que El-Rei D. Affonso se despedio para Portugal. E tão mal despachado como a desaventura do tempo ordenou; porque assi como vivendo o duque de Borgonha, El-Rei de França por ganhar sua paz, ajudara de necessidade a El-Rei D. Affonso, assi por sua morte achando muita da sua terra desocupada para a poder cobrar, não curou d'isso, nem foi muito de culpar El-Rei de França por maiores promessas que fizera; porque para dar gente e dinheiro a Rei estranho, com que para isso ganhasse reino de empresa tão duvidosa, e leixar perder e não cobrar sua propria terra, o direito e rasão que o a isso obrigasse seria escuro e máo d'achar.

CAPITULO CCI

Como o Principe cercou a villa d'Alegrete e a tomou, e d'outras cousas que no reino se seguiram andando El-Rei D. Affonso em França

E Tornando ás cousas do reino de Portugal, tanto que El-Rei D. Affonso partiu de Lisboa para França, o Principe D. João seu filho na entrada de Janeiro se foi logo entre Tejo e Odiana, d'onde mandou continuar a guerra contra Castella, em que se faziam grandes e danosas entradas. E porque a villa d'Alegrete estando o Principe em Touro foi manhosamente tomada por D. Affonso de Monroy, Mestre que se disse d'Alcantara, que a esse tempo seguia o partido d'El-Rei D. Fernando, o Principe em que havia reaes bondades e virtudes, e o esforço do coração não falecia, no mez de Fevereiro de mil qua-

trocentos setenta e sete, lhe pôs tal cerco e a mandou combater assi rijamente, que por partido se rendeo, e lhe foi entregue com muita sua honra e louvor, e porém não sem dano e mortes dos cercadores e cercados.

E durando o dito cerco d'Alegrete foi tambem posto estreito cerco em Castella a Touro, e a Crasto Nunho, e a Cantallapedra, que ainda estavam por El-Rei D. Affonso. E o Principe determinando de lhes soccorrer, fez muita gente prestes que mandou com o almirante Lopo Vaz d'Azevedo, e com Fernão Martins Mascarenhas capitão dos ginetes, e da villa de Pinhel onde chegaram, se tornaram por serem certificados que o soccorro com que iam, pela muita maior força dos cercos postos, se não podia por elles dar sem seu manifesto perigo. E em fim os capitães cercados, Pero de Mendanha, Alcaide de Crasto Nunho e Affonso Peres de Biveiro, capitão de Cantallapedra como nobres fidalgos e leaes servidores, por partidos que lhe fizessem nunca se deram, nem leixaram de ter as fortallezas até que lhe foi mandado por El-Rei D. Affonso, andando em França, visto como os não podia soccorrer que o fizessem, pelo qual a salvamento de suas honras e pessoas entregaram as fortalezas. E com as bandeiras reaes de Portugal tendidas, por Castella se vieram a estes reinos; porque assim tomaram por partido.

E n'este anno de mil e quatrocentos e setenta e sete, houve o Principe de Pedro Pantoja, cavalleiro castelhano, as fortalezas de Zagalla e Pedra Bôa, que são do Mestrado d'Alcantara, junto com Albuquerque, em que pôs seus alcaides e capitães, e por ellas lhe deu em Portugal a villa de Santiago de Cacem, que é do Mestrado de Santiago. As quaes fortalezas com outras rendas n'este reino, depois deu o Princi-

pe ao dito D. Affonso de Monroy, porque seguisse e servisse a El-Rei D. Affonso seu padre, como na guerra sempre serviu bem e fielmente até ás pazes. Outro si porque no anno em que El-Rei D. Affonso entrou em Castella a fortaleza de Noudal que é Mestrado d'Avis, por engano e astucia de guerra se tomou, e a este tempo era em poder de Martim de Sepulveda, fidalgo castelhano, o Principe por concerto o trouxe a seu serviço com promesssas que lhe fez. As quaes depois com elle cumpriu, a contentamento do dito Martim de Sepulveda segundo era obrigado. E sendo El-Rei D. Affonso em França, o Principe fez côrtes geraes em Mantemór-o-Novo, onde para estas necessidades da guerra lhe foi pelo reino outorgado dinheiro, para que lançaram pedidos.

CAPITULO CCII

De como El-Rei D. Affonso desappareceu em França, e o Principe seu filho por seu mandado se alevantou por Rei em Portugal

Evolvendo a El-Rei D. Affonso que era em França, despedido elle de Ras como atraz fica, se foi com sua gente a Ruão, onde esperando pelo aviamento que se dava á sua embarcação, repousou muita parte do verão, e d'alli se foi pelo rio abaixo até a Aynafrol, que é porto de mar, onde a frota e cousas da armada para sua vinda se aparelhavam, e alli esteve o mez de Setembro, no qual tempo sentindo elle que a esperança para as cousas de Castella não lhe respondiam conforme a seu proposito, e que não fôra por fallecimento de seu esforço, cui-

dado e diligencia, pois em Portugal e Castela, e em Roma, em França e Borgonha, tinha procurado todo o que para sua empresa pareceo conveniente e necessario, e todo lhe falecera, vendo já cerrados todolos outros caminhos de que esperasse conseguir desejado effeito, crendo que tantas contrariedades não podiam ser sem vontade de Deus, determinou entresi como desconfiado já de remedio leixar este mundo e seus debates, e sem ser conhecido ir-se a Jerusalem, onde propôs servir a Deus, e para o cometer e fazer sem dos seus ser sentido, çustumou por alguns dias ir só em romaria ante manhã junto com Aynafrol, e assi tambem retraido escrevia de sua mão algumas cousas, que logo metia em um cofre de que trazia a chave, dando a entender que por se haver de meter no mar em tempo de inverno fazia ou reformava seu testamento.

E em fim um dia ante manhã, vinte e quatro dias de Setembro de mil e quatrocentos e setenta e sete, El-Rei cavalgou como sohia, e levou comsigo a cavallo Soeiro Vaz e Pedro Pessoa, ambos seus moços da camara, e a elle aceptos, e dois moços d'esporas. E mandou a Estevão Martins seu capellão, que o fosse aguardar á estrada de hi meia jornada, onde logo com elle se ajuntou. E d'hi fez tornar a Aynafrol um dos moços d'esporas a que deu a chave do cofre que leixava, com mandado que o abrissem, como abriram, em que leixava uma carta para El-Rei de França com remoques dissimulados reportados á sua desaventura, em que tambem lhe dava conta do fundamento que tivera para sua partida, que era servir a Deus; porque assi lhe fizera voto de o fazer depois da morte da Rainha sua mulher, sendo o Principe seu filho em idade para reger seus reinos como era, pedindo-lhe amparo, favor, e ajuda para os seus

que em seus reinos ficavam. E outra carta para o Principe seu filho, em que lhe dava uma triste conta da sua viagem, encomendando-lhe e mandando-lhe por sua benção que logo se alevantasse e intitulasse por Rei. E outra d'esta sustancia para todolos do reino, que como a proprio e verdadeiro Rei obedecessem ao Principe. E outra para os seus que alli leixara, que estivessem á obediencia e ordenança do conde de Farão, com que todos foram tão tristes, e fizeram tão dorosos prantos como a razão ensina, que em terras tão estranhas e em tanto desamparo, e a Rei tão amado devia ser.

E as cartas escriptas e ordenadas para Portugal, enviou logo ao Principe Antão de Faria, seu camareiro, que a esse tempo hi se acertou, e era lá ido com visitação e outras cousas entre o pae e o filho secretas, e por este apressado aviamento que ás cartas se deu, o Principe solenisou logo seu alevantamento em Santarem no alpendere de S. Francisco, a dez dias de Novembro de mil e quatrocentos e setenta e sete. O que não foi sem muitas lagrimas e grande tristeza sua e de quantos hi eram.

E ante que o moço d'esporas d'El-Rei chegasse com a chave, já os portugueses vendo sua desacostumada tardança eram por ella em desesperado pensamento. Nem o foi menos o monseur de Lebret, que com El-Rei para melhor ser aviado e servido sempre andava, acusando com irosas e graves reprensões a negligencia dos portugueses, por leixarem ir El-Rei assi só e de noite em terras alheias, nem elle se escusava de muita magoa por não dar d'elle melhor conta.

E porém por todolos caminhos e por toda a terra com gente de pé e de cavallo fez e mandou com muita trigança infindos avisos, dando voz que El-Rei de Por-

tugal que lhe fôra encomendado era fugido contra prazer e serviço d'El-Rei de França. Pelo qual todolos franceses ouvida esta fama, leixadas todas suas cousas seguiram ávante pelos caminhos de Roma, em que não podiam errar; porque de uma parte corria o rio de Ruão, que não podia passar, e da outra era o mar. Os quaes troteiros tanto que d'El-Rei acharam nova, logo de uns em outros correram e seguiram com tão apressurada diligencia, que a dois dias foram em continente com elle, que de noite estava já aposentado em uma villagem, e jazia já, onde na pousada e camara entrou com elle um gentil homem francês, e porque os portugueses negaram El-Rei, conveio a elle por ser fóra da duvida acorda-lo e reconhece-lo; porque El-Rei por dissimulação d'aquelle apartamento, por não ser por caminhos em alguma differença conhecido, não comia nem dormia apartado, mas com todos familiarmente, e tanto que El-Rei foi conhecido, o francês com muito acatamento lhe pedio perdão pelo espertar, dando a culpa aos seus pelo encubrirem, e lhe não dizerem a verdade. E' leixando-o na cama se sahio, e da parte d'El-Rei de França fez logo ajuntar todo o lugar, por que mui sem rumor em toda a noite foi guardado e velado, d'onde ainda que quizera já não podera sahir. E logo n'aquella noite a gram pressa este gentil homem fez messegeiros, uns a El-Rei de França, que por acertamento não era de hi longe, e outros a Aynafrol aos portugueses e a Monseor de Lebret, detendo El-Rei na mesma casa em que o achára, e fazendo-o mui bem servir.

O conde de Penamacôr com tanta sua magoa, como foi a culpa d'este caso por ser a isso mais obrigado por ser seu camareiro mór, era já em caminho em busca d'El-Rei, com determinação de nunca sem elle tornar a Portugal, e pelo aviso que houve de ser já achado,

foi logo com elle, e porque o achou forte para sua tornada, avisou logo e enviou chamar o conde de Farão, e D. Alvaro seu irmão e outros senhores aceptos, que logo não com menos pressa que alegria o foram vêr, e d'elles e de uma carta consolatoria que hi veio d'El-Rei de França, se leixou vencer para tornar e desistir de seu proposito.

CAPITULO CCIII

De como El-Rei D. Affonso embarcou em França e se veio a Portugal, e se vio com o Principe seu filho

E para embarcar, por algum pejo que teve dos que o conheciam, não tornou a Aynafrol, mas por outro caminho em que por seu desporto todos os principaes juntamente comiam e folgavam, vieram a uma angra do mar que dizem a Oga, onde para a pessoa d'El-Rei estava já prestes uma carraca que mandara fretar a Antona, e alli vieram logo de Aynafrol as outras naus de França, para todos embarcarem como embarcaram, e fizeram logo vella, e em poucos dias foram ancorar através d'Antona á ilha d'Oyque, onde El-Rei houve rebate de novas de oitenta urcas d'allemães que vinham contra francezes. E porém por ventos contrairos não poderam as urcas entrar, e a El-Rei conveio sair da ilha não pela banda do Norte por onde entraram, mas pelas agulhas que dizem logar mui perigoso.

E d'alli no mez d'Outubro fez vella, e com um pouco de temporal que sobreveio uns navios em que vinham cavallos não poderam aguardar a conserva,

e vieram-se diante a Portugal, por que o Principe da vinda d'El-Rei seu padre foi logo avisado, sendo havia muito pouco alevantado já por Rei, como atrás disse.

Arribou El-Rei em Cascaes, onde logo foi certificado que o Principe seu filho era já obedecido e intitulado por Rei, e foi surgir a Oeiras, e ao outro dia sahio em terra, e no mesmo dia veio hi logo o Principe seu filho, que em o vendo com lagrimas de tanto prazer e alegria, como foram de paixão e tristeza as de Santarem, quando em sua vida e por sua obediencia se alevantou por Rei. E com muita reverença com os giolhos em terra lhe beijou as mãos, ás quaes com palavras de Principe tão excellente, e filho tão bom e tão obediente como elle era, logo renunciou e depôs o titulo de Rei, de que por cumprir seu mandado e por haver sua benção mais que por cobiça de reinar se intitulara.

Com este despejo e bondade do Principe ficou El-Rei e todolos de sua companhia muito descarregados e alegres, e El-Rei logo com razões e causas muito de louvor quizera obrigar o Principe para não desistir do nome de Rei e do hereditario cetro que já tinha, mas elle com outras de não menos honestidade que merecimento, sempre se escusou, e como quer que depois El-Rei lhe movesse e rogasse que todavia se chamasse e fosse Rei de Portugal, e que elle se contentaria ser Rei dos Algarves com a parte d'Africa, onde na guerra dos mouros folgaria servir a Deos e n'ella acabar, o Principe pelo amor e grande acatamento que lhe tinha nunca o quiz aceitar, e sempre o contrariou, de maneira que El-Rei D. Affonso não leixou o nome inteiro de seus reinos, nem o Principe em sua vida acrecentou o seu.

E d'alli d'Oeiras se veio El-Rei a Lisboa, e para o

vêr vieram logo a Princesa D. Lianor, e o duque e duquesa de Bragança, e assi todolos senhores do reino, onde estiveram depois de Janeiro de mil e quatrocentos e setenta e sete. E de Lisboa se foi El Rei a Montemor-o-Novo, onde esteve o verão, e no fim d'elle se foi a Evora durando ainda a guerra de Castella, que se continuava e fazia com muitas entradas e grandes cavalgadas.

E n'este tempo depois da vinda d'El-Rei D. Affonso de França elle enviou seus recados e messegeiros a Castella, para outra vez tornar entrar n'ella, e casar publica e perfeitamente com a Rainha D. Joana, para que já tinha boa disposição, com que muitos grandes de Castella se tornavam a offerecer. Mas o Principe por causas justas que o a isso moveram, amoestado e castigado dos enganos e pouca firmeza que n'elles se achou da primeira entrada, o estorvou da segunda, e assi do casamento que nunca consentio que por isso se fizesse.

CAPITULO CCIV

De como Lopo Vaz Torrão se alevantou com a villa de Moura por El-Rei de Castella, e do que se seguio

N'este anno de mil e quatrocentos e setenta e oito, Lopo Vaz de Castel-Branco, que por alcunha se dizia o Torrão, sendo alcaide mór da villa de Moura, sem causa alguma e por induzimentos alheios que cegaram e forçaram sua propria lealdade, se alevantou com a dita villa e fortaleza por El-Rei de Castella, e contra El-Rei D. Affonso que o criara,

e chamou-se conde d'ella. Mas logo arrependido d'isso, assi por sua propria inclinação como por ser amoestado de seus parentes, homens principaes e mui leaes que no reino havia, tornou a alevantar-se por Portugal, e desestio do titulo que individamente e por Rei e Senhor não proprio tomara, e chamou-se como d'antes se chamava, mas o Principe que d'este seu alevantamento primeiro foi muito sentido, não se segurando nem fiando já d'elle para o segundo se o fizesse, e assi por elle não estar chão a seu serviço, teve o Principe maneira como João Palha e Mem Palha irmãos, e Diogo Gil, e Ruy Gil os Magros, d'Evora, tambem irmãos, e outros seus parentes manhosamente como fugidos e temorizados de justiça se acolhessem, como acolheram ao Castello de Moura com o dito Lopo Vaz, dos quaes em uma saida que fez a folgar, fiando-se d'elles o mataram no campo, a que o Principe em pessoa logo accodiu e toda a côrte após elle, e segurou a villa e a fortaleza, e a entregou á Infante D. Briatiz como titor que era do duque D. Diogo seu filho.

CAPITULO CCV

De como se seguiu a batalha de Merida, em que o Bispo d'Evora, capitão mór, foi vencido

A condessa de Medellym em Castella, D. Briatiz Pacheca, irmã do marquez de Vilhena, com suas fortalezas e outras alheias que tinha, esteve sempre a serviço d'El-Rei D. Affonso, e na entrada do anno de mil e quatrocentos e setenta e nove, sendo certa que o Mestre de Santiago de Castella D. Affonso

de Cardenas, e outros capitães d'El-Rei D. Fernando se dispunham para vir cercar suas fortalezas, enviou pedir ajuda e soccorro a El-Rei D. Affonso, que determinou dar-lh'o por seus capitães com quanto podesse, e para isso mandou por capitão mór D. Garcia de Menezes, Bispo d'Evora, e com elle por capitães D. João de Menezes seu irmão, e Diogo Lopes de Souza, e Affonso Telles, e outros que fizeram setecentos de cavallo, sem alguns de pé de peleja.

E sendo o Bispo entrado em Castella; porque o dito Mestre de Santiago era já de sua ida bem avisado, sabendo a pouca gente que levava, determinou com sua gente que era muita mais e mais folgada, recebe-lo com batalha no caminho junto com Merida; porque com o dito Mestre eram outros capitães d'El-Rei e da Rainha de Castella, com mil e tresentos de cavallo, e tres mil homens de pé para peleja, e podendo o Bispo escusar a peleja, e sendo razão que a escusara, porém porque era de nobre sangue e de esforçado coração, filho, neto, e irmão de singulares capitães herdeiros já de louvadas victorias, houve por abatimento retraer-se sem peleja. E determinou dar-lhe como deu a batalha, em que pela desegual comparação de uma gente á outra, com quanto por ambas as partes foi bem e mui ardidamente pelejada, finalmente o Bispo foi vencido, ferido, derribado e preso, e com elle a maior parte de sua nobre gente foram feridos e alguns presos.

E o Bispo posto já em poder de um escudeiro que o tinha preso, com esperança de grande galardão que lhe prometeo, e depois deu, se concertou com elle que o salvasse, e levasse como levou a Merida, onde e assi em Medellym a que alguma gente que do destroço fugindo se acolheo, se tornou a reformar, e sem esperar já soccorro se manteve muito tempo cercado, sof-

frendo grandes perigos dos contrairos, mas muito maiores de grandes doenças em que cahiam, fazendo sempre em armas coisas assinadas de sua honra e louvor. E assi com nome d'esforçado se manteve todo o verão, até o concerto das pazes que se logo fez, que foi n'esta maneira.

CAPITULO CCVI

De como se ordenaram e trataram as pazes entre Portugal e Castella, e por quaes pessoas, e com que condições e cousas sustancialmente

N'ESTE tempo depois do destroço do Bispo e ante d'elle havia já n'este reino de gente, armas, e cavallos, e principalmente de dinheiro, que é o sustancial nervo da guerra, manifestas necessidades, e estas mesmas com outros maiores receios tambem não falleciam em Castella. Porque como os grandes e senhores principaes d'aquelle reino, por sua natural condição sempre sejam amigos de novidades e divisões, com quanto publicamente desserviam El-Rei D. Affonso; porém por fazerem seus partidos mais esforçados, nunca leixavam de trazer com elle praticas e cometimentos secretos, para outra vez o retornarem com a Rainha D. Joana a Castella. O que não ficava por saber a El-Rei D. Fernando, e á Rainha D. Isabel sua mulher, que com toda sua prosperidade eram por isso postos em terror e cuidado. Pelo qual por occultos meios de pessoas virtuosas e de santa tenção, que entre os Reis e o reino cometeram as pazes, houve de uma parte e da outra taes intelligencias, e para isso tão chegadas a conclusão, que a Rainha D. Isabel por concerto se veio á villa d'Alcanta-

ra em Castella, onde a Infante D. Briatiz de Portugal sua tia, por prazer d'El-Rei D. Affonso e do Principe D. João, se foi vêr com ella, e alli ambas tomaram assento de as pazes todavia se fazerem e concordarem n'este reino de Portugal; porque assi se houve por mais favor e mór honra d'El-Rei e de seus reinos, aos quaes a Infante com esta determinada conclusão se tornou, para execução da qual o Principe a que o negocio e cargo dos tratos e assentos das ditas pazes, por prazer d'El-Rei seu padre foi em todo cometido, por concerto já praticado se foi á villa das Alcaçovas d'entre Tejo e Odiana, onde veio por só embaixador e procurador d'El-Rei e da Rainha de Castella o doutor Rodrigo Maldonado, que vulgarmente se dizia de Tallaveira, que juntamente com D. João da Silveira, barão d'Alvito, que foi só procurador d'El-Rei e do Principe de Portugal, praticaram e concordaram as capitulações das pazes, que foram perpetuas sem alguma limitação de tempo, em que sustancialmente se tomaram estas conclusões principaes, que se concordaram e capitularam na dita villa das Alcaçovas, a quatro dias de Setembro de mil e quatrocentos e setenta e nove.

Primeiramente que El-Rei D. Affonso leixasse o titulo dos reinos de Castella e Lião. E assi mesmo El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel leixasse o titulo de Portugal, de que sem algum fundamento de direito em seu ditado se intitulavam. E a Rainha D. Joana leixasse todolos titulos de Castella e de Lião e de Portugal, de que se intitulava, e de hi em diante não se chamasse Rainha, Princesa, nem Infante, salvo depois que fosse casada, se casasse com o Principe D. João de Castella, como podia ser e ao diante se dirá.

Outro si n'estas pazes encorporaram e reformaram

os capitulos das pazes antigas, feitos entre El-Rei D. João o primeiro d'estes reinos de Portugal com El-Rei D. João o segundo de Castella quando outra vez tiveram guerra. E além da aprovação das ditas pazes antigas, foi mais concordada e firmada outra nova adição e capitulação, que esta nova concordia especialmente requeria, em que sustancialmente foram declaradas e determinadas estas cousas.

Que as cidades, villas e castellos que de um reino a outro fossem tomadas, e assi os prisioneiros todos de qualquer sorte e condição que fossem, se restituissem e entregassem, e soltassem livremente, e que os Reis de Castella perdoassem como perdoaram em geral e especial a todos seus naturaes, que depois da morte d'El-Rei D. Anrique por qualquer maneira serviram e seguiram a El-Rei D. Affonso e ao Principe D. João seu filho até a publicação das pazes, e assim lhes restituissem em Castella todas suas villas, castellos, terras, lugares, e todalas rendas, officios, beneficios, e cousas para os terem e possuirem indistintamente, assi como os tinham e possuiam ao tempo que com os ditos Reis e Principe se ajuntaram.

E por alguns cavalleiros e pessoas particulares se fizeram algumas capitulações especiaes, as quaes por cautellozos e não proprios entendimentos que lhes os Reis de Castella davam, nunca depois perfeitamente se cumpriram, e assi os ditos Rei e Principe uns aos outros se remetteram, perdoaram, e quitaram todalas mortes, danos, malles, e roubos que em guerra ou tregoa de uma parte ou de outra por qualquer maneira se fizeram, e que assi se derribassem como derribaram as fortalezas que nos estremos dos reinos, de um reino e do outro novamente se fizeram.

Outrosi que o senhorio de Guiné, que é dos cabos

de Não e do Bojador até os Indios iuclusivamente, com todos seus mares ajacentes, ilhas, costas descobertas e por descobrir com seus tratos, pescarias e resgates, e assi as ilhas da Madeira, e dos Açores, e das Flôres, e do Cabo Verde, e assi a conquista do reino de Fez ficasse *insollido*, e para sempre ao dito Rei e Principe de Portugal, e a todos seus herdeiros e sobcessores para sempre, e que as ilhas das Canarias logo nomeadas, com a conquista do reino de Grada ficassem outrosi *insollido* aos Reis de Castella, e a seus sobcessores para sempre

A qual capitulação, adoção e reformação nova, com todas estas cousas de Guiné e conquitas mais declaradas, o Papa Sixto quarto a requerimento e suplicação do Principe D. João depois de ser Rei, confirmou e ratificou por sua Bulla, *ad perpetuam rei memoriam*, em que as ditas capitulação e cousas de *verbo a verbo* foram todas encorporadas, com penas e excomunhões e maldições, aos que em qualquer maneira para sempre as quebrantassem, além das outras conteudas nas Bullas das doações que os outros Papas pozeram, concederam e declararam, quando d'este senhorio primeiramente a requerimento do Infante D. Anrique fizeram doação a este Rei D. Affonso, e a todos seus herdeiros e sobcessores para sempre, como na morte do dito Infante D. Anrique brevemente atrás apontei.

Outrosi que para maior seguridade e firmeza das ditas pazes, o Infante D. Affonso filho primeiro do Principe D. João de Portugal, tanto que fosse em idade de sete annos casasse por palavras de futuro, e em idade de quatorze annos por palavras de presente, com a Infante D. Isabel, filha maior dos ditos Rei e Rainha de Castella, e além dos corregimentos de sua pessoa, casa e camara, houvesse em dote quarenta contos ou milhões de reaes, pagos em certo modo e

tempo, em que os vinte contos d'elle entravam em satisfação pelas despezas que El-Rei D. Affonso tinha feitas na guerra, os quaes em todo caso este reino de Portugal sempre havia d'haver, posto que os outros vinte contos por algum caso que sobreviesse houvessem de ser restituidos a Castella.

E que d'hi a certo tempo nos contratos conteudo a dita Senhora D. Joana, com todalas escripturas que tivesse, e se podessem haver ácerca do que tocava á sua subcessão de Castella, e assi os ditos Infantes fossem postos em terçaria na villa de Moura em poder da dita Infante D. Briatiz, na qual estivessem até serem perfeitamente casados. Porque outrosi foi acordado que o Principe D. João, filho dos ditos Rei e Rainha de Castella, tanto que fosse em idade de sete annos casasse por palavras de futuro com a dita Senhora D. Joana, e em idade de quatorze annos casasse com ella por palavras de presente, e então se chamaria Princesa, e haveria d'arras vinte mil florins d'Aragão, além das rendas com que bem podesse manter seu estado, e que sendo caso que o dito Principe aos ditos tempos com ella não se quizesse esposar e casar, que então ella fosse livre da terçaria, e lhe fossem entregues suas escripturas, e mais houvesse para si em Castella d'El-Rei e da Rainha cem mil dobras d'ouro de banda, pagas em dois annos, ou a cidade de Touro a penhor d'ellas, com suas rendas e jurdições sem descontar até lhe serem pagas, e podesse então despoer de si o que quizesse.

E porém que a dita Senhora D. Joana logo se pozesse em terçaria, em poder da Infante D. Briatiz com todalas ditas escripturas que fossem em seu favor, ou entrasse em religião em um de cinco moesteiros, ou em Santa Clara de Santarem, ou de Coimbra, ou no moesteiro de Christus d'Aveiro, ou no Salvador de Lisboa,

ou na Conceição de Beja, em cada um dos quaes recebesse o habito, e estivesse um anno que se dizia da aprovação. Acabado o qual de necessidade escolheria uma de duas cousas, ou fazer inteira profissão, e ser freira professa no habito da ordem que recebesse, ou ir-se pôr nas terçarias de Moura com os ditos infantes D. Affonso e D. Isabel, para n'ellas estarem em poder da Infante D. Briatiz até se cumprirem os tempos e cousas dos capitulos que para cada uma d'ellas eram concordados, para que a dita Infante em sua vida e por seu fallecimento a Senhora D. Fellipa sua irmã, ou D. Diogo duque de Vizeu, e o Senhor D. Manuel seus filhos com seus alcaides e capitães e cavalleiros fossem os sós e principaes mantedores e seguradores das ditas terçarias, e n'ellas haviam de poer as guardas e officiaes á sua vontade, sem os Reis nem Principe poderem a ellas ir durando o tempo d'ellas, e para o melhor poderem fazer, houveram dos ditos Rei e Principe autentica faculdade e licença para d'elles se desnaturarem. Por tal que sem cahirem em caso, lhes fizessem cumprir todo o que por bem dos ditos tratos e capitulações fossem obrigados, das quaes cousas todas se fizeram capitulações e escripturas juradas e firmadas pelos ditos Reis.

CAPITULO CCVII

Da publicação das pazes e das mais cousas que para cumprimento d'ellas se fizeram, principalmente ácerca da Excellente Senhora D. Joana

E no fim do mez de Setembro d'este anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos e setenta e nove, as ditas pazes se publicaram logo no dito lugar das Alcaçovas, e des hi por todolos reinos de Portugal e Castela, onde de hi em diante se guardaram e cumpriram inteiramente. E porém o titulo de Rainha e estado que a Senhora D. Joana tinha, não lhe foi logo tirado até os seis dias d'Outubro logo seguinte; porque então se cumpriam seis mezes que a dita Senhora D. Joana teve de liberdade, para sem quebrantamento d'estas pazes se poder sair dos reinos de Portugal, mas em tal caso não podia d'elles, nem d'El-Rei e do Principe por alguma maneira receber ajuda nem soccorro, nem menos ser por elles intitulada Rainha, Princesa nem Infante, e porque isto não sobcedeo á dita Senhora em Castella como á sua honra, estado e desejo cumpria, sendo forçado escolher um de dois meios que para ella eram estremõs de mortal sentimento, ou poer-se em terçaria ou entrar em religião, ella escolheu por melhor entrar em religião. Pelo qual estando ella não com menos força alheia que tristeza sua propria, e com dorosas lamentações suas e de todolos seus, leixou o titulo de Rainha e tomou nome de D. Joana, e despio seu corpo dos brocados e sedas que trazia, e vestiram-na em habitos pardos de Santa Clara, tirando-lhe da cabeça a corôa real de Castella e Portugal de que era intitulada, e cortando-lhe d'el-

la seus cabellos como a uma pobre donzella, e por maior seu agravo e magoa não lhe leixando os servidores de seu gosto e vontade, nem menos cousa que tivesse imagem d'estado. E o primeiro mosteiro em que assi entrou, foi Santa Clara da dita villa de Santarem.

E na execução d'estas cousas porque a necessidade d'outras muitas assi o requeria, o só e principal ministro era o Principe; porque El-Rei D. Affonso seu padre de muito anojado e envergonhado d'ellas, de todas se escusou, e as leixou inteiramente á disposição e ordenança do filho, a cuja vontade El-Rei n'aquelle tempo mostrou ser muito inclinado e sobjeito.

Mas se o Principe no cumprimento d'estas cousas excedeu o modo contra a Senhora D. Joana, porventura mais do que por razão, piedade, e temperança se lhe devia, e isto pela gloria e contentamento que tinha do casamento do Infante seu filho se não desfazer, que não era sem alguma esperança da sobcessão de Castella, a desaventurada fortuna como crú algoz do rigoroso e severo juizo Divino, pela culpa do Principe se a tinha, lhe deu logo a pena com o triste e mortal apartamento dos innocentes Principe e Princesa, depois de novamente casados, sobre que tanto fundamento de honra e segurança fazia. Porque o mesmo lugar de Santarem, que contra a Senhora D. Joana foi o talho d'esta primeira sua crueza, se tornou a ser o principio d'esta sua vingança; porque o Principe D. João depois de ser Rei á vista da mesma Excellente Senhora vio a supita e desastrada morte do Principe D. Affonso seu filho, e a quem á primeira pareceo, que sendo vivo os reinos de Portugal sem os de Castella lhe não abastariam, elle o vio logo morto, e de uma pouca de terra para sempre sobjeito e contente,

e a triste e innocente Princesa sua mulher ante de bem casada se vio logo ser viuva, privada do verdadeiro titulo que tinha, e trocados os brocados ricos, e ollandas delgadas que trazia, com pobre burel e grossa estopa em que foi logo vestida, nem ficaram por cortar seus cabellos dourados com accidental proposito de religião, sendo apartada das pessoas mais de sua conversação, e servida por servidores alheios, comendo no chão e em vasos de barro, privada em todo de todo estado, entrando n'estes reinos esposada cuberta d'ouro e de preciosa pedraria, em cima de ricas facas e trotões á vista de todos. E saindo logo d'elles viuva, cuberta de vaso e almafega, em cima d'azemolas, escondida de todos.

Mas vós lagrimas que na lembrança d'esta dôr aqui apontaes, soffrei-vos um pouco, cá para outro mais proprio lugar estaes reservadas.

Nem a culpa do solemne, mas simulado e cautelozo juramento que El-Rei e a Rainha de Castella fizeram sobre o casamento d'esta Senhora com o Principe seu filho, não ficou sem triste pena e mortal perda e sentimento seu, porque Deus em cujo desprezo pareceo que se fez, não padece engano por castigo, do qual vimos que tambem elles viram a não madura morte do Principe innocente moço seu filho, vivendo pouco mais tempo d'aquelle em que com esta Senhora prometeram e juraram de o casar; porque elle já então era casado com Madama Margarida, filha do Rei dos romãos, e a tinha já em seu poder, sem de nenhum d'estes Principes de que os Reis de Castella e de Portugal tanta esperança e fundamento faziam, ficar algum ligitimo herdeiro descendente que os subcedesse e herdasse, e foram seus herdeiros os transversaes mais chegados.

CAPITULO CCVIII

Da grande pestelença que sobreveio a estes reinos, e como se fez a profissão á Excellente Senhora D. Joana

El-rei D. Affonso e o Principe com toda a côrte se foram logo a Lisboa, d'onde no Janeiro do anno que vinha de mil e quatrocentos e oitenta se partiram, por causa da grande e mui crua pestenença que na cidade sobreveio, a qual em todo este reino durou bem dezasete annos, que se acabaram nos primeiros dias em que El-Rei D. Manuel nosso Senhor depois começou de reinar, que foi no tempo em que como catholico Principe de todo tirou e arrancou de seus reinos a velha lei de Moysés, e a errada seita de Mafamede, lançando fóra d'elles os judeus que não quizeram ser christãos, e assi os mouros, como infernaes ministros e discipulos d'ellas.

El-Rei D. Affonso se foi a Viana d'Alvito, e o Principe e Princesa a Beja, e a Excellente Senhora porque Santarem da mesma pestenença foi logo contaminado, com gente d'armas que a sempre guardou, foi levada ao mosteiro de Santa Clara d'Evora.

E porque o Principe no anno passado ante das pazes soube que certa armada era ida de Castella resgatar contra sua defesa á Mina, armou contra ella outra de que por uma vez foi capitão mór Jorge Corrêa, comendador do Pinheiro, e da outra Mem Palha, homens honrados e bons cavalleiros. Os quaes toparam na Mina os castelhanos, e assi os cometeram que muito a seu salvo lhes tomaram sua frota, com muito ouro e mercadorias, e trouxeram suas pessoas

presos e captivos a Lisboa, que por condição das pazes foram soltos, e o ouro que foi muita soma assi como vinha em joias e arreis foi levado a Beja, de muita parte do qual o Principe fez mercê aos embaixadores de Castella, que depois a Moura vieram sobre o concerto das terçarias.

E porque Evora no verão d'este anno começou corromper-se de pestenença, foi logo d'ella tirada a Excelente Senhora, e levada com sua guarda ao Vimieiro, onde o Principe veio, e d'alli a levaram ao mosteiro de Santa Clara de Coimbra. E El Rei D. Affonso se foi a Villa Viçosa, e de hi na entrada do inverno a Coimbra, e o Principe após elle.

E porque n'aquelle mesmo tempo se cumpria o anno de aprovação, que á Senhora D. Joana fôra dado para no cabo d'elle escolher, ou entrar em terçaria em poder da dita Infante D. Briatiz, ou fazer profissão, chegaram alli por embaixadores e procuradores d'El-Rei e da Rainha de Castella o Prior de Prado, que depois foi o primeiro Arcebispo de Grada, e o doutor Affonso Manuel, para serem no auto e execução de qualquer d'estas cousas que a dita Senhora escolhesse.

E n'este tempo e na mesma cidade de Coimbra adoeceu El-Rei D. Affonso de grande infermidade, de que esteve á morte, e a causa d'ella segundo seus acidentes era sómente reportada a nojo e padecimentos que recebia por a mudança e cousas da Excellente Senhora, para que era constrangido. A qual forçada para dois estremos á sua alma tão amargosos e tristes, não fiando nem segurando sua vida na entrada das terçarias, não por duvidar da bondade, conciencia e virtudes da Infante D. Briatiz, mas receando-se da continua conversação e familiaridade de castelhanos contrairos, que não podia escusar, e assi movida

por outros respeitos, escolheu por melhor fazer de todo profissão no mesmo habito de Santa Clara que trazia, e n'elle servir a Deos antes que tomar partido tão incerto, e para sua vida e sua honra tão duvidoso. E na bespora do dia em que foi ordenado a dita Senhora fazer profissão, foi no mosteiro tamanho pranto de seus criados e criadas que alli ocorreram, como se a houveram de soterrar. E com isto em alguma maneira foi de seu proposito revolta para não fazer profissão, a que o Principe acudio, e assi a soube temperar com esperanças de futuro bem, e com palavras assi brandas e prudentes, que de todo a confirmou em despejadamente fazer a dita profissão, a qual fez dentro no dito mosteiro, a quinze dias do mez de Novembro do dito anno de mil e quatrocentos e oitenta.

E ao auto da dita profissão esteve o Principe sem El-Rei, e com elle foram a ella presentes os ditos embaixadores de Castella, e todolos grandes senhores, Prelados e fidalgos da côrte de Portugal, perante os quaes depois de ser reconhecida por a mesma Senhora D. Joana, ella com uma paciencia e segurança com que a muitos commovia a muitas lagrimas, das mãos de Frei Diogo d'Abrantes recebeu o veo preto, na fórma, e com a solenidade e cerimonias que a dita ordem manda. Do qual todos os ditos embaixadores logo pediram publicos estromentos, que depois lhe foram dados á sua vontade.

N'este tempo foi a cidade de Rodes cercada de turcos, e posta em grande afronta, sendo Gram Mestre D. Frei Pedro d'Ahábusam, a cujo socorro foi d'estes reinos D. Diogo Fernandes d'Almeida que trazia o habito da dita Ordem, e era eleito para ser como foi Prior do Crato, e foi bem armado e aparelhado, e no caminho e em Rodes ganhou muita hon-

ra, sendo ferido pelejando com gallés, e fazendo ricas presas como homem de nobre sangue, a que em todas suas cousas d'antes e depois nunca falleceu discressão, bondades, e grande esforço de coração.

CAPITULO CCIX

De como se fizeram as entregas do Infante D. Affonso e da Infante D. Isabel nas terçarias de Moura

Feita a dita profissão, o Principe se partiu de Coimbra, e mui aforrado chegou a Beja onde era a Princesa sua mulher e o Infante D. Affonso seu filho, que ainda não era de cinco annos.

E porque no mesmo dia se cumpria o tempo em que o dito Infante havia de ser entregue em Moura em poder da Infante D. Briatiz como era sob grandes penas capitulado, na mesma hora que o Principe chegou, logo por prazer da Princesa o inviara mui honradamente a Moura. E não partiu d'ante elles com menos dôr e saudade que se lhes levara os corações d'ambos, e o arrancaram de sua propria carne, e não era sem causa; porque alem de ser só filho ainda, n'elle havia em tudo tantas e tão angelicas perfeições, que o privar de sua vista e conversação assi o merecia. Mas por cumprirem o que como bons e verdadeiros Principes deviam, posta a natural dôr que o contradizia, despensando com a privação do filho pela piedade do reino, permitiram que o primeiro caminho que seus mui tenros pés fizessem, fossem com risco de sua vida ir tirar a guerra e a morte dos reinos, porque então já esperavam.

E com tanta aflição do corpo e d'alma, não havia

quem a estes Principes mais confortasse que a fé e verdade que a Deus e ao mundo sem cautella sempre mantiveram com grande cuidado; porque n'estas que eram suas proprias virtudes, para sua consolação e descanso ora buscavam ante elles rasões e confortos, com que lhe alimpavam as reaes lagrimas, que sua humanidade não podia escusar.

E como o Infante D. Affonso foi assi entregue, logo o Principe e a Infante D. Briatiz, por Rodrigo Affonso e por Ruy de Pina notificaram sua entrega, e a profissão da Senhora D. Joana á Infante D. Isabel e aos Senhores de Castella que a traziam e com ella estavam na villa da Fonte do Mestre, para ella vir e ser tambem entregue na dita terçaria, como era capitulado. E feita a dita notificação, logo D. Affonso de Cardenas, Mestre de Santiago, e D. Diogo Furtado de Mendonça, Bispo de Pallença, e D. Affonso d'Afonseca, Bispo de Avyla, e outros senhores que com ella eram se vieram a Freixinal.

E d'hi se emaderam mais e juntamente por embaixadores d'El-Rei e da Rainha de Castella, aos outros que foram a Coimbra, o Bispo de Coria D. João de Ortiga, e o licenceado d'Ilhescas, os quaes todos quatro sem a Infante se vieram diante a Moura, onde com o Infante D. Affonso e com a Infante D. Briatiz, eram já o duque de Vizeu D. Diogo, e o duque de Bragança D. Fernando, e o conde de Faram D. Affonso, e o senhor D. Alvaro, com outros senhores e fidalgos do reino, e por procuradores d'El-Rei e do Principe D. João de Mello, Bispo de Silves, e D. João da Silveira, barão d'Alvito, para todos concordarem e praticarem as menagens, seguridades e desnaturamentos, e cousas que para entrega e vinda da dita Infante D. Isabel cumpriam. Nas quaes por parte dos dois derradeiros embaixadores de Castella,

contra a opinião e voto dos outros primeiros se moveram e apontaram de novo tantas duvidas e condições para dilatarem a entrega da dita Infante, com que foi necessario ir algumas vezes consulta ao Principe, que era em Beja; porque todo este negocio sobre elle pendia, o qual anojado de suas importunações e injustas delongas, finalmente enviou aos ditos embaixadores dois escriptos, com duas palavras feitas de sua mão, e em um dizia *Paz*, e no outro *Guerra*, e mandou que no Conselho onde os de um reino e do outro cada dia se juntavam fossem os ditos escriptos apresentados aos ditos embaixadores, e que logo em nome dos Reis seus Senhores escolhessem um d'elles, qual quizessem, e que se tomassem o da guerra, que mais seria d'ella contente por ser uma guerra, que de paz, que tantas guerras lhe dava. E que se quizessem o da paz, que d'elle tambem lhe prazia sem mais negociações das que já eram concordadas, e que para isso logo trouxessem e entregassem a Infante.

Os quaes dois escriptos do Principe, com sua determinação tão perantoria tiveram no Conselho tanta força, que os embaixadores todos sem mais altercações se conformaram e acordaram a entrega da dita Infante, que foi a onze dias do mez de Janeiro de mil e quatrocentos e oitenta e um, a que a Infante D. Briatiz com toda a frol e gentileza de Portugal que alli foi junta sahio, e a uma legoa de Moura junto com a quintã que dizem da Coroada, e no meio de um ribeiro que alli corre, das mãos dos ditos senhores e embaixadores de Castella recebeu a dita Infante D. Isabel. E entregou a elles o Senhor D. Manuel seu filho, que com a gente que á sua honra e estado cumpria, levaram á côrte dos Reis de Castella em lugar do duque D. Diogo seu irmão, que por contrato das terçarias houvera primeiro de ser entregue, mas por

a este tempo o duque ser doente, ficou por então até ser são, mas verdadeiramente assi foi muita razão, e ainda pareceu quere-lo assi Deos, que o Senhor D. Manuel primeiro fosse arrefens e segurança da paz e assessego dos reinos de Portugal, pois elle por graça Divina primeiro os havia de sobceder com a mesma paz e assessego como sobcedeu, e ao diante se dirá.

E porém o duque foi depois a Castella, e o Senhor D. Manuel tornou a Portugal, como em seus tempos e lugares será declarado.

E porque a villa e fortaleza de Moura em que terçarias foram logo ordenadas, e em que o Principe á sua custa para os Infantes mandou fazer honrados aposentamentos, era nos verãos naturalmente muito doentia e perigosa, requereu o Principe a El-Rei e á Rainha de Castella e á Infante D. Briatiz, que para segurança das vidas e pessoas dos ditos Infantes, houvessem por bem as ditas terçarias pelas mesmas condições se mudarem á villa de Beja, que de seu sitio era sã e de bons ares.

E por algum consentimento, que com razão os ditos Senhores Reis e Infantes logo para isso deram, o Principe mandou fazer grandes percebimentos de pedraria e madeiras e officiaes, para no castello de Beja se fazerem outros aposentamentos. E elle e a Princesa se foram de Beja ter a Pascoa da Resurreição a Torres Novas, onde era El-Rei D. Affonso. Mas porque a Infante D. Briatiz por conselhos e induzimentos não verdadeiros, com que pareceu que foi enganada, mudou este proposito, e com todo o grande perigo de Moura quiz ficar no primeiro de se não mudar da dita villa, o Principe começou tomar d'ella alguns descontentamentos, pelos quaes logo desejou desfazer ou mudar as ditas terçarias em outra maneira.

CAPITULO CCX

Do socorro que pelo Bispo d'Evora foi enviado contra o Turco, quando tomou a cidade do Tranto em Italia

E por quanto no anno passado de mil e quatrocentos e oitenta, o exercito do Gran Turco com seus capitães passou em Italia no reino de Napoles, e por força tomou na Pulha a cidade de Tranto com outras villas e castellos, com grande e piadoso estrago de christãos, e D. Affonso duque de Callabria, filho d'El-Rei de Napoles era já em cerco sobre a cidade para a cobrar; o papa Sixto quarto, que então era presidente na Igreja de Deos, por atalhar á destruição de Italia e Roma, que se aparelhava, enviou pedir socorro e ajuda a todolos Reis e Principes christãos, para que outorgou certas dizimas que mandou lançar pela clerezia, pela qual El-Rei D. Affonso e o Principe seu filho estando em Torres Novas, por obedecer ao Padre Santo em obra tão santa e tão piadosa, e que de seus corações e legitima devoção não era alheia, depois de as dizimas serem ordinariamente tiradas, e elles darem para isso toda outra ajuda necessaria, enviaram para a dita expunação do Tranto e resistencia do Turco o Bispo d'Evora D. Garcia de Menezes com grande frota, e muita e mui nobre gente de seus reinos, que de caminho tocando em Barcellona onde eram os Reis de Castella, foi a gente de Portugal e suas armas e gentileza muito louvada. E de ahi foi a Ostia, porto de Roma, por onde entrou pelo Tibre acima, e o Papa o recebeu e ouviu em S. Paulo, onde o Bispo porque entre os bons oradores de Italia era

singular orador, lhe fez uma elegante, e para o caso mui louvada oração.

E em fim por acabar primeiro com o Papa seus feitos, e haver com o bispado d'Evora, que tinha, o da Guarda que juntamente houve, fez alli, e depois em Napoles indo já caminho do Tranto tanta demora, que não sómente não foi onde era ordenado, mas ainda por sua longa estada lhe adoeceo e morreu muita gente. E porque alli veio certa nova que pela morte do Turco que então de peçonha morrera em Grecia, os que em seu nome tinham a cidade de Tranto desesperados de soccorro, por partido se deram ao dito duque de Calabria, o dito Bispo d'Evora cessou de sua ida. E depois de despedir em Roma suas cousas, se veio a estes reinos depois da morte d'El-Rei D. Affonso.

CAPITULO CCXI

De como o duque de Vizeu foi a Castella, e se tornou a Portugal o Senhor D. Manuel seu irmão

E o duque de Vizeu tanto que de sua doença convalleceo, com estado de grande Principe, e acompanhado de muitos fidalgos e d'outra muita escolhida gente sua e d'El-Rei, indo-se á côrte dos Reis de Castella como era concordado, adoeceu outra vez em Caceres, onde por mandado dos ditos Reis tinha cargo de o acompanhar e servir D. Pedro Portocarreiro, senhor de Palma. E de hi com algum melhoramento se foi a Madril, d'onde o Senhor D. Manuel seu irmão que alli era, se despedio d'elle, e se tornou a estes reinos a Moura.

O duque de Vizeu ficou para cumprir o tempo que era capitulado, e foi a tempo que El Rei de Castella então se partira socorrer e abastecer a gram pressa a villa d'Alfama do reino de Grada, que o marquez de Callez então tomara, e porém a Rainha vio o duque de Vizeu secretamente; porque outra vista sua e recebimento publico se fez depois em Cordova, d'onde o duque sahio a receber El-Rei o dia que n'ella entrou, vindo anojado e descontente do cerco de Loxa, em que por aquella vez sua ida e victoria não sobcedeo á sua vontade, porque foi pelos mouros feito em sua gente grande destroço, e mataram-lhe o mestre de Calatrava, com outra nobre gente.

CAPITULO CCXII

De como foi a morte d'El-Rei D. Affonso

E depois da profissão da Excellente Senhora; porque El-Rei D. Affonso em Coimbra foi em ponto de morte como disse, nunca mais foi alegre, e sempre andou retraido, maginativo e pensoso, mais como homem que avorrecia as cousas do mundo, que como Rei que as estimava. Pelo qual no seguinte verão elle foi a Beja vêr o Principe seu filho e a Princesa D. Leanor sua mulher, e alli tiveram o pae e o filho entre si praticas secretas, em que El-Rei determinou querer no fim d'este anno se vivera fazer côrtes geraes em Estremoz; porque em Lisboa e Evora morriam, e leixar a inteira governança dos reinos ao Principe seu filho, e elle em habitos honestos de leigo e não com obrigação de religião se retraer no mosteiro de Varatojo junto com Torres Ve-

dras, que elle de novo fundou para alli servir a Deos e em sua vida temperar e remediar os odios e dissenções que já entendia que por sua morte entre o Principe seu filho e os da casa de Bragança se não podiam escusar, e cousa justa fôra permitir então a bondade e misericordia de Deos este bem, porque tanto mal depois se não seguia, e porém o Principe ficou em Beja para d'alli continuadamente mandar visitar e prover o Infante D. Affonso seu filho, e a Infante D. Isabel que eram na terçaria em Moura, como sempre fez.

E El-Rei D. Affonso na entrada d'Agosto se foi a Cintra, onde adoeceu de febre muito aguda, de que o Principe sendo avisado, a gram pressa foi logo com elle, que achou já em desposição mortal e sem esperança de vida. Na qual El-Rei tendo feito seu testamento, e recebendo todolos sacramentos alli acabou como bom e catholico christão, dando sua alma a Deos a vinte e oito dias d'Agosto do anno do nascimento de nosso Senhor Jesu Christo de mil e quatrocentos e oitenta e um. E na propria casa em que nasceo, ali morreu e acabou. Foi seu corpo logo metido em um ataude, e posto sobre uma azemola que com cruzes, tochas, e clerigos foi pelo conde de Monsanto, que hi era, e por outros fidalgos levado ao mosteiro da Batalha, e enterrado na casa do cabido, onde jaz até haver sua solemne merecida sepultura.

CAPITULO CCXIII

Das feições, bondades e virtudes d'El-Rei D. Affonso

Foi El-Rei D. Affonso Principe mais de grande que meã estatura, e em todos seus membros bem feito e mui proporcionado, salvo que nos derradeiros dias foi algum tanto envolto em carne, e por encuberta d'isso costumava sempre vestiduras soltas; teve o rosto redondo, bem povoado de barba preta, e em todalas outras partes do corpo muito cabeludo, salvo na cabeça, em que depois de trinta annos começou de ser calvo.

Foi Principe de mui granciosa presença, grande humanidade, e doce conversação, mas foi em tanto extremo, que para Rei superior não foi muito de louvar; porque com grande familiaridade que de si, contra sua gravidade e estado real a muitos dava, além de lhe muitas vezes não guardarem aquella reverencia e acatamento que deviam, tomavam ainda atrevimento de lhe requerer, e elle vergonha de lhe não outorgar muitas e maiores cousas do que os merecimentos nem honestidade, nem do que o acrecentamento de patrimonio real requeriam, segundo todo Rei e Principe é obrigado. Foi de grande memoria e maduro entender, e de sutil engenho, remisso mais que trigoso nas graves execuções. Especialmente nas da justiça que tocavam contra grandes pessoas, as quaes mais folgava de dessimular ou temperar brandamente, que executal-as com rigor, e crê-se que isto procedia de sua grande humanidade, e assi por assessego de seus reinos. Suas palavras no que queria dizer eram sempre bem ordenadas, e entoadas com mui gracioso orgão, e por pena, de seu natural escrevia assi bem,

como se por longo ensino e exercicio d'oratoria artificialmente o aprendera; foi amador de justiça e de ciencia, e honrou muito os que a sabiam.

Foi o primeiro Rei d'estes reinos que ajuntou bons livros, e fez livraria em seus paços, e tambem foi o primeiro Rei que pelas praças e lugares publicos das cidades e villas de seus reinos fez a todos mui familiar sua vista, porque até seu tempo os Reis d'estes reinos assi raramente o faziam, que quando alguma hora ante a face do povo sahiam, concorria de todalas ruas tanta gente para os vêr, como se fosse uma gram novidade, mas isto procedeo de sua humana condição, por as gentes mais facilmente lhe poderem pedir mercê e requerer justiça, em cujo despacho foi sempre mui liberal e atento.

Foi tão confiado de seu saber, que com dificuldade queria estar por alheios conselhos se contradiziam sua vontade, especialmente nas cousas da guerra dos mouros, em cujo proseguimento foi sempre tão aceso e inclinado, que ácerca d'isso todo seu apetito lhe pareciam vivas razões; foi Principe mui catholico e amigo de Deos, e mui fervente na fé; ouvia continuada e mui devotamente os Officios Divinos, e pela mór parte sem grandes pompas e cerimonias; deleitava-se com homens honestos religiosos e de bom viver, e com elles apartado muitas vezes, ao seu modo conversava, e com isto em seu tempo deu causa que muitos fingidamente quizeram parecer de fóra melhores do que eram de dentro, e esta especie de hypocrisia depois de sair das casas de Deos, entrou nas casas dos homens, que a muitos aproveitou, de que não faço alguma especificação por não ser odioso, pois não é necessaria.

Foi no comer, beber, e dormir mui regrado, e sobre tudo de mui louvada continencia; porque havendo não mais de XXIII annos, ao tempo que a Rainha sua

mulher falleceu, sendo aquella idade de maiores pongimentos e alterações da carne, tendo para isso muita desposição e despejo, foi depois ácerca de mulheres muito abstinente, ao menos cauto.

Nos trabalhos do corpo que se lhe offereciam, ou elle por seu prazer queria tomar, não era delicado, antes os soffria bem e como outro homem robusto n'elles criado.

Folgou muito d'ouvir musica, e de seu natural sem algum artificio teve para ella bom sentimento.

Foi esmolador e de mui piedosa condição. E na nobreza e liberalidade teve sem medida tanta parte, que mais propriamente se podia dizer prodigo que verdadeiro liberal, especialmente nas cousas da corôa do reino, de que sem grandes merecimentos nem muita necessidade, mas por sós manhas e praticas que com elle os grandes usavam, a desguarneceo e minguou em não pouca parte. Poucas vezes e por poucas cousas recebia ira nem senha, e ás semelhantes cousas porque se lhe causava, em que a consciencia o não contradizia, levemente as perdoava, e por ser Principe de mui alto e esforçado coração, foi sempre zelador de emprender cousas arduas, e prosegui-las por armas como cavaleiro, mais que de entender como Rei no regimento civel e politico de reinos.

Viveu quarenta e nove annos, de que foi Rei os quarenta e tres. E d'estes os XXXIII regeo persi o reino; porque dez annos primeiros de seu reinado, por sua pouca idade regeo por elle o Infante D. Pedro seu sogro e tio, como atraz fica.

FIM DO III E ULTIMO VOLUME

INDEX

1.º VOLUME

CAPITULO	PAGINA
I—Narração	12
II—Alevantamento d'El-Rei	14
III—De como começaram de entender nas cousas do reino e se viu o testamento d'El-Rei	17
IV—Da vinda do Infante D. Anrique á côrte, e das cousas que se logo acordaram	19
V—Como o Infante D. Fernando foi jurado por Principe, se El-Rei não houvesse filho legitimo	21
VI—Primeiro consentimento da Rainha para El-Rei seu filho casar com a filha do Infante D. Pedro	22
VII—Resposta do Infante D. Pedro á Rainha	23
VIII—Contradicção que houve em algumas pessoas no consentimento do casamento d'El-Rei com a filha do Infante D. Pedro	24
IX—De como se fez o saimento d'El-Rei no mosteiro da Batalha	26
X—Como ante de se fazerem as primeiras côrtes em Torres Novas, se fez uma conjuração contra o Infante D. Pedro	27
XI—Como se deu a obediencia e fizeram as menagens a El-Rei e se praticou sobre quem regeria	29
XII—Concordia feita entre a Rainha e o Infante D. Pedo acerca do regimento	30
XIII—Da contradicção e mudança que houve n'este acordo	31

CAPITULO PAGINA

XIV—Apontamentos que publicamente se fizeram contra o testamento de El-Rei para a Rainha não dever reger 32
XV—Do meio que o Infante D. Anrique tomou entre a Rainha e o Infante D. Pedro acerca do Regimento 34
XVI—Como a Rainha por meio do conde de Barcellos enviou pedir ao Infante D. Pedro o alvará que lhe tinha dado sobre o casamento d'El-Rei 37
XVII—Como El-Rei se foi a Lisboa, onde o Infante D. João veiu a primeira vez 39
XVIII—Do despacho que se deu aos embaixadores de Castella 40
XIX—Como a Rainha começou de reger e ser em seu regimento prasmada 42
XX—Fallecimento da Infante D. Filippa 43
XXI—Nascimento da Infante D. Joana 43
XXI—Praticas que o Infante D. Pedro teve sobre descontentamentos que tinha da Rainha ácerca do regimento 44
XXII—Como o Infante D. Pedro e o Infante D. João ambos se viram e fallaram sobre o regimento 45
XXIII—Como a rainha lançou fora de sua casa certas donzellas por suspeitas a ella, e affeiçoadas ao Infante D. Pedro 48
XXIV—Do alvoroço que se seguiu contra a Rainha pela execução dos varejos de Lisboa 49
XXV—Ida do conde d'Arrayolos a Lisboa sobre assessego d'ella, e como não aproveitou 51
XXVI—Como o Infante D. Pedro foi a Lisboa reprender e assessegar as uniões da cidade 54
XXVII—Como a Rainha mandou secretamente preceber os de sua valia que viessem ás côrtes armados... 56
XXVIII—Como o Infante D. Pedro e o Infante D. João sobre estas cousas se tornaram a vêr, e o que acordaram 58
XXIX—Como o Infante D. Pedro avisou e percebeu o reino sobre os alvoroços que se ordenavam 60
XXX—Como se o Infante despediu da Rainha, e da fal-la que como descontente lhe fez 61
XXXI—Como a Rainha com El Rei e seus filhos se foi a Alanquer, e do que se seguiu em Lisboa 62

CAPITULO PAGINA

XXXII—Acordo que o povo de Lisboa fez acerca do regimento 64
XXXIII—Como a cidade de Lisboa entendeu contra o Arcebispo D. Pedro pelos cubelos da alcaçova que tomou 65
XXXIV—Vinda do Infante D. João á cidade..... 67
XXXV—Como a Rainha escreveu a Lisboa e todo o reino sobre o assessego d'elle. 67
XXXVI—Declaração que Lisboa fez de o Infante D. Pedro só reger o reino..... 68
XXXVII—Forma do acordo sobre o Regimento 70
XXXVIII—Notificação d'este acordo ao Infante D. João, que o approvou..... 72
XXXIX—Notificação do dito acordo á Rainha, que o contrariou, e assi aos Infantes e ao reino..... 73
XL—Partida do Arcebispo D. Pedro fóra do reino 75
XLI—Como o castello de Lisboa foi pela cidade tomado e dado ao Infante D. João, e o que se n'isso seguiu 77
XLII—Mandou a Rainha velar e afortalezar Alanquer, onde tinha El-Rei 81
XLIII—Dissensão que a Rainha procurou d'haver entre o Infante D. Pedro e o Infante D. Anrique..... 81
XLIV—Embaixada dos Infantes á Rainha.. 83
XLV—Recado da Rainha ao Infante D. Pedro quando de Coimbra vinha para Lisboa ás côrtes..... 85
XLVI—Entrada do Infante D. Pedro em Lisboa, e como ante as côrtes acceitou o Regimento 88
XLVII—Notificação do acordo passado á Rainha, que o não consentiu..... 91
XLVIII—Ida do Infante D. Anrique á Rainha para leixar vir El-Rei ás côrtes, e lh'o tornarem 92
XLIX—Entrada de El-Rei em Lisboa para as côrtes... 93
L—De como se apontou e aprovou não ser bem El-Rei se crear em poder da Rainha. 96
LI—Como a rainha teve pratica com os seus principaes sobre a ida dos Infantes a ella eomo se foi a Cintra e leixou El-Rei e seu irmão..... 101
LII—Como Lisboa cometeu de querer fazer uma estatua ao Infante D. Pedro pelo beneficio do relevamento das aposentadorias, e do que lhe respondeu... 104
LIII—Como a Rainha sobre suas cousas se querellou

CAPITULO — PAGINA

aos Infantes d'Aragão seus irmãos, e da embaixada que enviaram 106
LIV—De como se entendeu na redempção do Infante D. Fernando, e do que se seguiu..... 108
LV—Como a Rainha D. Lianor se partiu de Cintra para Almeirim contra vontade de d'El-Rei e dos Infantes, e como se El-Rei foi a Santarem, e do que se seguiu..... 113
LVI—Liança do Infante D Pedro com o Condestabre e Mestre d'Alcantara de Castella, contra os Infantes d'Aragão, e das ajudas que lhe deu..... 115
LVII—Conselhos que o Infante D. Pedro teve sobre o assessego e segurança d'estas cousas, e como a Rainha fingidamente se concordou com elle..... 117
LVIII—Como o conde de Barcellos desdisse muito á Rainha esta concordia com o Infante, em caso que não fosse verdadeira 119
LIX—Como o Priol do Crato consentiu em receber a Rainha em suas fortalezas 120
LX—Como o conde de Barcellos fez liança com os Infantes d'Aragão, e como foi por isso muito prasmado 121
LXI—Como o Infante D. Anrique se viu com o conde de Barcellos seu irmão para o concordar com o Infante D. Pedro 123
LXII—De como veiu a El-Rei embaixada de Castella, e como foi recebida..... 124
LXIII—Como o Infante D. Anrique procurou de trazer o Priol do Crato a serviço e prazer do Infante D. Pedro, e do que n'isso passou 127
LXIV—De como se a Rainha aconselhou sobre a ida para o Crato, e como emfim posposto o conselho se partiu 128
LXV—Do que fizeram os da Rainha depois que souberam da sua partida..... 130
LXVI—De como o Regente foi avisado da secreta partida da Rainha, e do que logo sobr'isso se fez..... 131
LXVII—Do que a Rainha fez depois de ser no Crato... 134
LXVIII—Como falleciam os mantimentos á Rainha e ao Priol do Crato 135
LXIX—De uma embaixada d'El-Rei d'Aragão e de Napoles que veiu ao Infante D. Pedro sobre os feitos da Rainha 136

CAPITULO PAGINA

LXX—De como o Regente determinou pôr cêrco ao Crato e ás outras fortalezas do Priol, e a que pessoas os cêrcos foram encommendados..... 137
LXXI—Como El-Rei quiz vêr e viu o capitão na ordenança de guerra em que vinha 139
LXXII—Como a Rainha meteu de Castella gente d'armas n'estes reinos para se bastecer, e do que fizeram 141
LXXIII—Da resposta que o Regente houve d'algumas cousas que com sua embaixada enviou a Roma requerer 142
LXXIV—Como em se accordando o cêrco do Crato soube o regente que a Rainha D. Lianor era partida do Crato para Castella, e como todavia seguiu, e do que se fez..... 144
LXXV—Como o Infante D. Pedro e o Infante D. Anrique se foram a Lamego para passarem entre Doiro e Minho. E como o conde de Barcellos se poz em defeza, e do que se n'isso passou 148
LXXVI—Das côrtes que se fizeram sobre o casamento d'El Rei com a Rainha D. Isabel, filha do Infante D. Pedro 152
LXXVII—Como o Regente por meio do conde de Barcellos procurou de se concordar com a Rainha D. Lianor, e das cousas porque ella não quiz 153
LXXVIII—Como a Rainha D. Lianor se foi á côrte de El-Rei de Castella, e das embaixadas que vieram a Portugal 155
LXXIX—De como o Regente sobre a resposta que a estas embaixadas se daria, fez côrtes geraes..... 157

2.º VOLUME

LXXX—D'outra embaixada que ao Regente veiu d'El-Rei e do povo de Castella, sobre as mesmas cousas da Rainha, e da resposta que houveram, e como se entendeu em alguma concordia e contentamento da Rainha..... 5
LXXXI—De como o Infante D. João falleceu, e que filhos d'elle ficaram 10
LXXXII—De como falleceu o filho do Infante D. João que era Condestabre, e como o filho maior do

CAPITULO — PAGINA —

Infante D. Pedro foi d'aquella dinidade provido, que foi causa e fundamento da morte do dito Infante D. Pedro..... 12
LXXXIII—De como foi a morte do Infante D. Fernando que era captivo em Fez 14
LXXXIV—De como foi a morte da Rainha D. Lianor em Toledo, estando já para se tornar a Portugal.. 15
LXXXV—Como o Condestabre filho do Infante D. Pedro foi enviado a Castella com gentes d'armas, em ajuda de El-Rei de Castella contra os Infantes d'Aragão, e do que se passou até tornar..... 19
LXXXVI—De como o Regente fez côrtes geraes, em que leixou a El-Rei a primeira vez o Regimento do Reino, segundo era obrigado, e como El-Rei lh'o tornou a dar..... 22
LXXXVII—De como as filhas do Infante D. João foram casadas..... 25
LXXXVIII—Como El-Rei por meio do duque e de seu filho o conde d'Ourem pediu ao Infante o Regimento do Reino, e como inteiramente lh'o leixou. 27
LXXXIX—Das cousas que o conde de Barcellos fez em abatimento do Infante D. Pedro depois qne soube que já não regia, e para lançarem o Infante fóra da côrte..... 29
XC—Como o Infante D. Anrique entendeu nas cousas do Infante D. Pedro para seu favor, e assi o conde d'Abranches..... 34
XCI—Vinda do conde d'Abranches ás côrtes..... 35
XCII—De como o Infante D. Anrique se foi vêr a Coimbra com o Infante D. Pedro, e com elle o conde d'Abranches, e das novidades que se seguiram... 37
XCIII—De uma fórma de concordia que El-Rei fez em escripto entre o Infante D. Pedro e o duque de Bragança e d'outras cousas que contra o dito Infante se seguiram..... 39
XCIV—De como El-Rei enviou requerer ao Infante D. Pedro as suas armas, que tinha em Coimbra..... 41
XCV—Como o conde d'Arrayolos veiu de Ceuta para concordar o Infante com El-Rei, e as causas porque se presumio que estas cousas se damnavam mais..... 43
XCVI—De como El-Rei mandou vir o duque de Bra-

CAPITULO — PAGINA

gança á sua côrte, e como o Infante D. Pedro determinou que em auto de guerra como vinha não leixaria-o passar por sua terra..... 46
XÇVII—Do recado que o Infante D. Pedro enviou ao duque, sendo já em caminho..... 48
XCVIII—Da resposta do duque ao Infante D. Pedro. .. 49
XCIX—Do que o conde d'Ourem ordenou em favor do duque seu pae para não leixar de proseguir seu caminho, e dos recados que El-Rei ao Infante D. Pedro enviou..... 51
C—De como o Infante D. Pedro determinou impedir a passagem ao duque, e se percebeu e partiu para isso..... 55
CI—De uma falla que o Infante D. Pedro fez aos seus, estando todos a cavallo..... 56
CII—De outra falla que o duque tambem fez aos seus em seu favor contra o Infante, e de como Alvaro Pires de Tavora lhe respondeu..... 58
CIII—D'outra falla que o duque fez a todolos seus, em que determinou não leixar o seu caminho..... 60
CIV—De como o conde d'Abranches fallou ao Infante, aconselhando-o que desse no duque.. 62
CV—De como o duque não quiz esperar o Infante, e se salvou atravessando secretamente a Serra d'Estrella, e do que o Infante sobr'isso disse e fez..... 63
CVI—Como o duque se foi a Santarem onde era El-Rei, e do que se fez contra o Infante..... 66
CVII—De como El-Rei declarou o Infante por desleal, e mandou fazer geraes percebimentos de guerra para ir sobr'elle..... 68
CVIII—Do que o Condestabre filho do Infante D. Pedro fez, estando entre o Tejo e Odiana..... 70
CIX—De uma carta que a Rainha enviou ao Infante D. Pedro seu padre, sobre um conselho que acerca d'elle se tivera para sua morte ou destruição, e do conselho e determinação que o Infante sobr'ella teve..... 72
CX—Dos conselhos desvairados que ao Infante sobre sua proposição foram dados..... 75
CXI—De como o Infante se teve ao conselho do conde d'Abranches, que foi morrer..... 78
CXII—Como o Infante D. Pedro e o conde d'Abranches

CAPITULO		PAGINA
	conságraram ambos de morrer um quando outro morresse	79
CXIII	—Como a Rainha houve d'El-Rei que perdoaria ao Infante seu padre se elle lhe pedisse perdão, e assi lh'o escreveu, e a causa porque não houve effeito.	81
CXIV	—Como os imigos do Infante D. Pedro procuravam haver antes odio que amor nem afeição entre El-Rei e a Rainha sua mulher	84
CXV	—De um cumprimento que o Infante D. Pedro acerca de sua innocencia por meio de religiosos fez com El-Rei	85
CXVI	—Como El-Rei não tinha possibilidade de ir sobre o Infante como proposera, e como a partida do Infante de Coimbra foi causa da sua morte	87
CXVII	—Como o Infante D. Pedro partiu de Coimbra, e como seguiu seu caminho até Rio Maior, e do conselho que hi teve	89
CXVIII	—Como o Infante partiu de Rio Maior e se foi a Alcoentre, e as pessoas d'El-Rei que hi mandou matar, e a causa porque	94
CXIX	—Como El-Rei proveu e segurou a cidade de Lisboa, para o Infante se não recolher a ella	96
CXX	—Como o Infante partiu de Castanheira, e se foi alojar no Ribeiro d'Alfarrobeira	97
CXXI	—Como El-Rei chegou sobre o arraial do Infante D. Pedro, e como por caso e sem deliberação se seguiu sua morte	99
CXXII	—Como o conde d'Abranches tambem logo foi morto, e como acabou como esforçado cavalleiro, e do que se mais seguiu no cabo da batalha	102
CXXIII	—Da maneira que se teve com o corpo do Infante D. Pedro, e como foi vilmente tratado e soterrado.	104
CXXIV	—Exclamação á morte do Infante D. Pedro	105
CXXV	—Das feições, costumes e virtudes do Infante D. Pedro	110
CXXVI	—Do que a Rainha fez com a nova da morte do Infante seu padre	113
CXXVII	—Como a Infante mulher do Infante D. Pedro soube de sua morte, e do que se fez de seus filhos.	114
CXXVIII	—Como os imigos do Infante procuravam que El-Rei se quitasse da Rainha; e quão virtuosamente El-Rei o fez com ella	115

CAPITULO PAGINA

CXXIX—Como El-Rei fez aos Reis e Principes christãos uma geral notificação da morte do Infante, e das respostas que houve, e da embaixada do duque e duqueza de Borgonha, que sobre a morte do dito Infante e sua desculpa foi principal..... 117
CXXX—De como a judaria de Lisboa foi roubada, e a causa porque..... 119
CXXXI—De como foi o casamento da Imperatriz D. Lianor irmã d'El-Rei com o Imperador Frederico, e festas que por elle se fizeram..... 120
CXXXII—Da partida da Imperatriz d'estes reinos, e das pessoas que com ella foram..... 124
CXXXIII—Como a Imperatriz chegou á Italia e foi do Imperador recebida, e assim como ambos foram pelo Papa recebidos e coroados em Roma..... 126
CXXXIV—Dos filhos que a Rainha pario, e de como o Infante D. Fernando secretamente se foi d'estes reinos, e logo tornou a elles..... 128
CXXXV—Como o Gram Turco tomou a cidade de Constantinopola, e o Papa publicou cruzada contra elle, e El-Rei D. Affonso a tomou..... 133
CXXXVI—De como a Rainha pariu o Principe D. João e d'outras cousas a que El-Rei satisfez ácerca do Infante D. Pedro, e como casou a Rainha D. Joana com El-Rei D. Anrique de Castella..... 135
CXXXVII—Da treladação e exequias que se fizeram aos ossos do Infante D. Pedro, e como a Rainha sua filha logo falleceu, e os ossos da Rainha D. Lianor foram de Castella trazidos ao mosteiro da Batalha..... 137
CXXXVIII—Como El-Rei outra vez acceitou a cruzada contra os turcos quando fez os Cruzados, e com os percebimentos que para isso fez passou em Africa e tomou aos mouros a villa d'Alcacere.... 140
CXXXIX—Como El-Rei se foi d'Alcacere a Ceuta, e como a villa foi por El-Rei de Fez cercada, e El-Rei a não pôde socorrer, e desafiou El-Rei de Fez. 150
CXL—Das cousas que passaram n'este cerco, até que de todo se alevantou..... 153

8.º VOLUME

CAPITULO	PAGINA
CXLI—De como se fez em Alcacere a coiraça para defensão e segurança da villa, e como D. Duarte, capitão, se houvera de perder	5
CXLII—De como a villa d'Alcacere foi de segunda vez cercada por El-Rei de Fez, e do que se passou n'este segundo cêrco até que se alevantou	9
CXLIII—Como D. Duarte foi feito conde de Vianna, e El-Rei quizera outra vez passar em Africa para que se percebeu	13
CXLIV—De como falleceu o Infante D. Anrique, e de seus feitos, bondades, e virtudes	15
CXLV—De como falleceu o duque de Bragança, e sobcedeu sua casa e herança o marquez de Villa Viçosa, e como D. Fernando seu filho passou em Africa, e de vinda foi feito conde de Guimarães	19
CXLVI—De como falleceu a Infante D. Caterina, sendo já concertada para casar	20
CXLVII—De como foi a ida d'El-Rei em Africa com os dois mil de cavallo, e do escallamento de Tangere	21
CXLVIII—Da grande e danosa tormenta que El-Rei e o infante passaram no mar	25
CXLIX—De como foi o primeiro cometimento do escalamento de Tangere	26
CL—De como o Infante D. Fernando sem El-Rei entrou d'Alcacere e correu a terra aos mouros	27
CLI—De como o Senhor D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, se foi de Ceuta para Barcellona e se intitulou Rei d'Aragão	29
CLII—De como o escalamento de Tangere se commetteu a segunda vez pelo Infante D. Fernando sem consentimento d'El-Rei	33
CLIII—De como o escallamento de Tangere se commetteu finalmente a terceira vez pelo Infante D. Fernando e do desastrado sobcedimento que houve.	36
CLIV—Como El-Rei foi d'este triste caso avisado em Ceuta, o dia que tinha concertadas vistas em Gibraltar com El-Rei de Castella, a que todavia foi, e o fundamento das ditas vistas	42

CAPITULO PAGINA

CLV—De como El-Rei em pessoa correu o campo d'Arzilla 44
CLVI—De como El-Rei D. Affonso foi correr a serra de Benafocú, e como foi em grande perigo e como mataram os mouros o conde D. Duarte, e a Diogo da Silveira, escrivão da poridade 45
CLVII—De como El-Rei se veiu a Portugal e foi em romaria a Guadalupe, e se viu com El-Rei D. Anrique e com a Rainha sua mulher..... 50
CLVIII—De como houve em Castella grande divisão, sobre que houve vistas na cidade da Guarda com a Rainha irmã d'El-Rei 51
CLIX—De como se concertou casamento entre o Principe D. João com a Senhora D. Lianor filha do Infante D. Fernando..... 52
CLX—De como o Infante D. Fernando passou por si em Africa, e tomou a cidade de Anafee..... 53
CLXI—Do fallecimento do Infante D. Fernando, e dos filhos que d'elle ficaram 54
CLXII—De como tendo El-Rei determinado passar em Africa, convertia a armada contra os inglezes pela tomada das náos de Portugal, e desistiu d'isso pela morte do conde Baroique, e se ordenou a ida sobre Arzilla..... 56
CLXIII—De como El-Rei levou comsigo o Principe seu filho e como embarcaram, e com que gente e frota 58
CLXIV—De como El-Rei tomou terra em Arzilla..... 59
CLXV—De como a villa foi entrada, e o Principe foi armado cavalleiro, e morreram o conde de Marialva e o conde de Monsanto e outros..... 61
CLXVI—De como Mollexeque vinha socorrer Arzilla, e fez pazes com El-Rei D. Affonso 64
CLXVII—De como El-Rei foi certificado que os mouros de Tangere tinham leixado a cidade, e do que sobr'isso logo proveu, e de como se foi a ella, e de hi para o reino..... 66
CLXVIII—De como a Infante D. Joana filha de El-Rei foi metida no mosteiro d'Odivellas, e de hi ao mosteiro d'Aveiro, e d'outras cousas que El-Rei fez .. 68
CLXIX—Foi feito primeiro conde de Penella D. Affonso de Vasconcellos 69
CLXX—Tomou o principe D. João sua casa 69

CAPITULO PAGINA

CLXXI—De como houve embaixadas e vistas entre El-Rei de Castella e de Portugal, e sobre que..... 69
CLXXII—De como os ossos do Infante D. Fernando foram a estes reinos trazidos de Fez..... 71
CLXXIII—Do fundamento que El-Rei D. Affonso teve para entrar em Castella por morte d'El-Rei D. Anrique..... 72
CLXXIV—Como El-Rei determinou todavia entrar em Castella, e dos requerimentos que logo enviou a El-Rei D. Fernando e á Rainha D. Isabel..... 74
CLXXV—De como El-Rei se foi a Arronches, por onde acordou de entrar em Castella..... 75
CLXXVI—De como a este tempo naceu o Principe D. Affonso neto d'El-Rei..... 76
CLXXVII—Da gente com que El-Rei entrou em Castella e em que ordenança ia..... 76
CLXXVIII—De como El-Rei chegou a Prazença onde publicamente foi jurado por Rei, e esposado com a Rainha D. Joana, e d'outras cousas..... 78
CLXXIX—De como El Rei D. Affonso e a Rainha se foram á cidade de Touro, e como El-Rei D. Fernando veiu sobre elle com todo seu poder..... 79
CLXXX—De como El-Rei D. Affonso se foi a Çamora, e de hi querendo ir descercar o castello de Burgos tomou Baltanas, e prendeo o conde de Benavente..... 81
CLXXXI—De como El-Rei tomou Cantalapedra, e se tornou a Çamora..... 84
CLXXXII—Do cuidado que o Principe D. João tinha em governar e defender Portugal, e como..... 84
CLXXXIII—De como o principe cercou a villa d'Ougela, e a tomou, e da morte de João da Silva..... 86
CLXXXIV—De como o Principe indo vêr-se com El-Rei D. Affonso seu padre, foi por elle avisado da traição da ponte de Çamora, e se tornou de Miranda do Doiro..... 87
CLXXXV—De como foi a dita traição, e da maneira que El-Rei D. Affonso sobre isto teve..... 87
CLXXXVI—De como El-Rei combateu a ponte, e do que se seguiu, e como El-Rei D. Affonso leixou Çamora, e se foi a Touro..... 89
CLXXXVII—Dos percebimentos que o Principe fez em